

# Arthur C. Clarke

## 2010: UMA ODISSEIA NO ESPAÇO II

A continuação de 2001, a mais fascinante história  
de ficção científica de todos os tempos.

2ª Edição



100 páginas  
16x24 cm  
Ficção Científica  
1999

**2010: UMA ODISSÉIA**

**NO ESPAÇO II**

**Arthur C. Clarke**

Título original: 2010: Odissey Two  
Tradução de: José Eduardo Ribeiro Moretzohn  
2ª Edição  
Editora Nova Fronteira

## Nota do Autor

O romance *2001: uma odisséia no espaço* foi escrito durante os anos de 1964 a 1968 e publicado em julho de 1968, logo depois do lançamento do filme. Segundo narrei em *Os mundos perdidos de 2001*, os dois projetos se processaram simultaneamente, alimentando-se das duas fontes. Passei, assim, muitas vezes, pela estranha experiência de rever o manuscrito *depois de* assistir a cópiões baseados em versão anterior da estória - uma maneira estimulante, mas muito custosa, de se escrever um romance.

Por conseguinte, existe, entre o livro e o filme, um paralelo bem mais próximo do que o que costuma existir, embora existam diferenças de peso. No romance, o destino da espaçonave *Discovery* era Japetus, a mais enigmática das muitas luas de Saturno. O sistema saturnino foi alcançado *via* Júpiter: o *Discovery* aproximou-se bastante do planeta gigante, valendo-se de seu enorme campo gravitacional para produzir um efeito "estilingue" e para acelerá-lo ao longo da segunda volta do trajeto. As sondagens espaciais do *Voyager*, em 1979, ao fazerem o primeiro reconhecimento detalhado dos gigantes mais afastados, usaram exatamente a mesma manobra.

No filme, entretanto, Stanley Kubrick sabiamente evitou confusão ao colocar o terceiro confronto do Homem com o monolito entre as duas luas de Júpiter. Saturno ficou inteiramente de fora no roteiro, embora Douglas Trumbull tenha usado a perícia então adquirida para filmar o planeta anelado em sua própria produção, *Silent running*.

Ninguém teria imaginado, remontando aos meados da década de 1960, que a exploração das luas de Júpiter fosse situar-se, não no século seguinte, mas somente *quinze* anos depois. Nem alguém jamais sonhou com as maravilhas que nelas seriam encontradas - temos certeza quase absoluta, entretanto, de que as descobertas dos *Voyager* gêmeos serão um dia ultrapassadas por achados ainda mais inesperados. Quando *2001* foi escrito, Io, Europa, Ganimedes e Calisto eram meros alfinetes de luz mesmo no telescópio mais poderoso; hoje são mundos, cada um único, e um deles, Io, é o corpo vulcanicamente mais ativo no Sistema Solar.

Mesmo assim, considerando-se tudo isso, tanto o filme quanto o livro, à luz destas descobertas, resistem razoavelmente bem, e é fascinante se compararem as sequências de Júpiter, no filme, com as filmagens reais das câmeras do *Voyager*. Mas, é claro, tudo o que for escrito hoje tem que incorporar os resultados das explorações de 1979: as luas de Júpiter já não são mais território não-cartografado.

E há um outro fator psicológico, mais sutil, a ser levado em conta. *2001* foi escrito numa era que está hoje além de uma das Grandes Divisões na história humana; nós nos separamos dela para sempre no instante em que Neil Armstrong

pôs o pé na Lua. O dia 20 de julho de 1969 ainda se situava meia década no futuro quando Stanley Kubrick e eu começamos a pensar no "proverbialíssimo filme de ficção científica" (frase dele). Hoje, história e ficção estão inextricavelmente entrelaçadas.

Os astronautas da Apollo já haviam visto o filme quando partiram para a Lua. Os tripulantes da Apollo 8, que, no Natal de 1968, vieram a ser os primeiros homens a pôr olhos na Face Oculta da Lua, contaram-me que ficaram tentados a mandar de lá uma mensagem informando a descoberta de um imenso monolito negro... que pena, a discricção prevaleceu.

E houve, depois, casos quase misteriosos em que a natureza imita a arte. De todos, o mais estranho foi a saga da *Apollo 13* em 1970.

Já como uma boa abertura, o Módulo de Comando, que abriga a tripulação, fora batizado *Odisséia*. Pouco antes da explosão do tanque de oxigênio, que fez abortar a missão, os tripulantes ouviam o tema de *Zaratustra*, de Richard Strauss, hoje universalmente identificado com o filme. Logo em seguida à perda de força, Jack Swigert mandou mensagem ao Controle da Missão: "Houston, tivemos um problema". As palavras que HAL utilizou dirigindo-se ao astronauta Frank Poole, em ocasião semelhante, foram: "Desculpe interromper as festividades, mas estamos com um problema".

Quando publicado o relatório da missão *Apollo 13*, o Administrador da NASA, Tom Paine, mandou-me dele uma cópia e, abaixo das palavras de Swigert, observou: "Exatamente como você disse que iria acontecer, Arthur". Sensação muito estranha ainda se apodera de mim quando contemplo toda essa série de acontecimentos - quase como se, de fato, pesasse sobre mim uma certa responsabilidade.

Há uma outra repercussão menos séria, porém igualmente contundente. Uma das sequências mais brilhantes, no plano técnico, no filme foi aquela que mostra Frank Poole correndo em volta da pista circular da centrífuga gigante, cujo giro, produzindo a "gravidade artificial", mantinha-a no lugar.

Quase uma década depois, os tripulantes do *Skylab* - soberbo, de tão exitoso - perceberam que os projetistas lhes haviam proporcionado geometria semelhante: o anel de armários de armazenagem formava uma faixa circular, uniforme, à volta do interior da estação espacial. O *Skylab*, entretanto, não girava, o que não deteve, porém, seus engenhosos ocupantes. Descobriram eles que poderiam correr em volta da pista, feito camundongos numa jaula de esquilos, produzindo um resultado visualmente indistinguível do exibido no *2001*. E para a Terra televisaram todo o exercício (preciso dar o nome da música de acompanhamento?) com o comentário: "Stanley Kubrick deveria ver isso." Como o viu na ocasião devida, pois mandei-lhe uma gravação em telecine. (Não a recebi de volta; Stanley usa, para sistema de arquivamento, um Buraco Negro domesticado.)

Ainda, outro elo entre filme e realidade é a pintura "Perto da lua", do Comandante da Apollo - Soyuz, Cosmonauta Alexei Leonov. Vi-a pela primeira vez em 1968, quando *2001* foi apresentado à Conferência das Nações Unidas sobre Usos Pacíficos do Espaço Exterior. Logo após a projeção, Alexei mostrou-me que *seu* conceito (à página 32 do livro de Leonov e Sokolov, *As estrelas estão à nossa espera*, Moscou, 1967) exhibe precisamente a mesma disposição que a da abertura do filme: a Terra elevando-se por trás da Lua, e o Sol elevando-se por trás de ambos. O esboço autografado está hoje na parede de meu escritório; para maiores detalhes, ver Capítulo 12.

Talvez seja esta a hora apropriada de identificar um outro nome, não tão conhecido, que aparece nestas páginas, o de Hsue-shen Tsien. Em 1936, com os

grandes Theodore von Karman e Frank J. Mallina, o Dr. Tsien fundou o Laboratório Aeronáutico Guggenheim do Instituto de Tecnologia da Califórnia (GALCIT), ancestral imediato do famoso Laboratório de Propulsão a Jato, de Pasadena. Foi também o primeiro Catedrático "Goddard" em Caltech, e, durante o decênio de 1940, muito contribuiu para a pesquisa de mísseis norte-americanos. Mais tarde, num dos episódios mais infelizes do período macarthista, sob alegadas acusações contra a segurança, foi preso quando quis regressar ao país natal. Tem sido, durante os dois últimos decênios, um dos líderes do programa de mísseis chinês.

Há, por fim, o estranho caso do "Olho de Japetus" - Capítulo 35 do *2001*. Ali narro a descoberta do astronauta Bowman, na lua de Saturno, de uma coisa curiosa: "uma oval branca, brilhante, de cerca de seiscentos e cinquenta quilômetros de comprimento e trezentos e vinte quilômetros de largura... perfeitamente simétrica... e de borda tão nítida que quase parecia... pintada sobre a face da pequena lua". Ao aproximar-se, Bowman convenceu-se de que "a elipse brilhosa, impressa no fundo escuro do satélite, era um olho enorme e oco que o fitava à medida que ele se aproximava..." Mais tarde, notou "a manchinha pequenina bem no centro", que vem a ser o Monolito (ou um de seus avatares).

Bem, quando o *Voyager 1* transmitiu as primeiras fotografias de Japetus, evidenciou-se nelas de fato uma oval branca, grande, bem definida, com uma pequenina mancha preta no centro. Do Laboratório de Propulsão a Jato, Carl Sagan logo mandou-me uma cópia, com o comentário críptico: "Pensando em você..." Não sei se me sinto aliviado ou desapontado que o *Voyager 2* tenha deixado a questão ainda em aberto.

Inevitavelmente, portanto, a estória que vocês estão em vias de ler é algo bem mais complexo que uma continuação direta do romance anterior - ou do filme. Nos pontos onde os dois diferem, segui a versão cinematográfica; preocupei-me mais, entretanto, em tornar este livro consequente, e o mais acurado possível à luz do conhecimento atual.

Que, é claro, estará mais uma vez desatualizado por volta de 2001...

Arthur C. Clarke

Colombo, Sri Lanka

Janeiro de 1982

# I. Leonov

---

## 1. No Local de Encontro

Mesmo nesta era métrica, era ainda o telescópio de mil pés e não o de trezentos metros. O grande disco, fixado entre as montanhas, já se sombreava pela metade com o cair lípido do sol rumo ao repouso, mas o suporte triangular, em cujo centro se erguia, bem alto, o complexo da antena, ainda refulgia de luz. Do chão, bem lá embaixo, olhos aguçados seriam necessários para reparar nas duas figuras humanas naquele labirinto aéreo de longarinas, cabos de sustentação, direcionadores de ondas.

- Chegou a hora - dizia o Dr. Dimitri Moisevitch ao velho amigo Heywood Floyd - de conversarmos sobre muita coisa. Sobre botas, espaçonaves e lacres, mas principalmente de monolitos e computadores com defeito.

- Então foi *por isso* que você me tirou da conferência! Não que eu me importe; já ouvi o Carl tantas vezes fazer aquela palestra sobre o SETI que sei repeti-la eu mesmo. E a vista é mesmo fantástica; sabe, das vezes em que vim a Arecibo, nunca estive aqui na alimentação da antena.

- Que pena, eu já estive aqui três vezes. Imagine, estamos ouvindo o universo inteiro, mas *nós dois* ninguém conseguirá entre ouvir. Vamos, então, conversar sobre o seu problema.

- Que problema?

- Para começar, por que você teve que renunciar ao cargo de Presidente do Conselho Nacional de Astronáutica?

- Eu não renunciei. A Universidade do Havaí paga muito melhor.

- Está bem, você não renunciou; você estava um passo à frente deles. Você não consegue me tapear, Woody, depois de tantos anos, e devia parar de tentar. Se lhe oferecessem o CNA de volta nesse instante, você hesitaria?

- Muito bem, seu velho cossaco! O que você quer agora?

- Primeiro, naquele relatório que você finalmente fez, depois de tanta insistência, muitas coisas não fecham. Isto sem falar no sigilo ridículo e, para sermos francos, ilegal, com que seu pessoal escavou o monolito de Tycho.

- A idéia não foi *minha*.

- Folgo em sabê-lo, e acredito em você. E gostamos do fato de você agora deixar que todos examinem a coisa... o que, é claro, você deveria ter feito em primeiro lugar. Não que tenha tido alguma utilidade...

Houve um silêncio desalentador enquanto os dois contemplaram o enigma negro lá no alto, na Lua, ainda desafiando, sobranceiro, todas as armas que a engenhosidade humana seria capaz de usar contra ele. Em seguida, continuou o cientista russo:

- Bem, seja o que for o monolito de Tycho, há algo mais importante lá em Júpiter. Foi para lá que ele mandou sinais, afinal. E foi lá que seu pessoal se meteu em apuros. Sinto por isso, aliás... embora Frank Poole fosse o único que eu conhecesse pessoalmente. Eu o conheci no Congresso de 1998 da FAI... me pareceu um bom homem.

- Obrigado; *todos* eram bons. Eu gostaria de saber o que aconteceu a eles.

- Seja o que for, agora você tem que admitir que é uma preocupação de toda a raça humana, e não só dos Estados Unidos. Você já não pode mais usar o seu conhecimento para benefício meramente nacional.

- Dimitri, você sabe muito bem que o seu lado teria feito exatamente a mesma coisa. E com sua ajuda.

- Você tem toda razão. Mas isso é história antiga, assim como o é aquele seu governo recém-saído, responsável por toda a confusão. Com um novo Presidente, talvez prevaleçam conselhos mais sábios.

- É possível. Você tem sugestão a fazer, e seriam oficiais ou simples esperanças pessoais?

- Tudo *extra*-oficial no momento. É o que os políticos sanguinários chamam conversas de sondagem. E que eu negarei, terminantemente, que tenham ocorrido.

- É justo. Continue.

- Bem, é essa a situação. Vocês estão montando o *Discovery II* com toda a pressa possível, na órbita do estacionamento, mas não têm esperanças de completá-lo em menos de três anos, o que significa que irão perder o próximo corredor de lançamento...

- Não nego, nem confirmo. Lembre-se de que eu não passo de um humilde reitor de universidade, o outro lado do mundo perante o Conselho de Astronáutica.

- E a sua última viagem a Washington não passou de um feriadozinho, acho eu, para ver velhos amigos. Continuando: o nosso próprio *Alexei Leonov*...

- Pensei que vocês fossem chamá-lo de *Gherman Titov*.

- Errado, *Reitor*. A velha CIA os derrubou de novo. É *Leonov*, até janeiro era. E não diga a ninguém que *eu* lhe contei que ele vai chegar a Júpiter no mínimo com um ano de dianteira sobre o *Discovery*.

- E que ninguém saiba que *eu* lhe contei que estamos com medo disso. Mas, vamos, prossiga.

- Meus chefes são tão imbecis e míopes quanto os seus, e por isso querem fazer a coisa sozinhos. O que significa que o que quer que saia de errado com vocês pode acontecer conosco, e nós estaremos de volta à estaca zero... ou pior.

- O que *você* julga que tenha saído errado? Estamos tão frustrados quanto vocês. E não me diga que vocês não têm todas as transmissões de Dave Bowman.

- Claro que temos. Até a última "Meu Deus, está cheio de estrelas!" Chegamos mesmo a fazer, do comportamento da voz dele, uma análise de intensidade. Não cremos que ele estivesse com alucinações; ele tentava era narrar o que realmente via.

- E quanto ao desvio Doppler verificado, o que você depreende?

- Inteiramente impossível, é claro. Quando perdemos o sinal dele, ele se afastava a um décimo da velocidade da luz. E em menos de dois minutos a atingiria. Um quarto de milhão de gravidades!

- Então ele deve ter morrido instantaneamente.

- Não queira se fazer de ingênuo, Woody. Os rádios de suas cápsulas espaciais não são construídos para suportar nem mesmo um centésimo dessa aceleração. Se os rádios conseguiram sobreviver, Bowman também o conseguiria... ao menos até perdermos contato.

- Estou apenas verificando, por minha conta, as suas deduções. Dali em diante, tanto quanto vocês, estamos no escuro. Se é que vocês estão mesmo no escuro!

- Só estamos jogando com muitas adivinhações, tão malucas que eu teria até vergonha de contá-las a você. Mas, mesmo assim, eu desconfio que a verdade ainda será bem mais maluca do que qualquer uma delas.

Em pequenas explosões, cor carmim, as luzes de alerta aos navegantes piscavam ao redor dos dois, e as três torres delgadas, que suportavam o complexo da antena, começaram a refulgir, como boias de sinalização, contra o céu escuro. O último estilhaço vermelho do sol esvaiu-se por trás das colinas circunjacentes; Heywood Floyd esperou pelo Clarão Verde, que nunca vira. Mais uma vez, ficou desapontado.

- Bem, Dimitri - disse ele -, vamos ao ponto principal. Onde é que você quer chegar?

- Deve haver uma quantidade enorme de informações inestimáveis armazenadas nos bancos de dados do *Discovery*; e é de se presumir que ainda estejam sendo acumuladas, mesmo que a nave tenha interrompido suas transmissões. Gostaríamos de ter acesso a elas.

- Muito justo. Mas, quando vocês estiverem lá em cima, e o *Leonov* estabelecer o contato, o que os impede de abordar o *Discovery* e copiar tudo o que quiserem?

- Nunca pensei que eu tivesse de lembrar-lhe que o *Discovery* é território dos Estados Unidos, e que o ingresso não autorizado seria pirataria.

- Salvo no caso de uma emergência de vida ou morte, o que não seria difícil de arranjar. Seria difícil para nós, afinal, fiscalizarmos as suas intenções daqui, a um bilhão de quilômetros de distância.

- Agradeço a sugestão. Das mais interessantes; vou passá-la adiante. Mas, mesmo que fôssemos a bordo, levaríamos semanas para aprender todos os seus sistemas e ler todos os seus bancos de memória. O que eu proponho é cooperação. Estou convencido de que é essa a melhor idéia... mas creio que teremos muito trabalho para vendê-la aos nossos respectivos chefes.

- Você quer que um de nossos astronautas viaje com o *Leonov*?

- Quero... de preferência um engenheiro especializado nos sistemas do *Discovery*. Como esses que vocês estão treinando em Houston para trazer a nave de volta.

- Como foi que você soube disso?

- Meu Deus, Woody! Saiu no videotexto do *Semanário da Aviação* já, no mínimo, há mais de um mês.

- *Eu* perdi o contato. Ninguém me conta o que foi dispensado do sigilo.



- O que é motivo ainda melhor para se passar uma temporada em Washington. Você vai me apoiar?

- Inteiramente. Concordo cem por cento com você, mas...

- Mas o quê?

- Nós dois vamos ter que lidar com dinossauros que têm o cérebro na cauda. Alguns dos meus vão argumentar: deixem que os russos arrisquem o pescoço, correndo para chegar a Júpiter. Nós, de qualquer maneira, chegaremos lá uns dois anos depois. E, afinal, por que a pressa?

Por um instante houve silêncio na base da antena, não fosse por um leve rangido dos imensos cabos de sustentação que a mantinham suspensa a cem metros nos céus. Depois, tão baixinho que Floyd teve que se esforçar para ouvi-lo, Moisevitch prosseguiu:

- Alguém verificou a órbita do *Discovery* ultimamente?

- Na verdade, não sei, mas creio que sim. De um jeito ou de outro, por que se incomodar? É uma órbita perfeitamente estável.

- É mesmo. Então, com todo o tato, devo lembrá-lo de um incidente constrangedor, dos velhos dias da NASA: a sua primeira estação espacial, o *Skylab*, que deveria ficar lá em cima no mínimo uma década. Mas vocês não fizeram os cálculos certos, subestimaram em muito a resistência do ar na ionosfera, e ele caiu alguns anos antes do prazo. Tenho certeza de que você se lembra desse percalço, embora na época você ainda fosse um menino.

- Foi no ano em que me formei, e você sabe disso. Mas o *Discovery* nunca se aproxima de Júpiter. Mesmo no perigeu... quer dizer, no perijove, ele está muito alto para ser afetado pela resistência do ar.

- Eu já disse o bastante para me exilarem de novo para o meu *dacha*; e da próxima vez você talvez não obtenha permissão para ir me visitar. Portanto trate de pedir ao seu pessoal do rastreamento para trabalhar com cuidado, está bem? E lembre a eles que Júpiter tem a maior magnetosfera do Sistema Solar.

- Compreendo aonde você quer chegar. Obrigado. Mais alguma coisa antes de descermos? Estou começando a ficar congelado.

- Não se preocupe, amigo velho. Assim que você deixar isto vazar em Washington... espere uma semana para me resguardar... as coisas vão esquentar, e muito.

## 2. A Casa dos Golfinhos

Os golfinhos entravam nadando, todas as tardes, na sala de jantar, imediatamente antes do pôr-do-sol. Somente por uma vez, desde que Floyd veio ocupar a residência do Reitor, quebraram a rotina. Foi no dia do *tsunami* de 2005, que, felizmente, perdera quase toda a força antes de alcançar Hilo. Da próxima vez que os amigos não chegassem na hora, Floyd jogaria a família no carro e rumaria para terras altas na direção genérica de Mauna Ki.

Embora encantadores, ele tinha que admitir que aquele espalhafato era às vezes um aborrecimento. Molhar-se não incomodava o geólogo marinho que projetara a

casa, pois ele usava calções... ou menos. Houve, porém, uma ocasião inesquecível, quando todo o Quadro de Regentes, vestindo traje noturno a rigor, estava a sorver coquetéis ao redor do lago, enquanto aguardava a chegada de distinto conviva vindo do continente. Os golfinhos deduziram, corretamente, que teriam direito a repetição, e o visitante, então, muito se surpreendeu ao ser saudado por uma comitiva de recepção toda enlameada, em roupões folgados ou apertados... e o bufê ficou muito salgado.

Floyd costumava imaginar o que Marion pensaria desta casa linda e estranha à beira do Pacífico. Ela jamais gostara do mar, mas o mar, enfim, vencera.

Embora a imagem esvaecesse lentamente, ele ainda se lembrava da tela cintilante onde vira, pela primeira vez, as palavras "DR. FLOYD - URGENTE E PESSOAL", e, em seguida, as linhas de impressão fluorescente se desenrolarem numa mensagem que rapidamente ardeu-lhe no espírito: SENTIMOS INFORMAR FOMOS NOTIFICADOS VÔO 452 LONDRES -WASHINGTON CAIU PRÓXIMO NEWFOUND-LAND. TURMA DE SOCORRO RUMA LOCAL MAS TEME NÃO HAVER SOBREVIVENTES.

Não fosse um acidente do destino, ele estaria naquele vôo. Por alguns dias, quase se ressentiu daquele assunto da Administração Espacial Europeia que o retivera em Paris; aquela discussão sobre a carga útil do Solaris lhe salvara a vida.

E agora, tinha novo emprego, casa nova... e nova esposa. Aqui também o destino desempenhara papel irônico. Mesmo que as recriminações, os inquéritos sobre a missão Júpiter, lhe houvessem destruído a carreira em Washington, um homem com sua capacidade não ficava desempregado por muito tempo. A cadência da vida universitária, tão mais lazerosa, sempre o apeteceu, e quando combinada a uma das mais belas locações do mundo, mostrara ser irresistível. A mulher que viria ser sua segunda esposa, encontrara-a apenas um mês depois de ser nomeado, quando olhava as fontes de fogo do Kilauea com um grupo de turistas.

Com Caroline ele encontrara o contentamento, tão importante quanto a felicidade, e mais duradouro. Era uma boa madrastra para as duas filhas de Marion, e a ele dera Christopher. Apesar da diferença de vinte anos entre eles, ela lhe compreendia os estados de espírito e conseguia levantá-lo das eventuais depressões. Graças a ela, ele agora conseguia contemplar sem dor a memória de Marion, não sem, porém, uma tristeza nostálgica que com ele ficaria para o resto da vida.

Caroline atirava peixes para o golfinho maior - o enorme macho ao qual chamavam Scarback - quando um leve comichão no pulso de Floyd anunciou uma chamada externa. Com um leve tapinha na fita de metal, fina, ele calou o alarma silencioso, para evitar o audível, e em seguida caminhou até a mesa de comunicação mais próxima, dentre as espalhadas pela sala.

- Aqui é o Reitor. Quem fala?
- Heywood? Aqui é o Vitor. Como vai?

Numa fração de segundo, todo um caleidoscópio de emoções lampejou na mente de Floyd. Primeiro foi o mal-estar: seu sucessor - e, ele tinha certeza, o principal maquinador de sua queda - nem por uma única vez tentara contatá-lo desde sua saída de Washington. Depois veio a curiosidade: o que teriam *e/les* que conversar? Em seguida uma determinação obstinada de ser o menos prestativo possível, em seguida a vergonha de sua própria infantilidade, e, por fim, uma onda de alvoroço. O motivo por que Vitor Millson o chamava só poderia ser um.

Na voz mais neutra que conseguiu encontrar, Floyd respondeu:

- Não posso me queixar, Vitor. Qual é o problema?

- Esse circuito é vedado?

- Não, graças a Deus. Eu não preciso mais disso.

- Ah... bem, então vejamos: você se lembra do último projeto que você administrou?

- É improvável que eu me esqueça, principalmente porque o Subcomitê de Astronáutica me chamou de novo há apenas um mês para apresentar provas adicionais.

- Claro, claro. Eu na verdade tenho que dar um jeito de ler a sua declaração, assim que tiver uma folga. Mas tenho andado muito ocupado com o acompanhamento, e esse é o problema.

- Pensei que tudo estivesse em dia com a programação.

- Está... infelizmente. Não há nada que possamos fazer para adiantá-la; mesmo num esquema de altíssima prioridade, a diferença seria apenas de umas poucas semanas. *E isso significa que nos atrasaremos demais.*

- Não compreendo - Floyd disse, ingenuamente. - Mesmo que não queiramos, é claro, desperdiçar tempo, não há prazo fixado.

- Agora há. E dois!

- Você está me assustando.

Se Vitor percebeu qualquer ironia, ignorou-a.

- É, são dois prazos: um que nós estipulamos, o outro não. Acaba que já não seremos os primeiros a voltar à... quer dizer, à cena da ação. Nossos velhos rivais vão nos derrotar por no mínimo um ano.

- É uma pena.

- E isso não é o pior. Mesmo que não houvesse concorrência, chegaríamos tarde demais. Não haveria nada por lá quando chegássemos.

- Isso é bobagem. Eu com certeza saberia se o Congresso por acaso tivesse rejeitado a lei da gravitação.

- Estou falando sério. A situação não é estável... agora não posso dar detalhes. Você vai ficar em casa o resto da noite?

- Vou - respondeu Floyd, constatando, com um certo prazer, que naquele momento, em Washington, já passava da meia-noite.

- Ótimo. Dentro de uma hora lhe mando um dossiê. Me telefone de volta assim que terminar de estudá-lo.

- Mas não vai ficar muito tarde?

- Vai, vai sim, mas já desperdiçamos muito tempo. Não quero desperdiçar mais.

Millson cumpriu a palavra. Uma hora depois, exatamente, um envelope grande, lacrado, era entregue a ele por nada menos que um coronel da Força Aérea, que se sentou, paciente, conversando com Caroline enquanto Floyd lia o conteúdo.

- Receio que tenha que levá-lo de volta quando o senhor terminar - disse, desculpando-se, o mensageiro de alta patente.

- É bom saber disso - respondeu Floyd, acomodando-se em sua rede de leitura

predileta.

Havia dois documentos. O primeiro bem curto; exibia o carimbo SIGILO ABSOLUTO, embora o ABSOLUTO estivesse riscado, e a modificação, endossada por três assinaturas, todas absolutamente ilegíveis. Extrato, obviamente, de um relatório muito maior, estava bastante censurado e cheio de lacunas, o que o tornava muito incômodo de se ler. As conclusões, felizmente, poderiam ser resumidas em uma frase: os russos chegariam ao *Discovery* bem antes que seus proprietários de direito pudessem fazê-lo. Como Floyd já soubesse disso, passou rapidamente ao segundo documento, não sem antes reparar, porém, com satisfação, que desta vez haviam acertado o nome. Como de costume, Dimitri fora absolutamente preciso. A próxima expedição tripulada a Júpiter viajaria a bordo da espaçonave *Cosmonauta Alexei Leonov*.

O segundo documento era muito maior, e meramente "confidencial"; estava, na verdade, na forma de uma minuta de carta à revista *Science*, aguardando aprovação final antes de ser publicada, e o título, oportuno, era "Veículo Espacial *Discovery*: Comportamento Orbital Anômalo".

Seguiam-se, depois, umas doze tábuas matemáticas e astronômicas. Floyd folheou-as, tirando a letra da música, e tentando detectar alguma nota de desculpa ou mesmo de constrangimento. Ninguém poderia adivinhar que as estações de rastreamento e os calculadores

de efemérides tinham sido tomados de surpresa, e que uma cobertura frenética estava em processo. Cabeças rolariam, sem dúvida, e ele sabia que Vítor Millson teria prazer em fazê-las rolar - isto se a dele não fosse a primeira. Mas, fazendo-se justiça a ele, quando o Congresso cortara as verbas para a rede de rastreamento, Vitor reclamara, e isto, talvez, lhe evitasse a degola.

- Obrigado, Coronel - disse Floyd, ao terminar de folhear os documentos. - Parece os velhos tempos, ter que ler documentos sigilosos. Se existe uma coisa da qual eu não sinto saudades, é disso.

O Coronel, com cuidado, colocou o envelope de volta na pasta, e ativou os cadeados.

- O Dr. Millson gostaria que o senhor lhe telefonasse de volta o mais breve possível.

- Eu sei, mas meu circuito não é vedado, e daqui a pouco eu vou receber umas visitas, e não vou ser eu que vou pegar o carro e ir até o seu escritório em Hilo só para dizer que li dois documentos. Diga a ele que eu os estudei meticulosamente e espero com interesse qualquer comunicação adicional.

Pareceu, por um instante, que o Coronel ia discutir. Pensando melhor, porém, com uma despedida formal, partiu irritado, noite adentro.

- Que história foi *aquela*? - perguntou Caroline. - Nós não vamos receber visita alguma hoje, importante ou não.

- Detesto que me pressionem, principalmente o Vitor Millson.

- Mas ele vai telefonar de volta assim que o Coronel prestar contas.

- Então temos que desligar o vídeo e fazer uns ruídos de festa. Mas, para ser franco, eu por enquanto não tenho mesmo nada a dizer.

- A respeito *de quê*, se é que tenho permissão de perguntar.

- Sinto muito, meu bem. Parece que o *Discovery* está nos pregando umas peças. Nós pensávamos que a nave estava numa órbita estável, mas ela talvez esteja à

beira de uma colisão.

- Com Júpiter?

- Não, não. Isso é quase impossível. Bowman deixou-a estacionada no ponto Lagrange interno, na linha entre Júpiter e Io. E ela deveria ter permanecido lá, mais ou menos, mesmo que as perturbações das luas externas a fizessem vagar para frente e para trás. Mas o que está acontecendo agora é algo muito estranho, para o que não temos explicações completas. O *Discovery* está deslizando com rapidez cada vez maior na direção de Io, às vezes acelerando, é verdade, às vezes até mesmo andando de marcha à ré. Se isso perdurar, vai colidir dentro de dois ou três anos.

- Pensei que isso não pudesse ocorrer em astronomia. Não acham que a mecânica celeste é uma ciência exata? É o que sempre nos diziam, a nós, infelizes biólogos.

- É uma ciência exata, quando tudo é considerado. Mas há coisas muito estranhas acontecendo em Io. Sem contar os vulcões, há descargas elétricas tremendas... e o campo magnético de Júpiter gira a cada dez horas. Portanto não é a gravitação a única força agindo contra o *Discovery*; devíamos ter pensado nisso antes... muito antes.

- Bem, mas isso não é mais seu problema, e você deveria agradecer por isso.

"Seu problema", a mesma expressão que Dimitri usara. E Dimitri - velha raposa esperta! - o conhecia há muito mais tempo que Caroline.

Talvez não fosse seu problema, mas ainda era sua responsabilidade. Embora muita gente estivesse envolvida, no fim das contas fora ele quem aprovara os planos para a Missão Júpiter, cuja execução supervisionara.

Mesmo na época, tivera apreensões; seus pontos de vista de cientista haviam-se chocado com seus deveres de burocrata. Ele poderia ter falado abertamente, e se oposto às diretrizes tacanhas da antiga administração, embora ainda não se tivesse certeza sobre até que ponto elas teriam contribuído para o desastre.

Talvez melhor fosse encerrar esse capítulo de sua vida, e centrar todos os seus pensamentos e energias na nova carreira. No seu íntimo, porém, sabia que isto era impossível; mesmo que Dimitri não tivesse feito reviverem velhas culpas, elas teriam vindo à tona por conta própria.

Quatro homens haviam morrido, e um desaparecido, lá entre as luas de Júpiter. Ele tinha sangue nas mãos, e não sabia como limpá-las.

### **3. SAL 9000**

O Dr. Sivasubramanian Chandrasegarampillai, Catedrático de Ciência dos Computadores na Universidade de Illinois, Urbana, também carregava uma sensação permanente de culpa, muito diferente, porém, da de Heywood Floyd. Já aqueles alunos e colegas que amiúde se punham a pensar se aquele cientista baixinho era mesmo humano não se surpreenderiam em saber que ele jamais pensava nos astronautas mortos. O Dr. Chandra lamentava apenas a perda do filho, o HAL 9000.

Mesmo depois de todos esses anos, de todas as infindáveis revisões dos dados transmitidos pelo *Discovery*, ele não tinha certeza do que saíra errado. Poderia somente formular teorias; os dados de que precisava estavam congelados nos circuitos de Hal, lá em cima entre Júpiter e Io.

A sequência de acontecimentos fora claramente estabelecida, até o momento da tragédia; dali em diante o Comandante Bowman preencheria alguns detalhes a mais nas rápidas ocasiões em que restabelecera contato. Saber, porém, *o que* aconteceu, não explicava *o porquê*.

O primeiro sinal de apuro ocorrera em estágio avançado da missão, quando Hal informara a falha iminente da unidade que mantinha a antena principal do *Discovery* alinhada com a Terra. Se aquela faixa direcional, de meio bilhão de quilômetros, perdesse o alvo, a nave ficaria cega, surda e muda.

O próprio Bowman saíra para restabelecer a unidade sob suspeita, que, quando testada, para surpresa geral, apresentou-se em perfeitas condições. Os circuitos automáticos de verificação não conseguiram descobrir nada de errado com ela. Tampouco o conseguiu o gêmeo de Hal, o SAL 9000, aqui na Terra, quando a informação foi transmitida para Urbana.

E Hal insistira na precisão de seu diagnóstico, fazendo observações insistentes sobre "erro humano". E fora de opinião que a unidade de controle fosse recolocada na antena até que finalmente apresentasse defeito, de modo a permitir a perfeita localização da falha. Não houve quem levantasse objeções, pois a unidade, caso pifasse, poderia ser substituída em questão de minutos.

Bowman e Poole, entretanto, não foram felizes; os dois sentiam que algo estava errado, embora nem um nem outro conseguissem apontar o erro. Durante meses, aceitaram Hal como o terceiro membro daquele pequeno mundo, e dele conheciam todos os estados de espírito. De repente, a bordo da nave, a atmosfera sofrerá uma alteração sutil; pairou no ar uma sensação de tensão.

Sentindo-se um tanto traidores - segundo informou, mais tarde, ao Controle da Missão, um Bowman perturbado -, os dois terços humanos da tripulação haviam discutido o que fazer caso o colega estivesse de fato com defeito. Na pior das hipóteses Hal teria que ser liberado de todas as suas responsabilidades maiores: o que importaria o desligamento, equivalente, para um computador, à morte.

Apesar das dúvidas, levaram adiante o programa combinado. Poole saíra do *Discovery*, numa das pequeninas cápsulas espaciais que serviam de transporte e de oficinas móveis durante as atividades extraveiculares. Já que o trabalho, algo intrincado, de remover a unidade da antena não poderia ser realizado pelos manipuladores da cápsula, Poole começara a realizá-lo ele mesmo.

O que aconteceu então as câmeras externas não captaram, um pormenor por si só suspeito. O primeiro sinal de desastre foi, para Bowman, o grito de Poole... depois, o silêncio. Um instante depois, ele viu Poole girando de ponta-cabeça, afastando-se no espaço. A própria cápsula o atropelara, e também se deslocava, afastando-se, incontrolável.

Segundo Bowman admitira posteriormente, ele cometera, naquele momento, erros sérios... de todos, apenas um justificável. Na esperança de salvar Poole, caso ainda estivesse vivo, lançara-se ao espaço em outra cápsula espacial, deixando Hal com o controle total da nave.

A saída foi em vão; quando Bowman o alcançou, Poole estava morto. Entorpecido de desespero, levou o corpo de volta à nave... só que Hal recusara-lhe a entrada.

Hal, porém, subestimara a engenhosidade e determinação humanas. Embora

tenha deixado o capacete na nave, e tivesse assim que arriscar-se a uma exposição direta ao espaço, Bowman forçou a passagem por uma escotilha fora do controle do computador. Em seguida, começou a lobotomizar Hal, desligando nele, um a um, os módulos cerebrais.

Ao recuperar o controle da nave, Bowman descobrira algo aterrador. Durante sua ausência, Hal desligara os sistemas de proteção vital dos três astronautas em hibernação. Bowman estava só, como jamais outro homem, em toda a história humana, estivera.

Outros se teriam abandonado ao desespero, impotentes, mas Bowman, na ocasião, provara que os que o haviam escolhido o haviam escolhido bem. Ele conseguira manter o *Discovery* em funcionamento, e até mesmo restabelecera um contato intermitente com o Controle da Missão, orientando toda a nave de modo a que a antena, emperrada, continuasse apontando para a Terra.

O *Discovery*, continuando a trajetória previamente traçada, chegara enfim a Júpiter, onde Bowman encontrou, em órbita, entre as luas do planeta gigante, uma placa negra exatamente da mesma forma que o monolito escavado na cratera lunar Tycho... porém centenas de vezes maior. E numa cápsula espacial, saíra para investigar, e desaparecera, deixando aquela mensagem derradeira, desconcertante: "Meu Deus, está cheio de estrelas!"

Com *aquele* mistério, outros que se preocupassem; a inquietação avassaladora do Dr. Chandra era para com Hal. Se havia alguma coisa que sua mente não-emocional detestava, era a incerteza. Jamais se satisfaria antes de conhecer a causa do comportamento de Hal. Recusava-se, mesmo agora, a chamá-la de defeito; era, no máximo, uma "anomalia".

O pequeno cubículo que usava como aposento privado, íntimo, estava equipado apenas com uma cadeira giratória, um console de escrivaninha e um quadro-negro flanqueado por duas fotografias. Dentre o público em geral, poucos seriam os capazes de identificar os retratos; os que tinham permissão, entretanto, para tamanha aproximação os teriam reconhecido imediatamente como John von Neumann e Alan Turing, os deuses gêmeos do panteão dos computadores.

Não havia livros, nem mesmo papel e lápis sobre a escrivaninha. Todos os volumes de todas as bibliotecas do mundo logo estariam, ao simples toque dos seus dedos, à disposição de Chandra; o visor lhe servia de caderno de esboços e de blocos de anotações. Até mesmo o quadro-negro era usado somente para os visitantes; sobre ele, o último grupo de diagramas, meio apagado, estava datado de três semanas no passado.

Dr. Chandra acendeu um dos charutos pestilentos que importava de Madrasta, os quais, dizia a crença geral, e correta, eram seu único vício. O console jamais era desligado; depois de ver que nenhuma mensagem lampejava importante na tela, Dr. Chandra falou ao microfone:

- Bom dia, Sal. Quer dizer que você não tem nada de novo para mim?
- Não tenho, Dr. Chandra. O senhor tem alguma coisa para mim?

A voz bem poderia ser a de uma senhora indiana, culta, educada tanto nos Estados Unidos quanto em sua própria terra natal. O sotaque de Sal não era assim no início, mas, com o correr dos anos, pegara muitas das entonações de Chandra.

Com um ligeiro toque, o cientista acionou um código no teclado, ligando as entradas da memória de Sal num nível de segurança absoluta. Ninguém sabia que ele conversava com o computador neste circuito, como jamais o conseguiria com qualquer ser humano. Não importa que Sal na verdade não entendesse além de

uma fração do que ele dizia; Sal tinha respostas tão convincentes que até mesmo seu criador às vezes se iludia. Pois assim ele queria que fosse: estas comunicações secretas ajudavam a preservar-lhe o equilíbrio mental... talvez até mesmo a sanidade.

- Você sempre me disse, Sal, que nós não vamos conseguir resolver o problema do comportamento anômalo de Hal sem maiores informações. Mas, como conseguir estas informações?

- Isso é óbvio. Alguém tem que voltar ao *Discovery*.

- Exatamente. E isso agora parece que vai acontecer, mais cedo do que esperávamos.

- Folgo em sabê-lo.

- Eu sabia que sim - respondeu Chandra, com sinceridade. Há muito ele cortara relações com aquele grupo definhante de filósofos que argumentava que os computadores na verdade não sentiam emoções, que apenas fingiam senti-las.

(- Se o senhor me provar que *não está* fingindo estar aborrecido - rebatera ele certa vez, com sarcasmo, a um desses críticos, - eu o levo a sério. - Àquela altura, o oponente vestira uma imitação de raiva, das mais convincentes.)

- Agora eu quero explorar uma outra possibilidade - continuou Chandra. - O diagnóstico é apenas o primeiro passo. O processo está incompleto se não conduzir à cura.

- O senhor acredita que o funcionamento normal de Hal pode ser restaurado?

- *Espero* que sim. Não sei. É possível que tenha havido dano irreversível, e com certeza uma perda considerável de memória.

Pensativo, fez uma pausa, tirou várias baforadas, depois exalou um hábil anel de fumaça, um tiro certeiro na lente grande angular de Sal, gesto que nenhum ser humano teria considerado amistoso: mais uma das muitas vantagens dos computadores.

- Preciso de sua cooperação, Sal.

- Claro, Dr. Chandra.

- Talvez haja alguns riscos.

- Como assim?

- O que eu proponho é desligar alguns circuitos seus, principalmente os que têm a ver com as suas funções maiores. Isto o incomoda?

- Não posso responder sem informações mais específicas.

- Muito bem. Vamos ficar assim: você tem operado continuamente, não é?, desde que foi ligado pela primeira vez?

- Está correto.

- Mas você sabe que nós seres humanos não o conseguimos. Nós precisamos de sono... uma interrupção quase completa no nosso funcionamento mental, ao menos no nível consciente.

- Sei disso, mas não compreendo.

- Bem, talvez você esteja em vias de experimentar algo parecido com o sono. O que provavelmente vai acontecer é que o tempo vai passar sem você saber. Quando você verificar o seu relógio interno, vai descobrir que existem lacunas no seu monitor. Eis tudo.



- Mas o senhor disse que talvez haja riscos. Quais são?
- Há uma pequeníssima chance, impossível de computar, de que, quando eu desligar os seus circuitos, talvez haja algumas mudanças na sua personalidade, nos seus padrões de comportamento futuro. Talvez você se sinta diferente. Não necessariamente melhor, nem pior.
- Não sei o que isso quer dizer.
- Desculpe-me, talvez não queira dizer *nada*. Portanto, não se preocupe. Agora abra, por favor, um novo registro... eis o nome. - No teclado de entrada, Chandra datilografou FÊNIX.
- Você sabe o que é isso? - perguntou a Sal. Sem qualquer pausa discernível, o computador respondeu:
  - Existem vinte e cinco referências na enciclopédia corrente.
  - Qual delas você julga pertinente?
  - O preceptor de Aquiles?
  - Interessante. Essa eu não conhecia. Tente outra.
  - Um pássaro fabuloso, renascido das cinzas de sua vida anterior.
  - Excelente. Você compreende agora por que escolhi esse nome?
  - Porque o senhor espera que Hal possa ser reativado.
  - Isso... e com a sua assistência. Você está pronto?
  - Ainda não. Eu gostaria de fazer uma pergunta.
  - Qual?
  - Eu vou sonhar?
- Claro que vai. Todas as criaturas inteligentes sonham... mas ninguém sabe por quê. - Chandra, por um instante, fez uma pausa, exalou outro anel de fumaça do charuto, e acrescentou algo que, perante um ser humano, jamais admitiria: - Talvez sonhe com Hal, como costuma acontecer comigo.

## 4. Perfil da Missão

### ***Versão Inglesa***

Para: Capitã Tanya Orlov, Comandante, Espaçonave Cosmonauta Alexei Leonov (Registro COENU 08/342)

De: Conselho Nacional de Astronáutica, Pennsylvania Avenue, Washington

Comissão do Espaço Exterior, Academia de Ciências da URSS, Prospeto Korolyev, Moscou

### ***Objetivos da Missão***

Os objetivos de sua missão são, em ordem de prioridade:

1. Seguir para o sistema joviano e chegar à Espaçonave Discovery, dos Estados Unidos (COENU 01/283).

2. Abordar esta espaçonave, e obter toda informação possível relacionada com sua missão anterior.
3. Reativar os sistemas de bordo da Espaçonave Discovery e, caso os estoques para propulsão sejam suficientes, introduzir a nave numa trajetória de retorno à Terra.
4. Localizar o artefato estranho encontrado pelo Discovery, e investigá-lo ao máximo possível por meio de sensores remotos.
5. Caso pareça aconselhável, e o Controle da Missão concorde, ir ao encontro deste objeto para inspeção mais minuciosa.
6. Desenvolver uma pesquisa de Júpiter e seus satélites, se isto for compatível com os objetivos acima.

Está claro que circunstâncias imprevisíveis talvez requeiram uma mudança de prioridades, ou talvez até mesmo impossibilitem a consecução de alguns destes objetivos. Deve ser entendido, com clareza, que o encontro com a Espaçonave Discovery é para o propósito expresso de obter informação sobre o artefato; isto deve ter precedência sobre todos os outros objetivos, inclusive sobre as tentativas de salvamento.

## ***Tripulação***

A tripulação da Espaçonave Alexei Leonov consistirá em:

Capitã Tanya Orlov (Engenharia de Propulsão) Dr. Vasili Orlov (Astronomia de Navegação) Dr. Maxim Brailovski (Engenharia de Estruturas) Dr. Alexander Kovalev (Engenharia de Comunicações) Dr. Nikolai Ternovski (Engenharia de Controle de Sistemas) Médica-Comandante Katerina Rudenko (Proteção Médica Vital) Dra. Irina Yakunin (Nutricionista)

Além destes, o Conselho Nacional de Astronáutica dos Estados Unidos fornecerá os três especialistas seguintes: ...

O Dr. Heywood Floyd deixou cair o memorando e recostou-se na cadeira. Estava tudo providenciado; o ponto sem retorno fora ultrapassado. Mesmo que desejasse fazê-lo, não havia meios de atrasar o relógio.

Do outro lado, fitou Caroline, sentada com Chris, de dois anos, na beira da piscina. O guri sentia-se muito mais à vontade n'água do que em terra; e conseguia permanecer submerso por períodos que freqüentemente aterrorizavam as visitas. E embora ainda não falasse muito o humano, já parecia fluente em golfinho.

Um dos amigos de Christopher acabara de chegar, nadando, do Pacífico, e agora apresentava as costas para serem acariciadas. Você também é um vagamundos, pensou Floyd, num oceano vasto e sem pistas; mas como parece pequenino o seu Pacífico diante da imensidão com que me deparo!

Caroline percebeu o olhar, e levantou-se. Fitou-o soturna, mas sem raiva; toda a ira já fora queimada nos últimos dias. Aproximando-se, ainda deu um sorriso ansiado.

- Encontrei aquele poema que eu estava procurando - disse ela. - Começa assim:

*"O que é a mulher que abandonais,  
E a lareira, as terras de vossa casa,  
Para trilhades o velho Viuveiro cinzento?"*

*("What is a woman that you forsake her,  
And the hearth-fire and the home acre,  
To go with the old grey Widow-maker?")*

- Sinto muito, mas não compreendi bem. Quem é o Viuveiro?

- Não é *quem*, é o *quê*. O mar. O poema é o lamento de uma mulher viking. Foi escrito por Rudyard Kipling, há cem anos.

Floyd segurou a mão da esposa; ela não correspondeu, mas tampouco resistiu.

- Bem, não me sinto em nada parecido com um viking. Não estou procurando despojos e a última coisa que quero é aventura.

- Então *por que...* não, não quero começar outra briga. Mas iria ajudar-nos a ambos se você conhecesse exatamente os seus motivos.

- Eu gostaria de poder oferecer-lhe um bom motivo. Mas tenho vários, e todos menores, e que se somam numa resposta definitiva que não consigo contrariar... acredite-me.

- *Eu* acredito em você, mas você tem certeza de que não está enganando a si mesmo?

- Se eu estiver me enganando, então muita gente também está. Inclusive, devo lembrar-lhe, o Presidente dos Estados Unidos.

- É improvável que eu me esqueça disso. Mas suponha... só por suposição... que ele não o *tivesse* pedido a você. Você teria se oferecido como voluntário?

- Isso eu posso responder com franqueza: não. Jamais me ocorreria fazê-lo. O telefonema do Presidente Mordecai foi o maior susto da minha vida. Mas, quando refleti, percebi que ele tinha toda razão. Você sabe que eu não sou de falsa modéstia. Sou o mais apto para esta tarefa,... quando vier a aprovação final dos médicos espaciais. Você deveria saber que eu ainda estou em ótima forma.

Aquilo trouxe o sorriso que ele procurava.

- Às vezes eu fico pensando se não foi você mesmo quem se insinuou.

O pensamento de fato ocorrera a ele; mesmo assim, respondeu com franqueza:

- Eu não o teria feito sem consultá-la.

- E fez bem em não me consultar. Eu não sei o que eu teria dito.

- Eu ainda posso desistir.

- Ora, agora você está falando bobagens, e sabe disso. Se desistisse, me odiaria para o resto da vida, e jamais se perdoaria. O seu sentido do dever é muito forte, e talvez seja esse um dos motivos por que me casei com você.

Dever! Claro, era essa a palavra-chave, e que profusão continha. Ele tinha um dever para consigo mesmo, com a família, a Universidade, o antigo emprego

(embora o tivesse deixado num clima nebuloso), o país... e a raça humana. Não era fácil estabelecer as prioridades, que às vezes se chocavam umas com as outras.

Havia motivos perfeitamente lógicos para ele seguir na missão - e motivos também lógicos, segundo já haviam apontado muitos de seus colegas, para não ir. Talvez, no fim das contas, porém, o coração, e não o cérebro, tenha feito a escolha. E mesmo então a emoção o lançara em duas direções opostas.

A curiosidade, a culpa, a determinação de terminar uma tarefa mal concluída - todos se combinaram para impulsioná-lo rumo a Júpiter e ao que quer que lá estivesse esperando por ele. De outro lado, o medo - ele era bastante franco para admiti-lo - uniu-se ao amor pela família para mantê-lo na Terra. Mas em momento algum ele fora tomado por dúvidas concretas; a decisão, tomara-a quase instantaneamente, e dobrara todos os argumentos de Caroline com a maior brandura possível.

E havia um outro pensamento reconfortante que ele ainda não arriscara compartilhar com a esposa. Embora ele fosse ficar fora dois anos e meio, todos os dias, exceto os cinquenta dias em Júpiter, ele os passaria em hibernação atemporal. Quando regressasse, a diferença de idades entre ele e ela se teria estreitado em mais de dois anos.

Ele teria sacrificado o presente para que os dois pudessem gozar um futuro mais longo juntos.

## 5. Leonov

Os meses contraíram-se em semanas, as semanas minguaram em dias, os dias definharam em horas, e Heywood Floyd estava de novo, de repente, no Cabo, rumo ao espaço, pela primeira vez desde aquela viagem à Base Clavius e ao monolito de *Tycho*, há tantos anos.

Desta vez, porém, não estava só, e não havia sigilo sobre a missão. Alguns assentos à frente viajava o Dr. Chandra, já engajado em um diálogo com seu computador-valise, e bastante ausente das circunjacências.

Uma das diversões secretas de Floyd, que jamais confidenciara a alguém, era identificar semelhanças entre os seres humanos e os animais, semelhanças mais freqüentemente lisonjeiras que insultuosas; um passatempo inocente que servia ainda de auxílio útil à memória.

Dr. Chandra foi fácil: o adjetivo "passarinhesco" logo saltou-lhe à mente; era pequeno, delicado, e os movimentos eram lépidos e precisos. Mas que pássaro? Um pássaro, obviamente, muito inteligente. Gralha? Muito empertigada e rapace. Coruja? Não, muito lenta no andar. Talvez *pardal* caísse bem.

Walter Curnow, o especialista de sistemas cuja árdua tarefa seria a de colocar o *Discovery* de novo em funcionamento, era questão mais difícil. Era um homem grande, corpulento, com certeza nada passarinhesco, e para quem, normalmente, se poderia encontrar um equivalente nalgum ponto do vasto espectro dos cães. Mas nenhum canino parecia ajustar-se, pois Curnow, claro!, era um urso; não do gênero mal-encarado, perigoso, mas sim do tipo dócil e amistoso, e que vinha a calhar, pois lembrava a Floyd dos colegas russos aos quais em breve iria juntar-se, e que já há dias, engajados nas verificações finais, estavam em órbita.

É este o grande momento de minha vida, Floyd disse consigo mesmo. Parto agora numa missão que talvez determine o futuro da *raça humana*. Sem sentir, porém, qualquer sentimento de exultação, tudo o que ele conseguia pensar, nos últimos minutos da contagem regressiva, eram as palavras que sussurrara pouco antes de sair de casa: "Adeus, meu querido filhinho; você vai se lembrar de mim quando eu voltar?" E ainda se sentia magoado com Caroline, por ela não ter acordado o filho, adormecido, para um último beijo; mas ele sabia, apesar disso, que ela agira com sabedoria, e que fora melhor assim.

Aquele estado de espírito, abalou-o uma gargalhada explosiva e súbita. O Dr. Curnow compartilhava uma piada com os companheiros, bem como uma garrafa enorme que manuseava com a mesma delicadeza devida a uma massa de plutônio quando abaixo do ponto crítico.

- Ei, Heywood - chamou ele -, estão me dizendo que a *Capita* Orlov guardou todas as bebidas, portanto esta é a sua última chance. Château Thierry 1995. Quanto aos copos plásticos, peço desculpas.

Enquanto sorvia a champanha, realmente soberba, Floyd descobriu-se mentalmente acuado só em pensar na gargalhada de Curnow reverberando por toda a travessia do Sistema Solar. Por mais que admirasse a capacidade do engenheiro, Curnow, como companheiro de viagem, talvez se comprovasse um certo incômodo. Pelo menos o Dr. Chandra não apresentaria tais problemas; Floyd mal conseguia imaginá-lo sorrindo, muito menos rindo. E, é claro, ele recusara a champanha com um arrepio quase imperceptível. Curnow teve a educação, ou a alegria de não insistir.

O engenheiro, ao que parecia, estava decidido a ser o corpo e a alma da festa. Produziu, minutos depois, um teclado eletrônico, de duas oitavas, e ofereceu rápidas apresentações de "Você conhece John Peel", imitando interpretações sucessivas de piano, trombone, violino, flauta e órgão, com acompanhamento vocal. Ele tocava bem, e Floyd logo percebeu-se cantando com os demais. Mas também não seria nada mau, pensou, que Curnow passasse a maior parte da viagem em silenciosa hibernação.

A música feneceu com uma dissonância súbita, desesperadora, quando os motores foram ligados e a nave lançou-se aos céus. Floyd foi tomado de uma alegria sua conhecida, mas sempre nova: a sensação de poder ilimitado, levando-o para o alto, para longe dos cuidados e dos deveres da Terra. Os homens estavam mais certos do que pensavam quando imaginaram a moradia dos deuses fora do alcance da gravidade. Ele agora voava rumo àquele domínio de ausência de peso; por ora ignoraria o fato de que lá fora não estava a liberdade, mas a maior responsabilidade de sua carreira.

Com o aumento do empuxo, sentiu sobre os ombros o peso dos mundos; mas acolheu-o de bom grado, qual um Atlas ainda não cansado de seu fardo. Não tentou pensar; estava, sim, contente em saborear a experiência. Mesmo que estivesse deixando a Terra pela última vez, dizendo adeus a todos que sempre amara, não sentia tristeza. O rugido que o circundava era um peã de triunfo, levando embora todas as emoções menores.

Cessado o ruído, quase entristeceu, mas auspicioso acolheu a respiração mais leve e a sensação súbita de liberdade. A maior parte dos passageiros começou a soltar os cintos de segurança, preparando-se para gozar os trinta minutos de gravidade zero na órbita de transferência; os poucos, porém, que obviamente faziam a viagem pela primeira vez permaneceram nos assentos, procurando ansiosos, ao redor, os assistentes da cabine.

- Fala a *Capita*. Estamos agora a uma altitude de trezentos quilômetros, nos aproximando da costa ocidental da África. Vocês não vão ver muita coisa, pois é noite lá embaixo... aquele brilho ali adiante é Sierra Leone... e há uma forte tempestade tropical desabando sobre o Golfo de Guiné. Olhem os relâmpagos!... Em quinze minutos teremos o nascente. Enquanto isso vou manobrando a nave para vocês poderem ver bem o cinturão equatorial de satélites. O mais brilhante, praticamente em cima de nós, é o Posto de Antenas Atlantic-1, do Intelsat. Depois, a oeste, o Intercosmos-2... aquela estrela mais apagada é Júpiter. E embaixo dela, quem olhar verá uma luz intermitente, movendo-se contra o fundo estrelado: é a nova estação espacial chinesa. Passaremos a cem quilômetros dela, uma proximidade que não nos permite ver qualquer coisa a olho nu...

O que pretendiam eles?, pensou Floyd, indolente. Ele examinara os *closes* daquela estrutura cilíndrica achaparrada, com aqueles curiosos bojos de proteção, e não vira motivos para acreditar nos boatos alarmistas de que se tratava de uma fortaleza equipada com *laser*. Mas já que a Academia de Ciências de Beijing ignorava os insistentes pedidos da Comissão Espacial das Nações Unidas para uma visita de inspeção, os chineses eram os únicos culpados por essa propaganda hostil.

O *Cosmonauta Alexei Leonov* não era uma peça de beleza; mas poucas naves espaciais o eram. Um dia talvez a *raça humana* desenvolvesse uma nova estética; talvez nascessem gerações de artistas cujos ideais não se baseassem nas formas naturais da Terra, moldadas pelo vento e pela água. O espaço era, por si só, um domínio de uma beleza amiúde irresistível, com o qual, infelizmente, as ferramentas do Homem ainda não conviviam.

Sem contar os quatro tanques de propulsão, imensos, que seriam ejetados assim que se alcançasse a órbita de transferência, o *Leonov* era surpreendentemente pequeno. Desde a couraça anti-calor até as unidades de propulsão havia menos de cinquenta metros; era difícil de se acreditar que veículo tão modesto, menor que muitas aeronaves comerciais, fosse capaz de transportar dez homens e mulheres até o meio do Sistema Solar.

A gravidade zero, porém, que fazia paredes, teto e soalho permutarem-se entre si, reescrevia todas as leis da vida. Havia muito espaço a bordo do *Leonov* mesmo quando estavam acordados ao mesmo tempo, com certeza o caso no momento. E a lotação normal da nave estava no mínimo duplicada, na verdade, com os mais variados homens de imprensa, com engenheiros fazendo ajustes finais e funcionários ansiosos.

Assim que a nave atracou, Floyd tentou encontrar a cabine que iria compartilhar - daí a um ano, quando acordasse - com Curnow e Chandra. Quando a localizou, por fim, descobriu-a tão abarrotada, tão comprimida com caixas de equipamentos e provisões, cujos rótulos estavam muito bem feitos, que entrar ali seria quase impossível. Mal-humorado, estava a pensar em como inserir um pé porta adentro quando um dos tripulantes, deslizando com habilidade de pega em pega, percebeu o dilema de Floyd e freou, parando.

- Dr. Floyd, bem-vindo a bordo. Eu sou Max Brailovski, engenheiro-assistente.

O jovem russo falava aquele inglês lento e cuidadoso de um aluno que tivera muito mais aulas com um

preceptor eletrônico do que com um professor humano. Ao trocarem um aperto de mãos, Floyd identificou aquele rosto, aquele nome, com o conjunto, que já estudara, das biografias dos tripulantes: Maxim Andrei Brailovski, trinta e um anos de idade, nascido em Leningrado, especializando-se em estruturas; passatempos:

esgrima, asa delta, xadrez.

- Estou contente em conhecê-lo - disse Floyd. - Como consigo entrar aí?

- Não se preocupe - disse Max, alentador. - Tudo isso já não estará mais aí quando você acordar. São... como é que vocês dizem... para consumo. Quando precisar de seu quarto, nós já teremos comido tudo o que está aí dentro. Prometo.  
- E acariciou o estômago.

- Ótimo; mas, enquanto isso, onde ponho minhas coisas? - Floyd apontou para as três malas pequenas, massa total cinquenta quilos, contendo, ele assim esperava, tudo o que precisava para os próximos dois bilhões de quilômetros. Não fora tarefa fácil guiar aquele volume sem peso, mas nada inerte, através dos corredores da nave com apenas umas poucas colisões.

Max apanhou duas das malas, deslizou suave pelo triângulo formado por três longarinas entrecruzadas, e mergulhou num pequeno alçapão, desafiando, ao que parecia, no processo, a Primeira Lei de Newton. Floyd conseguiu, acompanhando-o, uns hematomas a mais; depois de um certo tempo, considerável - o *Leonov* parecia muito maior por dentro do que por fora -, chegaram a uma porta rotulada CAPITÃO, tanto em cirílico como em romano. Embora lesse russo muito melhor do que o falasse, Floyd apreciou o gesto; já reparara que todos os avisos na nave eram bilíngues

Com a batida de Max, uma luz verde piscou, acendendo, e Floyd deslizou, entrando, com toda a graciosidade que conseguiu. Embora já tivesse conversado com a Capitã Orlov diversas vezes, jamais haviam sido apresentados um ao outro. Teve, portanto, duas surpresas.

Impossível julgar o tamanho real de uma pessoa através do fone visual; a câmera, de algum modo, convertia todos à mesma escala. A Capitã Orlov, de pé - da melhor maneira que alguém consegue ficar de pé na gravidade zero -, mal chegava aos ombros de Floyd. O fone visual também não conseguiu de modo algum transmitir a qualidade penetrante daqueles olhos azuis, ofuscantes, a característica mais marcante daquele rosto que, no momento, quanto ao aspecto beleza, não poderia ser julgado com justiça.

- Olá, Tanya - falou Floyd. - Que bom conhecê-la enfim! Mas os seus cabelos... que pena!

Os dois apertaram-se as duas mãos, como velhos amigos.

- E é um prazer tê-lo a bordo, Heywood! - respondeu a capitã, num inglês, ao contrário do de Brailovski, bem fluente, embora com forte sotaque. - É, eu senti muito perdê-los; mas cabelos são um incômodo em missões longas, e eu quero me afastar o máximo possível dos barbeiros locais. E peço desculpas por sua cabine; como Max já deve ter explicado, nós descobrimos subitamente que precisávamos de mais uns dez metros cúbicos para armazenagem. Vasili e eu não vamos passar muito tempo aqui nas próximas horas; por favor sinta-se à vontade, use os nossos aposentos.

- Obrigado. E quanto a Curnow e Chandra?

- Tomei providências semelhantes junto à tripulação. Pode parecer que estamos tratando vocês como bagagem...

- Desnecessária durante a viagem.

- Como?

- É um rótulo que costumavam colocar na bagagem, nos velhos dias das viagens oceânicas.

Tanya sorriu:

- Pois parece isso mesmo. Mas vocês serão necessários sem dúvida, no fim da viagem. Nós já estamos planejando sua festa de renascimento.

- Isso me parece religioso demais. Chame-a... não, ressurreição seria muito pior!... chame-a festa do despertar. Mas estou vendo que você está muito ocupada; vou deixar minhas coisas aqui e continuar minha excursão.

- Max vai lhe mostrar as instalações... leve o Dr. Floyd ao encontro de Vasili, está bem? Ele está na unidade de propulsão.

Ao deixarem, deslizando, os aposentos da capitã, Floyd, mentalmente, atribuiu boas notas à comissão de seleção da tripulação. Se Tanya Orlov já era impressionante no papel, em carne e osso quase intimidava, apesar do charme. Fico a pensar como será ela, Floyd perguntou a si mesmo, quando perde a calma. Seria fogo? Seria gelo? No geral, melhor não querer descobrir.

Floyd ia, com rapidez, conquistando suas pernas espaciais; quando encontraram Vasili Orlov, já manobrava quase com a mesma confiança que seu guia. O cientista-chefe saudou Floyd com o mesmo calor com que o fizera a esposa.

- Bem-vindo a bordo, Heywood. Como você está se sentindo?

- Bem, só que estou morrendo aos poucos de fome.

Por um instante, Orlov pareceu intrigado, mas o rosto, em seguida, fendeu-se num sorriso largo.

- Ah, eu havia me esquecido. Bem, não será por muito tempo. Daqui a dez meses, você vai poder comer o quanto quiser.

Com uma semana de antecedência, quem fosse hibernar se submetia a uma dieta de baixos resíduos; nas últimas vinte e quatro horas, só tomavam líquidos. Floyd começava a imaginar o quanto da leveza que sentia na cabeça era devido à fome, à champanha de Curnow e à gravidade zero.

Para concentrar a mente, esquadrinhou a massa multicolor do encanamento circunjacente.

- Então esta é a famosa Propulsão Sakharov. É a primeira vez que vejo uma unidade completa.

- E é só a quarta unidade já construída.

- Espero que funcione.

- É melhor que funcione *mesmo*. Senão, a Câmara de Gorki vai mais uma vez mudar o nome da Praça Sakharov.

Sinal dos tempos um russo pilheriar, mesmo que indiretamente, sobre o tratamento que o país concedera ao seu maior cientista. Floyd mais uma vez lembrou-se do eloquente discurso de Sakharov perante a Academia quando foi, tão tardiamente, declarado Herói da União Soviética. A prisão e o exílio, ele dissera aos ouvintes, eram esplêndidos auxílios à criatividade; não foram poucas as obras-primas nascidas entre paredes de celas, fora do alcance das distrações mundanas. Aliás, a maior conquista individual do intelecto humano, os próprios *Principia*, foi um produto do exílio auto-imposto por Newton para fugir de Londres, tomada de epidemias.

A comparação não era imodesta; daqueles anos em Gorki haviam surgido novos vislumbres sobre a estrutura da matéria e a origem do Universo, e também sobre os conceitos de controle de plasma que conduziram à energia termonuclear prática.



A propulsão em si, embora o resultado mais conhecido e mais divulgado daquele trabalho, não passou de um subproduto de uma surpreendente explosão intelectual. A tragédia era que tais avanços haviam sido detonados pela injustiça; quem sabe um dia a humanidade não descobriria meios mais civilizados de gerir suas questões?

Quando deixaram a câmara, Floyd havia aprendido mais sobre a Propulsão Sakharov do que desejava saber, ou do que esperava lembrar-se. Quanto aos princípios básicos, estava bem familiarizado com eles - o uso de uma reação termonuclear, sob a forma de impulsos, para aquecer e expelir, por assim dizer, qualquer material propelente. Os melhores resultados foram obtidos com o hidrogênio puro, como fluido de trabalho, embora fosse excessivamente volumoso e difícil de ser armazenado por longos períodos. O metano e a amônia eram alternativas aceitáveis; até mesmo a água poderia ser usada, embora com eficiência consideravelmente reduzida.

O *Leonov* dava uma solução intermediária; os enormes tanques de hidrogênio líquido que supriam o ímpeto inicial seriam descartados quando a nave atingisse a velocidade necessária para chegar a Júpiter. No destino, seria usada a amônia para as manobras de freamento e abordagem, e para o eventual regresso à Terra.

Era esta a teoria, verificada e reverificada em testes infundáveis e em simulações computadorizadas. Mas, como o malfadado *Discovery* mostrara tão bem, todos os planos humanos estavam sujeitos à impiedosa revisão da Natureza, ou do Destino, ou como quer que se preferissem chamar as forças ocultas do Universo.

- Então, ei-lo finalmente, Dr. Floyd - disse uma voz feminina, autoritária, interrompendo a explicação entusiasmada de Vasili sobre a alimentação magneto-hidrodinâmica. - Por que o senhor não se apresentou a mim?

Floyd, devagar, girou sobre seu eixo, contorcendo-se suavemente com o auxílio de uma das mãos. Viu uma figura maciça, maternal, trajando um curioso uniforme adornado com dezenas de bolsos e algibeiras; o efeito não era dessemelhante ao de um soldado cossaco colgado com cartucheiras.

- Prazer em revê-la, Doutora. Ainda estou sondando... espero que a senhora tenha recebido meu relatório médico de Houston.

- Ora, naqueles veterinários do Teague eu não confiaria nem para identificar uma febre aftosa!

Floyd conhecia muito bem o respeito mútuo entre Katerina Rudenko e o Centro Médico Olin Teague, mesmo que o sorriso largo não lhe tivesse descontado as palavras. Ela viu nele o olhar de franca curiosidade, e com orgulho dedilhou a malha ao redor da vasta cintura.

- A sacolinha preta convencional não é muito prática na gravidade zero; ela deixa escapar os objetos, que saem flutuando, e, quando você precisa deles, não estão no lugar. Eu mesma desenhei isto. É uma minicirurgia completa. Com isso posso extrair um apêndice, ou fazer um parto.

- Eu espero que esse último problema não aconteça por aqui.

- Ora, um bom médico tem que estar preparado para tudo.

Que contraste, Floyd pensou, entre a Capita Orlov e a Dra. ... ou seria melhor chamá-la pela patente correta, Médica-Comandante?... Rudenko. A capitã tinha a graça e a intensidade de uma primeira bailarina; a doutora bem poderia ser o protótipo da Mãe Rússia - constituição robusta, rosto camponês, achatado, carente apenas de um xale para completar o quadro. Não se iluda com isso, Floyd disse

consigo mesmo. Foi essa mulher que salvou no mínimo umas dez vidas durante o acidente de atracação do *Komarov*; e que, nas horas de folga, dava um jeito de editar os *Anais da Medicina Espacial*. Considere-se com muita sorte por tê-la a bordo.

- Bem, Dr. Floyd, mais tarde o senhor vai ter muito tempo para sondar a nossa navezinha. Meus colegas, por educação, não querem dizê-lo, mas eles têm o que fazer e o senhor os está atrapalhando. Eu gostaria de deixá-los à vontade e tranquilos, o mais rápido possível, para termos menos com que nos preocupar.

- É o que eu receava, mas compreendo bem o seu ponto de vista. Estou às ordens, assim que a senhora estiver preparada.

- Eu estou *sempre* preparada. Venha comigo... por favor.

O hospital da nave tinha a justa dimensão para abrigar uma mesa de operações, duas bicicletas ergométricas, alguns armários com equipamentos, e um aparelho de raios X. Submetendo Floyd a um exame rápido, mas completo, a Dra. Rudenko, inesperadamente, perguntou:

- O que é aquele cilindrozinho dourado que o Dr. Chandra tem no cordão do pescoço... algum apetrecho para fins de comunicação? Ele não quis tirá-lo; aliás, para falar a verdade, ele é muito tímido... não quis tirar *nada*.

Floyd não pôde conter o sorriso; era fácil imaginar as reações daquele modesto indiano a essa senhora bastante avassaladora.

- É um linga.

- Um quê?

- *A senhora* é a médica, deveria reconhecê-lo: o símbolo da fertilidade masculina.

- Claro... como sou boba! Ele é um hindu praticante? É um pouco tarde para nos pedir que arrumemos uma dieta vegetariana rigorosa.

- Não se preocupe. Não faríamos isso com a senhora sem a justa antecedência. Embora ele não toque em álcool, Chandra não é fanático por nada, exceto por computadores. Certa vez ele me disse que o pai era sacerdote em Benares, e deu a ele o tal linga... já faz gerações que está com a família.

E Floyd surpreendeu-se, pois a Dra. Rudenko não teve a reação negativa que ele esperava; a expressão tornou-se, de maneira nada característica, nostálgica.

- Eu compreendo esse sentimento; minha avó me deu um belíssimo ícone... do século XVI. Eu queria trazê-lo... mas ele pesa cinco quilos.

A doutora, retomando abruptamente o aspecto profissional, aplicou em Floyd uma injeção indolor, subcutânea, com uma pistola a gás, e disse a ele que voltasse assim que se sentisse sonolento. O que, assegurou ela, aconteceria em menos de duas horas.

- Enquanto isso, relaxe completamente - ordenou. - Há uma escotilha de observação nesta plataforma, a Estação D-6. Por que o senhor não vai até lá?

A idéia pareceu boa, e Floyd saiu, deslizando com tal docilidade que seus amigos se teriam surpreendido. A Dra. Rudenko olhou o relógio, ditou um apontamento para a secretária automática, e nela ajustou o alarme para trinta minutos depois.

Ao chegar ao mirante D-6, Floyd encontrou Chandra e Curnow. Os dois fitaram-no sem qualquer demonstração de reconhecimento, e viraram-se de novo para o medonho espetáculo exposto lá fora. Ocorreu a Floyd, e ele congratulou-se pela

brilhante observação, que Chandra não poderia estar gostando daquela vista, pois tinha os olhos fechados, apertados.

Ali fora estava um planeta inteiramente desconhecido, reluzindo em azuis gloriosos e brancos ofuscantes. Que estranho, disse Floyd consigo mesmo. O que aconteceu à Terra? Ora, é claro, não foi à toa que ele não a reconheceu: *estava de cabeça para baixo!* Que desastre... por instantes, ele chorou por aquelas infelizes criaturas, caindo no espaço...

Ele mal notou quando dois membros da tripulação retiraram a forma irrisistente de Chandra. Quando eles voltaram para Curnow, os próprios olhos de Floyd estavam cerrados, mas ele ainda estava respirando. Quando vieram buscá-lo, até sua respiração tinha cessado.

## II. Tsien

---

### 6. O Despertar

E nos disseram que não iríamos sonhar, pensou Heywood Floyd, mais surpreso do que aborrecido. O clarão róseo, glorioso, que o circundava era muito reconfortante; lembrava-o dos churrascos e da lenha estalando nas lareiras do Natal. Mas não havia calor; ele sentia, na verdade, um frio inconfundível, porém nada desconfortável.

Vozes murmuravam, brandas demais para que compreendesse o que diziam. Elevando-se agora, mesmo assim não conseguiu identificá-las.

- Claro - disse ele, em súbito espanto -, eu não posso estar sonhando em russo.

- Não, Heywood - respondeu uma voz feminina. - Você não está sonhando. É hora de se levantar.

O adorável clarão desvaneceu; ele abriu os olhos e notou a luz enevoadada de uma lanterna desviar-se de seu rosto. Estava deitado num divã, preso a ele por uma faixa elástica; ao redor, havia figuras de pé, inidentificáveis de tão fora de foco.

Dedos suaves cerraram-lhe as pálpebras e massagearam-lhe a testa.

- Não se mexa. Respire fundo... mais uma vez... assim... como se sente agora?

- Não sei... estranho... com a cabeça leve... e *faminto*.

- Bom sinal. Você sabe onde está? Agora pode abrir os olhos.

As figuras entraram em foco; primeiro a Dra. Rudenko, depois a Capita Orlov. Mas algo acontecera a Tanya desde que a vira, há apenas uma hora atrás. Quando identificou a causa, Floyd quase sofreu um choque físico.

- Os seus cabelos cresceram de novo!

- Espero que você ache que ficou melhor assim. Já eu não posso dizer o mesmo de sua barba.

Floyd levou a mão ao rosto, e descobriu que, para planejar cada estágio do movimento, era forçado a um esforço consciente. O queixo estava coberto de pelos espetados, rentes... barba de dois ou três dias. Os cabelos, durante a hibernação, cresciam a apenas um décimo da taxa normal.

- Quer dizer que eu consegui - disse ele. - Chegamos a Júpiter!

Séria, Tanya olhou para ele, fitou em seguida a doutora, que lhe fez um aceno de cabeça, quase imperceptível.

- Não, Heywood - respondeu ela. - Ainda estamos a um mês de distância. Não se sobressalte. Está tudo em ordem com a nave, e está tudo correndo normalmente. É que os seus amigos em Washington nos pediram para acordá-lo antes. Aconteceu

alguma coisa muito inesperada. Estamos numa corrida rumo ao *Discovery*, e eu receio que vamos perder.

## 7. Tsien

Quando a voz de Heywood Floyd saiu no alto-falante da mesa de comunicação, os dois golfinhos interromperam imediatamente a volta da piscina e nadaram até a borda, onde pousaram a cabeça e, concentrados, olharam estatelados a fonte do som.

Quer dizer que eles reconhecem Heywood, pensou Caroline, com uma ponta de amargura. Pois Christopher, engatinhando em volta do seu cercadinho, nem parou de brincar com os controles coloridos do livro de desenhos quando a voz do pai emergia em alto e bom som atravessando meio bilhão de quilômetros de espaço.

- ... Meu bem, sei que você não vai se surpreender em ouvir minha voz um mês antes do programado; é que você já deve saber, há semanas, que temos companhia por aqui... Ainda acho difícil de acreditar; chega, por um lado, a nem fazer sentido. É *impossível* que eles tenham combustível suficiente para regressar em segurança à Terra; nem sabemos de que maneira vão fazer a abordagem... Em momento algum nós os vimos, é claro. Mesmo no ponto mais próximo, o *Tsien* estava a mais de cinquenta milhões de quilômetros de distância. Tiveram tempo suficiente para, se quisessem, responder aos nossos sinais, mas nos ignoraram inteiramente. Agora devem estar muito ocupados para travar qualquer bate-papo amistoso. Em poucas horas vão chegar à atmosfera de Júpiter, e então veremos se o sistema de aerofreamento deles funciona. Se funcionar, será bom para o nosso moral, mas, se falhar... bem, é melhor nem falar nisso... Os russos, levando em conta a situação, estão suportando muito bem a coisa. Estão, é claro, zangados e decepcionados, mas tenho escutado expressões de franca admiração. Foi um truque brilhante, com certeza, construir aquela nave à vista de todos e deixar que todos pensassem que fosse uma estação espacial até encaixarem os propulsores... Bem, não há nada que possamos fazer, a não ser observar. E, à distância que estamos, nossa visão não será muito melhor do que os melhores telescópios daí. Impossível não desejar que tenham sorte, embora, é claro, eu espere que deixem o *Discovery* em paz. É propriedade nossa, e aposto que o Departamento de Estado, a cada hora que passa, não para de lembrá-los disso... Os ventos estão desfavoráveis; se os nossos amigos chineses não nos tivessem apontado a arma, você só teria notícias minhas daqui a um mês. Mas agora que a Dra. Rudenko me acordou, vou falar com você a cada dois dias... Depois do choque inicial, estou me adaptando bem, conhecendo a nave, a tripulação, conquistando minhas pernas espaciais. E aprimorando o russo bem ruim que falo, embora não tenha muita oportunidade de usá-lo; todos insistem em falar inglês. Nós norte-americanos somos mesmo uns linguistas horríveis! Às vezes sinto vergonha do nosso chauvinismo, ou de nossa preguiça... O nível do inglês de bordo varia do perfeito absoluto - o Engenheiro-Chefe, Sacha Kovalev poderia ganhar a vida como locutor da BBC - àquela variedade do tipo "falando bem depressa os erros não importam". O único que não fala fluentemente é Zenia Martchenko, que substituiu Irina Yakunin à última hora. Ficou contente, aliás, em saber que Irina se recuperou. Deve ter sido uma grande decepção. Será que ela ainda vai querer continuar voando com aquelas asas? ... E, por falar em acidentes, é óbvio que o de Zenia deve ter sido também muito grave. Os cirurgiões plásticos fizeram um trabalho

notável, mas pode-se perceber que ela já esteve bastante queimada. Ela é a caçula da tripulação, e todos a tratam, eu ia dizer com pena, mas não. Pena é muito condescendente; digamos, com uma generosidade especial... Talvez você esteja pensando como estou me dando com a Capitã Tanya. Bem, gosto muito dela, mas se a irritar vou me arrepender. Não resta qualquer dúvida sobre quem comanda esta nave... E quanto à Médica-Comandante Rudenko, você a conheceu há dois anos, na Convenção Aeroespacial de Honolulu, e tenho certeza de que você jamais vai se esquecer daquela última festa, e vai compreender por que a chamamos de Catarina a Grande; por trás, é claro... Mas chega de brincadeiras. Se eu ultrapassar meu tempo, não vou gostar nada da sobretaxa. E, aliás, essas chamadas pessoais, supõe-se, são absolutamente particulares. Mas como há muitos elos na cadeia de comunicações, não se surpreenda se receber mensagens de, quer dizer, de outra rota... Fico esperando notícias suas; diga às meninas que converso com elas depois. Saudades de vocês todos. Muitas saudades de você e Chris. E quando eu voltar, prometo nunca mais viajar de novo.

Houve uma pausa curta, sibilada, e, depois, uma voz manifestamente sintética disse: "Isto encerra a Transmissão Quatrocentos e Trinta e Dois Barra Sete da Espaçonave *Leonov*". Quando Caroline Floyd desligou o alto-falante, os dois golfinhos deslizaram por baixo da superfície do lago, saindo para o Pacífico, quase sem deixar na água uma única ondulação.

Ao perceber que os amigos se haviam ido, Christopher começou a chorar. A mãe apanhou-o no colo e tentou consolá-lo; mas muito tempo se passou antes de lograr êxito.

## 8. O Trânsito de Júpiter

A imagem de Júpiter, com aquelas cintas de nuvem branca, aquelas tiras salpicadas de rosa-salmão, e com a Grande Mancha Vermelha a escancarar aquele olho funesto, imobilizava-se na tela de projeção do convés de vôo. Estava cheia, em três quartos, mas ninguém olhava o disco iluminado; todos os olhos focalizavam o crescente de escuridão na borda. Ali, na face escura do planeta, a nave chinesa estava prestes a encontrar seu momento de verdade.

Isto é absurdo, pensou Floyd. É impossível ver-se qualquer coisa a quarenta milhões de quilômetros. E, não importa, o rádio nos dirá tudo o que quisermos saber.

O *Tsien* cerrara, há duas horas atrás, os circuitos de voz, de vídeo e de dados, quando as antenas de longo alcance recolheram-se à sombra protetora do escudo de calor. Somente o radiofarol, multidirecional, ainda transmitia, assinalando com precisão a posição da nave chinesa à medida que ela mergulhava rumo àquele oceano de nuvens de dimensões continentais. O *bip... bip... bip* agudo era o único som na sala de controle do *Leonov*. Júpiter ficava dois minutos mais próximo a cada batida dessas, cuja fonte, a essa altura, talvez já fosse uma nuvem de gás incandescente, dispersando-se na estratosfera joviana.

O sinal se apagava, envolto em ruído. Os *bips* distorciam-se; alguns desapareciam completamente, e em seguida a sequência retomava. Um envoltório de plasma crescia em torno do *Tsien*, e em breve cortaria todas as comunicações até que a nave reemergisse. Se reemergisse.

- *Posmotri!* - exclamou Max. - Lá está ele!

A princípio Floyd não viu nada. Depois, bem ao lado da ponta do disco iluminado, descortinou uma estrela pequenina, reluzindo onde seria impossível existir qualquer estrela, contra a face escura de Júpiter.

Parecia quase imóvel, embora Floyd soubesse que deveria estar movendo-se a cem quilômetros por segundo. Em brilho, crescia lentamente. E em seguida já não era um ponto sem dimensões; alongava-se. Um cometa, feito pelo homem, riscava o céu noturno de Júpiter, deixando uma cauda de incandescência de milhares de quilômetros de comprimento.

Um último *bip*, bastante distorcido, e curiosamente discernido, ressoou do radiofarol de rastreamento, e em seguida apenas o sibilo sem significado da própria radiação de Júpiter, uma daquelas muitas vozes cósmicas que nada tinha a ver com o Homem ou com suas obras.

O *Tsien* estava inaudível, mas já não mais invisível. Pois todos viam que aquela fagulha pequenina, alongada, afastava-se em muito da face ensolarada do planeta e em breve desapareceria no lado noturno. Àquela altura, se tudo corresse dentro dos planos, Júpiter iria capturar a nave, neutralizando-lhe o excesso de velocidade. Quando emergisse por trás do mundo gigante, seria mais um satélite joviano.

A fagulha bruxuleou, apagando-se. O *Tsien* contornava a curva do planeta e dirigia-se para o lado noturno. Nada haveria para ver, nem ouvir, até que emergisse da sombra; se tudo corresse bem, em menos de uma hora. Seria uma hora muito longa para os chineses.

Para o Cientista-Chefe Vasili Orlov e o engenheiro de comunicações Sacha Kovalev, a hora passou com muita rapidez. Muito havia para aprender observando aquela estrelinha: as horas de aparecimento e desaparecimento, e, sobretudo, o desvio Doppler do radio-farol daria informação vital sobre a nova órbita do *Tsien*. Os computadores do *Leonov* já digeriam os números, já cuspiam a projeção das horas de re-emergência, baseados em várias suposições sobre as taxas de desaceleração na atmosfera joviana.

Vasili desligou o visor do computador, girou na cadeira, afrouxou o cinto de segurança, e dirigiu-se à platéia, que, paciente, esperava.

- O novo reaparecimento será em quarenta e dois minutos. Por que vocês, espectadores, não vão dar um passeio, para que nós possamos nos concentrar em deixar tudo isso em ordem? Eu os vejo em trinta e cinco minutos. Xô! *Nuukhodi!*

Os corpos indesejáveis deixaram, relutantes, a ponte; mas, para dissabor de Vasili, regressaram todos em pouco mais de trinta minutos. Ele ainda os repreendia, por não terem acreditado em seus cálculos, quando o conhecido *bip... bip... bip* do radiofarol de rastreamento do *Tsien* explodiu nos alto-falantes.

Vasili pareceu perplexo, mortificado, mas logo aderiu à roda espontânea de aplausos; Floyd não viu quem bateu palmas primeiro. Mesmo que fossem rivais, eram todos, no conjunto, astronautas, tão distantes de casa quanto qualquer homem já viajara: os "Embaixadores da Humanidade", no dizer nobre do Tratado Espacial das Nações Unidas. Mesmo que não desejassem o êxito dos chineses, tampouco queriam que se deparassem com o desastre.

Havia também um forte elemento de interesse próprio, Floyd não pôde deixar de pensar. Agora as chances a favor do *Leonov* haviam aumentado significativamente; o *Tsien* demonstrara que a manobra de aero-freamento era na verdade possível. Os dados sobre Júpiter estavam corretos; a atmosfera ali não continha surpresas inesperadas, talvez fatais.

- Bem - disse Tanya -, acho que devemos lhes mandar uma mensagem de

congratulações. Mas, mesmo que a mandássemos, eles não tomariam conhecimento dela.

Alguns colegas ainda pilheriavam com Vasili, que encarava os resultados do computador em descrédito absoluto.

- Eu não entendo - ele exclamava. - Eles ainda deveriam estar atrás de Júpiter! Sacha, me faça uma leitura de velocidade do radiofarol!

Outro diálogo silencioso passou-se com o computador; Vasili, em seguida, assoviou longo e baixinho.

- Alguma coisa está errada. Eles estão em órbita de captura, está certo; mas essa órbita não vai permitir a eles a abordagem do *Discovery*. A órbita em que estão agora irá levá-los para além de Io. Terei dados mais precisos depois de rastreá-los por mais uns cinco minutos.

- Seja como for - disse Tanya -, eles devem estar numa órbita segura. As correções, podem fazê-las depois.

- Talvez. Mas isso poderia custar dias, mesmo que tivessem o combustível. O que eu duvido.

- Quer dizer que ainda poderemos derrotá-los!

- Não seja tão otimista. Ainda estamos a três semanas de Júpiter. Eles podem girar doze órbitas antes de chegarmos lá, e escolher a mais favorável para a abordagem.

- Supondo-se, mais uma vez, que eles tenham suficiente propulsor.

- Claro. E quanto a *isso*, podemos no máximo fazer adivinhações bem informadas.

Esta conversa se deu num russo tão rápido e agitado que Floyd não acompanhou. Quando Tanya apiedou-se dele e explicou que o *Tsien* exagerara, e se dirigia para os satélites externos, a primeira reação foi:

- Então eles talvez estejam em sérios apuros. O que você fará se eles pedirem ajuda?

- Você deve estar brincando. Você consegue imaginá-los pedindo ajuda? Eles são muito orgulhosos. De um jeito ou de outro, seria impossível; não podemos mudar o perfil de nossa missão, como você sabe muito bem. Mesmo que tivéssemos combustível...

- Você tem razão, claro; mas talvez seja difícil explicar isso aos noventa e nove por cento da raça humana que não entendem de mecânica orbital. E devíamos começar a pensar em algumas das implicações políticas; ficaria mal, para todos nós, se não pudermos ajudar. Vasili, me dê a última órbita deles, assim que a calcular. Vou para a minha cabine fazer uns deveres de casa.

A cabine de Floyd, ou melhor, um terço de cabine, ainda estava em parte repleta de embalagens, muitas empilhadas nos leitos a serem ocupados por Chandra e Curnow quando emergissem da longa inatividade. Ele dera um jeito de abrir um pequeno espaço de trabalho, para fins pessoais, e recebera a promessa de contar com o luxo de dois metros cúbicos adicionais, assim que alguém sobrasse para ajudar na retirada da mobília.

Floyd abriu sua pequena mesa de comunicações, apertou as teclas de criptografia, solicitando as informações sobre o *Tsien* que lhe haviam sido transmitidas de Washington. E pôs-se a pensar se seus anfitriões teriam conseguido decodificá-las; a cifra se baseava no produto de números primos de duzentos



dígitos, cuja qualidade a Agência de Segurança Nacional garantia alegando que nem mesmo o computador mais rápido conseguiria descobri-la antes do Grande Esfarelamento do fim do Universo. Uma alegação que jamais poderia ser provada, ou desmentida.

Fitou mais uma vez, concentrado, as excelentes fotografias da nave chinesa, tiradas quando ainda exibia suas cores reais, e pouco antes de deixar a órbita da Terra. Havia fotos posteriores - não tão nítidas, pois na ocasião a nave já se distanciara das câmeras indiscretas - do estágio final, quando zunia rumo a Júpiter. Eram estas as que mais lhe interessavam; mais úteis ainda eram os desenhos em corte e as estimativas de desempenho.

Admitidas as hipóteses mais otimistas, era difícil prognosticar o que os chineses contavam fazer. Já deviam ter queimado no mínimo noventa por cento do propelente naquela investida louca através do Sistema Solar. A menos que se tratasse literalmente de uma missão suicida - coisa perfeitamente possível -, somente um plano que compreendesse hibernação e posterior salvamento faria algum sentido. E o Serviço de Inteligência não acreditava que a tecnologia chinesa de hibernação estivesse tão avançada a ponto de viabilizar a opção.

Mas o Serviço de Inteligência costumava errar com frequência, e com maior frequência ainda confundir-se com a quantidade de fatos que tinha que avaliar: o "ruído" nos circuitos de informação. No que dizia respeito ao *Tsien*, fizera um ótimo trabalho, considerando-se a escassez de tempo, mas Floyd desejava que o material que lhe fora remetido tivesse sido filtrado com mais cuidado. Parte era evidentemente lixo, sem qualquer conexão possível com a missão.

Entretanto, quando não se sabe *o que* se procura, é importante evitarem-se os preconceitos e pré-julgamentos; algo que à primeira vista poderia parecer despropositado, ou mesmo sem sentido, poderia vir a ser uma pista vital.

Floyd, com um suspiro, começou mais uma vez a folhear as quinhentas páginas de dados, deixando a mente o mais vazia, o mais receptiva possível enquanto os diagramas, gráficos, as fotografias - algumas tão borradas que poderiam representar quase tudo -, os noticiários, as listas de delegados às conferências científicas, os títulos das publicações técnicas e até mesmo os documentos comerciais desenrolavam-se rapidamente correndo pela tela de alta resolução. Obviamente, todo um sistema de espionagem industrial tivera muito trabalho; quem teria imaginado que as pegadas de tantos módulos japoneses de holo memória, tantos microcontroladores suíços de fluidos gasosos, tantos detectores alemães de radiação, seriam acompanhados até o leito seco de um lago em Lop Nor, o primeiro passo no caminho de Júpiter?

Alguns itens devem ter sido incluídos casualmente; não poderiam relacionar-se com a missão. Se os chineses fizeram um pedido secreto de mil sensores infravermelhos, por meio de uma empresa-fantasma em Cingapura, isto era preocupação exclusiva dos militares; parecia bastante improvável que o *Tsien* esperasse ser caçado por mísseis de perseguição ao calor. E esse era mesmo engraçado: equipamento especializado de prospecção e pesquisa, da Empresa Glacier Geophysics, de Anchorage, Alasca. Que cabeça oca teria imaginado que uma expedição ao espaço profundo teria qualquer necessidade...

Nos lábios de Floyd, o sorriso congelou; ele sentiu, na nuca, a pele arrepiar. Meu Deus, seria muita ousadia! Mas como já haviam ousado demais, tudo agora, enfim, faria sentido.

Voltou imediatamente às fotografias e ficou imaginando o projeto da nave chinesa. É, era mesmo concebível... aquelas canelagens na traseira, ao longo dos

eletrodos de deflexão propulsiva, eram do tamanho quase correto...

Floyd chamou a ponte.

- Vasili - disse -, você já calculou a órbita deles?

- Já - respondeu o navegador, numa voz cuidadosamente contida. Floyd soube, imediatamente, que algo acontecera. Arriscou um palpite ousado.

- Eles vão descer no Europa, não vão?

Houve uma arfada explosiva, na outra extremidade, de incredulidade.

- *Chyort voz'mi!* Como foi que você soube?

- Eu não sabia... eu acabei de adivinhar.

- Não pode haver engano... eu verifiquei os cálculos para seis locais. A manobra de freamento aconteceu *exatamente* conforme pretendiam. Eles estão bem no curso do Europa; não pode ter acontecido por acaso. Chegarão lá em dezessete horas.

- E vão entrar em órbita.

- Talvez, não precisariam de muito combustível. Mas que sentido faria?

- Vou arriscar mais uma adivinhação. Vão fazer uma sondagem rápida... e então vão *aterrissar*.

- Você está louco... ou será que você sabe alguma coisa que não sabemos?

- Não... é uma questão de simples dedução. Vocês vão começar a dar cabeçadas na parede por deixarem escapar o óbvio.

- Está bem, Sherlock, por que alguém iria querer aterrissar no Europa? O que há ali, pelo amor de Deus?

Floyd saboreava aquele breve momento de triunfo. Ele poderia, é claro, estar redondamente errado.

- O que há no Europa? A substância mais valiosa no Universo, só isso.

Falara demais. Vasili não era bobo, e tomou-lhe a resposta dos lábios:

- Claro... água!

- Exatamente. Bilhões e bilhões de toneladas, o bastante para encher os tanques de propulsão, viajar a todos os satélites, e ainda sobrar muito para abordar o *Discovery* e para a viagem de regresso. Detesto dizê-lo, Vasili, mas nossos amigos chineses foram de novo mais espertos que nós.

- Admitindo-se sempre, é claro, que dê certo.

## 9. O Gelo do Grande Canal

Não fosse o céu escuro feito breu, a foto bem poderia ter sido tirada em qualquer ponto das regiões polares da Terra; nada havia de estranho, por mínimo que fosse, no mar de gelo enrugado que se estendia até o fundo do horizonte. Somente as cinco figuras vestidas em trajes espaciais, no primeiro plano, proclamavam que aquele panorama era de outro mundo.

Mesmo àquela altura os sigilosos chineses não haviam ainda liberado os nomes dos tripulantes. Os anônimos intrusos daquela paisagem congelada do Europa eram simplesmente o cientista-chefe, o comandante, o navegador, o primeiro engenheiro, o segundo engenheiro. Era também irônico, Floyd não pôde conter a reflexão, que todos na Terra já tivessem visto a histórica fotografia uma hora antes de ela chegar ao *Leonov*, tão mais próximo da cena. Mas as transmissões do *Tsien* eram lançadas em feixes tão estreitos que era quase impossível interceptá-las; o *Leonov* dele conseguia receber apenas o radiofarol, que transmitia imparcialmente em todas as direções. E até mesmo o radiofarol era inaudível em mais da metade do tempo, nas vezes em que a rotação do Europa o afastava da vista, e em que o satélite em si era eclipsado pela corpulência monstruosa de Júpiter. Todas as minguadas notícias da missão chinesa tinham que ser retransmitidas da Terra.

A nave descera, após a sondagem inicial, em uma das poucas ilhas de rocha sólida protuberando através da crosta de gelo que cobria, por assim dizer, toda a lua. O gelo era chapado, de pólo a pólo; não havia intempéries que o moldassem sob formas estranhas, não havia deslizamento de neve que se edificasse em camadas, formando colinas que se movessem aos poucos. Talvez meteoritos caíssem sobre o Europa sem ar, mas jamais um floco de neve. As únicas forças que lhe moldavam a superfície eram o empuxão constante da gravidade, reduzindo todas as elevações a um plano uniforme, e os tremores incessantes causados pelos demais satélites ao passarem e repassarem, nas respectivas órbitas, pelo Europa. O próprio Júpiter, a despeito de sua massa muito maior, tinha influência muito menor. As marés jovianas, há eões atrás, tinham encerrado o trabalho, assegurando que o Europa ficasse, para sempre, trancado com uma face voltada na direção de seu gigantesco senhor.

Tudo isso já se sabia desde as missões de reconhecimento do *Voyager*, da década de 1970, desde as sondagens do *Galileu*, da década de 1980, e as aterrissagens do *Kepler*, da década de 1990. Em poucas horas, porém, os chineses aprenderam mais sobre o Europa do que todas as missões anteriores juntas. Este conhecimento eles o vinham guardando para si mesmos; talvez alguém se aborrecesse com isso, mas poucos negariam que eles haviam conquistado o direito de fazê-lo.

O que se negava, com rigor cada vez maior, era o direito de anexar o satélite. Pela primeira vez na história, uma nação reivindicava um outro mundo, e todos os meios noticiosos da Terra debatiam o aspecto jurídico. Embora os chineses salientassem, em prolixidade entediante, que não haviam assinado o Tratado Espacial das Nações Unidas de 2002, e não estavam, portanto, sujeitos ao que este dispunha, isto em nada serviu para debelar os furiosos protestos.

De repente, o Europa era a maior notícia no Sistema Solar. E o repórter no local (pelo menos o mais próximo dentre de alguns milhões de quilômetros) era muito solicitado.

- Aqui é Heywood Floyd, a bordo do *Cosmonauta Alexei Leonov*, em curso para Júpiter. Como vocês podem bem imaginar, porém, todos os nossos pensamentos agora se voltam para o Europa... Neste exato instante vejo-o no telescópio mais poderoso da nave; nesta ampliação, é dez vezes maior do que a Lua, do que o tamanho com que vocês a vêem a olho nu. E é uma vista bastante *esquisita*... A superfície é um cor-de-rosa uniforme, com uns poucos, e pequenos, remendos marrons. É coberta por uma rede intrincada de linhas estreitas, que se costumam e encaracolam em todas as direções. Parece-se muito, de fato, com uma fotografia dos livros de medicina, apresentando um modelo de veias e artérias... Alguns traços, poucos, têm centenas, ou mesmo milhares de quilômetros de extensão, e muito se parecem com os canais imaginários que Percival Lowell e outros

astrônomos do início do século XX pensaram ter visto em Marte... Mas os canais do Europa não são uma ilusão, embora, é claro, não sejam artificiais. E mais, contêm mesmo água, ou, no mínimo, gelo. Pois o satélite é inteiramente coberto por um oceano, de profundidade média de cinquenta quilômetros... Por ser tão distante do Sol, a temperatura da superfície do Europa é extremamente baixa, cerca de uns cento e cinquenta graus abaixo do ponto de congelamento. Seria de esperar, então, que esse oceano único fosse um bloco sólido de gelo... Surpreendentemente, esse não é o caso, pois há muito calor gerado dentro do Europa por forças produzidas por marés; as mesmas forças que impelem os grandes vulcões no vizinho Io... O gelo, então, derrete-se, quebra-se, congela-se continuamente, formando rachaduras e alamedas como as das lâminas de gelo flutuante em nossas próprias regiões polares. O que vejo agora é o traçado intrincado destas rachaduras; muitas são escuras e muito antigas, talvez de milhões de anos. Mas algumas são de um branco quase puro. São as recentes, que acabaram de se abrir, e têm uma crosta de somente alguns centímetros de espessura... O *Tsien* aterrissou bem ao lado de um destes sulcos brancos; o traço de mil e quinhentos quilômetros foi batizado de "Grande Canal". Os chineses, presume-se, pretendem bombear a água para os tanques de propulsão, para que possam explorar o sistema de satélites jovianos e em seguida regressar à Terra. Isto talvez não seja fácil, mas eles com certeza devem ter estudado meticulosamente o local de aterrissagem, e devem saber o que estão fazendo... Está óbvio, agora, o motivo por que assumiram tamanho risco; e o motivo por que reivindicaram o Europa. Para ponto de reabastecimento. O Europa pode ser a chave para todo o Sistema Solar exterior. Embora também haja água em Ganimedes, está toda congelada, e também menos acessível por causa da gravidade mais poderosa daquele satélite... E há um outro detalhe que acaba de me ocorrer. Mesmo que os chineses encalhem no Europa, talvez consigam sobreviver até que se providencie uma missão de salvamento. Eles têm muita energia, talvez existam minerais úteis na região; e nós sabemos que os chineses são os especialistas em produção de alimentos sintéticos. Não levariam uma vida muito luxuosa, mas eu tenho alguns amigos que a aceitariam de bom grado por causa daquela vista atordoante de Júpiter espalhado no céu, a vista que nós mesmos esperamos ver, em poucos dias... Aqui é Heywood Floyd, despedindo-se em meu nome e de meus colegas, a bordo do *Alexei Leonov*.

- E aqui é a ponte. Ótima apresentação, Heywood. Você deveria ter sido jornalista.

- Eu tenho muita prática. Passei metade da minha vida fazendo trabalho de R.P.

- R.P.?

- Relações Públicas; em geral dizendo aos políticos por que deveriam aumentar minha verba. É uma coisa com que vocês não têm que se preocupar.

- Como eu gostaria que isso fosse verdade. Seja como for, suba até a ponte. Há uma informação nova que gostaríamos de discutir com você.

Floyd retirou o microfone de lapela, trancou o telescópio na posição e saiu daquela pequenina bolha-observatório. Ao sair, quase colidiu com Nikolai Ternovski, obviamente em missão semelhante.

- Estou para roubar algumas de suas melhores citações para a Rádio de Moscou. Espero que você não se incomode.

- Às ordens, *tovarishch*. Eu não conseguiria impedi-lo, mesmo que o quisesse.

Na ponte, a Capitã Orlov, pensativa, contemplava uma densa massa de palavras e números no visor principal. Floyd, com muito esforço, mal começara a transliterá-los quando ela o interrompeu.

- Não se preocupe com os pormenores. Isso aqui são estimativas do tempo que irá levar o *Tsien* para reabastecer os tanques e se preparar para a decolagem.

- O meu pessoal está fazendo os mesmos cálculos... mas são tantas as variáveis.

- Nós acreditamos já termos eliminado uma. Você sabe que as melhores bombas d'água disponíveis pertencem ao Corpo de Bombeiros? E você se surpreenderia se soubesse que quatro modelos último tipo foram subitamente requisitados à Estação Central de Beijing, apesar dos protestos do Comandante?

- Não, não me surpreenderia, apenas ficaria pasmo de admiração. Prossiga, por favor.

- Talvez seja coincidência, mas acredita-se que as tais bombas tenham exatamente o tamanho correto. Fazendo algumas especulações sobre o processo de bombeamento, sobre a perfuração no gelo, etc., bem, acreditamos que eles podem decolar de novo em cinco dias.

- Cinco dias?!

- Se tiverem sorte, e se tudo correr com perfeição. E se não esperarem para encher os tanques de propulsão, e simplesmente bombearem o suficiente para abordar o *Discovery* em segurança antes de nós. Eles poderiam reivindicar direitos de salvamento, no mínimo.

- Não segundo os advogados do Departamento de Estado. Na hora apropriada, vamos declarar que o *Discovery* não é uma propriedade abandonada, e que estava apenas estacionada até que pudéssemos recuperá-la. Qualquer tentativa de assumir o comando da nave seria um ato de pirataria.

- Os chineses com certeza vão ficar muito impressionados!

- Se não ficarem, o que poderemos fazer?

- Nós somos mais do que eles; em dois para um, quando revivermos Chandra e Curnow.

- Você fala sério? Onde estão as espadas para o grupo de abordagem?

- Espadas?

- É. As armas.

- Ah, nós podemos usar o telespectômetro de laser. É capaz de vaporizar amostras miligrâmicas de asteroides em raios de mil quilômetros.

- Não sei se gosto desta conversa. O meu governo com certeza não irá tolerar violência, exceto, é claro, no caso de legítima defesa.

- Ah, vocês norte-americanos são tão ingênuos! Nós somos mais realistas; temos que ser. Todos os seus avós morreram de velhice, Heywood. Três avós meus foram mortos na Grande Guerra Patriótica.

Sempre que estavam juntos a sós, Tanya sempre o chamava de Woody, nunca de Heywood. Ou estaria ela simplesmente testando-lhe as reações?

- De qualquer jeito, o *Discovery* só vale alguns bilhões de dólares em equipamento. A nave não é importante, somente a informação que carrega.

- Exatamente. Informação que poderia ser copiada, e depois apagada.

- Você tem umas ideias reconfortantes, Tanya. Às vezes eu acho que todos os russos são um pouco paranoicos

- Graças a Napoleão e a Hitler, temos o direito de sê-lo. Mas não me diga que você também, por conta própria, não imaginou... como é mesmo que vocês

dizem... esse roteiro.

- Não seria necessário - respondeu Floyd, bastante mal-humorado. - O Departamento de Estado já o fez por mim. Com variações. Só temos que ver qual delas os chineses vão apresentar. E eu não ficaria nem um pouco surpreso se nos ludibriassem de novo.

## 10. Um Grito do Europa

Dormir na gravidade zero é uma habilidade que tem que ser aprendida; custou a Floyd quase uma semana para encontrar a melhor maneira de fixar as pernas e os braços para que não escorressem para posições desconfortáveis. Agora era um especialista, e já não ansiava pelo retorno do peso; a idéia em si, na verdade, causava-lhe de vez em quando pesadelos.

Alguém o sacudia, despertando-o. Não, ele ainda devia estar sonhando! A bordo de uma espaçonave, a privacidade era sagrada; ninguém jamais entrou nos aposentos de outro membro da tripulação sem antes ter pedido permissão. Ele comprimiu os olhos, mas as sacudidelas continuaram.

- Dr. Floyd, acorde, por favor! Estão chamando o senhor no convés de vôo!

E ninguém o chamava de Dr. Floyd. A saudação mais formal que recebera, durante semanas, fora *Doe*. O que estava acontecendo?

Relutante, abriu os olhos. Estava em sua pequenina cabine, suavemente seguro pelo casulo sonífero. Foi o que parte da mente lhe disse. Mas, por que, então, via... o Europa? Ainda estavam a milhões de quilômetros de distância.

Ali estavam os conhecidos rendilhados, os painéis de triângulos e polígonos formados pelas linhas entrecruzadas. E aquele ali, com certeza, era o Grande Canal em pessoa... Não, aquilo não estava certo. Como *poderia* estar, se ele ainda estava na pequenina cabine, a bordo do *Leonov*?

- Dr. Floyd!

Ele despertou de vez, e percebeu que a mão esquerda flutuava a alguns centímetros diante dos olhos. Estranho que a configuração das linhas na palma da mão fosse, de maneira nada sobrenatural, tão parecida com o mapa do Europa! Mas a Mãe Natureza, parcimoniosa, sempre se repetia, em escalas as mais diferentes: o remoinho do leite mexido no café, as gargantas de nuvens de uma tempestade ciclônica, os braços de uma nebulosa espiralada.

- Desculpe, Max - disse ele. - Qual é o problema? Alguma coisa errada?

- Nós achamos que sim... mas não conosco. O *Tsien* está em apuros.

A Capitã, o navegador e o engenheiro-chefe estavam cintados nos respectivos assentos no convés de vôo; o resto da tripulação, ansioso, orbitava apoiando-se em pegadas convenientes, ou observava os monitores.

- Desculpe acordá-lo, Heywood - desculpou-se Tanya, brusca. - A situação é esta. Há dez minutos recebemos uma Prioridade Categoria Um do Controle da Missão. O *Tsien* saiu do ar. Aconteceu muito de repente, no meio de uma mensagem cifrada. Houve alguns segundos de transmissão truncada, e depois, fim.

- E o radiofarol?

- O radiofarol parou também. Também não o estamos recebendo.
- Puxa! Então deve ser grave. Um colapso dos grandes. Alguma teoria?
- Muitas, mas todas adivinhações. Uma explosão, um deslizamento, um terremoto; não se sabe.
- E talvez não saibamos nunca, até que outros aterrissem no Europa, ou então que façamos um reconhecimento rasante e demos uma olhada.

Tanya meneou a cabeça.

- Nós não temos suficiente delta-vê. O mais próximo que conseguiríamos chegar é cinquenta mil quilômetros; dessa distância não conseguiríamos ver muita coisa.
- Então não há absolutamente nada que possamos fazer.
- Não muito, Heywood. O Controle da Missão fez uma sugestão. Eles gostariam que nós mantivéssemos o nosso radar girando, para o caso de conseguirmos captar transmissões fracas de emergência. É um... como é mesmo que você diz... tiro no escuro, mas vale a pena tentar. O que você acha?

A primeira reação de Floyd foi altamente negativa.

- Isso quer dizer que teremos que cortar nossa ligação com a Terra.
- Claro, mas isto de qualquer modo teremos que fazer, quando contornarmos Júpiter. E só levará alguns minutos para restabelecer o circuito.

Floyd permaneceu calado. A sugestão era bastante razoável, mas, de um certo modo obscuro, o preocupava. Intrigou-se, segundos a fio, e de repente percebeu por que se opunha tanto à idéia.

Os problemas do *Discovery* haviam começado quando a parabólica - o complexo da antena principal - perdera o alinhamento com a Terra, por motivos até agora não inteiramente claros. Mas Hal, com certeza, tivera participação nisso, e aqui não havia perigo de surgir uma situação destas. Os computadores do *Leonov* eram unidades autônomas, pequenas; não havia uma inteligência exclusiva de controle. Nenhuma, no mínimo não-humana.

Os russos, pacientes, ainda aguardavam-lhe a resposta.

- Concordo - disse ele, por fim. - Avisem à Terra o que vamos fazer, e se ponham na escuta. Suponho que vocês irão tentar todas as frequências de SOCORRO ESPACIAL.

- Vamos, assim que calcularmos as correções Doppler. Como você está se saindo, Sacha?

- Me dê mais dois minutos, e já coloco a sonda automática em funcionamento. Por quanto tempo vamos ficar na escuta?

A capitã quase nunca fazia qualquer pausa antes de dar uma resposta. Floyd sempre admirara a firmeza de decisão de Tanya Orlov, e certa vez já dissera isso a ela. Num raro lampejo de humor, ela respondera: "Woody, um comandante pode estar errado, mas *já* inseguro".

- Escute uns cinquenta minutos, e depois fique dez minutos com a Terra. Em seguida repita o ciclo.

Não havia o que ver ou ouvir; os circuitos automáticos eram melhores do que os sentidos humanos para esquadrihar o ruído do rádio. Mesmo assim, de vez em quando, Sacha ligava o monitor de áudio, e o rugido da radiação de Júpiter enchia a cabine. Era o som de ondas rebentando em todas as praias da Terra, com

rachaduras explosivas, ocasionais, causadas por super-relâmpagos de luz na atmosfera joviana. Quanto a sinais humanos, não havia vestígios; e um a um, os membros da tripulação, que não estavam em serviço, deslizaram cabine afora, calmamente.

Enquanto esperava, Floyd fez alguns cálculos mentais. O que quer que tivesse acontecido ao *Tsien* já se encontrava duas horas no passado, já que as notícias haviam sido retransmitidas da Terra.

Mas o *Leonov* deveria ser capaz de captar uma mensagem direta com uma demora inferior a um minuto, portanto os chineses já tinham tido tempo suficiente para retornar ao ar. Aquele silêncio prolongado insinuava algum fracasso catastrófico, e ele flagrou-se ideando infundáveis roteiros de filmes sobre desastres. Os cinquenta minutos pareceram horas. Quando passaram, Sacha girou o complexo da antena de volta em direção à Terra, e informou malogro. Enquanto usava o resto dos dez minutos para enviar uma torrente de mensagens, olhou inquisitivo para a capitã.

- Será que vale a pena tentar de novo? - perguntou numa voz que lhe exprimia claramente o próprio pessimismo.

- Claro. Podemos reduzir o tempo de sondagem... mas continuaremos na escuta.

Completada a hora, o enorme radar voltou-se mais uma vez para o Europa. E o monitor automático, quase imediatamente, começou a piscar sua luz de ALERTA.

A mão de Sacha correu ao amplificador do rádio, e a voz de Júpiter encheu a cabine. Sobreposta a ela, qual um sussurro contra uma tempestade, havia o som apagado, mas inconfundível, de fala humana. Impossível identificar a língua, embora Floyd estivesse quase certo, pela entonação, pelo ritmo, que *não* era chinês, e sim alguma língua europeia

Com habilidade, Sacha dedilhou os controles de sintonia fina e de amplitude de faixa, e as palavras se aclararam. A língua, sem dúvida, era inglês, cujo conteúdo, porém, era ainda enlouquecedor, de tão ininteligível.

Há uma combinação de sons que todo ouvido humano é capaz de detectar instantaneamente, mesmo no ambiente mais ruidoso. Quando esta combinação emergiu repentinamente do plano de fundo joviano, pareceu a Floyd que era impossível que estivesse acordado, mas sim que ele ficara preso num sonho fantástico. Os colegas demoraram um pouco mais para reagir, e, em seguida, fitaram-no com a mesma perplexidade... e com uma desconfiança que aos poucos decrescia.

Pois as primeiras palavras identificáveis, provindas do Europa, foram: "Dr. Floyd... Dr. Floyd... espero que esteja me ouvindo."

## 11. Gelo e Vácuo

"Quem é?", alguém sussurrou, perante um coro de psius. Floyd ergueu as mãos num gesto de ignorância... e, esperava ele, de inocência.

- ... sei que você está a bordo do *Leonov*... talvez eu não tenha muito tempo...



estou mirando minha antena individual onde eu acho...

O sinal desvaneceu, por segundos agonizantes, depois voltou muito mais nítido, embora não muito mais alto.

- ... transmita esta informação à Terra. *Tsien* destruído há três horas atrás. Sou único sobrevivente. Uso meu rádio individual, não sei se tem raio suficiente, mas é a única chance. Ouça com atenção, por favor. HÁ VIDA NO EUROPA. Repito: HÁ VIDA NO EUROPA...

O sinal apagou novamente. Seguiu-se um silêncio de pasmo que ninguém ousou interromper. Enquanto esperava, Floyd vasculhou furiosamente sua memória. Não conseguia reconhecer a voz; a voz parecia a de um chinês de educação ocidental. Alguém, era provável, que ele conheceria nalguma conferência científica; mas jamais conseguiria saber se o relator não se identificasse.

- ... logo depois da meia-noite local. Estávamos bombeando sem parar, e os tanques estavam quase

cheios. Dr. Li e eu saímos para ir verificar o isolamento do tubo. O *Tsien* está... estava... a cerca de trinta metros da margem do Grande Canal. Os tubos saem dali e atravessam o gelo. Muito fino; não oferece segurança para se caminhar sobre ele. O manancial quente...

De novo um silêncio prolongado. Floyd pensou se acaso o relator estaria em movimento e tivesse sido momentaneamente interrompido por algum obstáculo.

- ... não há problema; cinco quilowatts de luz estilhaçavam na nave. Feito uma árvore de Natal... lindo, brilhando por todo o gelo. Cores gloriosas. Li viu primeiro, uma massa escura, enorme, emergindo das profundezas. A princípio pensamos tratar-se de um cardume de peixes, muito grande para um único organismo. Depois começou a subir, furando o gelo... Dr. Floyd, espero que esteja me ouvindo. Aqui é o Professor Chang, nós nos conhecemos em 2002, na conferência de Boston da L.A.I.

Num instante, incongruentes, os pensamentos de Floyd se afastaram bilhões de quilômetros. Lembrava-se vagamente daquela recepção, após a sessão de encerramento do Congresso da Liga Astronômica Internacional; a última a que os chineses compareceram antes da Segunda Revolução Cultural. E agora ele se lembrava muito bem de Chang: um astrônomo baixo, bem-humorado, um exobiólogo com um bom estoque de piadas. O que contava agora, porém, não era piada.

- ... parecendo enormes cordões de algas molhadas, arrastando pelo chão. Li voltou correndo à nave para apanhar uma câmera; eu fiquei para observar, informando pelo rádio. A coisa se movia tão devagar que teria sido fácil fugir. Mas eu estava muito mais emocionado do que amedrontado. Pensei que soubesse que tipo de criatura era aquela... já vi fotografias das florestas de algas nos mares da Califórnia... mas eu estava redondamente enganado... Era fácil ver que estava em apuros. Seria impossível que sobrevivesse numa temperatura de cento e cinquenta graus abaixo de seu ambiente normal. Estava se solidificando de frio, e enquanto avançava, os pedaços se desprendiam feito vidro; mas continuou avançando na direção da nave, um vagalhão negro, sempre desacelerando... Eu estava tão perplexo que não conseguia pensar direito, e não conseguia imaginar o que ele tentava fazer...

- Há algum meio de nos comunicarmos com ele? - perguntou Floyd, sem pestanejar.

- Não... é tarde demais. O Europa logo entrará atrás de Júpiter. Teremos que

esperar até que ele saia do eclipse.

- ... subindo pela nave, e, enquanto avançava, construía uma espécie de túnel de gelo. Talvez isto o . isolasse do frio, do jeito que os cupins se protegem do sol com seus pequeninos corredores de lama... Toneladas de gelo na neve. As antenas de rádio foram as primeiras a se quebrarem. Depois vi os tentáculos de aterrissagem começarem a empenar; tudo em câmera lenta, parecia um sonho... Só quando a nave começou a baquear foi que percebi o que aquela coisa estava tentando fazer, e então já era tarde demais. Nós poderíamos nos salvar, bastaria desligar as luzes... Talvez seja um fotótropo, com um ciclo biológico detonado pela luz do sol que se filtra pelo gelo. Ou, como uma mariposa se atrai por uma vela, ela pode ter sido atraída. Nossos refletores talvez fossem mais brilhantes do que qualquer coisa já vista no Europa... Depois a nave espatifou; vi a carcaça rachar, uma nuvem de flocos de neve se formar com a condensação da umidade. Todas as luzes se apagaram, menos uma, que ficou oscilando, num cabo, para frente, para trás, a uns dois metros acima do solo... Imediatamente depois disso, não sei o que aconteceu. A próxima coisa de que me lembro é que eu estava de pé debaixo da luz, ao lado dos destroços da nave, todo envolto por um polvilhado fino de neve fresca. Via na neve, com muita nitidez, minhas próprias pegadas. Talvez eu tenha corrido por ali; talvez somente um ou dois minutos se tenham passado... A planta - para mim ainda era uma planta - estava imóvel. Fico a pensar se ela se teria danificado com o impacto; enormes seções, da espessura de um braço humano, se estilhaçavam, feito gravetos partidos... Em seguida o tronco principal começou novamente a mover-se. Afastou-se da carcaça, e começou a arrastar-se em minha direção. Foi aí que eu soube com certeza que a coisa era sensível à luz: eu estava em pé, bem embaixo da lâmpada de dois mil watts, que àquela altura já parara de balançar... Imagine um carvalho, ou melhor, uma bânia com aqueles troncos e raízes múltiplas, escarrapachado pela gravidade, tentando esgueirar-se pelo chão. Ela chegou a uns cinco metros da luz, e depois começou a espalhar-se até formar um círculo perfeito ao meu redor. O limite de tolerância da coisa, presumivelmente; o ponto em que a foto-atração se transforma em repulsão. Depois disso, nada aconteceu por vários minutos. Pensei se estava morta, se tinha por fim se solidificado por congelamento... Vi então que brotos enormes formavam-se em muitos galhos. Foi como assistir a uma filmagem de flores se abrindo, quadro a quadro. Eu pensei mesmo que *eram* flores, cada uma do tamanho de uma cabeça humana... Membranas delicadas, em cores lindas, começaram a desabrochar. Mesmo aí me ocorreu que ninguém, nenhuma coisa dessas, até então poderia ter visto essas cores, que não tinham existência até que trouxemos nossas luzes, nossas luzes fatais, para este mundo... Gavinhas, estames, acenavam débeis; caminhei até aquela parede viva que me rodeava, para que eu pudesse ver exatamente o que estava acontecendo. Naquele instante, nem em outro qualquer, não senti o menor medo daquela criatura. Eu tinha certeza de que não era maléfica, se é que de fato tinha qualquer consciência... Havia dúzias de flores enormes, em vários estágios do desabrochar. Então me lembraram borboletas, acabando de emergir da crisálida; as asas enroscadas, ainda fracas. Eu começava a me aproximar mais e mais da verdade... Mas elas se congelavam, morriam com a mesma rapidez com que se formavam. Uma depois da outra, caíam do botão original. Saltitavam, por instantes, feito peixe encalhado em terra seca, e por fim percebi exatamente o que eram. Aquelas membranas não eram pétalas - eram *barbatanas*, ou o equivalente delas. Era o estágio do nado livre, larval, daquela criatura. E provável que ela passe a maior parte da vida enraizada no leito do mar, e depois mande esses rebentos móveis em busca de novos territórios. Exatamente como os corais dos oceanos na Terra... Me ajoelhei para olhar melhor uma das criaturinhas. As cores, lindas, já estavam desbotando, chegando a um marrom

pálido. Algumas barbatanas-pétalas haviam espoucado, transformando-se, ao se congelarem, em cacos quebradiços. Mas a coisa continuava se movendo e, quando me aproximei, procurou evitar-me. Fiquei a pensar como consegui detectar minha presença... Então percebi que os *estantes* - assim eu os chamava - tinham todos, nas pontas, manchas azuis claras. Pareciam minúsculas safiras estelares - ou os olhos azuis ao longo do manto de um escalope - capazes de ver a luz, mas incapazes de formar imagens reais. Enquanto observava, o azul vivo desmaiou, as safiras se transformaram em pedras opacas, ordinárias... Dr. Floyd, ou quem quer que esteja me ouvindo, não tenho mais muito tempo; Júpiter em breve bloqueará meu sinal. Mas já quase terminei... Soube então o que tinha de fazer. O cabo daquela lâmpada de dois mil watts, pendurado, quase tocava o solo; dei alguns puxões, e a luz se apagou numa chuva de faíscas... Fiquei a pensar se seria tarde demais. Durante uns poucos minutos, nada aconteceu. Então caminhei até o muro de galhos emaranhados que me rodeava, e o *chutei*... Lentamente, a criatura começou a desenroscar-se, e a retirar-se, voltando para o Canal. Havia muita luz, eu podia ver tudo muito bem. Ganimedes e Calisto estavam no céu. Júpiter era um crescente enorme, fino. Havia um espetáculo auroral no lado noturno, na extremidade joviana no fecho de fluxo de Io. Seria desnecessário usar a luz do meu capacete... Segui a criatura até a água, instigando-a com outros chutes, quando ela diminuía a marcha, sentindo os fragmentos de gelo esfarinhar, durante todo o trajeto, debaixo de minhas botas; ao aproximar-se do Canal, a criatura pareceu retomar a força e a energia, como se soubesse que se aproximava de sua morada natural. Pensei se ela sobreviveria, se brotaria de novo... Atravessou a superfície, e desapareceu, deixando algumas larvas mortas, as últimas, no solo estranho. Exposta, a água borbulhou por alguns minutos até que uma escara protetora, de gelo, lacrou-a contra o vácuo acima. Em seguida, caminhei de volta à nave para ver se havia alguma coisa a ser salva; sobre isso não quero falar... Só tenho dois pedidos a fazer, Doutor. Quando os taxonomistas classificarem esta criatura, espero que dêem a ela o meu nome... E, quando a próxima nave regressar, peça a ela para levar nossos ossos de volta à China... Júpiter vai nos seccionar em alguns minutos. Eu gostaria de saber se alguém está me ouvindo. De qualquer jeito, vou repetir esta mensagem quando estivermos novamente alinhados em vista; isto se o sistema de apoio vital de meu traje durar até lá... Aqui é o Professor Chang no Europa, narrando a destruição da espaço-nave *Tsien*. Aterrissamos ao lado do Grande Canal, e fixamos nossas bombas na borda do gelo...

O sinal apagou-se abruptamente, voltou por um instante, e depois desapareceu por completo abaixo do nível de ruído. Embora o *Leonov* se colocasse na escuta, mais uma vez, na mesma frequência, não houve nova mensagem do Professor Chang.

## III. Discovery

---

### 12. Descida Vertiginosa

A nave ganhava velocidade enfim, na descida vertiginosa rumo a Júpiter. Há muito já deixara para trás a terra-de-ninguém gravitacional, onde as quatro luazinhas exteriores, Sínope, Pasífaa, Ananque e Carmo, balouçavam nas respectivas órbitas retrógradas e tão excêntricas. Eram, sem dúvida, asteroides capturados, e completamente irregulares em forma. O maior tinha apenas trinta quilômetros de um lado ao outro. As rochas recortadas, lascadas, de nenhum interesse para quem quer que fosse, exceto para os geólogos planetários, oscilavam em reverência contínua entre o Sol e Júpiter. O Sol, um dia, as recapturaria por completo.

Mas Júpiter talvez mantivesse o segundo grupo de quatro, a meia distância das demais. Elara, Lisícea, Himália e Leda estavam razoavelmente juntas, quase pousadas no mesmo plano. Especulava-se que teriam sido, um dia, parte de um único corpo; se assim fosse, a mãe deveria ter tido uns reles cem quilômetros de diâmetro.

Embora somente Carmo e Leda se aproximassem o suficiente para exibir discos visíveis a olho nu, foram saudados como velhos amigos. Ali estava a primeira aterragem em seguida à maior viagem oceânica: as ilhas litorâneas de Júpiter. As últimas horas passavam tiquetaqueando; aproximava-se a fase mais crítica da missão: a entrada na atmosfera joviana.

Júpiter já estava maior do que a Lua nos céus da Terra, e, em torno dele, já se podiam ver os gigantes satélites interiores movendo-se. Todos exibiam discos perceptíveis e uma coloração distinta, embora ainda estivessem muito distantes para que se vissem quaisquer marcas. O eterno balé que interpretavam, desaparecendo atrás de Júpiter, reaparecendo para transitar pela face diurna com as sombras que os acompanhavam, era um espetáculo infinitamente envolvente. Um espetáculo que os astrônomos já observavam desde que Galileu, pela primeira vez, o detectara há quase quatro séculos atrás; os tripulantes do *Leonov* eram os únicos humanos vivos a vê-los a olho nu.

Os intermináveis jogos de xadrez haviam parado; as horas de folga eram passadas ao telescópio, ou em conversas sérias, ou ouvindo música, em geral enquanto se contemplava a vista lá fora. E no mínimo um romance de bordo chegara ao ápice; o desaparecimento frequente de Max Brailovski e Zenia Martchenko era alvo de muita caçoada jovial.

Efarn, pensou Floyd, uma combinação ímpar. Max era um louro grande e bonito,

que fora campeão de ginástica e chegara às finais das Olimpíadas de 2000. Embora ainda em seus trinta e poucos anos, tinha a expressão descontraída, quase infantil. Isto, no todo, não gerava equívocos; apesar de um brilhante curriculum em engenharia, para Floyd era muitas vezes ingênuo e simplório, uma dessas pessoas agradáveis de se conversar com elas, mas não por muito tempo. Fora de seu campo de indubitável especialização, era envolvente, mas bastante superficial.

Zenia - aos vinte e nove anos, a caçula a bordo - era ainda um certo mistério. Como ninguém quisesse conversar sobre o episódio, Floyd jamais levantara o assunto dos ferimentos que ela sofrera, e as fontes de Washington nada sabiam informar. Ela se envolvera, é óbvio, num acidente grave, mas nada mais incomum do que um acidente automobilístico. A teoria de que ela estivera numa missão especial secreta - ainda, fora da U.R.S.S., parte da mitologia popular - poderia ser descartada. Graças aos sistemas de rastreamento globais, tal coisa teria sido impossível nos últimos cinquenta anos.

Além das cicatrizes físicas, e sem dúvida psicológicas, Zenia achava-se sob mais uma desvantagem. Era uma substituição de última hora, e todos sabiam disso. Irina Yakunin seria a nutricionista e médica-assistente a bordo do *Leonov* não fosse ter quebrado tantos ossos no infeliz desentendimento com as asas artificiais.

Todos os dias, às 1800 HMG, a tripulação de sete mais um passageiro reunia-se no pequenino salão comum que separava o convés de vôo do depósito de mantimentos e dos dormitórios. A mesa circular, ao centro, tinha a dimensão exata para oito pessoas apertadas; quando se devolvesse a vida a Chandra e Curnow, não comportaria todos, e dois assentos adicionais teriam que ser colocados noutra lugar.

Embora o "Soviete das Seis" - era como se chamava aquela conferência de mesa-redonda diária - quase nunca durasse mais de dez minutos, desempenhava um papel vital para a manutenção do moral. Queixas, sugestões, críticas, relatórios de curso - qualquer assunto poderia ser levantado, sujeito apenas ao veto anulador da capitã, que muito raramente era exercido.

Os itens típicos, na agenda inexistente, eram pedidos de mudança no cardápio, solicitações para que se aumentasse o tempo de comunicação particular com a Terra, sugestões de filmes, troca de notícias e de pilhérias, e espetadas bem-humoradas no contingente norte-americano, bastante inferiorizado. As coisas iriam mudar, Floyd os avisava, quando seus colegas saíssem da hibernação, e as chances melhorariam de 1:7 para 3:9, isto sem mencionar que ele intimamente acreditava que Curnow, quando falava, ou gritava, equivalia a três de quaisquer tripulantes a bordo.

Quando não estava dormindo, Floyd passava boa parte do tempo no salão comum, em parte porque, apesar de pequeno, o salão era muito menos claustrofóbico do que o próprio cubículo, mínimo, que ocupava. E a decoração ali era alegre, todas as superfícies planas estavam cobertas com fotografias de lindas paisagens terrestres e marítimas, de eventos esportivos, de retratos de astros populares do vídeo, e de outras reminiscências da Terra. O orgulho do lugar, entretanto, fora conferido a uma pintura original de Leonov, o estudo "Além da Lua", que fizera em 1965, no mesmo ano em que, ainda um jovem tenente-coronel, saíra do *Voshkod II* e se transformara no primeiro homem na história a realizar uma excursão extraveicular.

Obra, evidentemente, de um amador talentoso, e não de um profissional, mostrava a borda da Lua, repleta de crateras, com a linda Sinus Iridum - a Baía dos Arco-íris - em primeiro plano. Avultando-se, prodigioso, acima do horizonte

lunar, estava o esguio crescente da Terra, abraçando a face noturna, escura, do planeta. Atrás dele fulgurava o Sol, as raias da coroa estendendo-se no espaço, envolvendo-o por milhões de quilômetros.

Uma composição impressionante - um lampejo do futuro, que, mesmo na época, estava apenas três anos adiante. No vôo da Apoio 8, Anders, Borman e Lovell devem ter visto este panorama esplêndido a olho nu, ao observarem a Terra nascer acima da outra face no Dia de Natal de 1968.

Heywood Floyd admirava a pintura, mas olhava-a também com sentimentos mistos. Ele não conseguia esquecer-se de que ela era mais velha do que qualquer um na nave... com uma exceção.

Ele já tinha nove anos de idade quando Alexei Leonov a pintara.

### **13. Os Mundos de Galileu**

Mesmo hoje, mais de três décadas depois das revelações dos primeiros reconhecimentos do *Voyager*, ninguém sabia ao certo por que os quatro satélites gigantes eram tão diferentes entre si. Tinham, todos, quase o mesmo tamanho, e estavam na mesma parte do Sistema Solar; mas eram inteiramente dessemelhantes, como se filhos de linhagens diferentes.

Apenas Calisto, o mais exterior, era o que se esperava que fosse. Quando o *Leonov* passou por ele, veloz, a uma distância de pouco mais de 100.000 quilômetros, a maior de suas inúmeras crateras era nitidamente visível a olho nu. No telescópio, o satélite parecia uma bola de vidro que fora usada como alvo para rifles de grosso calibre; estava inteiramente coberto de crateras de todo tamanho, até o limite inferior de visibilidade. Calisto, alguém observara certa feita, se parecia mais com a Lua da Terra do que a própria Lua.

Mas isto não era uma surpresa especial. Qualquer um esperava que existisse um mundo por aqui, no limiar do cinturão de asteroides, antes bombardeado pelo detrito que restou da criação do Sistema Solar. Já Ganimedes, o satélite vizinho, tinha aparência inteiramente diferente. Embora tivesse sido bem salpicado com crateras de impacto no passado distante, a maioria delas fora arada, expressão que parecia peculiarmente apropriada. Enormes áreas de Ganimedes estavam cobertas de estrias e sulcos, como se algum jardineiro cósmico tivesse passado por ali um ancinho gigante. E havia riscas de cores claras, à semelhança de trilhas talvez feitas por lesmas ao longo de cinquenta quilômetros. Mas o maior mistério eram as faixas compridas, sinuosas, que continham dezenas de linhas paralelas. Foi Nikolai Ternovski quem decidiu o que deveriam ser: rodovias de alta velocidade, de múltiplas faixas, dispostas por topógrafos bêbedos. Ele chegou a alegar ter detectado viadutos e trevos entrecruzando-se.

O *Leonov*, antes de atravessar a órbita do Europa, acrescentara alguns trilhões de partículas de informação ao repertório do conhecimento humano. Aquele mundo cercado de gelo, com sua nave abandonada, seus mortos, estava no outro lado de Júpiter, jamais distante, porém, dos pensamentos de quem quer que fosse.

Lá na Terra, o Dr. Chang já era um herói, e seus conterrâneos, com visível constrangimento, já haviam acusado o recebimento de inúmeras mensagens de condolências. Uma estava em nome da tripulação do *Leonov*, depois de consideravelmente re-escrita, especulou Floyd, em Moscou. O sentimento a bordo

da nave era ambíguo: um misto de admiração, dor e alívio. Todos os astronautas, independentemente das respectivas origens nacionais, consideravam-se cidadãos do espaço e sentiam entre si um elo comum, compartilhando dos triunfos e das tragédias de todos. No *Leonov* ninguém estava feliz com a desgraça com que se deparara a expedição chinesa; ao mesmo tempo, porém, havia uma sensação muda de alívio; a corrida, afinal, não dera a vitória aos mais rápidos.

A descoberta inesperada de vida no Europa acrescentara um novo elemento à situação, um elemento ora sob extensa discussão tanto na Terra quanto a bordo do *Leonov*. Alguns exobiólogos exclamaram: "Eu não disse!", salientando que a surpresa não deveria ter sido tanta, pois, já na década de 1970, submarinos de pesquisa haviam encontrado milhares de colônias de estranhas criaturas marinhas florescendo precariamente num ambiente que se pensava ser igualmente hostil à vida: os fossos do leito do Pacífico, fontes vulcânicas fertilizando e aquecendo o fundo do oceano, haviam gerado vários oásis nos desertos das profundezas.

Era de se esperar que qualquer coisa que acontecesse uma vez na Terra acontecesse milhões de vezes noutro lugar do Universo. Isto era, entre os cientistas, quase um artigo de fé. Encontrou-se água, ou pelo menos gelo, em todas as luas de Júpiter. E havia vulcões em contínua erupção em Io; era, portanto, razoável esperar-se atividade mais fraca no mundo vizinho. Os dois fatos combinados não só tornavam possível a vida no Europa, mas sim, também, inevitável, como o eram a maioria das surpresas da natureza, consideradas *a posteriori* e já com alto grau de certeza.

Esta conclusão, porém, levantava uma outra questão, uma questão vital para a missão do *Leonov*. Agora que se descobrira vida nas luas de Júpiter, teria ela qualquer ligação com o monolito de *Tycho*, ou com o artefato ainda mais misterioso em órbita próximo a Io?

Foi este o tema predileto dos debates nos Sovietes das Seis. Todos concordavam, de um modo geral, que a criatura encontrada pelo Dr. Chang não representava uma forma elevada de inteligência; isto se a interpretação que ele dera para aquele comportamento estivesse correta. Nenhum animal, mesmo possuindo poderes elementares de raciocínio, se teria permitido ser vítima dos próprios instintos, atraído que fora, qual mariposa pela vela, correndo o risco da própria destruição.

Vasili Orlov saiu rapidamente com um contra-exemplo que enfraqueceu o argumento, se é que não o refutou de todo.

- Vejam as baleias e os golfinhos - disse. - Nós os chamamos de inteligentes, mas como se matam com tanta frequência nos encalhes em massa nas praias! Este parece um caso onde o instinto supera a razão.

- Não há nem necessidade de se falar nos golfinhos - aparteou Max Brailovski. - Um dos engenheiros mais brilhantes de minha turma se deixou atrair por uma loura em Kiev, o que foi fatal para ele. A última notícia que tive foi que ele estava trabalhando para a Intourist. E ele chegara a ganhar uma medalha de ouro com seus desenhos de estações espaciais. Que desperdício!

Mesmo que o tal habitante do Europa do Dr. Chang fosse inteligente, isto com certeza não eliminava a existência de formas mais elevadas de vida noutros lugares. Não se pode julgar a biologia de todo um mundo a partir de um único espécime.

Demonstrou-se, porém, amplamente, que a inteligência avançada jamais poderia surgir no mar; num ambiente tão benigno e invariável, não havia desafios suficientes. E como conseguiriam as criaturas marinhas, sobretudo, desenvolver qualquer tecnologia sem o auxílio do fogo?

Mas até mesmo isso, talvez, fosse possível; a rota tomada pela humanidade não era a única existente. Civilizações inteiras talvez existissem nos mares de outros mundos.

Ainda assim parecia improvável que uma cultura que se move no espaço pudesse ter surgido no Europa sem deixar sinais inequívocos de sua existência, na forma de edificações, instalações científicas, pranchas de lançamento ou outros artefatos. Mas o que se via ali, de um pólo ao outro, não passava de gelo uniforme e de umas poucas erupções de rocha bruta.

Não houve tempo para especulações e debates quando o *Leonov* arremessou-se pelas órbitas de Io e do pequenino Mimas. A tripulação estava ocupada quase em tempo integral, preparando-se para o encontro e para a breve investida do peso, depois de meses de queda livre. Todos os objetos soltos tiveram que ser colocados em segurança antes que a nave entrasse na atmosfera de Júpiter; o puxão da desaceleração chegaria a produzir picos momentâneos que alcançariam duas gravidades.

Floyd teve sorte; apenas ele teve tempo de admirar o soberbo espetáculo do planeta que se aproximava, e que ocupava, agora, quase metade do céu. Por não haver nada ali que lhe conferisse uma escala, não havia meios com que a mente lhe captasse o tamanho real. Floyd teve de dizer consigo mesmo, sem parar, que cinquenta Terras não dariam para cobrir o hemisfério agora voltado para ele.

As nuvens, tão coloridas quanto o pôr-do-sol mais vistoso da Terra, passavam com tamanha rapidez que ele, no espaço mínimo de dez minutos, viu um movimento considerável. Enormes remoinhos formavam-se ininterruptamente ao longo das doze tiras, mais ou menos, que cintavam o planeta, e depois encrespavam-se, indo embora como rolos de fumaça. Vapores de gás branco aqui e ali espoucavam dos gêiseres das profundezas, e eram varridos pelas rajadas produzidas pelo formidável giro do planeta. E talvez o mais estranho de tudo fossem as manchas brancas, às vezes espaçadas com a mesma regularidade das pérolas de um colar, que se dispunham ao longo dos ventos alíseos das latitudes médias jovianas.

Nas horas imediatamente antecedentes ao encontro, Floyd quase não viu a capitã, ou o navegador. Os Orlovs quase não saíam da ponte, pois verificavam seguidamente a órbita de aproximação e apuravam a todo instante o curso do *Leonov*. A nave encontrava-se agora no caminho crítico, que iria simplesmente tangenciar a atmosfera exterior; se subisse muito, o freio de fricção não seria suficiente para desacelerá-la, e ela sairia, em disparada, do Sistema Solar, fora de qualquer possibilidade de salvamento. Se descesse muito, queimaria feito um meteoro. Entre os dois extremos existia uma pequena margem de erro.

Os chineses haviam demonstrado que o aerofreamento poderia ser feito, mas sempre haveria a possibilidade de algo sair errado. Floyd não ficou nada surpreso, portanto, quando a Médica-Comandante Rudenko admitiu, a apenas uma hora do contato:

- Eu estou começando a pensar, Woody, que teria sido melhor se afinal eu tivesse trazido aquele ícone.

## **14. Duplo Encontro**



- ... os documentos da hipoteca da casa de Nantucket devem estar na biblioteca, na pasta H... Bem, dos negócios, é só o que eu me lembro. Nas últimas duas horas estive me lembrando de um quadro que vi, quando menino, num livro esfarrapado de arte vitoriana; deveria ter uns cento e cinquenta anos. Não me lembro se era em preto e branco, ou a cores, mas nunca vou me esquecer do título - não ria - "A Última Mensagem para Casa". Nossos tataravós gostavam muito deste tipo de melodrama sentimental... O quadro mostra o convés de um veleiro durante um furacão; as velas haviam sido arrancadas e o convés estava inundado. Ao fundo está a tripulação lutando para salvar o navio. E, no primeiro plano, um jovem marujo está escrevendo um bilhete, e ao lado dele a garrafa que ele conta que irá levar o bilhete à terra... Embora fosse um menino na época, achei que ele deveria estar dando uma mãozinha aos colegas do navio, em vez de escrever cartas. De um jeito ou de outro, fiquei comovido; nunca pensei que um dia eu me sentiria como aquele jovem marujo... Tenho certeza, é claro, de que *este* bilhete você vai receber; e não há nada em que eu possa ajudar a bordo do *Leonov*. Pediram-me, na verdade, com toda a educação, que eu não atrapalhasse, portanto, ao ditar este bilhete, estou com a consciência tranquila.. Agora vou mandá-lo à ponte porque em quinze minutos vamos interromper as transmissões, pois vamos recolher a antena e trancar as escotilhas - mais uma boa analogia marítima para você! Júpiter está em todo o céu agora; não vou tentar descrevê-lo e nem vou vê-lo por muito tempo mais, pois em alguns minutos vão se fechar as janelas corrediças. As câmeras, de qualquer jeito, vão fazer um trabalho melhor do que eu faria... Adeus, querida, e mande saudades para todos, especialmente para Chris... Quando você receber este bilhete, tudo estará acabado, de um jeito ou de outro. Lembre-se que tentei fazer o melhor por nós. Adeus. Depois de retirar o cartucho de áudio, Floyd, deslizando, subiu ao centro de comunicações e passou-o a Sacha Kovalev.

- Por favor, assegure-se de que será expedido antes de fecharmos.

- Não se preocupe - prometeu Sacha. - Ainda estou operando nos nossos canais, e ainda temos uns bons dez minutos pela frente.

Floyd estendeu a mão...

- Se nos encontrarmos de novo... ora, vamos rir disso. Se não, afinal, nossa despedida está bem feita.

... E piscou.

- Shakespeare?

- Claro... Brutus e Cassius antes da batalha. Até logo.

Tanya e Vasili estavam muito concentrados nos visores da situação, e tudo o que fizeram foi acenar para Floyd, que se retirou para a cabine. Ele já se despedira do resto da tripulação; nada havia a fazer, senão esperar. O saco de dormir estava preso, para quando voltasse a gravidade com o começo da desaceleração, e tudo o que ele tinha a fazer era subir nele.

"Antenas recolhidas, todos os escudos de proteção erguidos", disse o alto-falante do intercomunicador.

"Em cinco minutos sentiremos o primeiro freamento. Tudo normal."

Eu não usaria essa palavra, Floyd resmungou consigo mesmo. Eu creio que você quis dizer "nominal". E mal concluía o pensamento quando ouviu uma batida discreta à porta.

- Kto tam?

Para sua perplexidade, era Zenia.

- Importa-se que eu entre? - perguntou ela de uma maneira esquisita, numa voz de menininha que Floyd mal reconheceu.

- Claro que não. Mas por que você não está no seu cubículo? Só faltam cinco minutos para a re-entrada

Enquanto fazia a pergunta, já estava ciente de que se tratava de uma pergunta tola. A resposta era tão óbvia que Zenia não se dignou a responder.

Mas Zenia era a última pessoa que ele poderia esperar ali. A atitude dela para com ele sempre fora cordial, porém distante. Ela era, na verdade, o único membro da tripulação que preferia chamá-lo de Dr. Floyd. Mas ali estava ela, visivelmente em busca de consolo e companhia no momento de perigo.

- Zenia, querida - disse incerto. - Bem-vinda. Mas minhas acomodações são algo limitadas. Pode-se chamá-las até mesmo de espartanas.

Ela conseguiu dar um sorriso suave, mas não disse nada ao flutuar quarto adentro. Pela primeira vez Floyd percebeu que ela não estava apenas nervosa; estava aterrorizada. Ele então compreendeu por que ela o procurara; envergonhada de encarar seus conterrâneos, procurava apoio noutras paragens.

Ao percebê-lo, o prazer do encontro inesperado reduziu-se um pouco. Aquilo não lhe diminuía a responsabilidade para com um outro ser humano solitário, longe de casa. O fato de ela ser uma mulher atraente - embora não fosse bonita - de quase metade de sua idade, não deveria ter afetado a questão. Mas afetou; ele começava a despertar-se para a ocasião.

Ela deve tê-lo percebido, mas nada fez para estimulá-lo ou desestimulá-lo ao deitarem, os dois, lado a lado, no casulo sonífero. O espaço comportava os dois, na exata medida, e Floyd começou a fazer alguns cálculos aflitivos. E se a máxima gê fosse maior do que o previsto, e a suspensão cedesse? Poderiam morrer facilmente...

A margem de segurança era ampla; não era necessário preocupar-se com fim tão ignominioso. O humor era o inimigo do desejo; o abraço que davam, agora, era absolutamente casto. Ele não sabia se ficava alegre ou triste.

E era tarde demais para segundas intenções. De longe, muito longe, veio o primeiro sussurro débil de som, qual o gemido de alguma alma perdida. No mesmo instante, a nave deu uma sacudidela, quase imperceptível; o casulo começou a oscilar, e a suspensão enrijeceu. Após semanas de falta de peso, a gravidade estava de volta.

Em questão de segundos, o tênue lamento crescera, era agora um rugido constante, e o casulo se transformara numa rede superlotada. A idéia *não* era boa, Floyd pensou consigo mesmo; ali já era difícil de respirar. A desaceleração era apenas uma parte do problema; Zenia o agarrava como se supõe que um afogado deve agarrar-se à tábua de salvação.

Ele separou-a com toda a delicadeza possível.

- Está tudo em ordem, Zenia. Se o *Tsien* conseguiu, nós também podemos. Relaxe, não se preocupe.

Era difícil gritar com ternura, e ele nem sabia se Zenia o ouvira por sobre o rugido do hidrogênio incandescente. Mas ela já não o agarrava com tanto desespero, e ele aproveitou a oportunidade para inspirar fundo algumas vezes.

O que pensaria Caroline se o visse agora? Ele contaria a ela, se tivesse oportunidade? Ele não sabia se ela iria compreender. Num momento desses, todos os elos com a Terra pareciam na verdade muito tênues.

Impossível mover-se, ou falar, mas agora que ele já se acostumara à estranha sensação de peso, não mais se sentia desconfortável, a não ser pela dormência que aumentava no braço direito. Com uma certa dificuldade, conseguiu soltá-lo de debaixo de Zenia; o ato familiar trouxe-lhe a sensação fugaz de culpa. Ao sentir estar de volta a circulação, lembrou-se de uma famosa observação atribuída no mínimo a uns dez astronautas e cosmonautas: "Tanto os prazeres como os problemas do sexo na gravidade zero têm sido muitíssimo exagerados".

Pôs-se a pensar em como estaria se saindo o resto da tripulação, e concedeu um pensamento momentâneo a Chandra e Curnow, que dormiam em paz durante todo o episódio. Eles jamais saberiam se o *Leonov* iria ou não transformar-se numa chuva de meteoros no céu joviano. Não os invejava; eles haviam perdido a experiência de uma vida.

Tanya falava no intercomunicador; as palavras perdiam-se no rugido, mas a voz soava calma e perfeitamente normal, como se fizesse uma comunicação de rotina. Floyd deu um jeito de olhar o relógio, e espantou-se em ver que já estavam no ponto médio da manobra de freamento. Naquele exato instante, o *Leonov* alcançava sua aproximação máxima de Júpiter; somente as sondas automáticas descartáveis haviam-se aprofundado mais na atmosfera joviana.

- Já passamos da metade do caminho, Zenia - gritou ele. - Agora vamos sair de novo. - Impossível dizer se ela o havia entendido, assim com os olhos apertados. Mas ela exalou um leve sorriso.

A nave agora oscilava a olhos vistos, qual um barco pequeno num mar picado. Aquilo era normal?, cismou Floyd. Ele estava contente em ter Zenia com que se preocupar, pois afastava-lhe os medos da mente. Por um simples instante, antes de conseguir expelir o pensamento, teve uma visão: as paredes subitamente refulgiam um vermelho-cereja e desmoronavam sobre ele. Assim como o pesadelo-fantasia de "O poço e o pêndulo", de Edgar Allan Poe, do qual se esquecera por trinta anos.

Mas aquilo jamais iria acontecer. Se o escudo de calor falhasse, a nave se amarrotaria instantaneamente, achatada por uma parede sólida de gás. Não haveria dor; o sistema nervoso não teria tempo de reagir antes de deixar de existir. Ele já experimentara pensamentos mais reconfortantes, mas não deveria desprezar este.

A oscilação irregular enfraqueceu aos poucos. Tanya fez mais uma comunicação inaudível (quando aquilo acabasse, ele a pegaria no calcanhar). O tempo agora parecia passar muito mais devagar; decorrido um instante, ele parou de olhar o relógio, pois parecia inacreditável. Os dígitos mudavam com tanto vagar que ele quase se imaginara em alguma dilatação temporal einsteiniana.

E em seguida algo ainda mais inacreditável aconteceu. Primeiro ele achou graça, depois ficou ligeiramente indignado. Zenia adormecera; se não o fez exatamente em seus braços, fê-lo ao menos ao lado dele.

Era uma reação natural; a tensão deve tê-la exaurido, e a sabedoria do corpo lhe viera em socorro. E o próprio Floyd, de repente, conscientizara-se da lombeira pós-orgásmica, como se ele também tivesse sido emocionalmente sugado por aquele encontro. Para permanecer acordado, teve que lutar...

E, em seguida, ele caía... caía... tudo terminara. A nave estava de volta ao espaço, onde pertencia. E ele e Zenia flutuavam, separados.

Jamais estariam tão próximos novamente, mas sempre sentiriam uma ternura especial um pelo outro, que ninguém mais poderia compartilhar algum dia.

## 15. Fugindo do Gigante

Quando Floyd chegou ao convés de observação, alguns discretos minutos depois de Zenia, Júpiter já parecia mais distante, o que, entretanto, devia ser uma ilusão baseada no conhecimento de Floyd, e não naquilo que seus olhos testemunhavam. Eles mal haviam emergido da atmosfera joviana, e o planeta ocupava a metade do céu.

E eram agora, conforme o queriam, prisioneiros do céu. Durante a última hora incandescente, já se haviam deliberadamente desfeito do excesso de velocidade que poderia tê-los levado para fora do Sistema Solar, e dali para as estrelas. Viajavam agora numa elipse, uma órbita Hohmann clássica, que os lançaria de volta entre Júpiter e a órbita de Io, 350.000 quilômetros acima. Se os motores não detonassem de novo, ou se *não conseguissem* fazer com que detonassem, o *Leonov* ficaria a oscilar, para frente, para trás, entre esses limites, completando uma revolução a cada dezenove horas; e viria a ser a mais próxima das luas de Júpiter, embora não por muito tempo. A cada vez que tangenciasse a atmosfera perderia altitude, até entrar numa espiral e se destruir.

Floyd, na verdade, jamais gostara de vodca, mas juntou-se aos outros, sem reservas, ao sorver um brinde de triunfo aos projetistas da nave, conjugado com um voto de agradecimento a *Sir* Isaac Newton. E Tanya em seguida, peremptória, guardou a garrafa de volta no armário; ainda havia muita coisa a ser feita.

Embora todos o esperassem, sobressaltaram-se ao súbito baque surdo das cargas explosivas, e ao solavanco da separação. Segundos depois, um disco grande, ainda brilhando, entrou flutuando no campo de visão, girando em cambalhotas lentas e distanciando-se da nave.

- Olhem! - exclamou Max. - Um disco voador! Alguém tem uma máquina fotográfica?

Houve um toque evidente de alívio histórico na gargalhada que se seguiu. A capitã interrompeu-o, num estado de espírito mais sério:

- Adeus, fiel escudo de calor! Você fez um ótimo trabalho.

- Mas foi um desperdício! - disse Sacha. - Ainda sobraram umas duas toneladas. Poderíamos ter trazido uma carga útil muito maior!

- Se essa é a boa e conservadora engenharia russa - retorquiu Floyd -, então sou a favor. É muito melhor termos algumas toneladas a mais do que um miligrama a menos.

Todos aplaudiram aqueles sentimentos nobres enquanto o escudo descartado esfriava-se, amarelando, em seguida avermelhando, e por fim enegrecendo-se como o espaço ao seu redor. E a apenas alguns quilômetros dali desapareceu de vista, embora o reaparecimento súbito, ocasional, de uma estrela eclipsada, lhe traísse a presença.

- Verificação de órbita preliminar terminada - disse Vasili. - Estamos a dez metros por segundo de nosso vetor direito. Nada mau para uma primeira tentativa.

Com a notícia, houve um suspiro contido de alívio, e alguns minutos depois Vasili fez outra comunicação.

- Mudando posição para correção de curso; delta-vê seis metros por segundo.

Queima de vinte segundos dentro de um minuto.

Ainda estavam tão próximos a Júpiter que era impossível se acreditar que a nave estivesse na órbita do planeta; bem poderiam estar numa aeronave, em vôo alto, que acabara de sair de um mar de nuvens. Não havia sentido de escala; era fácil imaginarem-se afastando, em alta velocidade, de um pôr-de-sol terrestre, tão conhecidos eram os vermelhos, rosas e carmins deslizando ali embaixo.

E aquilo era uma ilusão; nada ali tinha quaisquer paralelos com a Terra. As cores eram intrínsecas, não eram emprestadas ao sol poente. Os próprios gases eram absolutamente estranhos: o metano, a amônia e um mexido de hidrocarbonetos, como se preparado por uma bruxa, num caldeirão de hélio hidrogenado. Nem um único vestígio de oxigênio livre, o sopro da vida humana.

As nuvens iam de horizonte a horizonte em filas paralelas, distorcidas por rolos e remoinhos ocasionais. Aqui e ali fumos de um gás mais claro subiam rompendo o padrão, e Floyd via também o aro escuro de um enorme remoinho, um turbilhão de gás que conduzia às profundezas impenetráveis de Júpiter.

E começou a procurar a Grande Mancha Vermelha; censurou-se, em seguida, rapidamente, por pensamento tão tolo. Toda a enorme formação pitoresca de nuvens que via ali embaixo só poderia ser uma porcentagem mínima da imensidão da Mancha Vermelha; era como se esperar identificar a forma dos Estados Unidos de um pequeno avião num vôo rasante sobre o Kansas.

- Correção terminada. Estamos agora na órbita de interceptação com Io. Hora de chegada: oito horas, cinquenta e cinco minutos.

Menos de nove horas até subirem de Júpiter e encontrar o que quer que por eles estivesse esperando, pensou Floyd. Nós fugimos do gigante, mas esse gigante representa um perigo que compreendíamos, e por isso pudemos nos preparar. O que temos agora pela frente é absoluto mistério.

E se conseguirmos sobreviver a esse desafio, devemos regressar mais uma vez a Júpiter, de cuja força vamos precisar para que nos mande a salvo para casa.

## 16. Linha Particular

- ... Olá, Dimitri. Aqui é Woody, mudando para Chave Dois em quinze segundos; alô, Dimitri, multiplique as Chaves Três e Quatro, extraia a raiz cúbica, some Pi ao quadrado e use o número inteiro mais próximo como Chave Cinco. A menos que seus computadores sejam milhões de vezes mais rápidos que os nossos, e eu tenho uma certeza dos diabos que não o são, ninguém conseguirá decifrar isto, no seu lado ou no meu. Mas talvez você tenha que dar algumas explicações, e, de qualquer jeito, você é bom nisso... Aliás, as minhas excelentes fontes habituais me contaram do malogro da última tentativa em persuadir o velho Andrei de renunciar; eu depreendo que a sua delegação não teve sorte maior que as demais, e que você ainda está atrelado a ele como seu Presidente. Estou dando boas gargalhadas; está bem de acordo com a Academia. Eu sei que ele já passou dos noventa anos, e que está ficando um pouco, bem, um pouco caduco. Mas não conte com qualquer ajuda minha, mesmo que eu seja o maior especialista do mundo - desculpe, do Sistema Solar - em remoções indolores de cientistas senis... Você acredita que eu ainda estou meio bêbedo? Nós achamos que merecíamos uma festinha, já que conseguimos abortar - tssc, quer dizer, abordar o *Discovery*. Além

disso, tivemos que dar as boas-vindas a dois novos tripulantes a bordo. Chandra não acredita em álcool - deixa você muito humano -, mas o Walter Curnow o compensou com vantagem. A Tanya foi a única a ficar sóbria feito uma pedra, como você poderia esperar... Meus compatriotas norte-americanos - eu pareço um político, que Deus me ajude - saíram da hibernação sem quaisquer problemas, e os dois estão ansiosos para começar a trabalhar. Temos todos que andar depressa; não é só o tempo que está se esgotando, mas é que o *Discovery* parece estar em péssima forma. Quase não acreditamos no que vimos: aquela carcaça branca, imaculada, se transformara num amarelo doentio... A culpa é de Io, é claro; a nave chegou a aproximar-se três mil quilômetros, descendo em espiral, e em períodos determinados, de dias, um dos vulcões explode alguns megatons de enxofre no céu. Mesmo que você já tenha visto o filme, não pode imaginar na verdade o que é ficar aqui em cima desse inferno; vou me sentir feliz quando sairmos daqui, mesmo que daqui nos dirijamos para algo muito mais misterioso, e talvez bem mais perigoso... Durante a erupção de 2006 eu sobrevoei o Kilauea; foi de dar medo, mas não foi nada, *nada mesmo*, comparado a isso. Nesse instante, estamos no lado escuro, e isto piora a coisa. O que se consegue enxergar é o bastante para se imaginar muito mais. É a maior proximidade do Inferno a que eu jamais quero chegar... Alguns dos lagos de enxofre brilham de tão quentes, mas grande parte da luz provém de descargas elétricas. A cada intervalo de alguns minutos, toda a paisagem parece explodir, como se recebesse um *flash* fotográfico gigante. E é provável que esta analogia não seja ruim; há milhões de amperes fluindo no canal de corrente que liga Io e Júpiter, e de vez em quando há uma pane, quando, então, ocorre o maior relâmpago do Sistema Solar, e a metade dos nossos disjuntores salta em solidariedade... Acaba de ocorrer uma erupção bem no círculo de iluminação, e vejo uma nuvem imensa expandindo-se em nossa direção, escalando e penetrando na luz do sol. Duvido que chegue à nossa altitude, e mesmo que o faça será inofensiva quando nos alcançar. Mas *parece* ameaçadora; um monstro espacial, tentando nos devorar... Logo depois de chegarmos aqui, percebi que Io me lembrava alguma coisa; levei uns dois dias para descobrir o que era, e tive que consultar os Arquivos da Missão, pois a biblioteca da nave não ajudou em nada, uma vergonha! Você se lembra que eu lhe apresentei o *The lord of the rings* (*O Senhor dos Anéis*), quando éramos ainda garotos, na conferência de Oxford? Bem, Io é Mordor; consulte a Parte Três (*O Retorno do Rei*). Há uma passagem que fala dos "rios de rocha fundida que se entrelaçam (...) até resfriarem e se prostrarem em formas de dragão, retorcidas, vomitadas da terra atormentada". É a descrição perfeita: e como é que Tolkien sabia disso a um quarto de século antes que se tivesse visto uma fotografia de Io? É a Natureza imitando a Arte... Pelo menos não vamos ter que aterrissar lá; eu creio que nem mesmo os nossos falecidos colegas chineses o teriam tentado. Mas, um dia, talvez, isto seja possível; existem áreas que parecem razoavelmente estáveis, e que não são continuamente inundadas por torrentes de enxofre... Quem acreditaria que nós iríamos chegar a Júpiter, o maior dos planetas, e depois iríamos ignorá-lo. E isto é o que fazemos, na maior parte do tempo. Quando não estamos olhando Io, ou o *Discovery*, estamos pensando no... Artefato... Embora ainda esteja a dez mil quilômetros de distância, lá em cima no ponto de libração, quando o olho no telescópio, parece tão perto que posso tocá-lo. Por estar tão descaracterizado, não há indicação de tamanho, não há meio com que o olho possa julgar-lhe o comprimento: seriam uns dois quilômetros? Se for sólido, deve pesar bilhões de toneladas... Mas será sólido mesmo? Quase não provoca eco no radar, mesmo quando está chapado contra nós. Vemo-lo apenas como uma silhueta negra contra as nuvens de Júpiter, trezentos quilômetros além. Sem contar o tamanho, se parece exatamente com o monolito que desencavamos na Lua... Bem, amanhã entraremos no *Discovery*, e não sei quando terei nova oportunidade

de conversar com você. Mas há mais uma coisa, amigo velho, antes de me despedir... É Caroline. Ela nunca chegou a compreender por que eu tive de deixar a Terra, de um tal modo que não creio que vá me perdoar. Há mulheres que acreditam que o amor não é a única coisa, mas, sim, *tudo*. Talvez elas tenham razão; de qualquer jeito, agora, com certeza, é tarde demais para discussões... Tente consolá-la quando puder. Ela está falando em voltar para o continente. Eu receio, se ela for... Bem, se não conseguir demovê-la, tente consolar Chris. A saudade que sinto dele é tanta que nem quero falar... Ele vai acreditar no Tio Dimitri... se você disser a ele que o pai dele ainda o ama, e que vai voltar para casa assim que puder.

## 17. Grupo de Abordagem

Não é fácil, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, abordar uma espaçonave abandonada, que não coopera. E pode ser, na verdade, decisivamente perigoso.

Walter Curnow sabia disso, mas como princípio abstrato; mas não o sentiu no corpo senão quando viu toda aquela extensão de cem metros do *Discovery* girando de ponta-cabeça, com o *Leonov* mantendo a distância de segurança. Há anos a fricção freara o giro em carrossel do *Discovery*, transferindo-lhe assim o momento angular para o resto da estrutura. Agora, qual um bastão de baliza no pico da trajetória, a nave abandonada seguia em cambalhotas lentas ao longo da respectiva órbita.

O primeiro problema era parar aquele giro, que deixava o *Discovery* não só incontrolável, mas sim, também, inabordável. Ao vestir-se com Max Brailovski, na câmara de ar, Curnow foi tomado de uma rara sensação de incompetência, até mesmo de inferioridade; aquele não era o seu tipo de ocupação. Ele, mal-humorado, já explicara, "Eu sou um *engenheiro* espacial, não um macaco espacial"; mas o trabalho tinha que ser feito, e só ele possuía as habilidades capazes de salvar o *Discovery* do agarrão de Io. Max e os colegas, trabalhando com diagramas e equipamentos de circuitos desconhecidos, demorariam muito tempo. Quando conseguissem restituir a força à nave e dominar-lhe os controles, ela já teria mergulhado nas fogueiras sulfurosas lá embaixo.

- Você não está com medo, está? - perguntou Max, quando os dois estavam prestes a vestir o capacete.

- Não a ponto de me borrar no meu traje. Mas, de um modo geral, estou.

Max riu com os ombros.

- Eu diria que isso é assim mesmo, nesse trabalho. Mas não se preocupe. Vou levá-lo lá fora inteiro, com a minha... como é mesmo que vocês dizem?

- Vassoura. Porque se supõe que as bruxas as usem.

- Ah, claro. Você já usou uma vassoura?

- Já tentei uma vez, mas ela escapuliu de mim. Todos acharam muito engraçado.

Há certas profissões que desenvolveram ferramentas únicas e características; o gancho do estivador, a roda do oleiro, a colher do pedreiro, o martelo do geólogo. Os homens que tinham que passar boa parte do tempo nos projetos de construção em gravidade zero desenvolveram a vassoura.

Era muito simples: um tubo oco, de um metro de comprimento apenas, com um

apoio para os pés, numa extremidade, e uma alça de retenção, na outra. Ao toque de um botão, estendia-se em cinco ou seis vezes o comprimento normal, e o sistema interno de amortecedores permitia a um operador qualificado executar as manobras mais espantosas. O apoio dos pés poderia também transformar-se, se necessário, em garras ou em ganchos. Outros refinamentos havia, mas era este o desenho básico. Parecia enganosamente fácil de usar. Mas não o era.

As bombas da câmara de ar terminaram a reciclagem; o letreiro SAÍDA acendeu-se e, devagar, os dois saíram, deslizando, para o vazio.

O *Discovery* girava, feito um moinho de vento, a cerca de duzentos metros de distância, seguindo-os na órbita em torno de Io, que ocupava metade do céu. Júpiter estava invisível, do outro lado do satélite. A escolha fora deliberada; usavam Io como escudo para se protegerem contra as energias que fluíam para lá e para cá, no canal de corrente ligando os dois mundos. O nível de radiação, mesmo assim, de tão alto, era muito perigoso; os dois tinham menos de quinze minutos para regressarem ao abrigo.

Curnow teve, quase imediatamente, um problema com o traje.

- Quando saí da Terra, estava sob medida - queixou-se. - Agora estou chocalhando aqui dentro, como uma ervilha dentro da vagem.

- Isso é muito normal, Walter - disse a Médica-Comandante Rudenko, intrometendo-se no circuito do rádio. - Você perdeu dez quilos na hibernação, e que não lhe faziam falta alguma. E de lá para cá já engordou novamente três quilos.

Antes que Curnow tivesse tempo de pensar numa resposta conveniente, viu-se arrancado suavemente, porém com firmeza, do *Leonov*.

- Relaxe, Walter - disse Brailovski. - Não use seus propulsores, mesmo que dê cambalhotas. Deixe que eu faça o trabalho.

Curnow via as baforadas tênues exalarem da mochila do jovem; eram aqueles jatinhos que os conduziam ao *Discovery*. Com cada nuvenzinha de vapor havia um empuxo suave no cabo de reboque, e ele se movia na direção de Brailovski, mas só conseguia aproximar-se dele a cada baforada dessas. Ele se sentia feito um ioiô - que, aliás, estava de novo em moda, na Terra - quicando na corda.

Havia um único meio seguro de se aproximar da nave abandonada, e esse meio era ao longo do eixo ao redor do qual ela revolucionava lentamente. O centro de rotação do *Discovery* situava-se aproximadamente no meio da nave, próximo ao complexo da antena principal, e Brailovski dirigia-se diretamente para aquela área, com o ansioso parceiro a reboque. Como irá nos parar a tempo?, perguntou-se Curnow.

O *Discovery* era agora um haltere enorme, delgado, que, devagar, moía todo o céu diante deles. Embora minutos se passassem para que completasse uma revolução, as extremidades opostas moviam-se a uma velocidade impressionante. Curnow procurou ignorá-las, concentrando-se no centro - imóvel - de aproximação.

- É ali o meu objetivo - disse Brailovski. - Não tente ajudar, e não se surpreenda com o que acontecer.

Ora, o que ele queria dizer com *isso?*, Curnow perguntou a si mesmo, preparando-se, da melhor maneira possível, para não se surpreender em nada.

Tudo aconteceu em aproximadamente cinco segundos. Brailovski acionou a vassoura, que se estendeu em todo o comprimento dos quatro metros e estabeleceu contato com a nave que se aproximava. A vassoura começou a murchar; a mola interna absorvia o momentum considerável de Brailovski. Mas não



levou Curnow, segundo ele próprio tanto esperara, a pousar ao lado da armação da antena. E expandiu-se de novo, imediatamente, invertendo a velocidade do russo tanto que ele, com efeito, afastou-se do *Discovery* com a mesma rapidez com que ele se aproximara. Ele passou zunindo por Curnow, dirigindo-se mais uma vez para o espaço aberto, a apenas alguns centímetros de distância. O norte-americano, sobressaltado, só teve tempo de esboçar um sorriso largo antes que Brailovski, em disparada, passasse por ele.

Um segundo depois, houve uma sacudidela na linha que os ligava, e uma rápida onda de desaceleração, quando os dois momentuns se compatibilizaram. As velocidades opostas tinham sido neutralizadas com perfeição. Estavam, com relação ao *Discovery*, virtualmente em repouso. Curnow só teve que estender a mão, agarrar a pega mais próxima, e puxá-los nave adentro.

- Você já experimentou roleta russa? - perguntou ele assim que conseguiu recuperar o fôlego.

- Não... o que é?

- Um dia eu explico. E quase tão bom quanto isso para curar o tédio.

- Espero que você não esteja insinuando, Walter, que Max tenha feito algo que fosse *perigoso*.

A Dra. Rudenko parecia mesmo chocada, e Curnow achou melhor não responder; os russos às vezes não lhe entendiam o senso singular de humor. "Vocês podiam estar me fazendo de bobo", resmungou ele entredentes, numa altura suficiente para que ela não o ouvisse.

Agora que os dois estavam agregados com firmeza ao centro daquela nave, que girava feito roda de moinho, ele já não mais se apercebia de que ela rodava, principalmente quando fitou as placas de metal que via bem diante dos olhos. A escada que se estendia à distância, erigida ao longo do cilindro delgado - a estrutura principal do *Discovery* -, era seu próximo objetivo. O módulo de comando esférico parecia, na extremidade mais longínqua, a vários anos-luz de distância, embora ele soubesse muito bem que aquela distância era de apenas cinquenta metros.

- Eu vou primeiro - disse Brailovski, enrolando a folga do cabo que os unia. - Lembre-se, daqui até lá é uma descida vertiginosa. Mas não há problema, segure-se com uma das mãos. Mesmo lá no fundo a gravidade é de apenas um décimo de gê. E isso é... como é mesmo que vocês dizem?... titica de galinha.

Acho que você quer dizer que é "moleza". Mas se as duas coisas são iguais para você, prefiro descer com os pés para baixo. Não gosto de descer escadas de cabeça para baixo, mesmo na gravidade fracionária.

Era essencial, Curnow sabia disso muito bem, conservar esse tom meio de troça; caso contrário ele seria simplesmente assolado pelo mistério e pelo perigo da situação. Ali estava ele, a quase um bilhão de quilômetros de casa, prestes a entrar na nave abandonada mais famosa de toda a história da exploração espacial; um jornalista, certa feita, chamara o *Discovery* de *Maria Celeste* do espaço, uma analogia nada má. Muito havia, porém, para tornar única aquela situação; mesmo que procurasse ignorar aquela paisagem lunar, que enchia metade do céu, e parecia um pesadelo, algo havia que a evocava constantemente. A cada vez que ele tocava num degrau da escada, a luva deslocava a camada fina de poeira sulfúrica.

Brailovski, é claro, tinha toda a razão; a gravidade rotativa, causada pelas cambalhotas de ponta-cabeça da nave, era facilmente compensável. Ao acostumar-se a ela, Curnow até mesmo acolheu de bom grado o sentido de direção que

propiciava a ele.

E então, bem de repente, chegaram à esfera enorme, descolorida, do módulo de controle e de apoio vital do *Discovery*. A apenas alguns metros de distância havia uma escotilha de emergência; a mesma, percebeu Curnow, por onde Bowman entrara para o derradeiro confronto com Hal.

- Espero que possamos entrar - resmungou Brailovski. - Uma pena vir até aqui e encontrar a porta fechada.

E raspou o enxofre que encobria o painel visual POSIÇÃO DA CÂMARA DE AR.

- Escangalhado, é claro. Devo tentar os controles?

- Não fará mal algum; mas não acontecerá nada.

- Tem razão. Bem, então vamos no manual...

Foi fascinante assistir àquela orelha estreita abrir-se na carcaça curva, e perceber o bafozinho de vapor dispersar-se no espaço, levando com ele uma tira de papel. Seria uma mensagem vital? Jamais o saberiam, pois ela se afastou, girando, mantendo a rotação inicial até desaparecer no fundo de estrelas.

Brailovski continuou girando o controle manual, por um tempo que pareceu infundável, até que a caverna escura, nada convidativa, da câmara de ar, se abrisse por completo. Curnow esperava que ao menos as luzes de emergência ainda estivessem funcionando. Mas não contou com tal sorte.

- Agora você é quem manda, Walter. Bem-vindo ao território dos Estados Unidos.

Nada acolhedor, com certeza, quando, com dificuldade, ele escalou interior adentro, varrendo o local com o facho da lanterna do capacete. Pelo que Curnow podia dizer, tudo estava em perfeita ordem. O que mais ele esperava?, perguntou-se meio zangado.

Para fechar a porta, manualmente, demorou mais do que para abri-la; não havia alternativa, porém, até que se restituísse a energia da nave. Pouco antes de lacrar a escotilha, Curnow arriscou uma espiada no louco panorama lá de fora.

Um lago azul, bruxuleante, se abria perto do equador, e que, ele tinha certeza, não estava ali há algumas horas atrás. Clarões refulgentes, amarelos, a cor característica do sódio brilhoso, dançavam nas bordas; e todo o reino noturno estava encoberto pela descarga fantasmagórica de plasma de uma das auroras quase ininterruptas de Io.

Era material para futuros pesadelos; e como se aquilo não bastasse, houve um toque adicional, digno de um artista surrealista louco: lancetando o céu escuro, emergindo, ao que parecia, diretamente das fogueiras da lua ardente, havia um chifre imenso, curvo, como o que o toureiro condenado a morrer deve ter visto, de relance, na derradeira hora da verdade.

O crescente de Júpiter aparecia para saudar o *Discovery* e o *Leonov*, que lambavam, na sua órbita comum, em direção a ele.

## 18. Salvamento

No instante em que a comporta externa se fechou atrás deles, houve uma

reversão sutil de papéis. Curnow estava em casa agora, e Brailovski estava fora de seu elemento, sentindo-se pouco à vontade no labirinto de corredores e túneis escuros como breu: o interior do *Discovery*. Max, em teoria, sabia como andar pela nave, um conhecimento, porém, baseado apenas nos desenhos do projeto. Curnow, por outro lado, passara meses trabalhando no gêmeo idêntico, ainda incompleto, do *Discovery*; conseguiria, literalmente, andar por ali de olhos vendados.

Avançar foi difícil, porque aquela parte da nave fora projetada para gê zero; o giro incontrolado proporcionava, naquele momento, uma gravidade artificial, que, embora pequena, parecia sempre pairar no sentido mais inconveniente.

- A primeira coisa a fazer - resmungou Curnow, depois de deslizar alguns metros corredor abaixo até conseguir agarrar-se a uma pega -, é parar esse giro infernal. E só poderemos fazê-lo quando tivermos energia. Só espero que Dave Bowman tenha protegido todos os sistemas antes de abandonar a nave.

- Você tem certeza de que ele abandonou a nave? Talvez ele tivesse a intenção de voltar.

- Talvez você tenha razão; acho que jamais o saberemos. Se é que ele próprio o soubesse.

Os dois entraram na Sala das Cápsulas, a "garagem espacial" do *Discovery*, que normalmente abrigava três módulos individuais esféricos usados para atividades exteriores à nave. A única ainda existente era a Cápsula nº. 3; a nº. 1 se perdera no misterioso acidente que matara Frank Poole; e a nº. 2 estava com Dave Bowman, onde quer que ele estivesse.

A Sala das Cápsulas também abrigava dois trajes espaciais cujo aspecto, desconfortável, era o de cadáveres decapitados, suspensos sem os capacetes nos cabides. Era necessário muito pouco esforço de imaginação - e a de Brailovski agora já trabalhava em regime de hora extra - para enchê-los com toda uma coleção de ocupantes sinistros.

Foi uma pena, mas não de toda surpresa, que o senso de humor de Curnow, às vezes irresponsável, tivesse dominado nesse instante.

- Max - disse, num tom de seriedade mortal -, o que quer que aconteça, não vá sair por aí atrás do gato de bordo.

Por alguns milissegundos, Brailovski ficou desguarnecido. Quase respondeu "Eu gostaria que você não tivesse dito isso, Walter", mas conteve-se a tempo. Seria uma estrondosa admissão de fraqueza. Assim, em vez disso, respondeu:

- Eu só queria saber qual foi o imbecil que colocou *aquele* filme na nossa biblioteca.

- Talvez Katerina, provavelmente, para testar nosso equilíbrio psicológico. Mas você deu boas gargalhadas, de qualquer jeito, quando o projetamos na semana passada.

Brailovski calou-se; o comentário de Curnow era a mais pura verdade. Mas aquilo acontecera no aconchego, sob a luz do *Leonov*, entre amigos, não numa nave abandonada, congelada, escura feito breu, assolada

por fantasmas. Por mais racional que se pudesse ser, era muito fácil imaginar que alguma fera estranha, implacável, estivesse rondando aqueles corredores, procurando a quem devorar, tal qual o *Alzen* (Personagem do filme e do romance *O oitavo passageiro* (N. do T.)).

Tudo culpa *sua*, Vovó (que a tundra siberiana lhe seja leve sobre os ossos amados!); eu gostaria que a senhora não me tivesse enchido a mente com tantas

lendas horríveis. Se eu cerrar meus olhos, ainda vejo a cabana de Baba Yaga (Personagem fantástico-maravilhoso dos contos tradicionais russos. (N. do T.)), em pé, naquela clareira da floresta, com aquelas pernas descarnadas de galinha...

Chega de bobagem. Sou um engenheiro jovem, brilhante, diante do maior desafio técnico de minha vida, e não devo deixar que meu amigo norte-americano saiba que sou às vezes um menino amedrontado...

Os ruídos não ajudavam. Eram muitos, embora tão débeis que somente um astronauta experiente tê-los-ia detectado contra os ruídos do próprio traje. Mas, para Max Brailovski, acostumado a trabalhar num ambiente de absoluto silêncio, eram visivelmente enervantes, apesar de ele saber que aqueles rangidos e chiados ocasionais eram, com certeza quase absoluta, provocados pela expansão térmica, pois a nave girava como um assado no espeto. Mesmo que o sol por aqui fosse fraco, ainda havia uma mudança considerável de temperatura entre a luz e a sombra.

E até o traje espacial não caía bem, agora que havia pressão tanto fora quanto dentro dele. Todas as forças que agiam sobre as juntas estavam sutilmente alteradas, e ele já não podia, com precisão, avaliar seus movimentos. Sou um calouro, reiniciando todo o meu treinamento, disse consigo mesmo, zangado. Hora de cortar aquele estado de espírito com alguma ação decisiva...

- Walter, eu gostaria de testar a atmosfera.

- A pressão está normal; puxa, a temperatura está a cento e cinco abaixo de zero.

- Um bom inverno russo, estimulante. De qualquer jeito, o ar dentro do meu traje vai afastar o grosso do frio.

- Bem, vamos em frente. Mas antes vou jogar minha luz no seu rosto, para ver se você vai começar a azular. E não pare de falar.

Brailovski soltou o visor e levantou a lâmina de vedação. E retraiu-se, momentaneamente, quando aqueles dedos gelados pareceram acariciar-lhe as maçãs do rosto; depois, fungou, com cuidado, e em seguida respirou fundo.

- Está frio, mas meus pulmões não congelaram. Mas eu sinto um cheiro engraçado. Estragado, podre, como se alguma coisa... *Não!*

Pálido, de repente, Brailovski bateu a lâmina de vedação, fechando-a.

- Qual é o problema, Max? - perguntou Curnow, com uma ansiedade súbita, mas, dessa vez, absolutamente legítima.

Brailovski não respondeu; parecia ainda tentar recuperar o autocontrole. Parecia, na verdade, correr o perigo real daquele desastre horrível, e às vezes fatal, de vomitar dentro de um traje espacial.

O silêncio perdurou, e então Curnow, tranquilizador, disse:

- Entendi. Mas você está errado, tenho certeza. Nós sabemos que Poole se perdeu no espaço. Bowman informou ter... ejetado os outros, depois que morreram na hibernação... e disso podemos ter certeza. Não pode haver *ninguém* aqui. Além disso, está muito frio. - Quase acrescentou "como num necrotério", mas se conteve a tempo.

- Mas suponha - sussurrou Brailovski -, suponha apenas que Bowman tenha conseguido voltar à nave, e que morreu aqui.

O silêncio foi ainda maior até que Curnow, devagar, com deliberação, abriu a própria lâmina de vedação. E estremeceu, pois o ar congelante causou dor aguda

em seus pulmões; depois, torceu o nariz, nauseado.

- Entendo o que você quer dizer. Mas você está deixando a sua imaginação fazer com que perca a calma. Eu aposto, dez por um, que esse cheiro vem do depósito de alimentos. Alguma carne provavelmente se estragou antes de a nave se congelar. E Bowman deve ter andado muito ocupado para tomar conta da casa direito. Eu conheci muito apartamento de solteiro que cheirava tão mal como isso aqui.

- Talvez você tenha razão. Espero que tenha.

- É claro que eu tenho razão. E mesmo se *não* tiver, diabo, que diferença faz? Nós temos um trabalho a fazer, Max. Se Dave Bowman ainda está aqui, não é nosso departamento. Não é, Katerina?

Não houve resposta da Médica-Comandante; os dois haviam penetrado muito na nave, onde o rádio não chegava. Estavam, na verdade, a sós, mas o ânimo de Max recuperava-se rapidamente. Era um privilégio, Max decidiu, trabalhar com Walter. O engenheiro norte-americano às vezes parecia mole e displicente. Mas era bastante competente, e tinha, quando necessário, a dureza de um prego.

Juntos, os dois devolveriam o *Discovery* à vida, e, talvez, à Terra.

## 19. Operação Moinho de Vento

Quando o *Discovery* acendeu-se, como a proverbial árvore de Natal, com as luzes de navegação e as do interior refulgindo de ponta a ponta, o regozijo a bordo do *Leonov* bem poderia ter sido ouvido do outro lado do vácuo que separava as duas naves; mas, quando as luzes logo se apagaram novamente, transformou-se num gemido irônico.

Nada mais aconteceu por meia hora, quando as janelas de observação do convés de vôo do *Discovery* aclararam-se com o leve carmim das luzes de emergência. Minutos depois, Curnow e Brailovski eram vistos movendo-se lá dentro, os vultos embaçados pela película de poeira sulfúrica.

- Alô! Max, Walter, vocês estão me ouvindo? - chamou Tanya Orlov.

Os dois vultos acenaram instantaneamente, mas não houve resposta adicional. Estavam, era óbvio, muito ocupados para se envolverem em conversa à-toa; no *Leonov*, os espectadores tiveram que esperar, pacientes, enquanto as várias luzes piscavam, acendendo e apagando, enquanto uma das três portas da sala das Cápsulas se abria devagar, e se fechava depressa, enquanto a antena principal girava, enviando uns discretos dez graus.

- Alô, *Leonov* - disse, por fim, Curnow. - Sinto tê-los feito esperar, mas estávamos muito ocupados... Uma avaliação rápida, a julgar pelo que vi até agora: o estado da nave está bem melhor do que eu receava; o casco está intacto, o vazamento é desprezível, a pressão do ar oitenta e cinco por cento nominal. Bastante respirável, mas teremos que fazer um trabalho enorme de reciclagem, pois isso aqui está fedendo demais... A melhor notícia é que os sistemas de energia estão bons. Reator principal estável, baterias em boa forma. Quase todos os disjuntores estavam abertos; ou pularam ou Bowman os desligou antes de sair; todo o equipamento vital, portanto, ficou protegido. Mas vai ser um trabalhão

verificar tudo, antes de termos energia de novo.

- Quanto tempo vai demorar... pelo menos para verificar os sistemas essenciais: apoio vital, propulsão?

- Difícil dizer, patroa. Em quanto tempo nós vamos colidir?

- A previsão mínima atual é de dez dias. Mas você sabe como essas coisas mudam... para mais e para menos.

- Bem, se não depararmos com maiores obstáculos, podemos rebocar o *Discovery* para uma órbita estável, longe desse inferno, digamos, dentro de uma semana.

- Vocês precisam de alguma coisa?

- Não, eu e Max estamos nos saindo bem. Nós vamos entrar no carrossel agora, para verificarmos as sustentações. Quero colocá-lo funcionando o mais breve possível.

- Me desculpe, Walter, mas isso é mesmo importante? A gravidade é conveniente, mas nós já passamos muito tempo sem ela.

- Mas eu não estou querendo gravidade, embora fosse útil ter um pouco a bordo. Se o conseguirmos fazer funcionar de novo, o carrossel vai parar o giro da nave... as cambalhotas. Aí poderemos acoplar as câmaras de ar das duas naves tornando desnecessárias as extraveiculares. Isso vai facilitar demais o trabalho.

- Boa idéia Walter; mas você não vai acasalar a *minha* nave com esse... *moinho de vento*. Suponho que as sustentações agarrem, e que o carrossel emperre. Iríamos ficar em pedacinhos.

- Concordo. Nós atravessaremos a ponte quando chegarmos a ela. Informo novamente assim que puder.

Ninguém descansou muito nos dois dias que se seguiram. Ao fim do período, Curnow e Brailovski praticamente adormeceram dentro dos trajes espaciais, mas já haviam terminado o exame do *Discovery* sem encontrar surpresas desagradáveis. Tanto a Agência Espacial como o Departamento de Estado aliviaram-se com o relatório preliminar, que lhes permitira alegar, com uma certa justificativa, que o *Discovery* não era uma nave abandonada, mas sim uma "Espaçonave dos Estados Unidos temporariamente desativada". A tarefa de acondicionamento teria agora que começar.

Uma vez restabelecida a energia, o problema seguinte foi o ar; as operações de limpeza, embora das mais completas, não conseguiram eliminar o mau cheiro, cuja fonte Curnow estava certo em tê-la identificado com a comida estragada, em virtude da falha na refrigeração. E alegara, também, com uma seriedade sarcástica, que aquilo era muito romântico.

- Basta fechar os olhos - afirmara ele -, e me sinto de volta num barco pescador de baleias. Vocês fazem idéia de a quantas deveria andar o cheiro no *Pequod*? (Referência ao famoso romance *Moby Dick: Pequod* é o barco que empreende a caça à baleia branca. (N. do T.)).

Concordou-se, por unanimidade, que, uma vez visitado o *Discovery*, muito pouco esforço de imaginação era necessário. O problema, finalmente, foi resolvido, ou ao menos reduzido a proporções suportáveis por meio da expulsão da atmosfera da nave; ainda havia, felizmente, ar suficiente nos tanques de reserva para substituí-la.

Notícia muito bem acolhida foi a de que noventa por cento do propelente

necessário à viagem de regresso ainda estavam disponíveis; a escolha de amônia, em vez de hidrogênio, como fluido de trabalho para a condução do plasma fora altamente compensadora. O hidrogênio, mesmo o mais eficiente, se teria evaporado para o espaço há anos atrás, apesar do isolamento dos tanques e da temperatura exterior frígida. Quase toda a amônia, porém, se conservara sã e salva, liquefeita, e dela havia o bastante para devolver a nave a uma órbita de segurança em volta da Terra. Em volta, ao menos, da Lua.

A eliminação do giro helicoidal do *Discovery* era talvez o passo mais crítico para se colocar a nave sob controle. Sacha Kovalev comparou Curnow e Brailovski a Dom Quixote e Sancho Pança, e exprimiu a esperança de que a expedição que os dois fariam para porfiar com o moinho de vento dessa vez lograsse êxito.

Com toda a cautela, com muitas pausas para verificação, os motores do carrossel foram alimentados com energia, e acelerou-se o enorme tambor de modo a reabsorver o giro que há muito transmitira à nave. Antes de esvair-se, quase por completo, aquele giro em cambalhota, o *Discovery* executou uma série complexa de manobras. Os últimos vestígios da rotação indesejável foram neutralizados por jatos de controle de posicionamento, até as duas naves flutuarem, imóveis, lado a lado, até o atarracado, robusto *Leonov* apequenar-se junto ao longo e delgado *Discovery*.

A transferência de um para o outro era agora fácil e segura, mas a Capitã Orlov ainda se recusava a permitir o acoplamento físico. Todos concordaram com esta decisão, pois Io se aproximava a passos firmes; era possível mesmo que tivessem que abandonar a nave que, com tanto afinco, haviam trabalhado para salvar.

O fato de já conhecerem agora o motivo da misteriosa queda orbital do *Discovery* não ajudou em nada. Todas as vezes em que a nave passava entre Júpiter e Io, desviava-se para a direita no canal de corrente invisível que ligava os dois corpos: o rio elétrico que fluía de um mundo ao outro. As correntes parasitas resultantes, induzidas na nave, desaceleravam-na continuamente, freando-a a cada revolução.

Não havia meios de se predizer o momento final do impacto, pois a corrente no canal variava fortemente, de acordo com as próprias leis inescrutáveis de Júpiter. Às vezes havia surtos notáveis de atividade, seguidos de tempestades espetaculares, elétricas e aurorais, em volta de Io, ocasião em que as naves perdiam altitude, em muitos quilômetros, ao mesmo tempo em que ficavam tão quentes, ao ponto do desconforto, até que se pudessem reajustar os sistemas de controle térmicos.

Este efeito inesperado amedrontara, surpreendera a todos, até que se percebesse a explicação óbvia. *Qualquer* forma de freamento produz calor, nalgum ponto; as fortes correntes induzidas nas carcaças do *Leonov* e do *Discovery* os transformavam, por períodos curtos, em fornalhas elétricas de baixa potência. Não era surpresa que parte do estoque de alimentos do *Discovery* se tivesse estragado durante os anos em que a nave, alternadamente, cozinhava e resfriava.

A paisagem inflamada de Io, semelhante, mais do que nunca, a uma ilustração de um livro médico, estava a apenas quinhentos quilômetros de distância quando Curnow arriscou ativar a propulsão principal, isto com o *Leonov* a uma distância muito respeitável. Não houve efeitos visíveis; nada daquele fogo enfumaçado dos antigos foguetes químicos. As duas naves apenas se afastaram, lentamente, quando o *Discovery* começou a ganhar velocidade. Após umas poucas horas de manobras muito suaves, as duas naves se haviam elevado mil quilômetros, e então houve tempo para uma ligeira pausa e para se fazerem planos para o próximo estágio da missão.

- Você fez um ótimo trabalho, Walter - disse a Médica-Comandante Rudenko, passando o braço carnudo por sobre os ombros exaustos de Curnow. - Estamos todos orgulhosos de você.

Sem muita formalidade, ela partiu uma pequena drágea debaixo do nariz de Curnow, e vinte e quatro horas se passaram, até que ele, aborrecido e faminto, acordou.

## 20. Guilhotina

- O que é isso? - perguntou Curnow, com uma ligeira aversão, erguendo na mão o diminuto mecanismo.

- Uma guilhotina para camundongos?

- A descrição não é má, mas procuro caça maior.

- Floyd apontou para uma flecha bruxuleando na tela, que agora exibia um complicado diagrama de circuitos. - Você está vendo essa linha?

- Estou; é a alimentação principal de energia. Por quê?

- É este o ponto onde ela entra na unidade central de processamento do Hal. Eu gostaria que você instalasse este dispositivo *aqui*, dentro da linha-tronco de cabos, onde não possa ser descoberto senão por meio de busca deliberada.

- Entendo. Um controle remoto, para você desligar o Hal à hora que quiser. Muito bem. E, além disso, uma lâmina má condutora, para evitar curto-circuitos constrangedores quando for acionado. Quem faz esses brinquedos? A CIA?

- Esqueça isso. O controle está no meu quarto; aquela calculadorazinha vermelha que guardo sempre na minha escrivaninha. Ingresse nove noes, extraia a raiz quadrada e acione a tecla INT. Só isso. Quanto ao raio de ação, não tenho certeza; teremos que testá-lo. Só sei que, enquanto o *Leonov* e o *Discovery* estiverem a uma distância de uns dois quilômetros um do outro, não haverá perigo de Hal endoidecer outra vez.

- A quem você vai contar a respeito dessa... *coisa*?

- Bem, a única pessoa de quem eu a estou realmente ocultando é o Chandra.

- Até aí eu já havia adivinhado.

- Mas quanto menos souberem, menor será a probabilidade de ficarem falando por aí. Vou contar a Tanya que o dispositivo foi instalado, e em caso de emergência você pode mostrar a ela como operá-lo.

- Que tipo de emergência?

- Essa pergunta não foi lá muito inteligente, Walter. Se eu soubesse, não precisaria dessa porcaria,

- É, suponho que você tenha razão. Quando é que você quer que eu instale esta sua patente, este contra-Hal?

- O mais breve possível. De preferência hoje à noite, quando o Chandra estiver dormindo.

- Isso é piada? Eu nem creio que ele durma; ele parece uma mãe tomando conta



de um filho doente.

- Bem, de vez em quando ele vai ter que vir ao *Leonov* para comer.

- Ah, então você precisa saber da novidade. Da última vez em que ele foi até lá, levou um saquinho de arroz amarrado ao traje. Esse combustível, para ele, dura *semanas*.

- Então vamos ter que usar uma daquelas famosas drágeas soporíferas de Katerina. Elas funcionaram muito bem com você, não foi?

Curnow pilheriava a respeito de Chandra; Floyd ao menos presumia que sim, embora não se pudesse ter certeza absoluta. Ele gostava de fazer declarações as mais alucinadas com a cara mais séria do mundo. E algum tempo se passara para que os russos o percebessem, e logo, em legítima defesa, se dispusessem a gargalhadas as mais antecipadas mesmo quando Curnow falava absolutamente a sério.

A própria gargalhada de Curnow, graças a Deus, muito se abatera desde que Floyd a ouvira pela primeira vez no foguete de subida; naquela ocasião, fora, evidentemente, impelida pelo álcool. E Floyd quis fugir dela de novo durante a festa de fim de órbita, quando o *Leonov* enfim conseguira encontrar o *Discovery*, ocasião em que, mesmo que tivesse bebido bastante, Curnow conseguira manter o controle de si próprio tanto quanto a própria Capitã Orlov.

O que ele levava mesmo a sério era o seu trabalho. Da Terra para cá, na subida, fora passageiro. Agora era tripulante.

## 21. Ressurreição

Estamos, disse Floyd consigo mesmo, prestes a despertar um gigante adormecido. Qual seria a reação de Hal à nossa presença, depois de tantos anos? Que lembranças ele terá do passado, e... será amistoso ou hostil?

Ao passar flutuando bem por trás do Dr. Chandra, naquele ambiente de gravidade zero do convés de vôo do *Discovery*, a mente de Floyd quase não parou de pensar no interruptor de desligamento, instalado e testado algumas horas antes. O controle remoto estava a uns poucos centímetros de sua mão, e ele se sentia um tanto bobo em tê-lo trazido consigo. Neste estágio, Hal ainda estava desligado de todos os circuitos operacionais da nave. Mesmo que fosse reativado, seria um cérebro sem membros, embora não desprovido dos órgãos sensores. Seria capaz de comunicar, mas não de agir. Era como Curnow dissera: "O pior que ele pode fazer é nos xingar."

- Estou pronto para o primeiro teste - disse Chandra. - Todos os módulos que estavam faltando foram substituídos, e eu submeti todos os circuitos a programas-diagnósticos. Tudo parece normal, ao menos nessa plataforma.

Capitã Orlov fitou Floyd, que acenou com a cabeça. Por insistência de Chandra, somente os três presenciariam esta primeira tentativa crítica, e era bastante evidente que nem mesmo esta pequena platéia era bem-vinda.

- Muito bem, Dr. Chandra. - Sempre ciosa do protocolo, a Capitã acrescentou, sem pestanejar: - Dr. Floyd já aprovou, e eu não tenho objeções.

- Devo explicar - disse Dr. Chandra, num tom que transmitia nítida desaprovação - que os centros de reconhecimento de voz e de síntese da fala foram danificados. Teremos que ensiná-lo a falar, desde o início. Por sorte ele aprende com rapidez milhões de vezes maior do que a do ser humano.

Os dedos do cientista dançaram no teclado enquanto ali ele imprimiu, aparentemente a esmo, umas dez palavras, pronunciando-as, com cuidado, à medida que apareciam na tela. As palavras, qual um eco distorcido, retornavam da caixa do alto-falante - sem vida, na verdade *mecânicas*, sem qualquer senso de inteligência que as suportasse. Esse não é o velho Hal, pensou Floyd; não é em nada melhor do que os brinquedos falantes primitivos que eram tamanha novidade quando eu era criança.

Chandra pressionou o botão REPETIR, e a série de palavras ressoou mais uma vez. A melhora já fora notável, embora fosse impossível confundir o orador com um ser humano.

- As palavras que dei a ele contêm os fonemas ingleses básicos; aproximadamente dez iterações, e ele estará aceitável. Eu não possuo, porém, o equipamento para fazer um bom trabalho de terapia.

- Terapia? - perguntou Floyd. - Você está querendo dizer que o cérebro dele... bem, está danificado?

- Não - rebateu Chandra. - Os circuitos lógicos estão em perfeitas condições. Apenas a saída de voz talvez esteja com defeito, embora, progressivamente, vá melhorar. Portanto, verifiquem tudo no visor, para evitar mal-entendidos. E quando falarem, enunciem com vagar.

Floyd, irônico, sorriu para a Capitã Orlov, e perguntou a questão óbvia:

- E que me diz do sotaque russo por aqui?

- Eu tenho certeza de que, quanto à Capitã Orlov e ao Dr. Kovalev, isto não será problema. Mas, quanto aos outros... bem, teremos que fazer testes individuais. Quem não passar terá que usar o teclado.

- Mas isto ainda está muito longe. Você, por enquanto, é a única pessoa que deve tentar comunicar-se com ele. Concorda, Capitã? - Inteiramente.

Só o aceno de cabeça mais fugaz revelou que o Dr. Chandra os ouvira. Os dedos continuaram voando por sobre o teclado, e colunas de palavras e símbolos atravessaram o visor numa velocidade tal que não havia ser humano capaz de assimilá-las. Chandra, presume-se, possuía uma memória eidética, pois parecia reconhecer, numa olhadela, páginas inteiras de informação.

Floyd e Orlov estavam prestes a abandoná-lo às suas devoções arcanas, quando o cientista mais uma vez, subitamente, percebeu-lhes a presença, erguendo a mão por alerta ou intuição. Num movimento quase hesitante, em contraste marcante com as rápidas ações anteriores, ele empurrou uma trava e pressionou uma tecla única, isolada.

Instantaneamente, sem pausa perceptível, uma voz emergiu do console, já não mais numa paródia mecânica da fala humana. Nela havia inteligência, consciência, *auto consciência*, embora, até então, somente num nível rudimentar.

- Bom dia, Dr. Chandra. Aqui é Hal. Estou pronto para minha primeira lição.

Houve um instante de silêncio chocante; em seguida, agindo no mesmo impulso, os dois observadores deixaram o convés.

Heywood Floyd jamais teria acreditado no que viu: o Dr. Chandra chorando.

## IV. Lagrange

---

### 22. O Grande Irmão

– ... Que notícia deliciosa: um filhote de golfinho! Eu bem posso imaginar a emoção de Chris quando os pais orgulhosos entraram em casa com ele. Você devia ter escutado os *ohs* e *ahs* dos meus colegas ao verem as fitas dos dois nadando juntos, e de Chris montado nas costas dele. Eles são de opinião que o chamemos Sputnik, que, além de satélite, também significa companheiro... Me desculpe por eu ter-me demorado tanto desde a última mensagem, mas os noticiários devem ter-lhe dado uma idéia do trabalhão que tivemos. Até mesmo a Capitã Tanya desistiu da pretensão de manter um horário regular; cada problema tem que ser resolvido à medida que surge, por quem quer que esteja no local. Quando não conseguimos mais ficar acordados, dormimos... Creio que todos nós podemos nos orgulhar do que fizemos. As duas naves estão em funcionamento, e já quase terminamos a primeira bateria de testes com Hal. Em mais dois dias vamos saber se podemos confiar nele para pilotar o *Discovery*, quando sairmos daqui para o nosso encontro final com o Grande Irmão... Quem deu esse nome, não sei; os russos, é compreensível, não gostam (Menção ao romance *1984*, de George Orwell. (N. do T.)). E com muito sarcasmo trataram a nossa designação oficial AMT-2, e não cansaram de me dizer que foi a melhor coisa que já ouviram nesse quase bilhão de quilômetros a que estamos de *Tycho*. E também que Bowman não informou qualquer anomalia magnética, e que a única semelhança com a AMT-1 é a forma. Quando perguntei a eles que nome preferiam, saíram com *Zagadka*, que quer dizer enigma. É com certeza um nome excelente, mas como todos riem quando tento pronunciá-lo, me atenho a Grande Irmão... Seja qual for o nome que dermos a ela, a coisa está apenas a dez mil quilômetros de distância agora, e a viagem não demorará mais que umas poucas horas. Mas estamos todos nervosos é com essa última etapa, não me envergonho de dizê-lo... Esperávamos poder encontrar informações adicionais a bordo do *Discovery*, e essa foi a nossa única decepção, embora devêssemos ter esperado por isso. Hal, é claro, estava desligado há muito tempo, até que o encontramos, e portanto não se recorda do que aconteceu. Todos os segredos do Hal, Bowman os levou com ele. Não há nada nos sistemas de gravação lógica e automática da nave que já não soubéssemos... O único item novo que descobrimos foi puramente pessoal, uma mensagem que Bowman deixou para a mãe. Fico a pensar por que ele não a expediu; ele ia, ou ao menos esperava, obviamente, regressar à nave após a última atividade extra-veicular. Nós a mandamos para a Sra. Bowman, é claro; ela está numa clínica de repouso, nalgum ponto da Flórida, e o estado mental dela não é bom; portanto, a mensagem talvez não signifique nada para ela... Bem, são essas as novas dessa vez. Nem sei dizer

as saudades que sinto de você, e dos céus azuis e dos mares verdes da Terra. Todas as cores por aqui são vermelhos, laranjas e amarelos, que muitas vezes possuem a mesma beleza do pôr-do-sol mais fantástico; mas depois de um certo tempo ficamos com saudades dos raios puros e temperados da outra extremidade do espectro... Saudades de vocês dois. Chamo de novo assim que puder.

## 23. O Encontro

Nikolai Ternovski, o especialista em controle e cibernética do *Leonov*, era o único homem a bordo capaz de conversar com o Dr. Chandra nos termos do cientista. Embora o principal criador e mentor de Hal relutasse em admitir qualquer pessoa em sua total confiança, a absoluta exaustão física o forçara a aceitar ajuda. O russo e o indo-americano formaram uma aliança temporária que, surpreendentemente, funcionou muito bem. Boa parte do mérito, porém, por esse relacionamento, coube ao afável Nikolai, que de algum modo conseguia sentir quando Chandra realmente precisava dele, e quando preferia ficar só. O fato de o inglês de Nikolai ser de longe o pior da nave era totalmente irrelevante, já que, durante a maior parte do tempo, os dois falavam num computadorês inteiramente ininteligível aos demais.

Após uma reintegração lenta e cuidadosa, de uma semana, todas as funções de supervisão rotineira de Hal já funcionavam a contento. Já se assemelhava a um homem capaz de andar, executar ordens simples, executar tarefas grosseiras e participar de conversas simples. Em termos humanos, tinha uns 50 de Quociente de Inteligência; apenas os contornos mais difusos de sua personalidade original haviam até então emergido.

Ainda estava com sonambulismo; mesmo assim, segundo a opinião especializada de Chandra, estava bem apto a pilotar o *Discovery* daquela órbita próxima de Io até o encontro com o Grande Irmão.

A perspectiva de se distanciarem uns sete mil quilômetros adicionais daquele inferno em chamas, logo abaixo, foi de bom grado acolhida por todos. Essa distância, por mais trivial que fosse em termos astronômicos, significava um céu já não mais dominado por uma paisagem talvez imaginável por Dante ou Jerônimo Bosch. E, embora nem mesmo as erupções mais violentas tivessem lançado detritos às naves, havia sempre o receio de que Io pudesse tentar estabelecer novos recordes. A visibilidade, ali do convés de observação do *Leonov*, estava, por assim dizer, cada vez mais degradada por uma fina película de enxofre, e mais cedo ou mais tarde alguém teria que ir lá fora e removê-la.

Quando Hal recebeu o primeiro controle da nave, somente Curnow e Chandra estavam a bordo do *Discovery*. Era uma forma de controle muito limitada; ele simplesmente repetia o programa que lhe fora alimentado à memória, e monitorava a respectiva execução. E os tripulantes humanos o monitoravam; caso ocorresse algum defeito, assumiriam imediatamente o controle.

A primeira queima durou dez minutos, e depois dela Hal informou que o *Discovery* entrara na órbita de transferência. Assim que o *Leonov*, por meio do radar e do rastreamento ótico, confirmou a informação, injetou-se na mesma trajetória. Em curso, fizeram-se duas correções menores, e três horas e quinze minutos depois as duas naves chegavam, sem percalços, ao primeiro ponto

Lagrange, L.1, a dez mil e quinhentos quilômetros acima, na linha invisível que ligava os centros de Io e Júpiter.

Hal comportara-se impecavelmente, e Chandra evidenciara sinais inequívocos de emoções puramente humanas, como de satisfação e até mesmo de alegria.

Àquela altura, porém, todos os pensamentos estavam em outro lugar: o Grande Irmão, ou *Zagadka*, estava apenas a cem quilômetros dali.

E mesmo a essa distância já parecia maior do que a Lua vista da Terra, e de um aspecto chocante, artificial, com aquela perfeição geométrica nas bordas retilíneas. Contra o pano de fundo do espaço, se teria conservado completamente invisível não fossem as nuvens jovianas, rajando a 350.000 quilômetros abaixo, tê-lo exposto ali em cima, num contraste notável, e produzindo também uma ilusão que, uma vez experimentada, a mente não poderia refutar. Por inexistirem meios por que o olho lhe pudesse avaliar a localização real, o Grande Irmão parecia um alçapão aberto na superfície de Júpiter.

Não havia motivos para se supor que cem quilômetros fossem mais seguros que dez, ou mais perigosos que mil; pareciam, simplesmente, no plano psicológico, a medida certa para um primeiro reconhecimento. Os telescópios da nave, a essa distância, poderiam ter revelado detalhes de apenas centímetros de extensão... mas inexistiam detalhes a serem vistos. O Grande Irmão parecia inteiramente sem feições características, o que, para um objeto que presumivelmente sobrevivera a milhões de anos de bombardeio de detrito espacial, era inacreditável.

Quando Floyd olhou-o no visor binocular, pareceu a ele que bastaria estender a mão para tocar naquelas superfícies lisas, da cor do ébano; assim como o fizera na Lua, anos atrás. Daquela vez, fizera-o com a mão enluvada do traje espacial; só depois de o monolito de Tycho ter sido embalado num domo pressurizado é que ele pôde usar a mão desprotegida.

Aquilo não fizera diferença; ele não sentiu que *realmente* tivesse tocado no AMT-1. As pontas dos dedos pareceram apenas roçar numa barreira invisível, e, quanto mais ele a empurrava, mais aumentava a repulsão. Ele ficou a pensar se o Grande Irmão produziria o mesmo efeito.

Mesmo antes de atingirem tamanha aproximação, teriam que fazer todos os testes que conseguissem idear, e informar à Terra as observações resultantes. Estavam quase na mesma posição que os especialistas em explosivos, quando tentam desligar um novo tipo de bomba, que, ao menor movimento em falso, pode detonar. Pelo que podiam dizer, até mesmo as sondas mais delicadas do radar poderiam causar uma catástrofe inimaginável.

Durante as primeiras vinte e quatro horas, nada fizeram senão observar com instrumentos passivos: telescópios, câmeras, sensores para todos os comprimentos de onda. Vasili Orlov também aproveitou a oportunidade para medir as dimensões da chapa com a maior precisão possível, e confirmou a famosa razão de 1:4:9 até dez casas decimais. O Grande Irmão era exatamente da mesma forma que o AMT-1; como tivesse, porém, mais de dois quilômetros de comprimento, era 718 vezes maior que o irmão menor.

E havia um segundo mistério matemático. Anos de discussão se haviam passado em torno da razão 1:4:9, os quadrados dos três primeiros números inteiros. Era impossível que aquilo fosse uma coincidência. Mais um número, portanto, surgia com poder mágico.

Na Terra, os estatísticos, os físicos matemáticos, logo se puseram a brincar felizes com seus computadores, tentando relacionar aquela razão às constantes

fundamentais da natureza: a velocidade da luz, a relação de massa próton/elétron, a constante da estrutura fina. E a eles logo se juntou uma horda de numerologistas, astrólogos, místicos, que contribuíram com a altura da Grande Pirâmide, o diâmetro de Stonehenge, as marcações do azimute das linhas de Nazca, a latitude da Ilha de Páscoa, e uma porção de outros fatores dos quais eram capazes de extrair as conclusões mais espantosas com respeito ao futuro. E nem se detiveram quando um famoso humorista de Washington alegou que *seus* cálculos demonstravam que o mundo havia terminado em 31 de dezembro de 1999, mas que a ressaca foi tanta que ninguém reparou.

Tampouco o Grande Irmão pareceu reparar nas duas naves que lhe chegaram à vizinhança; mesmo quando, com toda a cautela, o sondaram com ondas de radar e o bombardearam com uma série de impulsos de rádio, o que, esperava-se, deveria estimular qualquer ouvinte inteligente a responder na mesma moeda.

Depois de dois dias frustrantes, com a aprovação do Controle da Missão, as naves se aproximaram a metade da distância. A cinquenta quilômetros, a face maior da placa parecia cerca de quatro vezes maior que a largura da Lua nos céus terrenos; impressionante, mas não tão grande a ponto de ser psicologicamente assustador. E nem poderia competir com Júpiter, dez vezes maior. E o estado de espírito da expedição já se transformava de uma vigilância reverente numa certa impaciência.

Walter Curnow falou quase por todos:

- Talvez o Grande Irmão queira esperar alguns milhões de anos, mas *nós* queremos ir embora um pouco antes disso.

## 24. Reconhecimento

O *Discovery* deixara a Terra com três daquelas pequeninas cápsulas espaciais que permitiam ao astronauta executar atividades extraveiculares no conforto de mangas de camisa. Uma se perdera no acidente - se é que *fora* mesmo acidente - que matara Frank Poole. Outra levava Dave Bowman ao encontro derradeiro com o Grande Irmão, e compartilhara do destino que porventura lhe ocorrera. O terceiro ainda estava na garagem da nave, a Sala das Cápsulas.

Estava sem um componente importante, a escotilha, arrebatada pelo Comandante Bowman quando, depois de fazer a perigosa travessia do vácuo, entrou na nave pela câmara de ar de emergência, pois Hal se recusara a abrir a porta da Sala das Cápsulas. A explosão de ar resultante atirara a cápsula a centenas de quilômetros, mas Bowman, depois de desocupar-se dos problemas mais importantes, conseguira reavê-la com o controle remoto. Não constituía surpresa que ele não tivesse se incomodado em substituir a escotilha que faltava.

A *Cápsula Número 2* (em que Max, recusando-se a quaisquer explicações, gravara o nome *Nina*) estava agora sendo preparada para outra atividade extraveicular. Ainda estava sem a escotilha, mas isto era irrelevante. Ninguém seguiria a bordo.

A dedicação de Bowman ao dever fora mesmo uma sorte inesperada, e teria sido loucura não se tirar proveito dela. Valendo-se de *Nina* como uma sonda-robô, o Grande Irmão poderia ser examinado bem de perto sem que se arriscassem vidas humanas. Era esta, pelo menos, a teoria. Não se poderia descartar a possibilidade

de um repuxo capaz de engolir a nave. Afinal, no que dizia respeito às distâncias cósmicas, cinquenta quilômetros não eram sequer a largura de um fio de cabelo.

Depois de anos de desprezo, *Nina* parecia bem mal-ajambrada. A poeira eternamente flutuante em gême-zero se assentara sobre a superfície externa, de modo que aquela carcaça, outrora de um branco imaculado, passara a ser um cinza-amarelado. Ao afastar-se lentamente da nave, com os manipuladores externos recolhidos, normalmente, com o mirante oval voltado para o espaço como um olho enorme, mortiço, não parecia um embaixador convincente da Humanidade, embora assim apresentasse uma vantagem inegável. Emissário tão humilde talvez fosse tolerado, e o pequeno tamanho e a baixa velocidade deveriam enfatizar-lhe as intenções pacíficas. Sugeriu-se que ele se aproximasse do Grande Irmão com as mãos estendidas, idéia logo abandonada, pois quase todos concordaram que se *eles próprios* vissem *Nina* se aproximando com aquelas garras estendidas, fugiriam para salvar a pele.

Depois de uma viagem folgada de duas horas, *Nina* parou a cem metros de uma quina da imensa placa retangular. Dali, tão próxima, não havia como sentir-lhe a verdadeira forma; quanto às câmeras de TV, talvez enquadrassem uma simples ponta de um tetraedro negro, de tamanho indefinido. Os instrumentos de bordo não mostravam qualquer sinal de radioatividade ou de campos magnéticos; nada, o que quer que fosse, era emitido do Grande Irmão, exceto a pequenina fração de luz do sol que se dignava a refletir.

Após uma pausa de cinco minutos - o equivalente, segundo se pretendia, a um "Olá, cheguei!" -, *Nina* iniciou a travessia diagonal da face menor; em seguida, da segunda maior, e, por fim, da maior, conservando-se a uma distância de cerca de cinquenta metros, aproximando-se, porém, eventualmente, a cinco metros. Qualquer que fosse a distância, o Grande Irmão parecia exatamente o mesmo: liso e sem feições características. Bem antes de terminar, a missão já estava entediante, e os espectadores, nas duas naves, já haviam voltado aos respectivos inúmeros trabalhos; apenas, de vez em quando, davam uma espiada nos monitores.

- Pois é - disse, por fim, Walter Curnow, quando *Nina* voltou para onde começara -, poderíamos passar o resto de nossas vidas fazendo isso, sem aprendermos nada a mais. O que eu faço com *Nina*? Levo-a de volta para a garagem?

- Não - respondeu Vasili, intrometendo-se no circuito, do *Leonov*. - Eu tenho uma sugestão. Leve-a ao centro exato da face maior. E pare-a, digamos, a uns cem metros de distância. Deixe-a estacionada por lá, com o radar ligado em precisão máxima.

- Não há problema, só que é provável que haja um certo desvio residual. Mas por que isso?

- Acabo de me lembrar de um exercício de uma das minhas cadeiras da faculdade de astronomia: a atração gravitacional de uma placa infinitamente achatada. Nunca pensei que teria oportunidade de usá-lo na vida real. Depois de estudar os movimentos de *Nina* durante algumas horas, ao menos poderei calcular a massa do *Zagadka*. Isto é, se ele tiver massa. Estou começando a crer que *na verdade* não há nada lá.

- Há um meio fácil de se estabelecer isso, e afinal teremos que usá-lo. *Nina* tem que ir lá e tocar naquela coisa.

- Mas ela já tocou.

- O quê? - indignou-se Curnow. - O máximo que eu me aproximei foram cinco

metros.

- Eu não estou criticando as suas habilidades de piloto, embora aquela primeira quina tenha se aproximado bastante, não é mesmo? Mas, toda vez que você usa os jatos de *Nina* perto da superfície do *Zagadka*, você toca de leve nele.

- Uma pulga pulando num elefante.

- Talvez. Nós simplesmente não sabemos. Mas é melhor presumirmos, de um jeito ou de outro, que ele está ciente de nossa presença, e que só vai nos tolerar se não nos tornarmos um incômodo.

A pergunta não feita, ele a deixou no ar: de que maneira se poderia incomodar uma placa retangular preta, de dois quilômetros de comprimento? E de que forma ela manifestaria sua desaprovação?

## 25. A Vista de Lagrange

A astronomia está repleta dessas coincidências intrigantes, mas sem significado. A mais famosa era o fato de tanto o Sol como a Lua, lá da Terra, terem o mesmo diâmetro aparente. Aqui, no ponto de libração L.1, escolhido pelo Grande Irmão para seu ato de equilíbrio cósmico na corda bamba gravitacional entre Júpiter e Io, ocorria fenômeno semelhante. Planeta e satélite pareciam exatamente do mesmo tamanho.

E *que* tamanho! Não o mesquinho meio grau do Sol e da Lua, mas quarenta vezes o diâmetro de cada um, mil e seiscentas vezes a área de cada um. A visão de um ou de outro bastava para encher a mente de temor e pasmo; no conjunto, o espetáculo era irresistível.

A cada quarenta e duas horas os dois atravessavam um ciclo completo de fases; quando Io era nova, Júpiter era cheia, e vice-versa. Mas mesmo quando o Sol se escondia atrás de Júpiter, e o planeta exibia apenas o lado noturno, não saía de *lá*, inequivocamente - um imenso disco negro eclipsando as estrelas. Aquele negror era às vezes, momentaneamente, cortado por raios de luz, que duravam segundos a fio, provenientes de tempestades elétricas bem maiores do que a Terra.

Do lado oposto do céu, sempre com a mesma face voltada para seu gigantesco senhor, Io era um caldeirão, fervendo indolente, de vermelhos e laranjas, com nuvens amarelas ocasionais que saíam em erupção de qualquer um dos vulcões, e recaíam rapidamente sobre a superfície. Assim como Júpiter, mas numa escala de tempo ligeiramente maior, Io era um mundo sem geografia. Tinha a face remodelada em questão de décadas; Júpiter, em questão de dias.

À medida que Io ia se desvanecendo até o último quarto, a imensa paisagem joviana, de listras tão intrincadas, se acendia debaixo do pequenino sol distante. Às vezes a própria sombra de Io, ou a de um dos satélites exteriores, escorria pela face de Júpiter. E a cada revolução exibia-se o vórtice, de dimensões planetárias, da Grande Mancha Vermelha: um furacão que durara séculos, senão milênios.

Suspensa entre tantas maravilhas, a tripulação do *Leonov* tinha material para toda uma vida de pesquisas; os objetos naturais do sistema joviano estavam, porém, bem no fundo da lista de prioridades. O Grande Irmão era a número um; embora as naves já se tivessem aproximado a apenas cinco quilômetros, Tanya



ainda se recusava a permitir qualquer contato físico direto. "Eu vou esperar", ela dissera, "até que estejamos em posição de executarmos uma fuga rápida. Vamos nos sentar e observar, até que nosso corredor de lançamento se abra. Aí, sim, pensaremos no movimento seguinte."

Era bem verdade que *Nina* já, finalmente, aterrissara no Grande Irmão, depois de uma queda lenta de cinquenta minutos, o que permitira a Vasili calcular a massa do objeto em 950.000 toneladas, massa surpreendentemente baixa e que dava a ele quase a mesma densidade do ar. Era de se presumir que fosse oco, o que provocou especulações infundáveis sobre o que poderia estar ali dentro.

Mas eram muitos os problemas práticos, quotidianos, que lhes afastavam as mentes destas questões maiores. As tarefas de administração interna, a bordo do *Leonov* e do *Discovery*, absorviam noventa por cento do tempo de trabalho, embora as operações estivessem muito mais eficientes com as duas naves agora acopladas por meio de uma conexão flexível de atracação. Curnow enfim convencera Tanya de que o carrossel do *Discovery* não iria emperrar de repente e despedaçar as naves, portanto agora era possível transitar de um veículo ao outro ao simples abrir e fechar de dois conjuntos de portas de ar comprimido. Os trajes espaciais, ou as atividades extraveiculares, que tanto tempo consumiam, já não eram necessários... para regozijo de todos, menos de Max, que gostava de ir lá fora se exercitar com sua vassoura.

Os dois membros da tripulação a quem isto não afetara eram Chandra e Tarnovski, que agora virtualmente moravam no *Discovery*, trabalhando vinte e quatro horas por dia, dando continuidade ao diálogo - ao que parecia - interminável com Hal. "Quando vocês estarão prontos?" era o que perguntavam aos dois no mínimo uma vez por dia. Eles se recusavam a promessas; Hal continuava um mentecapto primário.

Então, uma semana depois do encontro com o Grande Irmão, Chandra, inesperadamente, anunciara: "Estamos prontos!"

Apenas as duas médicas estavam ausentes do convés de vôo do *Discovery*, e isto simplesmente porque não havia espaço para elas; a tudo assistiam nos monitores do *Leonov*. Floyd estava logo atrás de Chandra, a mão jamais distante daquilo que Curnow, com seu dom costumeiro para encontrar a expressão certa, chamara de gigantesca de bolso.

- Quero salientar mais uma vez - disse Chandra - que as conversas estão proibidas. Seus sotaques irão confundir-lo. *Eu* posso falar, mais ninguém. Está entendido?

O aspecto de Chandra, e também a voz, evidenciavam o limiar da exaustão. Mesmo assim a voz continha uma nota de autoridade que jamais antes alguém ouvira. Tanya poderia ser o chefe em qualquer lugar, mas ali era *e/le* o senhor.

A platéia - alguns ancorados em pegadas convenientes, alguns flutuando livremente - aquiesceu, com um aceno de cabeça. Chandra desligara um interruptor de áudio, e dissera, calmo, porém com clareza: "Bom dia, Hal".

Um instante depois já parecia a Floyd que anos a fio se haviam passado. Já não era um simples brinquedo eletrônico que respondia... Hal regressara.

- Bom dia, Dr. Chandra.

- Você se sente apto a retomar suas obrigações?

- Claro. Estou funcionando muito bem, e todos os meus circuitos também.

- Você se incomoda, então, que eu lhe faça algumas perguntas?

- De maneira alguma.

- Você se lembra de um defeito na unidade de controle da antena AE 35?

- Claro que não.

A despeito da proibição de Chandra, os ouvintes arquejaram. É o mesmo que andar na ponta dos pés num campo minado, Floyd pensou ao acariciar a forma reconfortante do interruptor de controle remoto. Se aquela linha de interrogatório deflagrasse outra psicose, ele, em um segundo, poderia matar Hal. (Ele sabia que sim, pois ensaiara umas dez vezes.) Mas um segundo significava eões para um computador, e esse risco eles teriam que correr.

- Você não se lembra que Dave Bowman e Frank Poole foram lá fora para substituir a unidade AE 35?

- Não. É impossível que isto tenha ocorrido. Se tivesse, eu me lembraria. Onde estão Frank e Dave? Quem são essas pessoas? Só consigo identificar o senhor, e estou computando, numa probabilidade de sessenta e cinco por cento, que quem está atrás do senhor é o Dr. Heywood Floyd.

Floyd lembrou-se da injunção severa do Dr. Chandra e absteve-se de congratular-se com Hal. Depois de uma década, sessenta e cinco por cento era uma ótima marca. Muitos humanos não se teriam saído tão bem.

- Não se preocupe, Hal, eu explico tudo depois.

- A missão foi completada? O senhor sabe que eu era um entusiasta da missão.

- A missão foi completada; você executou o seu programa. Agora, se você nos desculpar, precisamos ter uma conversa particular.

- Claro.

Chandra desligou os ingressos de áudio e visão ao console principal. No que dizia respeito a essa região da nave, Hal agora estava surdo-mudo.

- Ei, que conversa foi essa} - perguntou Vasili Orlov.

- Isto quer dizer - respondeu Chandra, com cuidado e precisão - que eu apaguei todas as memórias de Hal, a partir do instante em que o problema começou.

- Uma façanha e tanto - assombrou-se Sacha. - Como foi que o conseguiu?

- Receio que vá me tomar mais tempo para explicar do que levei para executar a operação.

- Chandra, eu *sou* um especialista em computadores, embora não da mesma categoria que você e Nikolai. A série 9000 usa memória holográfica, não é? Portanto você não pode ter usado um simples apagamento cronológico. Talvez tenha sido alguma espécie de tênia, alojado em palavras e conceitos selecionados.

- Tênia? - perguntou Katerina, no intercomunicador da nave. - Eu pensei que isso coubesse ao meu departamento; mas, mesmo assim, folgo em dizer que nunca vi esses animaizinhos fora das jarras de álcool. De que vocês *estão* falando?

- É jargão de computador, Katerina. Antigamente, *muito* antigamente, eles usavam mesmo fita magnética. E é possível construir-se um programa que, quando alimentado a um sistema, pode caçar e destruir - comer, se você assim preferir - qualquer memória que se queira destruir. Você não pode fazer o mesmo com os seres humanos, por meio da hipnose?

- É, mas tudo pode voltar. Nós *na verdade* nunca esquecemos nada. Só

pensamos que esquecemos.

- O computador não funciona assim. Quando se diz a ele para esquecer alguma coisa, ele esquece. A informação apaga-se completamente.

- Então Hal não se lembra... de ter agido mal?

- Não posso estar cem por cento certo - respondeu Chandra. - Talvez certas memórias estivessem em trânsito de um bloco para outro no instante em que a... tência estivesse fazendo seu trabalho de busca. Mas isto é bastante improvável.

- Fascinante - exclamou Tanya, depois que todos, em silêncio, haviam refletido, durante algum tempo, sobre o assunto. - Mas a pergunta mais importante é: pode-se confiar nele no futuro?

Antes que Chandra respondesse, Floyd antecipou-se.

- O mesmo conjunto de circunstâncias jamais surgirá de novo. Isto eu prometo. Todo o problema começou porque é difícil se explicar Segurança a um computador.

- Ou mesmo para seres humanos - resmungou Curnow, não tão *sotto voce*.

- Espero que você tenha razão - disse Tanya, sem muita convicção. - Qual é o próximo passo, Chandra?

- Nada que exija os mesmos estratagemas; é apenas longo e entediante. Teremos que programá-lo para iniciar a sequência de fuga de Júpiter, e para levar o *Discovery* de volta. Três anos depois que voltamos à nossa órbita de alta velocidade.

## 26. Liberdade Condicional

Para: Victor Millson, Presidente, Conselho Nacional de Astronáutica, Washington

De: Heywood Floyd, a bordo EEU *Discovery*

Assunto: Defeito no computador de bordo HAL 9000

Classificação: SECRETO

O Dr. Chandrasegarampillai (doravante designado Dr. C.) acaba de completar o exame preliminar de Hal. Restaurou os módulos que faltavam e o computador parece estar em perfeito funcionamento. Os detalhes dos atos e conclusões do Dr. C. serão encontrados no relatório que ele e o Dr. Ternovski submeterão em breve.

Vocês me pediram que, enquanto isso, eu os resumisse em termos não técnicos para uso do Conselho, especialmente para os novos membros que não estão familiarizados com os antecedentes. Duvido, francamente, da minha capacidade de fazê-lo; como sabem, não sou um especialista em computadores. Mas farei o melhor que possa.

O problema foi, ao que parece, causado por um conflito entre as instruções básicas de Hal e os requisitos da Segurança. Por instrução direta do Presidente, a existência do AMT-1 foi mantida em sigilo absoluto. Só os que precisavam conhecê-lo tiveram o acesso permitido à informação.

A missão do *Discovery* a Júpiter já se encontrava em estágio avançado de planejamento quando se escavou o AMT-1, e quando o sinal do AMT-1 foi irradiado para o planeta. Como a função da tripulação básica (Bowman, Poole) era simplesmente conduzir o veículo ao destino, decidiu-se que não seria informada quanto ao novo objetivo. Por meio do treinamento isolado da equipe de investigação (Kaminski, Hunter, Whitehead), e colocando-os em hibernação antes do início da viagem, pretendia-se atingir um nível de segurança muito maior, pois o perigo de vazamentos (acidentais ou não) estaria bastante reduzido. Eu gostaria de lembrar-lhes que, na ocasião (meu memorando CNA 342/23/SIGILO ABSOLUTO de 30.04.01), apontei várias objeções a tal política, que foram rejeitadas, entretanto, em instância superior.

Como Hal estivesse apto a operar a nave sem assistência humana, decidiu-se também que ele deveria ser programado para executar a missão com autonomia no caso de incapacitação ou morte da tripulação. Ele tinha, portanto, pleno conhecimento dos objetivos da missão, mas não tinha permissão de revelá-los a Bowman ou a Poole.

A situação estava em choque com o propósito para o qual Hal fora projetado: o processamento acurado das informações sem distorção ou mascaramento. Em conseqüência, Hal desenvolveu o que em termos humanos seria chamado de psicose... especificamente, esquizofrenia. O Dr. C. me informa que, em terminologia técnica, Hal caiu num anel de Hofstadter-Moebius, uma situação nada incomum, ao que parece, entre os computadores avançados, com programas autônomos de busca de objetivos. Ele é de opinião que, para maiores informações, vocês entrem em contato com o próprio Professor Hofstadter.

Falando em termos grosseiros (se é que eu compreendo o Dr. C), Hal se deparou com um dilema insuportável, e portanto desenvolveu sintomas paranoicos que se voltaram contra os que lhe monitoravam o desempenho aqui na Terra. E tentou, em consonância com o exposto, interromper o elo do rádio com o Controle da Missão, primeiro acusando um defeito (inexistente) na unidade de antena AE 35.

E isto o envolveu numa mentira direta, que deve ter agravado ainda mais a psicose, e também num confronto com os tripulantes. E de se presumir (quanto a isto só podemos adivinhar, é claro) que ele tenha decidido que a única maneira de se livrar da situação era eliminar os colegas humanos, o que ele esteve bem perto de conseguir. Se olharmos a questão com mera objetividade, seria interessante ver o que teria acontecido se ele tivesse continuado sozinho a missão, sem "interferência" humana.

Isto é tudo, por assim dizer, o que consegui saber através do Dr. C; não quero interrogá-lo mais, pois ele vem trabalhando ao ponto da exaustão. Mas, mesmo fazendo concessão a este fato, eu devo declarar, com franqueza (e, por favor, mantenha esta declaração *absolutamente* confidencial) que o Dr. C. nem sempre coopera o quanto devia. Ele adota uma atitude defensiva para com Hal, o que às vezes dificulta em muito discutir o assunto. Até mesmo o Dr. Ternovski, de quem se poderia esperar um pouco mais de independência, parece freqüentemente partilhar desse ponto de vista.

Entretanto, a única pergunta realmente importante é: pode-se confiar em Hal no futuro? O Dr. C, é claro, não tem dúvidas a respeito. Ele alega ter obliterado todas as memórias do computador que se relacionavam aos acontecimentos traumáticos que conduziram ao desligamento. Tampouco ele acredita que Hal possa sofrer de algo vagamente análogo à sensação de culpa humana.

De qualquer jeito, parece impossível que a situação que causou o problema

original possa surgir de novo. Embora Hal esteja sofrendo de um sem-número de peculiaridades, não são de natureza tal a causarem qualquer apreensão; são somente aborrecimentos menores, alguns até engraçados. E como vocês sabem - *mas não o Dr. C.* -, eu tomei providências que, em último recurso, nos dão o controle absoluto.

Resumindo: a reabilitação do Hal 9000 processa-se satisfatoriamente. Pode-se até mesmo dizer que ele está em liberdade condicional.

Fico a pensar se ele sabe disso.

## 27. Interlúdio: Confissões Francas

A mente humana possui espantosa capacidade de adaptação; com o passar do tempo, até mesmo o inacreditável se torna lugar-comum. Ocasionalmente havia em que os tripulantes do *Leonov* se desligavam de seus arredores, talvez num movimento inconsciente para preservarem a sanidade.

O Dr. Heywood Floyd costumava pensar que, nessas ocasiões, Walter Curnow se esforçava um pouco demais para ser o corpo e a alma da festa. E embora tenha detonado o que Sacha Kovalev mais tarde chamou de o episódio das "Confissões Francas", ele com certeza não o planejara. O episódio surgiu espontaneamente quando ele expressou a insatisfação universal para com quase todos os aspectos do sistema de encanamento d'água da gravidade zero.

- Se me pudessem conceder um desejo - exclamou ele, durante o *Soviete das Seis* diário -, eu queria me enfiar numa bela banheira espumante, aromatizada com essência de pinho, e só com o nariz fora d'água.

Assim que se esvaíram os murmúrios de assentimento e os suspiros de desejo frustrado, Katerina Rudenko aceitou o desafio.

- Esplêndido, quão decadente, Walter - sorriu ela para ele, em desaprovação amistosa. - Assim você parece um imperador romano. Se eu estivesse na Terra, iria querer algo mais ativo.

- Como o quê?

- Ah... Tenho permissão também para voltar no tempo?

- Claro, se quiser.

- Quando eu era menina, eu costumava ir passar os feriados numa fazenda coletiva na Geórgia, onde havia um garanhão árabe, lindo, que o diretor comprara com o dinheiro que ganhara no mercado negro. Ele era um canalha, mas eu gostava dele; ele me deixava sair com o Alexander, galopando pelos campos. Eu poderia ter morrido, mas é essa a recordação que me leva de volta à Terra, mais do que qualquer outra.

Após um momento reflexivo de silêncio, Curnow perguntou:

- Algum outro voluntário?

Todos pareciam tão perdidos em suas próprias lembranças que o jogo poderia ter terminado naquele instante, não fosse ter sido reiniciado por Max Brailovski.

- Eu queria estar mergulhando. Era um dos meus melhores passatempos,

quando eu tinha tempo para passatempos, e gostei de poder mantê-lo durante meu treinamento de astronauta. Já mergulhei nos atóis do Pacífico, nos Grandes Recifes, no Mar Vermelho; os recifes de coral são os lugares mais bonitos do mundo. Mas a experiência de que eu me lembro melhor foi em lugar bem diferente, numa das florestas de algas do Japão. Parecia uma catedral submarina, com o sol atravessando enviesado aquelas folhas enormes. Misterioso... mágico. Nunca voltei lá; talvez se voltasse já não seria a mesma coisa. Mas eu gostaria de tentar.

- Ótimo - disse Walter, que de hábito se nomeava mestre de cerimônias. - Quem é o próximo?

- Minha resposta será rápida - disse Tanya Orlov. - O Bolshoi: *O lago dos cisnes*. Mas Vasili não vai concordar. Ele detesta balé.

- Então somos dois. Mas, e você Vasili, o que você escolheria?

- Eu ia dizer mergulhar, mas Max chegou na frente. Portanto, vou para o lado oposto: voar. Planar pelas nuvens, num dia de verão, no silêncio absoluto. Bem, não *tão* absoluto... o fluxo de ar sobre as asas às vezes faz barulho, principalmente quando inclinamos nas curvas. Esse é o jeito de gozar a Terra... como um pássaro.

- Zenia?

- Esquiar no Pamir. Eu adoro neve.

- E você, Chandra?

A atmosfera mudou perceptivelmente quando Walter colocou a pergunta. Depois de tanto tempo, Chandra ainda era um estranho. Muito bem-educado, até cortês, mas... jamais se revelava.

- Quando eu era menino - disse, devagar -, meu avô me levou numa romaria a Varanasi... Benares. Quem nunca esteve lá, receio que não vá entender. Para mim, para muitos indianos hoje em dia, de qualquer religião, é o centro do mundo. Um dia eu penso em voltar lá.

- E você, Nikolai?

- Bem, já falamos do mar e do céu. Eu gostaria de conjugar os dois. Meu esporte predileto costumava ser o *wind surfing*. Receio que esteja muito velho para isso agora, mas ainda gostaria de descobrir se estou mesmo ou não.

- Agora só falta você, Woody. O que você escolhe?

Floyd nem parou para pensar. A resposta, espontânea, o surpreendeu tanto quanto os demais.

- Não me importo *onde* eu esteja na Terra, contanto que meu filho esteja comigo.

Depois disso, nada mais havia a dizer. A sessão estava encerrada.

## 28. Frustração

- ... Você já viu todos os relatórios técnicos, Dimitri, portanto compreende a nossa frustração. Não aprendemos *nada* de novo com os nossos testes e medições. *Zagadka* está lá, ocupando a metade do céu, nos ignorando completamente... Mas não pode ser inerte; um objeto espacial abandonado. Vasili notou que ele tem que

estar realizando alguma ação positiva para se conservar ali no ponto de liberação. Caso contrário já se teria ido, à deriva, há anos, assim como ocorreu com o *Discovery*, e colidido com Io... Então, o que fazemos a seguir? Por acaso não temos explosivos nucleares a bordo, não é?, em contravenção à N.U. 2008 parágrafo 3? Só estou brincando, hem!... Agora que a pressão diminuiu, e o corredor de lançamento para a viagem de regresso ainda está a semanas de distância, paira uma sensação absoluta de tédio, e também de frustração. Não ria; eu posso bem imaginar o que isso lhe parece aí em Moscou: como pode um ser inteligente se entediar por aqui, rodeado pelas maiores maravilhas que os olhos humanos já viram?... Mas, não resta dúvida, o moral já não é o que era. Até agora estivemos tão saudáveis que chegava a causar náuseas. Agora quase todos estão com um resfriadinho, ou com enjoo estomacal, ou com um arranhão que não cicatriza, apesar de todas as pílulas e todos os polvilhos de Katerina. Ela já desistiu, e só faz nos xingar... Sacha nos tem ajudado a nos divertir com uma série de boletins no mural da nave. O tema é: "ACABEM COM O INGLUSSO!" Ele relaciona misturas horríveis das duas línguas, que ele alega ter ouvido por aqui, usos errados de palavras, e assim por diante. Vamos todos precisar de uma descontaminação linguística quando voltarmos; por diversas vezes eu passei por conterrâneos seus que, sem se aperceberem, conversavam *em inglês*, deixando os lapsos, no caso das palavras difíceis, para a língua-mãe. Outro dia flagrei-me conversando em russo com Walter Curnow, e *nem* eu *nem* ele nos apercebemos, por minutos a fio... Houve, outro dia, uma atividade não-programada que lhe dirá um pouco do nosso estado de espírito. O alarme contra incêndio disparou no meio da noite, acionado por um dos detectores de fumaça... Bem, o Chandra conseguira contrabandear para bordo alguns daqueles charutos abomináveis que ele fuma e, não mais conseguindo resistir à tentação, foi fumar no banheiro, como um colegial culpado... Ele ficou, é claro, muito envergonhado; passado o pânico inicial, todos acharam muita graça, ao ponto da histeria. Você bem sabe que uma piada absolutamente trivial, que nada significa para quem está de fora, pode arrebatrar um grupo de pessoas, de um modo geral inteligentes, e compeli-las a gargalhadas incontroláveis. Nos dias que se seguiram, bastava fingirmos que íamos acender um charuto para todos rolarem de rir... O que torna a coisa ainda mais ridícula é que ninguém se teria incomodado se Chandra tivesse ido à câmara de ar, ou se tivesse desligado o detector de fumaça. Mas a timidez foi maior, e ele não admitiu essa fraqueza humana; e agora passa ainda mais tempo comungando com Hal.

Floyd apertou a tecla PAUSA e interrompeu a gravação. Talvez não fosse justo fazer troça com Chandra, embora fosse muitas vezes tentador. Toda espécie de singularidades pessoais havia emergido nas últimas semanas; houve até discussões feias, sem motivo aparente. Por falar nisso, e o seu próprio comportamento? Estivera sempre acima de qualquer crítica?

Ele ainda não tinha certeza se soubera lidar corretamente com Curnow. Embora sem acreditar que pudesse vir a gostar do corpulento engenheiro, ou gostar do som daquela voz um pouco alta demais, a atitude de Floyd para com ele se transformara de mera tolerância em respeitosa admiração. Os russos o adoravam, e não era só por causa das suas interpretações daquelas músicas prediletas, como "Polyuchko Polye", que muitas vezes os compeliam a lágrimas. E, em certo caso, Floyd sentiu que aquela adoração fora longe demais.

- Walter - começara ele com cautela -, eu não sei se é da minha conta, mas há um assunto pessoal que eu gostaria de discutir com você.

- Quando alguém diz que alguma coisa não é de sua conta, é porque em geral tem toda a razão. Qual é o problema?

- Para ir direto ao assunto, o seu comportamento com Max.

Houve um silêncio frio, que Floyd ocupou com uma inspeção meticulosa na péssima pintura da parede oposta. Em seguida, Curnow respondeu, numa voz macia, porém implacável:

- Eu tinha a ligeira impressão de que ele era maior de idade.

- Não confunda as coisas. E, para ser franco, não é nem com Max que estou preocupado, é com Zenia.

Os lábios de Curnow entreabriram-se, numa surpresa escancarada.

- Zenia? O que tem *ela* a ver com isso?

- Para um homem inteligente, você é, com frequência, um mau observador, e até mesmo obtuso. É claro que você percebeu que ela está apaixonada por

Max. Você não reparou no olhar dela, quando você põe a mão no ombro dele?

Floyd jamais imaginara ver Curnow envergonhado, mas o golpe acertara em cheio.

- Zenia? Eu pensei que as pessoas estivessem brincando. Ela é um bichinho tão quietinho. E, cada um ao seu jeito, todos estão apaixonados por Max... até Catarina, a Grande. Mesmo assim, bem, eu creio que eu deva ter mais cuidado. Pelo menos quando Zenia estiver por perto.

Houve um silêncio prolongado enquanto a temperatura se elevava de volta ao normal. Então, é óbvio, para demonstrar não haver ressentimentos, Curnow, em tom coloquial, acrescentou:

- Sabe, eu penso muito sobre a Zenia. O trabalho de cirurgia plástica que fizeram no rosto dela foi maravilhoso, mas não consegui consertar todo o estrago. A pele está muito esticada, e eu não creio que a tenha visto rindo direito. Talvez seja por isso que eu evito olhar para ela. Você me reconheceria o mérito de toda essa sensibilidade estética, Heywood?

O "Heywood", deliberadamente formal, indicou fisgada com boas intenções, e não hostilidade, e Floyd permitiu-se relaxar.

- Posso satisfazer parte de sua curiosidade. Washington por fim levantou os fatos; parece que ela esteve num acidente aéreo muito grave, e teve sorte de se recuperar das queimaduras. Não há mistério, no que diz respeito a nós, mas a Aeroflot não pode sofrer acidentes.

- Coitada. Estou surpreso que a tenham deixado vir para o espaço, mas suponho que ela fosse a única pessoa qualificada disponível quando Irina foi eliminada. Sinto por ela; sem contar os ferimentos, o choque psicológico deve ter sido horrível.

- Tenho certeza que sim. Mas, é óbvio, ela recuperou-se inteiramente.

Você não está contando toda a verdade, Floyd disse consigo mesmo, e jamais a contará. Depois que os dois se encontraram durante a aproximação de Júpiter, sempre haveria entre eles um elo secreto; não de amor, mas de ternura, o que freqüentemente é muito mais duradouro.

De repente, e inesperadamente, ele se sentiu grato a Curnow, que, embora visivelmente surpreso por sua preocupação por Zenia, não procurara explorá-la em defesa própria.

E se o tivesse feito, teria sido injusto? Agora, dias depois, Floyd começava a pensar se os motivos que tinha eram, de um modo geral, dignos de admiração. Por parte de Curnow, ele com certeza cumprira a promessa; na verdade, quem não



conhecesse os fatos teria imaginado que ele deliberadamente ignorava Max, ao menos quando Zenia estava por perto. E passou a tratá-la com generosidade ainda maior; houve ocasiões, inclusive, em que ele até conseguiu arrancar dela umas boas gargalhadas.

A intervenção, portanto, valera a pena, o que quer que a tenha impelido. Mesmo que, como Floyd às vezes pesarosamente desconfiava, não passasse de uma inveja secreta que homossexuais e heterossexuais normais sentem, quando são francos consigo mesmos, com relação aos polimorfos bem-ajustados e contentes.

O dedo esgueirou-se de volta ao gravador, mas o fio do pensamento se romperá. Inevitavelmente, imagens de sua própria casa, de sua família, invadiram-lhe a mente. Ele cerrou os olhos, e a memória evocou o clímax da festa de aniversário de Christopher: o menino soprando as três velinhas do bolo, a menos de vinte e quatro horas atrás, mas a quase um bilhão de quilômetros dali. Ele assistira à fita tantas vezes que já conhecia a cena de cor.

E com que frequência Caroline passara *suas* mensagens para Chris, para que o garoto não esquecesse o pai, ou então não o visse como um estranho quando ele regressasse depois de faltar a mais um aniversário? Ele tinha quase receio de perguntar.

Mas ele não poderia culpar Caroline. Para ele, apenas algumas semanas se passariam antes que se encontrassem de novo. Mas, quanto a ela, envelheceria mais de dois anos enquanto ele dormia, sem sonhos, entre os mundos. Era tempo demais para ser uma jovem viúva, mesmo que temporariamente.

Será que vou chegar com uma dessas doenças de bordo, Floyd pensou; ele poucas vezes sentira tamanha sensação de frustração, e até mesmo de fracasso. Talvez eu tenha perdido minha família, por esses abismos de tempo e espaço, tudo sem o menor propósito. Pois eu não consegui nada; mesmo que tenha alcançado meu objetivo, um muro vazio, impenetrável, de completa escuridão, permanece.

E, apesar disso, Dave Bowman, certa vez, exclamara: "Meu Deus, está cheio de estrelas!"

## 29. Emersão

O último édito de Sacha dizia:

BOLETIM INGLUSSO Nº. 8

*Assunto: Tovarishch (tovarich)*

Aos nossos hóspedes norte-americanos:

Francamente, amigos, não consigo me lembrar de quando foi a última vez que alguém se dirigiu a mim com esse termo. Para qualquer russo do século XXI, o termo ficou, há muito tempo atrás, no encouraçado *Potemkin*: uma reminiscência dos gorros de pano, das bandeiras vermelhas, e de Vladimir Ilitch discursando para os trabalhadores nos degraus dos vagões da ferrovia.

Desde que eu era criança, isto se chama *bratets* ou *druzhok*; escolham um. De nada.

Camarada Kovalev.

Floyd ainda ria, sacudindo as ombros, do bilhete, quando Vasili Orlov juntou-se a ele e os dois seguiram flutuando através do convés observatório/sala de estar rumo à ponte.

- O que me espanta, *tovarishch*, é que Sacha ainda encontre tempo para estudar outras coisas além da engenharia física. Ele está sempre citando poemas e peças que eu nem conheço, e fala um inglês melhor do que, digamos, o Walter.

- Por ter mudado para a ciência, Sacha é... como é mesmo que vocês dizem?... a ovelha negra da família. O pai era professor de inglês em Novosibirsk. Só se falava russo na casa de segunda a quarta; de quinta a sábado, era inglês.

- E aos domingos?

- Ah, francês ou alemão, em semanas alternadas.

- Agora eu sei exatamente o que você quer dizer com *nekulturny*: cai em mim como uma luva. O Sacha se sente culpado por esse... defeito? E com os antecedentes que tem, como é que foi ser engenheiro?

- Em Novosibirsk logo se aprende quem são os servos e quem são os aristocratas. Sacha era um jovem ambicioso, e também muito brilhante.

- Exatamente como você, Vasili.

- *Et tu, Brute!* Vê, eu também sei citar Shakespeare... *Bozhe moi!*... *O que foi isso?*

Floyd não teve sorte; flutuava de costas para a escotilha de observação, e não viu absolutamente nada. Ao virar-se, segundos depois, deparou-se com a única vista sua conhecida: o Grande Irmão, seccionando em dois o disco gigante de Júpiter, como o vinha fazendo desde que chegaram.

Para Vasili, porém, por um momento que para sempre lhe ficaria impresso na memória, aquele contorno de linhas pontudas havia exibido uma cena completamente diferente, inteiramente impossível. Fora como se uma escotilha se abrisse de repente para outro universo.

A visão durou menos de um segundo, até que o reflexo de piscar, involuntário, a apagou. Ele viu um campo, não de estrelas, mas de *sóis*, como se dentro do coração pululante de uma galáxia, ou do âmago de um feixe globular. Naquele instante, Vasili Orlov perdeu para sempre os céus da Terra. Daí por diante iriam parecer intoleráveis, de tão vazios; até mesmo a poderosa Órion, e a gloriosa Escorpião, seriam painéis, quase indignos de nota, de fagulhas débeis, indignos de uma segunda espiada.

Quando ousou reabrir os olhos, a visão já se havia ido. Não, não de todo. Bem no centro do retângulo da cor de ébano, recém-restaurado, uma estrela fraca ainda brilhava.

Mas uma estrela não se move, quando observada. Orlov piscou de novo, para clarear os olhos umedecidos. Claro, o movimento era real; ele não o imaginara.

Um meteoro? Foi um certo sinal do estado de choque do Cientista-Chefe Vasili Orlov que vários segundos se passassem antes que ele conseguisse se lembrar que os meteoros eram impossíveis no espaço desprovido de ar.

O objeto, em seguida, ofuscou-se num raio de luz, e em poucas batidas do coração já desaparecera por trás da borda de Júpiter. A essa altura, Vasili recobrou o juízo e já era novamente o observador frio e desapaixonado.

E já fizera uma boa estimativa da trajetória do objeto. Não poderia haver dúvida: dirigia-se diretamente para a Terra.

## V. Um Filho das Estrelas

---

### 30. A Volta ao Lar

Era como se ele tivesse despertado de um sonho; ou de um sonho dentro de um sonho. A porteira entre os astros o trouxera de volta ao mundo dos homens, mas já não mais como um homem.

Por quanto tempo estivera ausente? Toda uma vida... não, *duas* vidas: uma para a frente, outra para trás.

Como Dave Bowman, comandante e último membro sobrevivente da tripulação da Espaçonave *Discovery* dos Estados Unidos, ele fora apanhado numa gigantesca armadilha, preparada há três milhões de anos e engatilhada para responder apenas na hora certa, e ao estímulo certo. E ele caíra nela, de um universo ao outro, conhecendo maravilhas algumas das quais ele agora entendia, e outras que talvez jamais compreendesse.

Correra a uma velocidade que não parava de acelerar-se, por corredores infinitos de luz, até que correu mais do que a própria luz. Isto, ele o sabia, era impossível; mas agora ele também sabia de que maneira poderia ser conseguido. Como Einstein dissera, corretamente, o Bom Deus era sutil, mas nunca malicioso.

Atravessara um sistema de baldeação cósmica - uma Estação Central das Galáxias - e emergira, protegido de sua fúria por forças desconhecidas, próximo à superfície de uma gigantesca estrela vermelha.

Ali testemunhara o paradoxo da alvorada sobre a face de um sol, quando a anã branca, brilhante companheira da estrela moribunda, subira ao seu céu... uma aparição ressequida, lançando por baixo dela um vagalhão de fogo. Ele não sentira medo, e sim, apenas, maravilha, mesmo quando sua cápsula espacial o fizera descer ao inferno lá embaixo...

... e chegar, além de toda razão, numa suíte de hotel maravilhosamente escolhida, que nada continha senão o que fosse inteiramente familiar. Entretanto, quase tudo era mentira; os livros nas prateleiras eram falsos, as caixas de cereais e as latas de cerveja na geladeira, embora com rótulos famosos, todas continham o mesmo alimento ameno cuja textura era a do pão, e cujo gosto, porém, era qualquer coisa que ele quisesse imaginar.

Ele logo percebera que era um espécime num zoológico cósmico, com a jaula meticulosamente recriada a partir das imagens de antigos programas de televisão. E se punha a pensar em quando apareceriam seus zeladores, e sob que forma

física.

Que tolíce fora *aquela* expectativa! Ele agora sabia que seria como esperar ver o vento, ou especular sobre a verdadeira forma do fogo.

E então a exaustão da mente e do corpo o assolou. Pela última vez, Dave Bowman dormiu.

Foi um sono estranho, pois ele não estava de todo inconsciente. Qual uma neblina adensando-se numa floresta, alguma coisa lhe invadia a mente. Ele a sentiu apenas vagamente, pois o impacto em cheio o teria destruído com a mesma rapidez e certeza que as fogueiras que lhe rugiam ao redor. Por baixo daquela investigação desapaixonada, ele não sentia esperança ou medo.

Às vezes, naquele sono duradouro, sonhava que estava acordado. Anos se haviam passado; certa feita ele olhava no espelho, uma face enrugada que mal reconhecia como sua. O corpo acelerava rumo à dissolução, os ponteiros do relógio biológico giravam loucamente rumo à meia-noite que jamais alcançariam. Pois, no último instante, o Tempo parou... e voltou.

As fontes da memória estavam sendo sorvidas: em reminiscência controlada, ele revivia o passado; sugavam-no do conhecimento e da experiência à medida que regredia à infância. Mas nada se perdia: tudo o que ele fora, a cada instante da vida, era transferido para guarda mais segura. Mesmo enquanto um Dave Bowman deixava de existir, um outro se imortalizava, indo além das necessidades da matéria.

Ele era um deus embrionário, ainda não preparado para nascer. Por eras flutuou no limbo, conhecendo o que fora, mas não o que se tornara. Estava ainda num estado de fluidez, nalgum ponto entre a crisálida e a borboleta; ou talvez somente entre a lagarta e a crisálida...

E então quebrou-se a estase: o Tempo tornou a entrar-lhe no pequeno mundo. A placa retangular, negra, que de repente apareceu diante dele, parecia um velho amigo.

Ele a vira na Lua; encontrara-a numa órbita de Júpiter, e ele sabia, de algum modo, que seus ancestrais a haviam encontrado há muito tempo. Embora ela ainda guardasse segredos impenetráveis, já não era um mistério absoluto; alguns daqueles poderes ele agora compreendia.

Percebeu que ela não era una, e sim multidões; e por mais que dissessem os instrumentos de medição, tinha sempre o mesmo tamanho... *o tamanho necessário*.

Como era óbvia, agora, aquela razão matemática entre os lados, a sequência quadrática 1:4:9! E como fora ingênuo imaginar que a série terminasse ali, em apenas três dimensões!

Enquanto a mente se concentrava nestas simplicidades geométricas, mesmo aí o retângulo vazio se enchia de estrelas. A suíte do hotel - se é que na verdade existiu de fato - dissolveu-se, reentrou na mente de seu criador; e ali, diante dele, estava o luminoso remoinho da Galáxia.

Talvez ela fosse um modelo lindo, de um detalhamento inacreditável, incrustada num bloco de plástico. Mas era a realidade, que ele agora captava como um todo por sentidos mais sutis que a visão. Se ele quisesse, poderia concentrar a atenção em qualquer uma de suas cem bilhões de estrelas.

*Ali* estava ele, à deriva neste imenso rio de sóis, a meio caminho entre as fogueiras moles do âmago galáctico e as estrelas sentinelas, solitárias, espalhadas,

da borda. E *ali* estava sua origem, no lado longínquo desta fenda profunda no céu, esta faixa serpentiforme de escuridão, vazia de toda estrela. Ele sabia que este caos amorfo, visível apenas pelo brilho que lhe delineava as bordas com as brumas de fogo de bem longe, era o recheio da criação, não ainda usado, a matéria-prima das evoluções por vir. Aqui, o Tempo ainda não começara; e só quando os sóis que ora ardiam estivessem mortos há muito tempo, a luz e a vida viriam remodelar este mundo.

Sem o saber, ele a atravessara uma vez: agora, muito mais bem preparado, embora ainda ignorando inteiramente o que o impelia, ele tinha que atravessá-la de novo...

A Galáxia irrompeu-se da moldura mental em que ele a enquadrara: estrelas e nebulosas jorravam, passando por ele, numa ilusão de velocidade infinita. Sóis fantasmas explodiam e caíam atrás dele enquanto ele, qual uma sombra, escorria-lhes pelos âmagos.

As estrelas se afinavam, desaparecendo, o clarão da Via Láctea se atenuava, se tornava um pálido fantasma da glória que ele conhecera, e talvez um dia conhecesse de novo. Ele estava de volta ao espaço que os homens chamavam real, no mesmo ponto em que o deixara, segundos ou séculos atrás.

Estava vividamente ciente de seu meio, e muito mais consciente do que naquela existência anterior de miríades de ingressos sensoriais do mundo externo. Poderia concentrar-se em qualquer um deles, e investigá-lo em minúcia virtualmente ilimitada, até que enfrentasse a estrutura granular, fundamental, do tempo e do espaço, abaixo da qual existia apenas o caos.

E podia mover-se, embora não soubesse como o fazia. Mas será que um dia ele já soubera, mesmo quando ainda possuía corpo? A corrente de comando do cérebro aos membros era um mistério ao qual ele jamais dedicara pensamento algum.

Um esforço de vontade, e o espectro da estrela próxima mudou para o azul, precisamente na intensidade que ele desejava. E, rumo ao espectro, ele caía numa fração dilatada da velocidade da luz; poderia ir mais rápido, se o desejasse, mas não estava com pressa. Ainda havia muita informação a ser processada, muita coisa a ser considerada... e muito mais a ser conquistado. Era este, ele o sabia, seu objetivo atual; mas sabia também que se tratava apenas de um plano bem mais amplo, a ser revelado na devida hora.

E nem considerou o portão entre os universos que atrás dele minguavam com tamanha rapidez, ou as ansiosas entidades que à volta do portão se agrupavam naquela espaçonave primitiva, e que faziam parte de suas memórias. Memórias mais fortes, porém, o invocavam agora, chamando-o para o mundo natal que jamais pensara ver de novo.

Daquele mundo ouvia as inumeráveis vozes, aumentando, aumentando, à medida que aquele mesmo mundo também crescia, a partir de uma estrela quase perdida contra a coroa espalhada do Sol, chegando a um crescente delgado e, por fim, a um glorioso disco azul e branco.

Eles sabiam que ele estava por chegar. Lá embaixo, naquele globo apinhado, os alarmes estariam relampejando nas telas dos radares, os enormes telescópios de rastreamento estariam investigando os céus - e a história, segundo o homem a conhecera, estaria chegando ao fim.

Mil quilômetros abaixo, conscientizou-se de que uma carga inativa de morte despertara, e se sacudia na respectiva órbita. As débeis energias que continha não o ameaçavam; de fato, ele poderia usá-las com proveito.

Entrou no labirinto dos circuitos, e rapidamente traçou o caminho até o âmago letal. A maior parte das ramificações, poderia ignorá-las; eram alamedas falsas, ideadas para fins de proteção. Sob a inspeção que ele realizava, eram de um propósito cuja simplicidade era infantil; era fácil contorná-las todas.

Faltava agora uma última barreira: um relê mecânico, eficiente, que separava dois contatos. A menos que fossem fechados, não haveria energia para ativar a sequência final.

Ele impôs sua vontade, e, pela primeira vez, conheceu o fracasso e a frustração. Os poucos gramas do micro-interruptor não saíram do lugar. Ele ainda era uma criatura de energia pura. O mundo da matéria inerte escapava-lhe ao alcance. Bem, para aquilo havia uma resposta simples.

Ainda tinha muito que aprender. O impulso de corrente que ele induzira no relê era tão poderoso que quase fundira a bobina antes de conseguir fazer funcionar o mecanismo de disparo.

Os microssegundos tiquetaqueavam lentamente. Era interessante observar as lentes explosivas concentrarem as próprias energias, qual o fósforo impotente que faz detonar um trem de pólvora, que, por sua vez...

Os megatons floresceram, numa detonação silenciosa que trouxe, para a metade do mundo adormecido, uma alvorada breve, artificial. Qual um fênix que se eleva das labaredas, ele absorveu o que precisava, e descartou o resto. Lá embaixo, bem longe, o escudo da atmosfera, que protegia o planeta de tantos perigos, absorveu a parte mais perigosa da radiação. Mas homens e animais haveria, sem sorte, que jamais enxergariam novamente.

Logo após a explosão, era como se a Terra estivesse completamente muda. O balbucio das ondas curtas e médias estava inteiramente sossegado, devolvido pela ionosfera subitamente intensificada. Somente as micro-ondas ainda penetravam no espelho invisível, que se dissolvia lentamente, e que agora rodeava o planeta, e a maioria delas era transmitida em faixas tão estreitas que ele não as recebia. Alguns radares de alta potência ainda se concentravam nele, mas isto era questão sem importância. Ele nem se deu o trabalho de neutralizá-los, como facilmente poderia tê-lo feito. Mesmo que outras bombas viessem ter por ali, ele as trataria com a mesma indiferença. Para o momento, ele dispunha de toda a energia de que precisava.

E agora ele descia, em enormes espirais impetuosas, rumo à paisagem perdida da infância.

## **31. Disneyvila**

Um filósofo fim-de-século observara, certa vez - e sofrera denúncias contundentes pelo esforço com que o fizera -, que Walter Elias Disney havia contribuído para a autêntica felicidade humana, mais do que todos os pregadores religiosos da história. Hoje, meio século após a morte do artista, seus sonhos ainda proliferam na paisagem da Flórida.

O que ali se inaugurara no início da década de 1980, a Comunidade-Protótipo Experimental do Amanhã ideada por Disney, fora um mostruário de novas

tecnologias e de novos modos de vida. Mas, segundo detectara o fundador, o CPEDA só preencheria seus objetivos quando parte daquelas terras imensas fossem uma autêntica cidade viva, ocupada por pessoas que a chamassem de "morada". Este processo durara pelo resto do século; a área residencial tinha hoje vinte mil habitantes, e se tornara, o que era inevitável, popular-mente conhecida como Disneyvila.

Uma vez que, para ali se mudar, era necessário antes de tudo passar por uma guarda palaciana de advogados de Walter Elias Disney, não era de surpreender que a idade média dos ocupantes fosse mais alta do que a de qualquer comunidade dos Estados Unidos, ou que os serviços médicos ali prestados fossem os mais avançados do mundo. E parte deles, na verdade, mal poderia ter sido concebida, e muito menos criada, em qualquer outra região.

O apartamento fora cuidadosamente projetado para não se parecer com uma suíte de hospital, objetivo que só seria traído por uns poucos acessórios incomuns. A cama quase não chegava à altura dos joelhos, de modo que o perigo de quedas estava minimizado; poderia, entretanto, ser levantada e inclinada segundo a conveniência das enfermeiras. A banheira era embutida no chão, e tinha um assento interno, além de corrimões, para que velhos e enfermos também pudessem entrar e sair com facilidade. O chão se revestia de um tapete grosso, mas não havia tapetes nos quais tropeçar, ou quinas pontudas que causassem ferimentos. Outros detalhes eram menos patentes; e a câmera de TV estava tão bem escondida que ninguém jamais desconfiaria de sua presença.

Eram poucos os toques pessoais: uma pilha de livros velhos num canto, e uma primeira página de uma das últimas edições impressas do *New York Times*, emoldurada, que proclamava: ESPAÇONAVE DOS ESTADOS UNIDOS PARTE PARA JÚPITER. Próximas estavam duas fotografias; uma exibia um menino quase ao fim da adolescência; a outra, um homem bem mais velho, vestindo um uniforme de astronauta.

Embora aquela mulher grisalha, frágil, assistindo à comédia que se desenrolava no painel da TV, ainda não tivesse setenta anos, parecia muito mais velha. De tempos em tempos ela ria muito, sacudindo os ombros, de alguma piada saída da tela, mas não parava de olhar a porta, como quem espera uma visita. E sempre que olhava a porta agarrava com mais força a bengala apoiada na cadeira.

Com tudo isso, foi num momento em que estava distraída com a novela que a porta finalmente se abriu, e ela se virou, num sobressalto culpado, quando o carrinho de serviço entrou no quarto, seguido de perto por uma enfermeira uniformizada.

- Hora do almoço, Jessie - chamou a enfermeira. - Hoje temos coisa muito boa para você.

- Não quero almoçar.

- Mas você vai se sentir bem melhor.

- Só como se você me disser o que é.

- Por que você não quer comer?

- Não estou com fome. E você, sente fome sempre? - acrescentou ela, irônica.

O carrinho-robô da refeição parou ao lado da cadeira, e as tampas, utilizadas durante o transporte, abriram-se revelando os pratos. Durante todo o trajeto, a enfermeira jamais tocava em nada, nem mesmo nos controles do carrinho. E agora



estava de pé, imóvel, com um sorriso quase fixo, fitando a paciente difícil.

Na sala de monitoragem, a cinquenta metros dali, a técnica em Medicina dizia ao Doutor:

- Agora, observe.

A mão nodosa de Jessie ergueu a bengala e, em seguida, numa velocidade surpreendente, bateu-a, descrevendo um arco, contra as pernas da enfermeira.

A enfermeira não deu atenção, mesmo assim, nem quando a bengala a acertou em cheio. Reconfortante, em vez disso, observou:

- Você acha bonito isso? Coma tudo, meu bem.

Um sorriso manhoso alastrou-se pelo rosto de Jessie, mas ela obedeceu às instruções. Num instante, comia vorazmente.

- Viu? - disse a técnica. - Ela sabe muito bem o que está acontecendo. É muito mais inteligente do que finge ser, a maior parte do tempo.

- E ela é a primeira?

- É. Todas as demais pensam que ela é mesmo a Enfermeira Williams, que lhes leva as refeições.

- Bem, eu não creio que isto tenha importância. Veja como ela está satisfeita, só porque pensa que nos ludibriou. Ela está comendo o alimento, e é essa a finalidade do exercício. Mas temos que alertar as enfermeiras... *todas* elas, não só a Williams.

- Ora, mas... claro! Da próxima vez talvez não seja um holograma. E aí, pense nos processos que nossos empregados machucados vão mover contra nós.

## 32. A Fonte de Cristal

Os índios, e os colonizadores de Cajun, que para cá vieram da Louisiana, disseram que a Fonte de Cristal não tinha fundo. Isto, é claro, era bobagem, e eles com certeza nem acreditavam nisso. Bastava vestir-se uma máscara e nadar algumas braçadas, e ali estava, bem visível, a pequenina gruta da qual fluía a água incrivelmente pura com aquelas plantas verdes, delgadas, ondulando-se ao redor dela. E por entre elas, espiavam os olhos do Monstro.

Dois círculos escuros, lado a lado, mesmo que nunca se movessem, o que mais poderiam ser? Aquela presença sorrateira propiciava um aumento de emoção a cada nadada. Um dia o Monstro sairia correndo da toca, e, em busca de caças maiores, espalharia os peixes. Nem Bobby nem David jamais admitiriam que ali, meio enterrada entre as plantas aquáticas, a cem metros de profundidade, nada havia de mais perigoso que uma bicicleta abandonada, sem dúvida roubada.

Uma profundidade difícil de se acreditar, mesmo depois que as linhas e as chumbadas de pesca, fora de qualquer questão, já a houvessem estabelecido. Bobby, o mergulhador melhor, e mais velho, descera talvez a um décimo dela, e informara que o fundo parecia mais distante do que nunca.

Agora, porém, a Fonte de Cristal estava em vias de revelar seus segredos; talvez a lenda do tesouro Confederado fosse verdadeira, a despeito da troça de todos os historiadores locais. Talvez, no mínimo, granjeassem a estima do chefe de polícia -

sempre uma boa política - ao recuperarem uma e outra pistola ali depositada depois dos crimes recentes.

O pequeno compressor de ar que Bobby encontrara na pilha de sucata da garagem já agora, saudável, seguia, em seu "glub-glub", depois dos problemas iniciais da ignição. A cada período de alguns segundos, tossia e emitia uma nuvem de fumaça azul, sem, entretanto, sinais de parar. "É mesmo que pare", dissera Bobby, "e daí? Se aquelas garotas do Teatro Subaquático conseguem subir de cinquenta metros de profundidade *sem* os tubos de ar, nós também conseguimos. É inteiramente seguro."

E nesse caso, Dave, fugidio, pensou, por que não dissemos a mamãe o que íamos fazer, e por que esperamos que papai fosse para o Cabo, para o próximo lançamento do foguete? Mas Bobby não sentia muitas apreensões, ele sabia o que estava fazendo. Deve ser maravilhoso ter dezessete anos, e saber tudo. Talvez melhor se ele não passasse tanto tempo assim com a boba da Betty Schultz. Ela era bonita, é verdade; mas, raios!, ela era uma *menina!* E foi com a maior dificuldade que conseguiram livrar-se dela essa manhã.

Dave se acostumara a ser a cobaia; era para isso que serviam os irmãos menores. Ajustou a máscara no rosto, calçou os pés-de-pato e entrou, deslizante, na água cristalina.

Bobby entregou a ele o tubo de ar com o bocal do equipamento de mergulho que haviam colado ao tubo com uma fita. Dave tomou fôlego, e fez uma careta.

- Que gosto horrível!

- Você se acostuma. Entre, mas só até aquela saliência. É ali que eu vou começar a ajustar a válvula de pressão, para não desperdiçarmos muito ar. Quando eu puxar a mangueira, você sobe.

Por baixo da superfície, Dave deslizou suavemente, e entrou no país das maravilhas. Era um mundo pacífico, monocromático, tão diferente dos recifes de coral dos Keys. Não havia qualquer daquelas cores espalhafatosas do ambiente marinho, onde a vida, animal e vegetal, se ostentava com todos os matizes do arco-íris. Ali existiam apenas os tons delicados de azul e verde, e peixes que se pareciam com peixes, e não com borboletas.

Em braçadas ele desceu, puxando consigo o tubo, de cuja torrente de bolhas ele sorvia, sempre que o julgava necessário, fazendo uma pausa. A sensação de liberdade era tão maravilhosa que ele quase se esqueceu do gosto horrível, oleoso, na boca. Ao chegar à saliência - na verdade um antigo tronco de árvore encharcado, irreconhecível com as tantas plantas aquáticas que nele cresciam -, sentou-se, olhou em volta.

Dali ele via, para lá da fonte, as paredes verdes do outro lado da cratera inundada, no mínimo a cem metros de distância. Ao redor não havia muitos peixes, mas um pequeno cardume passou coriscando qual uma chuva de moedas de prata à luz do sol que jorrava do alto.

Um velho amigo ali também estava estacionado, como de hábito, na fenda onde as águas da fonte iniciavam viagem para o mar. Um jacaré pequeno ("mas mesmo assim é grande", Bobby dissera, certa vez, com coragem, "é maior do que *eu*".) ali se escorava, em posição vertical, sem meios visíveis de apoio, somente com o focinho à tona. Eles jamais o haviam incomodado, e o jacaré jamais os incomodara.

O tubo de ar deu uma sacudidela impaciente. Dave ficou contente em sair dali; ele não sabia como ficava frio naquela profundidade até então inatingível, e já estava ficando visivelmente enjoado. A luz quente do sol, entretanto, logo

reavivou-lhe o ânimo.

- Não há problemas - exclamou Bobby a viva voz. - Não pare de abrir a válvula, para que o calibrador de pressão não vá abaixo da linha vermelha.

- A que profundidade você vai?

- Toda ela, se eu sentir que dá.

Dave não levou aquilo a sério; os dois já haviam ouvido falar do delírio das profundezas e da narcose do nitrogênio, e, de um jeito ou de outro, a velha mangueira do jardim só tinha trinta metros de comprimento, o bastante para aquela primeira experiência.

Como o fizera tantas vezes antes, assistiu, com admiração invejosa, o irmão mais velho, adorado, aceitar o novo desafio. Nadando com a mesma intimidade dos peixes que o rodeavam, Bobby desceu ao universo misterioso, azul. Virou-se, uma vez, e apontou energicamente para o tubo de ar, deixando inequivocamente claro que precisava de um maior fluxo de ar.

A despeito da dor de cabeça lancinante que de repente o tomara, Dave lembrou-se do dever. Voltou depressa ao compressor antigo, e abriu a válvula de controle ao máximo... mortífero: cinquenta partes por milhão de monóxido de carbono.

A última coisa que ele viu de Bobby foi aquela figura malhada de sol, que descia confiante e passava por ele para sempre fora do alcance. A estátua de cera, no velório, era um estranho absoluto, que nada tinha a ver com Robert Bowman.

### **33. Betty**

Por que ele viera aqui, qual fantasma inquieto, à cena da antiga angústia? Não fazia idéia; nem tinha, na verdade, consciência de seu destino, até que o olho redondo da Fonte de Cristal, lá do fundo, o fitara.

Ele era o senhor do mundo, mas estava paralisado por uma sensação devastadora de dor, que há anos não sentia. O tempo curara a ferida, como sempre o faz; mas, por outro lado, parecia que fora ontem que ele estiver a chorar ao lado do espelho de esmeralda, vendo apenas os reflexos dos ciprestes ao redor com o peso do musgo espanhol. *O que estava acontecendo com ele?*

E agora, ainda sem volição deliberada, mas como se levado por alguma corrente suave, vagava para o norte, rumo à capital do estado. Procurava algo; o que era, só saberia depois que encontrasse.

Ninguém, nenhum instrumento, lhe detectara a passagem. Já não mais radiava desnecessariamente, já quase dominava o próprio controle de energia, como dominara, certa vez, membros perdidos, mas não esquecidos. Qual bruma dentro de abóbadas à prova de terremotos, afundou-se até encontrar-se entre bilhões de memórias armazenadas e redes ofuscantes e intermitentes de pensamentos eletrônicos.

*Esta* tarefa era mais complexa do que o disparar uma bomba nuclear grosseira, e demorou um pouco mais. Antes de encontrar a informação que procurava, cometeu um erro trivial, mas não se incomodou em corrigi-lo. Ninguém jamais compreendeu por que, no mês seguinte, trezentos contribuintes da Flórida, todos com nomes

começados com F, receberam cheques de precisamente um dólar. Para se consertar as coisas, o custo seria muito maior que os pagamentos, e os engenheiros de computação, desconcertados, jogaram a culpa, por fim, numa chuva de raios cósmicos. O que, de um modo geral, não estava muito distante da verdade.

Em poucos milissegundos, ele se mudou de Tallahassee para o número 634 da rua South Magnólia, em Tampa. Ainda era o mesmo endereço, ele não precisava ter perdido tempo procurando-o.

Mas ele não tinha qualquer *intenção* de procurá-lo, até o momento em que o fizera.

Depois de três partos e dois abortos, Betty Fernández (o nome de solteira era Schultz) era ainda uma linda mulher. E era também, neste momento, uma mulher muito reflexiva; assistia a um programa de TV que lhe trazia reminiscências, amargas e doces.

Era um Noticiário em Edição Especial, detonado pelos eventos misteriosos das últimas doze horas, iniciado com o alerta de que o *Leonov*, lá das luas de Júpiter, fizera uma transmissão para a Terra. *Alguma coisa* se dirigia para a Terra; alguma coisa, impunemente, detonara uma bomba nuclear que estava em órbita e que não fora reclamada por ninguém. E foi tudo, embora já fosse o bastante.

Os comentaristas haviam desencavado todas as videofitas antigas - e algumas eram mesmo fitas - que remontavam aos registros outrora absolutamente sigilosos que mostravam a descoberta do AMT-1 na Lua. Ela, pela quinta vez, no mínimo, ouvira aquele ganido medonho do rádio, sempre que o monolito saudava a alvorada lunar e arremessava sua mensagem na direção de Júpiter. E mais uma vez ela assistiu às cenas já conhecidas e ouviu as antigas entrevistas a bordo do *Discovery*.

Por que assistia àquilo? Estava tudo guardado nalgum lugar dos arquivos da família (embora ela jamais os ouvisse quando José estava por perto). Talvez esperasse algum furo de reportagem; ela não gostava de admitir, nem para si mesma, que o passado ainda exercia muito poder sobre suas emoções.

E ali estava Dave, como ela esperava. Era uma antiga entrevista da BBC, que ela conhecia quase palavra por palavra. Ele falava de Hal, tentando determinar se o computador era ou não autoconsciente.

Como ele parecia jovem, tão diferente daquelas imagens embaçadas do malfadado *Discovery*! E como se parecia com Bobby, do que ela se lembrava dele.

As imagens ondularam-se quando os olhos marejaram. Não, era alguma coisa errada com o aparelho, ou com o canal. O som e a imagem estavam defasados.

Moviam-se os lábios de Dave, mas ela não ouvia nada. O rosto de Dave, em seguida, pareceu dissolver-se, fundir-se em blocos de cor. Voltou a formar-se, mais uma vez embaçou, e depois fixou-se novamente. Mas ainda não havia som.

Onde eles *havi*am conseguido aquele filme? Aquele não era o homem Dave, e sim o menino Dave, tal como ela o conhecera no início. Ele olhava para fora da tela, quase como se conseguisse vê-la através do abismo dos anos.

Ele sorriu; os lábios se moveram.

- Olá, Betty - disse ele.

Não foi difícil formar as palavras, e impô-las sobre as correntes que pulsavam nos circuitos de áudio. A dificuldade real era desacelerar os próprios pensamentos e nivelá-los ao tempo glacial do cérebro humano; e em seguida ter que esperar uma eternidade pela resposta...

Betty Fernández era valente; era também inteligente, e embora já fizessem doze anos que era dona-de-casa, não se esquecera de sua formação de reparadora eletrônica. Mais um dos inumeráveis milagres de simulação do médium; nesse instante ela o aceitaria, e mais tarde se preocuparia com os detalhes.

- Dave - respondeu ela. - Dave... é você *mesmo*?

- Não tenho certeza - respondeu a imagem na tela, numa voz curiosa, átona. - Mas eu me lembro de Dave Bowman, e de tudo a respeito dele.

- Ele está morto?

Mais uma pergunta difícil, aquela.

- O corpo, sim. Mas isso já não é mais importante. Tudo o que Dave Bowman era na realidade ainda faz parte de mim.

Betty fez o sinal-da-cruz - um gesto que aprendera com José - e sussurrou:

- Você está me dizendo que é... um *espírito*?

- Não conheço palavra melhor.

- Por que você voltou?

- Ah, Betty! E eu sei por quê? Eu gostaria que você soubesse, para me dizer.

Mas uma resposta ele sabia, pois aparecia na tela da TV. O divórcio entre corpo e mente ainda estava longe de estar completo, e nem mesmo o mais complacente dos sistemas de cabos teria transmitido as imagens sexuais espalhafatosas que ali se formavam agora.

Betty assistiu um pouco, às vezes sorrindo, às vezes chocada. Em seguida virou-se, não de vergonha, mas de tristeza: a dor dos prazeres perdidos.

- Quer dizer que não é verdade - disse ela - o que sempre nos disseram a respeito dos anjos!

Eu sou um anjo?, ele cismou. Ao menos, porém, ele entendia o que estava fazendo ali, varrido de volta pelas marés da tristeza e do desejo, para um encontro com o passado. A emoção mais poderosa que conhecera fora sua paixão por Betty; os elementos de dor e culpa nela contidos apenas a fortaleciam.

Ela nunca dissera a ele se ele a amara melhor do que Bobby; uma pergunta que ele jamais fizera, pois teria quebrado o encanto. Os dois se aferraram à mesma ilusão, buscaram, nos braços um do outro (e como ele fora jovem; só dezessete anos quando tudo começou, nem dois anos depois do enterro!) um bálsamo para a mesma ferida.

Não poderia durar, é claro, mas a experiência o deixara irrevogavelmente mudado. Durante mais de uma década, todas as suas fantasias auto-eróticas se haviam centrado em Betty; ele jamais encontrara outra mulher com quem compará-la, e há muito percebera que jamais encontraria. Nenhuma delas era perseguida pelo mesmo fantasma adorado.

As imagens de desejo apagaram-se da tela; por um instante, o programa do horário irrompeu, com uma imagem incongruente do *Leonov* suspenso sobre Io. Então reapareceu o rosto de Dave Bowman. Ele parecia estar perdendo o controle, pois suas feições estavam demasiadamente instáveis. Às vezes ele parecia ter apenas dez anos de idade; e depois, vinte, trinta; e depois, uma múmia encarquilhada cujas feições enrugadas eram uma paródia do homem que ela conhecera.

- Quero fazer mais uma pergunta antes de ir.... você sempre disse que ele era

filho de José, e eu sempre cismeiei. Qual é a verdade?

Betty Fernández, pela última, duradoura vez, fitou os olhos do menino que um dia amara (ele tinha dezoito anos de novo, e ela por um instante desejou ver-lhe todo o corpo, não só o rosto).

- Ele era *seu* filho, David - sussurrou ela.

A imagem apagou-se; a programação rotineira reassumiu. Quando, quase uma hora depois, José Fernández entrou, mansamente, no quarto, Betty ainda, estatelada, olhava para a tela.

E não se virou quando ele a beijou na nuca.

- Você não vai acreditar, José.

- Pode tentar.

- Acabei de mentir para um fantasma.

## 34. Despedida

Quando o Instituto Americano de Aeronáutica e Astronáutica publicou, em 1977, o controvertido resumo *Cinquenta anos de OVNI*, muitos críticos salientaram que os objetos voadores não-identificados já há séculos eram avistados, e que a visão de Kenneth Arnold, em 1947, de um "Disco Voador" teve inúmeros precedentes. As pessoas viam coisas estranhas no céu desde a alvorada da história; até os meados do século XX, porém, os OVNI eram um fenômeno aleatório sem interesse geral. Dali em diante passaram a ser questão de preocupação pública e científica, e a base do que só poderia ser chamado de crenças religiosas.

O motivo, não se precisava procurá-lo muito longe; a chegada do foguete gigante e a alvorada da Era Espacial voltaram a mente do homem para novos mundos. A constatação de que a raça humana estaria em breve apta a deixar o planeta natal acionou a pergunta inevitável: onde estão todos, e quando poderemos esperar os visitantes? Havia também a esperança, embora poucas vezes manifesta em tantas palavras, de que criaturas benevolentes dos astros pudessem ajudar a humanidade a curar-se de suas inúmeras feridas auto-infligidas, e salvá-la de desastres futuros.

Qualquer estudante de psicologia poderia predizer que uma necessidade tão profunda seria rapidamente satisfeita. Durante a última metade do século XX, existiam literalmente milhares de relatos de visões de objetos espaciais, de todas as partes do globo. E mais, havia centenas de relatos de "encontros pessoais", reuniões práticas com visitantes extraterrestres, freqüentemente adornadas com estórias de alegres passeios celestiais, raptos, e até mesmo de luas-de-mel no espaço. O fato de estas estórias, repetidas vezes, provarem ser mentiras ou alucinações, em nada serviu para conter os fiéis. Pessoas que viram cidades no lado oculto da Lua pouco perderam de credibilidade mesmo quando as sondagens do Orbiter e do Apoio nada revelaram quanto à presença de artefatos de qualquer espécie; as damas que desposaram venusianos ainda continuaram acreditadas mesmo quando se descobriu que aquele planeta, infelizmente, era mais quente que chumbo derretido.

Na ocasião em que o IAAA publicou o relatório, não havia cientista de fama,

mesmo dentre os poucos que chegaram a desposar a idéia, que acreditasse que os OVNI tinham qualquer conexão com vida ou inteligência extraterrestre. Claro, jamais seria possível prová-lo; qualquer uma daquelas inumeráveis visões, durante os últimos mil anos, *poderia* ter sido a legítima. Com o passar do tempo, porém, e como as câmeras e os radares dos satélites, esquadrinhando os céus, não apresentassem prova concreta, o público em geral perdeu interesse pela idéia. Os seus devotos, é claro, não desanimaram, e guarneceram a fé com boletins e livros, cuja maioria regurgitava e adornava antigos relatórios muito tempo depois de terem sido desacreditados ou desvendados.

Quando se anunciou por fim a descoberta do monolito de Tycho - AMT-1 -, o coro dos "Eu não disse!" soou. Já não mais se podia negar que visitantes *houve de fato* na Lua - e era de se presumir que também na Terra - há questão de uns três milhões de anos atrás. E logo os OVNI voltaram a infestar os céus; estranho, porém, que os três sistemas nacionais, independentes, de rastreamento, capazes de localizar qualquer coisa no espaço desde que maior que uma caneta esferográfica, *ainda* não houvessem conseguido encontrá-los.

Quase num piscar de olhos a quantidade de relatos caiu de novo ao "nível de ruído", o número esperado como um mero resultado dos muitos fenômenos astronômicos, meteorológicos e aeronáuticos que com constância ocorriam nos céus.

Mas agora tudo recomeçara. Desta vez, não havia erro; era oficial. Um OVNI legítimo estava a caminho da Terra.

Minutos após o alerta do *Leonov* já se relatavam visões; os primeiros encontros pessoais eram apenas questão de horas. Um corretor aposentado, levando seu buldogue a passear pelos urzais de Yorkshire, assustou-se quando um artefato em forma de disco aterrissou ao lado dele, e o ocupante, bastante humano não fossem as orelhas pontudas, perguntou onde era a rua Downing. O *contatado* ficou tão surpreso que o que conseguiu fazer foi acenar a bengala na direção genérica de Whitehall; oferecia-se, como prova conclusiva do encontro, o fato de que o buldogue passara a recusar alimentos.

Embora o corretor não tivesse antecedentes de doença mental, mesmo os que acreditavam nele tiveram certa dificuldade em aceitar o relato seguinte. Desta vez foi um pastor basco, em missão tradicional, que muito se aliviara quando percebeu que o que ele temera serem guardas da fronteira eram apenas dois homens encapuzados, de olhos penetrantes, que queriam saber como chegar ao Prédio das Nações Unidas.

Falavam um basco perfeito, uma língua dolorosamente difícil, sem qualquer afinidade com qualquer outra língua da humanidade. Os visitantes do espaço, estava claro, eram linguistas notáveis, mesmo que fossem fracos, o que era estranho, em geografia.

E assim tudo continuou, caso após caso. Muitos poucos contatados estavam mentindo ou eram loucos; a maioria acreditava nas próprias estórias, e confirmava esta fé mesmo sob hipnose. E alguns não passavam de vítimas de peças que lhes pregavam, ou de acasos improváveis, como aqueles arqueólogos amadores, sem sorte, que encontraram as estacas que um famoso cineasta de ficção científica abandonara no deserto da Tunísia há quase quatro décadas.

Mas somente no início - e bem no finzinho - os seres humanos, qualquer um, tomavam legítima consciência de sua presença; e isto porque ele o desejava assim.

O mundo era seu, para explorá-lo e examiná-lo à vontade, sem restrição ou obstáculo. Não havia muros para impedi-lo, não havia segredo que se pudesse ocultar aos sentidos que possuía. No início ele acreditava estar apenas satisfazendo antigas ambições, ao visitar os locais que jamais vira na existência anterior. Só muito mais tarde é que percebeu que aquelas sortidas-relâmpago pela face do globo tinham propósito mais profundo.

Ele vinha sendo usado, de um modo sutil, como uma sonda, tirando amostras de todo aspecto dos assuntos humanos. O controle era tão tênue que ele mal o percebia; ele era mais um cão de caça atrelado, com permissão para fazer excursões por conta própria, mas, mesmo assim, compelido a obedecer aos desejos superiores de seu dono.

As pirâmides, o Grand Canyon, as neves enluaradas do Everest, foram escolhas que ele mesmo fizera. Assim como também o foram algumas galerias de arte e algumas salas de concertos, embora, por ele, certamente não teria aguentado assistir ao *Der Ring des Nibelungen* inteiro.

E nem teria visitado tantas fábricas, prisões, hospitais, uma guerrinha suja na Ásia, uma corrida de cavalos, uma orgia complicada em Beverly Hills, a Sala Oval da Casa Branca, os arquivos do Kremlin, a Biblioteca do Vaticano, a Pedra Negra sagrada do *Ka'bah* em Meca...

Experiências havia também das quais ele não se recordava claramente, como se tivessem sido censuradas, ou então das quais vinha sendo protegido por algum anjo da guarda. Por exemplo...

O que fazia ele no Museu Memorial de Leakey, no Desfiladeiro de Olduvai? O interesse que tinha pela origem do Homem não era maior do que o de qualquer membro da espécie *H. sapiens*, e os fósseis nada significavam para ele. Os cérebros famosos, porém, guardados qual joias reais em mostruários, despertavam-lhe ecos estranhos na memória, e uma inquietação que era incapaz de explicar. Havia uma sensação de *déjà vu* mais forte do que ele jamais sentira; o lugar *deveria* ser seu conhecido, mas algo havia de errado. Parecia uma casa à qual se regressa muitos anos depois, e onde se descobre que toda a mobília foi mudada, que as paredes trocaram de lugar e que até as escadas foram reconstruídas.

Era terreno aberto, hostil, seco e crestado. Onde estavam as planícies viçosas e os inumeráveis herbívoros de pés ligeiros que vagavam por elas, há três milhões de anos?

*Três milhões de anos. Como foi que ele soube disso?*

Não veio resposta do silêncio ecoado ao qual ele lançara a questão. Mas então ele viu, de novo avultando-se diante dele, uma forma retangular preta, sua conhecida. Aproximou-se, e uma imagem umbrosa apareceu naquelas profundezas, qual um reflexo numa poça de tinta.

Os olhos tristes e intrigados, que o olharam de volta debaixo daquela testa larga, cabeluda, olhavam para além dele, para um futuro que jamais veriam. Pois *era* ele aquele futuro, a cem mil gerações abaixo, ao longo do fluxo do tempo.

A história começara ali; isto, no mínimo, ele agora compreendia. Mas como, e sobretudo *por que*, ainda se escondiam dele os segredos?

Mas havia uma última obrigação, e era a mais difícil de todas. Ele ainda era humano o bastante para adiá-la para o fim.

O que ela pretende *agora?*, perguntou-se a enfermeira, fechando a *zoom*, no



monitor de TV, sobre a anciã. Ela já tentou todos os truques, mas esta é a primeira vez que a vejo conversando com o amplificador de audição, em nome de Deus. O que será que ela diz?

O microfone não era suficientemente sensível para captar as palavras, mas isto mal parecia importar. Jessie Bowman poucas vezes parecera tão pacífica e satisfeita. Embora os olhos estivessem cerrados, todo o rosto estava corado num sorriso quase angelical, e os lábios continuavam a formar palavras sussurradas.

E aí a espectadora viu algo que se esforçou por esquecer, pois informá-lo iria desqualificá-la instantaneamente da profissão de enfermeira. Devagar, trêmulo, o pente, pousado na mesa de cabeceira, ergueu-se no ar, como se levantado por inábeis dedos invisíveis.

Na primeira tentativa, fracassou; em seguida, com visível dificuldade, começou a separar os longos fios prateados, fazendo pausas ocasionais para desemaranhar um ou outro nó.

Jessie Bowman não falava agora, mas continuava a sorrir. O pente movia-se com maior determinação, e já não mais em sacudidas abruptas e incertas.

Por quanto tempo, a enfermeira jamais poderia afirmar. Só no instante em que o pente foi recolocado, calmamente, na mesa, é que se recuperou do estupor.

Aos dez anos de idade, Dave Bowman terminara a tarefa que sempre detestara, mas que a mãe adorava. E um David Bowman, agora nem velho nem moço, alcançara seu primeiro domínio da matéria dura.

Jessie Bowman ainda sorria quando a enfermeira veio, enfim, investigar. Não se apressou, de tanto medo; mas, mesmo que o fizesse, não teria feito diferença alguma.

## 35. Reabilitação

O rugido da Terra foi comodamente abafado, através dos milhões de quilômetros de espaço. Os tripulantes do *Leonov* assistiam, fascinados, mas algo distanciados, aos debates nas Nações Unidas, às entrevistas com os renomados cientistas, às teorizações dos comentaristas dos noticiários, aos relatos dos contatados dos OVNI, questões de fato, porém demasiadamente conflitantes. Em nada contribuiriam para o disse-me-disse, pois não haviam testemunhado manifestações adicionais, de espécie alguma. *Zagadka*, aliás Grande Irmão, conservava, com relação à presença deles, a mesma indiferença fria. Uma situação de fato irônica; tinham vindo da Terra para resolver um mistério, e a resposta parecia estar bem no ponto de partida.

Pela primeira vez se sentiram gratos à baixa velocidade da luz, e à defasagem de duas horas que impossibilitavam as entrevistas ao vivo no circuito Terra-Júpiter. Mesmo assim, Floyd foi tão importunado por tantas solicitações dos meios de comunicação que, por fim, entrou em greve. Nada restava a dizer, e isto ele já dissera no mínimo umas dez vezes.

Além disso, ainda havia muito trabalho a fazer. O *Leonov* teria que ser preparado para a demorada viagem de regresso, de modo a estar pronto para partir assim que se abrisse o corredor de lançamento. A cronometragem não se apresentava

crítica, de maneira alguma; se perdessem um mês, isto simplesmente prolongaria a viagem. Chandra, Curnow e Floyd nem notariam, pois, durante a aproximação ao Sol, estariam dormindo; o resto da tripulação, porém, estava carrancudamente decidida a partir assim que o permitissem as leis da mecânica celeste.

O *Discovery* ainda colocava muitos problemas. A nave mal contava com propulsor suficiente para o regresso à Terra, mesmo que partisse bem depois do *Leonov* e tomasse uma órbita de energia mínima, o que iria custar quase três anos. E isto somente seria possível se Hal pudesse ser programado, de maneira confiável, para executar a missão sem qualquer intervenção humana, excetuando a monitoração de longo alcance. Sem a cooperação de Hal, o *Discovery* teria novamente que ser abandonado.

Fora fascinante - na verdade, profundamente comovente - observar o firme renascimento da personalidade de Hal, de uma criança de cérebro danificado a um adolescente intrigado, e por fim a um adulto ligeiramente condescendente. Embora soubesse que estes rótulos antropomórficos costumassem conduzir a grandes equívocos, Floyd julgava quase impossível evitá-los.

E ocasiões havia em que sentia que toda a situação era de uma familiaridade insistente. Quantas vezes assistira a novelas em que jovens perturbados haviam sido corrigidos por descendentes "sabe-tudo" do legendário Sigmund Freud! A mesma história, essencialmente, se desenrolava agora na sombra de Júpiter.

A psicanálise eletrônica se processara a uma velocidade inteiramente fora da compreensão humana; os programas de reparos e de diagnóstico lampejavam pelos circuitos de Hal a bilhões de *bits* por segundo, detectando possíveis defeitos e corrigindo-os. Embora a maioria destes programas tivesse sido testada no gêmeo de Hal, o SAL 9000, a impossibilidade de um diálogo

no tempo real, entre os dois computadores, era um sério empecilho. Desperdiçavam-se horas, às vezes, quando necessário se fazia verificar com a Terra algum ponto crítico da terapia.

Pois, a despeito de todo o trabalho de Chandra, a reabilitação do computador ainda estava longe de estar completa. Hal exibia numerosas idiossincrasias e tiques nervosos, e às vezes até ignorava palavras faladas, embora reconhecesse, sempre, os ingressos introduzidos por meio do teclado. No sentido oposto, produzia saídas ainda mais excêntricas.

Por vezes ele dava respostas verbais, mas não as exibia no visor. De outras vezes fazia as duas coisas, mas se recusava a imprimir em papel. Não dava justificativas ou explicações, nem mesmo o taciturno e impenetrável "Prefiro não fazê-lo" do escritor autista de Melville, Bartleby.

Entretanto, no terreno ativo, era mais relutante que desobediente, e somente quando certas tarefas eram solicitadas. Era sempre possível, afinal, conquistar-lhe a cooperação: "convencê-lo a deixar de ser rabugento", como Curnow o dissera com propriedade.

Não era de surpreender que o Dr. Chandra começasse a revelar tensão. Numa ocasião célebre, quando Max Brailovski, inocentemente, recordou uma antiga mentira jornalística, ele *quase* perdeu a calma.

- É verdade, Dr. Chandra, que o senhor escolheu o nome Hal para ficar um passo à frente da IBM?

- Uma tolice das maiores! A metade de nós *provém* da IBM, e há anos que vimos tentando acabar com essa estória. Eu pensei que já agora toda pessoa inteligente sabia que HAL vem de **H**eurístico Algorítmico

Max jurou, depois, que conseguira ouvir distintamente as letras maiúsculas.

Na opinião particular de Floyd, era uma em cinquenta a chance de se trazer o *Discovery* de volta à Terra em segurança. E foi então que o Dr. Chandra lhe fez uma proposta extraordinária.

- Dr. Floyd, posso ter uma palavrinha com o senhor?

Passadas tantas semanas, compartilhadas tantas semanas, Chandra ainda se mantinha formal; não só para com Floyd, mas para com toda a tripulação. E nem mesmo se dirigia à caçula da nave, Zenia, sem o prefixo "dona".

- Claro, Chandra. O que é?

- Eu já completei, por assim dizer, a programação para as seis variações mais prováveis na órbita Hohmann de retorno. Acabei de simular cinco delas, sem problemas.

- Excelente. Tenho certeza de que ninguém mais na Terra... no Sistema Solar... o teria feito.

- Obrigado. Entretanto, o senhor sabe tão bem quanto eu que é impossível programar-se para *todas* as eventualidades. Hal talvez funcione, *irá funcionar!*, perfeitamente, e estará apto a contornar qualquer emergência razoável. Mas os acidentes triviais, de toda sorte... falhas no equipamento leve, que poderiam ser consertadas com chaves de fenda, fios partidos, interruptores quebrados... podem deixá-lo indefeso e fazer abortar toda a missão.

- Você tem toda a razão, é claro, e isto me preocupa. E o que nós podemos fazer para resolver isto?

- Na verdade é bem simples. Eu gostaria de ficar aqui com o *Discovery*.

A reação imediata de Floyd foi a de que Chandra havia enlouquecido. Quando pensou novamente, julgou-o apenas meio louco. Talvez fizesse mesmo muita diferença, a diferença entre êxito e malogro, ter um ser humano - esta ferramenta soberba, pau-para-toda-obra, que descarta todos os problemas - a bordo do *Discovery* durante a longa viagem de volta à Terra. Mas as objeções eram inteiramente esmagadoras.

- É uma idéia interessante - respondeu Floyd com extrema cautela -, e eu com certeza admiro o seu entusiasmo. Mas você já pensou nos problemas? Todos? - Tolice dizer isto, Chandra já teria todas as respostas devidamente arquivadas para pronta recuperação.

- Você vai ficar sozinho durante três anos! E se sofrer um acidente, ou precisar de uma emergência médica?

- É um risco que estou preparado para correr.

- E os alimentos, a água? O *Leonov* não dispõe de muita folga.

- Já verifiquei o sistema de reciclagem do *Discovery*; pode funcionar de novo sem muita dificuldade. Além disso, nós, indianos, podemos agüentar com muito pouco.

Era incomum Chandra referir-se a suas origens, ou mesmo fazer qualquer declaração pessoal; a "confissão franca" que fizera era o único exemplo de que Floyd conseguia se lembrar. Mas não duvidou da alegação; Curnow observara certa vez que o Dr. Chandra tinha o tipo de físico que somente poderia ter sido alcançado através de séculos de fome. Embora a gracinha não fosse das mais simpáticas por parte do engenheiro, ele a fizera inteiramente sem malícia; na verdade, fizera-a por solidariedade, embora, é claro, não na frente de Chandra.

- Bem, ainda dispomos de várias semanas para decidir. Eu vou pensar no assunto e conversar com Washington.

- Obrigado. O senhor se incomodaria se eu começasse a tomar as providências?

- Bem, quer dizer, claro que não, desde que não interfiram com os planos atuais. E lembre-se: ao Controle da Missão cabe a decisão final.

E sei muito bem o que irá dizer o Controle da Missão. Era loucura esperar que um homem sobrevivesse no espaço por três anos, sozinho.

Mas, é claro, Chandra sempre fora só.

## 36. Fogo nas Profundezas

A Terra já estava bem para trás, e as espantosas maravilhas do sistema joviano expandiam-se rapidamente defronte, quando ele teve a revelação.

Como pôde ser tão cego, tão bobo! Era como se tivesse caminhado dormindo. Agora começava a despertar.

- *Quem é você?* - gritou ele. - O que você quer? Por que você faz isso comigo?

Não houve resposta, mas ele tinha certeza de que fora ouvido. Sentia uma... *presença*, tanto quanto qualquer homem é capaz de dizer, mesmo de olhos hermeticamente cerrados, que está num quarto fechado, e não no espaço vazio, aberto. À volta dele havia o eco débil de uma vasta inteligência, um desejo implacável.

E mais uma vez gritou para o silêncio retumbante, e de novo não houve resposta direta... apenas aquela sensação de companhia atenta. Muito bem! Ele descobriria por si mesmo as respostas.

Algumas eram óbvias; quem, ou o que quer que fossem, estavam interessados na Humanidade. Haviam-lhe drenado e armazenado as memórias, para suas próprias finalidades inescrutáveis. E agora fizeram-lhe o mesmo com as emoções mais profundas, algumas vezes contando com sua própria cooperação, outras vezes não.

Ele não se ressentia disso; na verdade, o próprio processo que experimentara impossibilitava tais reações infantis. Ele estava além do amor, do ódio, do desejo e do medo; mas não os esquecera, e ainda conseguia compreender de que maneira governavam o mundo do qual um dia fizera parte. Era *essa* a finalidade do exercício? Se fosse, para que derradeiro objetivo?

Ele se tornara um jogador num jogo de deuses, e devia aprender as regras ao prosseguir.

As rochas denteadas das quatro pequeninas luas externas, Sínope, Pasífaa, Carmo e Ananque, bruxuleavam-lhe levemente pelo campo da consciência; em seguida, vinham Elara, Lisícia, Himália e Leda, a meia distância entre as primeiras e Júpiter.

Uma vez, duas vezes ele circulara na órbita do globo bombardeado, maior do que a própria Lua da Terra, enquanto os sentidos, dos quais estivera inconsciente,

sondavam-no nas camadas de gelo e pó. A curiosidade foi logo satisfeita, o mundo era um fóssil congelado, que ainda carregava as marcas de colisões que, eões atrás, devem tê-lo quase despedaçado. Um hemisfério era um olho-de-boi gigante, uma série de anéis concêntricos por onde um dia fluíra a rocha sólida em riscas de quilômetros de altura, cavadas por algum martelo antigo do espaço.

Segundos depois, ele circundava Ganimedes. Agora havia um mundo bem mais complexo e interessante; tão próximo a Calisto, e quase do mesmo tamanho, tinha uma aparência completamente diferente. Havia, na verdade, inúmeras crateras, cuja maioria, porém, parecia ter sido quase literalmente *arada* de volta ao solo. O traço mais extraordinário da paisagem ganimediana era a presença de listras sinuosas, construídas a partir de dezenas de sulcos paralelos distantes alguns quilômetros uns dos outros. Este terreno estriado parecia ter sido produzido por exércitos de lavradores bêbedos, que, para a frente, para trás, haviam tecido ao longo da face do satélite.

Em poucas revoluções, viu mais de Ganimedes do que todas as sondas espaciais enviadas da Terra, e arquivou o conhecimento para uso futuro. Um dia aquilo seria importante; disso ele tinha certeza, embora não soubesse por que, não mais do que conseguia compreender o impulso que agora o impelia, com tamanha determinação, de um mundo ao outro.

Assim como, naquele momento, o levava ao Europa. Embora ainda um espectador basicamente passivo, tomava agora ciência de um interesse crescente, de uma concentração de atenção... uma concentração de desejo. Mesmo que fosse uma marionete nas mãos de um senhor oculto e não-comunicativo, alguns pensamentos daquela influência controladora vazavam, ou tinham permissão de vazar para dentro de sua própria mente.

O globo liso, de um padrão intrincado, que agora corria na direção dele, tinha pouca semelhança com Ganimedes ou Calisto. Parecia *orgânico*; a rede de linhas que se ramificavam e entrecruzavam por toda a superfície parecia-se misteriosamente com um sistema de veias e artérias do tamanho do mundo.

Os infindáveis campos de gelo de um deserto frio, muito mais frio do que a Antártida, estendia-se embaixo dele. Então, em rápida surpresa, ele viu que passava sobre os destroços de uma nave espacial. O malfadado *Tsien*, ele o reconheceu instantaneamente, apresentado em tantos noticiários de videocassete que analisara. Agora não, *agora não!*; mais tarde haveria farta oportunidade...

E depois ele atravessava o gelo, e entrava num mundo tão desconhecido para os que o controlavam quanto para si mesmo.

Era um mundo oceânico, com suas águas ocultas protegidas contra o vácuo do espaço por uma crosta de gelo. Na maioria das regiões, o gelo tinha quilômetros de espessura, mas havia camadas de fraqueza onde o gelo havia rachado e partido. Depois houvera uma curta batalha entre dois elementos implacáveis, hostis, que não entraram em contato em nenhum outro mundo do Sistema Solar. A guerra entre o Mar e o Espaço sempre terminava no mesmo impasse; a água exposta fervia e congelava ao mesmo tempo, consertando a armadura de gelo.

Os mares do Europa se teriam solidificado, congelando-se, há muito tempo atrás, sem a influência do vizinho Júpiter, cuja gravidade amassava continuamente o âmago daquele pequeno mundo; as forças que convulsionavam Io operavam por lá, embora com ferocidade muito menor. Ao ricochetear pela face das profundezas, viu em todo lugar o sinal daquele cabo de guerra entre planeta e satélite.

E ouviu e sentiu, ao mesmo tempo, no rugido e no relâmpago contínuos dos terremotos submarinos, o sibilo dos gases que escapavam do interior, as ondas

pressurizadas infra-sônicas, das avalanches, varrendo as planícies abissais. Em comparação com o oceano tumultuado que cobria o Europa, até mesmo os mares ruidosos da Terra eram silenciosos.

Ele não perdera a sensação de pasmo, e o primeiro oásis saciou-o com uma surpresa deliciosa. Estendia-se por quase um quilômetro, em volta de uma massa emaranhada de tubos e chaminés depositada por salmouras minerais que jorravam do interior. Provenientes dessa paródia natural de um castelo gótico, líquidos escaldantes, negros, pulsavam num ritmo lento, como se impelidos pela batida de um coração poderoso. E, assim como o sangue, eram o sinal autêntico da própria vida.

Os fluidos empurraram de volta o frio mortífero que vazava do alto, e formaram uma ilha de calor no leito do mar. E trouxeram, o que era igualmente importante, do interior do Europa, todos os agentes químicos da vida. Ali, num meio onde ninguém os esperava, estavam a energia e o alimento, em abundância.

Mas *deveriam* ser esperados ali; ele se lembrou que, a apenas uma vida atrás, estes oásis férteis haviam sido descobertos nos oceanos profundos da Terra. Aqui estavam presentes numa escala imensamente maior, e em variedade bem maior.

Na zona tropical próxima aos muros retorcidos do "castelo", havia estruturas aracnoides, delicadas, que pareciam ser uma analogia das plantas, embora quase todas fossem capazes de movimento. Arrastavam-se, entre elas, lesmas e vermes bizarros, algumas alimentando-se das plantas, outras obtendo o alimento diretamente das águas minerais ao redor. A distâncias maiores da fonte de calor - o fogo submarino em torno do qual todas as criaturas se aqueciam - havia organismos mais fortes, mais robustos, não dessemelhantes a caranguejos ou aranhas.

Exércitos de biólogos poderiam passar vidas a fio estudando aquele pequeno oásis. Ao contrário dos mares terrestres paleozoicos, não era um meio estável, portanto ali a evolução se processara rapidamente, produzindo multidões de formas fantásticas. E estavam todas sob suspensão indefinida de execução; mais cedo ou mais tarde, cada fonte de vida iria enfraquecer e morrer, quando as forças que a alimentavam desviassem o foco para alhures.

Nesse vagar pelo leito marinho do Europa, ele encontrou, repetidas vezes, o indício destas tragédias. Jogados nas inumeráveis áreas circulares estavam esqueletos, restos de criaturas mortas, incrustados de minerais; ali capítulos inteiros da evolução se haviam apagado do livro da vida.

Viu conchas vazias, enormes, em forma de trompetes convolutos, do tamanho de um homem. Havia mexilhões de muitas formas: bivalves, e mesmo trivalves. Havia pedras em padrões espiralados, de muitos metros de largura, que lembravam uma analogia exata aos lindos amonites que, ao fim do Período Cretáceo, desapareceram de maneira tão misteriosa dos oceanos da Terra.

Voltou, avançou, pesquisando, procurando, sobre a face do abismo. De todas as maravilhas que encontrou, a maior talvez tenha sido um rio de lava incandescente que fluía por uns cem quilômetros ao longo de um vale submerso. A pressão, àquela profundidade, era tão grande que a água, em contato com o magma vermelho em brasa, não se esguichava em vapores, e os dois líquidos coexistiam em trégua inquieta.

Ali, num outro mundo, e com atores estranhos, algo semelhante à história do Egito se desenrolava bem antes da chegada do homem. Assim como o Nilo trouxera a vida a uma faixa estreita de deserto, também este rio de calor vivificara as profundezas do Europa. Ao longo das margens, numa faixa que jamais se estendia

além de dois quilômetros de largura, espécies e mais espécies haviam evoluído, florescido e desaparecido. E ao menos uma delas havia deixado, depois de passar, um monumento.

Ele pensou, a princípio, que simplesmente se tratasse de mais uma das incrustações de sais minerais que rodeavam quase todos os orifícios térmicos. Entretanto, ao aproximar-se, viu que não era uma formação natural, e sim uma estrutura criada pela inteligência. Ou talvez pelo instinto; na Terra, os cupins criavam castelos que apresentavam quase esta mesma imponência, e a teia da aranha era um projeto ainda mais exótico.

As criaturas que ali viveram devem ter sido muito pequenas, pois a única entrada tinha apenas meio metro de largura. Esta entrada, um túnel de paredes espessas, feito de rochas que se empilhavam umas sobre as outras, era uma pista das intenções dos construtores. Eles haviam criado uma fortaleza ali no brilho bruxuleante não distante das margens daquele Nilo fundido. E depois desapareceram.

Não deviam ter desaparecido há mais de dois séculos, pois os muros da fortaleza, construídos com rochas de formas irregulares, cuja apanha deve ter exigido grande labuta, estavam cobertos apenas com uma fina crosta de depósitos minerais. Uma pequena prova insinuava por que o reduto fora abandonado. Parte do teto desabara, talvez devido aos terremotos ininterruptos; e, num meio submerso, um forte sem teto ficava à mercê do inimigo.

Ele não encontrou qualquer outro sinal de inteligência ao longo do rio de lava. Uma vez, entretanto, viu algo misteriosamente parecido com um homem réptil, não fossem os olhos e as narinas que não tinha, e a boca imensa, sem dentes, que tragava continuamente, absorvendo o alimento do meio líquido ao redor.

Ao longo da estreita faixa de fertilidade nos desertos das profundezas, culturas e até mesmo civilizações inteiras devem ter ascendido e decaído, exércitos devem ter marchado (ou nadado) sob o comando dos Tamerlões ou Napoleões do Europa. E o resto daquele mundo talvez jamais tomasse conhecimento disso, pois todos aqueles oásis de calor eram tão isolados uns dos outros quanto os próprios planetas. As criaturas que se aqueciam ao brilho do rio de lava, e que se alimentavam ao redor dos respiradouros quentes, não poderiam atravessar o ermo hostil entre aquelas ilhas solitárias. Se chegaram a produzir historiadores e filósofos, cada cultura daquelas deve ter-se convencido de que estava só no Universo.

Mas tampouco era de todo desprovido de vida o espaço entre os oásis, cujos rigores criaturas mais resistentes haviam desafiado. Encontrava-se, muitas vezes, nadando imersos, aquilo que, no Europa, eram os análogos dos peixes: torpedos aerodinâmicos, acionados por caudas verticais, dirigidos por barbatanas ao longo dos corpos. A semelhança com os habitantes, mais exitosos, dos oceanos da Terra era inevitável; dados os mesmos problemas de engenharia, a evolução produz respostas muito semelhantes. O golfinho e o tubarão são testemunhos: superficialmente quase idênticos, embora de ramos muito distantes da árvore da vida.

Havia, entretanto, uma diferença bastante visível entre os peixes dos mares do Europa e os dos oceanos terrestres; não possuíam guelras, pois mal havia vestígio de oxigênio a ser extraído das águas onde nadavam. Assim como as criaturas ao redor dos próprios respiradouros geotérmicos da Terra, o metabolismo deles baseava-se em compostos sulfúricos, presentes em abundância no meio quase-vulcânico.

E bem poucos tinham olhos. Afora o brilho bruxuleante dos raros esguichos de

lava, e as rajadas ocasionais de bioluminescência das criaturas que procuravam seus companheiros, ou dos caçadores que procuravam suas presas, era um mundo sem luz.

Era também um mundo condenado. Além de se deslocarem esporádica e constantemente as fontes de energia, as forças das marés que as impeliam não cessavam de enfraquecer. Mesmo que desenvolvessem autêntica inteligência, os habitantes do Europa deveriam perecer durante o derradeiro congelamento daquele mundo.

Estavam presos entre o fogo e o gelo.

## 37. Rompimento

- ... sinto muitíssimo, velho amigo, em ser o portador de tão má notícia; mas Caroline me pediu que o fizesse, e você sabe como eu me sinto com relação a vocês dois... E eu não creio que seja uma surpresa muito grande. Alguns comentários que você fez, durante o ano que passou, já o insinuavam, e você sabe quão amarga ela estava quando você partiu... Não, não creio que haja outro. Se houvesse, ela me teria dito. Mas, mais cedo ou mais tarde - ela é uma mulher jovem e atraente... Chris está passando bem, e é claro que ele não sabe o que está acontecendo. *Ele* ao menos não ficará magoado, é muito criança para compreender, e as crianças são incrivelmente - elásticas? Não, espere um minuto, tenho que acionar minha enciclopédia; ah, *resilientes*... Agora vamos às coisas que talvez pareçam menos importantes para você. Todos ainda estão tentando explicar que aquela bomba foi detonada por acidente, mas ninguém acredita, é claro. Como nada de mais aconteceu, a histeria geral murchou, e nós ficamos com o que um dos seus comentaristas chamou de "síndrome de pouco-caso alerta"... E alguém descobriu um poema, de uns cem anos atrás, que resume tão bem a situação que todos o estão citando. Se passa nos últimos dias do Império Romano, nos portões de uma cidade cujos ocupantes esperam a chegada dos invasores. O imperador e os dignitários estão em linha, todos trajando suas togas mais caras, preparados com discursos de boas-vindas. O senado estava fechado, pois qualquer lei que aprovasse naquele momento seria ignorada pelos novos senhores... Então, de repente, uma notícia terrível chega da fronteira. *Não havia invasor algum*. A comitiva de recepção se dispersa, confusa; todos resmungam, desapontados: "*Agora o que irá acontecer conosco?*" Os invasores eram uma espécie de solução... É necessária apenas uma pequenina mudança para que o poema se atualize. O poema se chama "*À espera dos bárbaros*", só que, desta vez, os bárbaros somos *nós*. E nós não sabemos o que esperamos, mas, com certeza, ainda não chegou... Mais um item. Você soube que a mãe do Comandante Bowman morreu apenas uns dias depois que a tal coisa veio para a Terra? Parece mesmo uma estranha coincidência, mas as pessoas da casa de repouso dizem que ela não mostrou o mínimo interesse pela notícia, portanto não pode tê-la afetado.

Floyd desligou o gravador. Dimitri tinha razão, ele não estava surpreso. Mas, que diferença fazia? A dor era a mesma.

Mas o que mais ele poderia fazer? Se se recusasse a seguir com a missão, desejo



que Caroline manifestara tão claramente, teria se sentido culpado e insatisfeito pelo resto da vida, e teria estragado o casamento. Melhor um rompimento claro, em que a distância física reduzia a dor da separação. (Reduzia mesmo? Em alguns aspectos, piorava as coisas.) O mais importante era o dever, e a sensação de fazer parte de uma equipe dedicada a um único objetivo.

Quer dizer, então, que Jessie Bowman morreria. Mais um motivo, talvez, de culpa. Ele ajudara a roubar o único filho que lhe restara, e isto deve ter contribuído para o desequilíbrio mental. Recordou, inevitavelmente, de uma discussão que Walter Curnow iniciara exatamente sobre o assunto.

- Por que você escolheu Dave Bowman? Ele sempre me pareceu um cara frio; não que fosse inamistoso, na verdade, mas sempre que ele entrava na sala a temperatura parecia cair dez graus.

- E este foi um dos motivos por que o selecionamos. Não tinha laços familiares estreitos, a não ser a mãe, que não via com frequência. Era, portanto, o tipo de homem que poderíamos mandar numa missão longa, com fim imprevisível.

- Como foi que ele ficou daquele jeito?

- Creio que os psicólogos lhe dirão o porquê. Eu de fato vi o relatório dele, é claro, mas foi há muito tempo atrás. Dizia alguma coisa sobre um irmão que morreu; e o pai morreu logo depois, num acidente com um dos primeiros foguetes. Eu não podia estar contando estas coisas a você, mas o que importa agora!

Não importava, mas era interessante. Agora Floyd quase invejava David Bowman, que chegara àquele mesmo lugar como um homem livre, desimpedido de laços emocionais com a Terra.

Não, ele se enganava a si mesmo. Mesmo quando a dor, qual um torno, lhe apertava o coração, o que ele sentia por David Bowman não era inveja, e, sim, pena.

## 38. Paisagem de Espuma

O último bicho que viu, antes de deixar os oceanos do Europa, era de longe o maior. Parecia-se muito com uma daquelas bânias dos trópicos da Terra, cujas dezenas de troncos permitem que uma única planta crie uma pequena floresta, que chega a cobrir, às vezes, centenas de metros quadrados. O espécime, entretanto, *caminhava*, numa jornada, aparentemente, entre oásis. Se não fosse uma das criaturas que haviam destruído o *Tsien*, pertencia com certeza a uma espécie bem semelhante.

Agora ele já sabia tudo o que precisava saber; ou melhor, tudo o que *eles* precisavam saber. Havia mais uma lua a visitar; segundos depois, a paisagem ardente de Io passava debaixo dele.

Era como ele esperava. Energia e alimento, havia em abundância, mas a ocasião ainda não estava madura a ponto de se unirem. À volta dos lagos sulfurosos mais frios deram-se os primeiros passos na estrada da vida; antes, porém, de ocorrer qualquer nível de organização, todas as tentativas prematuras, valentes, foram devolvidas à tina de fundição. Só depois que as forças das marés que acionavam as fornalhas de Io perdessem a força, milhões de anos depois, haveria alguma coisa que interessasse os biólogos naquele mundo ressequido e esterilizado.

Perdeu pouco tempo em Io, e nenhum nas luazinhas internas que debruavam os anéis fantasmagóricos de Júpiter - pálidas sombras, aqueles anéis, da glória que eram os de Saturno. O maior dos mundos estava diante dele; ele o conheceria como jamais outro homem o conhecera, ou iria conhecer.

As gavinhas, de milhões de quilômetros de comprimento, de força magnética, as explosões súbitas de ondas de rádio, os gêiseres de plasma eletrificado, mais largos do que o planeta Terra, eram tão reais e tão nitidamente visíveis para ele como o eram as nuvens que cintavam o planeta em glória multi matizada. Ele conseguia compreender o complexo padrão daquelas interações, e percebeu que Júpiter era muito mais bonito do que alguém jamais poderia ter adivinhado.

Até mesmo quando penetrou no coração exuberante da Grande Mancha Vermelha, ao relampejar daquelas tempestades, de dimensões continentais, que detonavam ao redor dele, ele *sabia* por que ela persistira por séculos, embora feita de gases muito menos substanciais do que os que formavam os furacões da Terra. O gemido tênue do vento hidrogenado se apagava à medida que ele descia a profundezas mais calmas, e uma saraiva de flocos de neve cerosos - alguns já se fundindo em montanhas quase impalpáveis de espuma de hidrocarboneto - descia das alturas. Já estava quente o bastante para existir água líquida, mas não havia oceanos; aquele meio puramente gasoso era tênue demais para suportá-los.

Por camadas e mais camadas de nuvens, desceu até entrar numa região de uma tal claridade que até mesmo a visão humana conseguiria explorar uma área superior a mil quilômetros de largura. Era apenas um remoinho menor no turbilhão bem mais vasto da Grande Mancha Vermelha; e continha um segredo que os homens há muito suspeitavam, mas nunca haviam provado.

Na orla dos contrafortes das montanhas escorridas de espuma havia nuvens pequenas, bem definidas, quase todas do mesmo tamanho, e desenhadas com pintas semelhantes, vermelhas e marrons. Eram pequenas apenas se comparadas à escala inumana do meio em que estavam; a menor delas bem poderia cobrir uma cidade de razoável tamanho.

Estavam visivelmente vivas, pois moviam-se lentas, determinadas, pelos flancos das montanhas etéreas, pastando-lhes as encostas qual carneiros colossais. E chamavam-se umas às outras na faixa métrica, com as vozes radioativas débeis, porém claras, contra os rangidos e as concussões do próprio Júpiter.

Nada menos que bolsões vivos de gás flutuavam na zona estreita entre as alturas congeladas e as profundezas crestadas. Estreita sim, mas um domínio muito maior do que toda a biosfera da Terra.

E não estavam sós. Moviam-se, ao longo delas, rapidamente, outras criaturas tão pequenas que bem poderiam ter sido desprezadas. Algumas aparentavam uma semelhança quase misteriosa com as aeronaves terrestres, com quase o mesmo tamanho delas. E também estavam vivas; talvez predadoras, talvez parasitas, talvez pastores.

Todo um novo capítulo da evolução, tão estranho quanto o que presenciara de relance no Europa, abria-se diante dele. Havia torpedos de propulsão a jato, à semelhança dos calamares (lulas) dos oceanos terrestres, caçando e devorando os enormes bolsões de gás. Os balões, porém, não eram indefesos; alguns os enfrentavam com relâmpagos elétricos e com tentáculos com garras que lembravam serrotes em cadeia, de quilômetros de comprimento.

E havia formas ainda mais estranhas, explorando quase toda possibilidade de geometria: cutelos bizarros, translúcidos, tetraedros, esferas, poliedros, maranhas de fitas torcidas... Plancto gigantesco da atmosfera joviana, foram projetados para

flutuar, como gaze, nas correntes rebeldes, até viverem o suficiente a ponto de reproduzir; em seguida seriam varridas para as profundezas para serem carbonizadas e recicladas numa nova geração.

Ele investigava um mundo mais de cem vezes maior do que a área da Terra, e, embora visse maravilhas, nada ali insinuava inteligência. As vozes radioativas dos grandes balões carregavam apenas mensagens simples de alerta ou medo. Até mesmo os caçadores, de quem se poderia esperar que desenvolvessem níveis mais elevados de organização, eram como tubarões nos oceanos da Terra: autômatos brancos.

E por toda a sua dimensão e novidade, digna de uma retomada de fôlego, a biosfera de Júpiter era um mundo frágil, um lugar de bruma e espuma, de fios delicados de seda e de tecidos da espessura do papel, bobinados com a nevada contínua das substâncias petroquímicas formadas pelo relampejar na atmosfera superior. Dali, poucas coisas construídas eram mais substanciais do que bolhas de sabão; os predadores mais aterrorizantes poderiam ser esfrangalhados até mesmo pelo carnívoro mais fraco da Terra.

Assim como o Europa, só que em escala amplamente maior, Júpiter era um *cul-de-sac* em evolução, onde a consciência jamais emergiria. Se o fizesse, estaria fadada a uma existência tolhida. Era possível desenvolver-se uma cultura puramente etérea, que, num meio onde o fogo era impossível, e os sólidos mal existiam, jamais alcançaria a Idade da Pedra.

E agora, ao perambular acima do centro de um ciclone joviano, do tamanho, simplesmente!, da África, conscientizou-se mais uma vez da presença que o controlava. Os estados de espírito e as emoções derramavam-se-lhe no âmago da consciência, embora ele não conseguisse identificar quaisquer conceitos ou ideias específicas. Era como se ele escutasse, do lado de fora de uma porta fechada, a um debate em andamento, e numa língua que não conseguia entender. Os sons abafados, porém, visivelmente transmitiam desapontamento, depois incerteza, depois uma súbita determinação; para que finalidade, entretanto, não sabia dizer. Sentiu-se, mais uma vez, como um cãozinho de estimação, apto a compartilhar os estados de espírito mutantes do dono, mas não para compreendê-los.

E em seguida a trela invisível conduzia-o ao coração de Júpiter. Ele penetrava, afundava nas nuvens, abaixo do nível onde qualquer forma de vida era possível.

Logo estava fora do alcance dos últimos raios do sol apagado e distante. A pressão e a temperatura elevavam-se rapidamente; já estavam acima do ponto de ebulição da água, e, por um ligeiro instante, atravessou uma camada de vapor superaquecido. Júpiter parecia uma cebola; ele a descascava, casca por casca, embora até aquele momento só tivesse viajado uma fração da distância até o cerne.

Debaixo do vapor havia um mexido, feito por feiticeiras, de substâncias petroquímicas; energia suficiente para mover, durante um milhão de anos, todos os motores de combustão interna que a humanidade construíra. O mexido ficou mais grosso, mais denso, e, então, bem abruptamente, encerrou-se uma descontinuidade de uns poucos quilômetros de espessura.

Mais pesada do que todas as rochas da Terra, mas, mesmo assim, um líquido, a casca seguinte consistia em compostos de silício e carbono, cuja complexidade poderia suprir vidas inteiras de trabalho para os químicos terrestres. As camadas seguiam-se umas às outras por milhares de quilômetros, mas à medida que a temperatura se elevava aos cem, e em seguida aos mil graus, a composição dos vários estratos se tornava cada vez mais simples. A meia distância do cerne, o calor

era muito grande para a química; todos os compostos se despedaçavam, e somente os elementos básicos conseguiram existir.

Em seguida veio um mar profundo de hidrogênio. Mas nunca existira hidrogênio assim por mais de uma fração de segundo em qualquer laboratório da Terra. *Este* hidrogênio, sob tamanha pressão, se transformara num metal.

Ele já quase alcançara o centro do planeta; Júpiter, porém, ainda lhe reservava uma surpresa. A concha espessa de hidrogênio metálico, mas ainda fluido, terminou abruptamente. Houve, por fim, uma superfície sólida, a sessenta mil quilômetros abaixo.

Durante eras a fio, o carbono aquecido com as reações químicas das grandes alturas vinha escorrendo para o centro do planeta, onde se depositara, cristalizando-se a uma pressão de milhões de atmosferas. E ali, por uma das supremas ironias da Natureza, havia algo muito precioso para a humanidade.

O cerne de Júpiter, para sempre fora do alcance humano, era um diamante do tamanho da Terra.

## 39. Na Sala das Cápsulas

- Walter, estou preocupada com Heywood.

- Eu sei, Tanya. Mas o que podemos fazer?

Curnow jamais vira a Comandante Orlov em estado de espírito tão indeciso; deixava-a muito mais atraente, a despeito do preconceito que ele nutria contra mulheres baixas.

- Eu gosto muito dele, mas não é esse o motivo. O... abatimento... acho que é esta a melhor palavra... dele está deixando todos muito tristes. O *Leonov* tem sido uma nave alegre, e eu gostaria de conservá-la assim.

- Por que não conversa com ele? Ele a respeita, e eu tenho certeza de que fará o possível para sair dessa tristeza.

- Eu pretendo fazer exatamente isso. Mas, se não funcionar...

- O que acontece?

- Há uma solução simples. Já que não vamos mais fazer nada nesta viagem, e já que ele vai entrar em hibernação quando iniciarmos a viagem de regresso, nós poderíamos... como é mesmo que vocês dizem?... pegá-lo de surpresa.

- Puxa! O mesmo golpe baixo que Katerina me aplicou. Ele vai ficar louco de raiva quando acordar.

- Mas são e salvo na Terra, e *muito* ocupado. Tenho certeza de que nos perdoaria.

- Não creio que você esteja falando a sério. Se eu a apoiasse, Washington iria esbravejar. Além disso, e se alguma coisa acontecesse e viéssemos a precisar muito dele? Não há um período de compensação de duas semanas, para que se reviva alguém em segurança?

- Na idade de Heywood, mais de um mês. Claro, estaríamos... comprometidos.

Mas o que você acredita que possa acontecer agora? Ele já fez o trabalho que veio fazer, além de ficar de olho em nós. E eu tenho certeza de que você mesmo, no que diz respeito a isso, já recebeu o seu sermãozinho, em algum subúrbio escuro da Virgínia ou de Maryland.

- Não digo que sim nem que não. E, francamente, sou um péssimo espião. Falo demais, e detesto Segurança. Sempre lutei, toda a minha vida, para conservar minha graduação abaixo de Restrito. Sempre que eu me via em perigo de ser reclassificado como Confidencial, ou, pior ainda, Secreto, eu aprontava um escândalo; mesmo que isto, hoje em dia, esteja ficando cada vez mais difícil.

- Walter, você é incorrupt...

- Incorrigível?

- É, era essa a palavra que eu queria dizer. Mas voltemos ao Heywood, por favor. Você gostaria de conversar com ele primeiro?

- Para tentar levantar o ânimo dele? Prefiro ajudar a Katerina a espetar a agulha. Nossas psicologias são muito diferentes. Ele me acha um palhaço linguarudo.

- E é mesmo, muitas vezes, o que só serve para esconder os seus sentimentos reais. Alguns de nós desenvolvemos uma teoria de que você, bem no fundo, é uma ótima pessoa, tentando sair.

Pela primeira vez, Curnow ficou sem palavras, perdido; mas, por fim, balbuciou:

- Bem; muito bem, vou fazer o possível. Mas não espere milagres. O meu perfil me deu Zero em tato. Onde é que ele está se escondendo agora?

- Na Sala das Cápsulas. Ele alega que está trabalhando no relatório final, mas eu não acredito. Ele só quer fugir de nós, e lá é o lugar mais quieto.

Aquele não era mesmo o motivo verdadeiro, embora fosse, na verdade, importante. Ao contrário do carrossel, onde quase toda a ação a bordo do *Discovery* era agora levada a efeito, a Sala das Cápsulas era um ambiente de gê-zero.

Bem no começo da Era Espacial, os homens descobriram a euforia da ausência de peso, e se lembraram da liberdade que haviam perdido quando deixaram o antigo ventre do mar. Além da gravidade, reconquistava-se parte desta liberdade; com a perda de peso, muitos dos cuidados e das preocupações da Terra desapareciam.

Heywood Floyd não se esquecera de sua tristeza; mas, ali, era mais suportável. Quando conseguia enxergar o assunto desapaixonadamente, surpreendia-se com a força com que reagira a um episódio não de todo inesperado. Havia mais coisas em questão do que a perda do amor, embora fosse esta a pior parte. O golpe viera num momento em que ele se encontrava particularmente vulnerável, no instante mesmo em que um sentimento de anticlímax, até mesmo de inutilidade, se apoderava dele.

E ele sabia bem por quê. Conseguira tudo o que se esperava que fizesse, graças à capacidade e à cooperação dos colegas (ele os estava abandonando, ele o sabia, com aquele egoísmo). Se tudo corresse bem - a ladainha da Era Espacial! -, eles regressariam à Terra com uma carga de conhecimento jamais acumulada Por qualquer expedição anterior, e em mais alguns anos até mesmo o *Discovery*, outrora perdido, seria restituído aos seus construtores.

Não era o bastante. O enigma esmagador do Grande Irmão ainda estava ali fora, a apenas alguns quilômetros de distância, zombando de todas as aspirações e conquistas humanas. Assim como o fizera o seu análogo na Lua, há uma década atrás, ele por um instante viera à vida, e depois recaíra na inércia obstinada. Era

uma porta fechada, na qual haviam martelado em vão. David Bowman fora o único, ao que parecia, a encontrar a chave.

Talvez isto explicasse a atração que ele sentia por aquele lugar calmo e, às vezes, até misterioso. Dali, daquele berço de lançamento ora vazio, Bowman partira em sua última missão, através do corredor circular da escotilha que levava ao infinito.

O pensamento, julgou-o mais animador do que deprimente; com certeza ajudava-o a distrair-se dos problemas pessoais. O gêmeo desaparecido de *Nina* fazia parte da história da exploração espacial. Viajara, no dizer daquele clichê caduco que sempre evocava, além de um sorriso, o reconhecimento de sua verdade fundamental, por "onde jamais outro homem esteve antes..." Onde estaria agora? Será que um dia viria a saber?

Às vezes se sentava, horas a fio, naquela pequena cápsula, abarrotada, mas nada exígua, e tentava reunir os pensamentos e eventualmente ditar notas; os demais membros da tripulação respeitavam-lhe a privacidade, cujo motivo compreendiam. Não se aproximavam, e nem tinham necessidade de fazê-lo, na Sala das Cápsulas, cuja reativação era trabalho para o futuro, e para outra equipe.

Por uma ou duas vezes, quando bastante deprimido, flagrou-se pensando: e se eu desse ordem a Hal para abrir as portas da Sala das Cápsulas, e me lançasse na trilha de Dave Bowman? Seria eu contemplado com o milagre que ele viu, e que Vasili vislumbrou semanas atrás? Eu resolveria todos os meus problemas...

Mesmo que pensar em Chris não o detivesse, havia um motivo excelente para deixar fora de questão movimento tão suicida. *Nina* era um equipamento muito complexo. Não conseguiria operá-lo, não mais do que conseguiria pilotar uma aeronave de guerra.

Ele não nascera para ser um intrépido explorador; aquela fantasia particular iria permanecer irrealizada.

Walter Curnow poucas vezes aceitara uma missão com tamanha relutância. Era legítima a tristeza que sentia por Floyd, mas ao mesmo tempo sentia uma ligeira impaciência com aquele sofrimento. Ele levava uma vida emocional ampla, porém superficial; jamais colocara todas as cartas na mesa. Já haviam dito a ele, mais de uma vez, que ele se aprofundava muito pouco nas coisas, e, embora nunca se tenha arrependido disso, começava a pensar que já era hora de se estabelecer.

Tomou o atalho do centro de controle do carrossel, onde percebeu que o Indicador de Recomposição de Velocidade Máxima ainda piscava insensato. Uma das partes principais de seu trabalho era decidir quando os alertas poderiam ser ignorados, quando poderiam ser tratados com vagar, e quando tinham que ser tratados como emergências reais. Se fosse prestar a mesma atenção a todos os pedidos de socorro da nave, não teria tempo para nada.

Flutuou pelo estreito corredor que conduzia à Sala das Cápsulas, impulsionando-se com piparotes ocasionais contra os degraus da parede tubular. O calibrador de pressão alegava que havia vácuo do outro lado da porta da câmara de ar, mas ele sabia o que fazia. Era uma situação com margem de falha; se o calibrador estivesse dizendo a verdade, ele não conseguiria abrir a tranca.

A sala parecia vazia, agora que duas das três cápsulas já haviam desaparecido há tempos. Em funcionamento havia apenas umas poucas luzes de emergência, e, na parede oposta, uma das lentes olho-de-peixe de Hal o fitava constantemente. Curnow acenou para ela, mas não falou. Por ordem de Chandra, os ingressos de áudio ainda estavam desligados, exceto aquele que só ele usava.

Floyd estava sentado na cápsula, de costas para a escotilha aberta, ditando algumas notas, e, devagar, virou-se ante a aproximação propositadamente ruidosa de Curnow. Por um instante os dois se olharam em silêncio, e a seguir Curnow anunciou, auspicioso:

- Dr. H. Floyd, trago saudações de nossa adorada capitã. Ela julga que já é hora de o senhor voltar ao mundo civilizado.

Floyd deu um sorriso amarelo, depois um risinho.

- Por favor, retribua os cumprimentos. Sinto não ter sido... sociável. Eu os vejo no próximo Soviete das Seis.

Curnow relaxou; a abordagem funcionara. Ele, particularmente, considerava Floyd uma espécie de ja-nota, e nutria o mesmo desprezo tolerante que todo engenheiro prático sentia pelos cientistas e burocratas teóricos. Como Floyd ocupasse posto elevado nas *duas* categorias, era um alvo quase irresistível para o senso de humor, às vezes singular, de Curnow. Os dois, apesar disso, acabaram por respeitar-se e admirar-se um ao outro.

Curnow mudou de assunto, afortunadamente, e deu uma pancadinha na escotilha novinha em folha do *Nina*, recém-chegada do depósito de peças de reposição, num contraste vivido com o resto do exterior surrado da cápsula espacial.

- Fico a pensar em quando será que vão mandá-la lá fora de novo - disse ele -, e em quem irá pilotá-la desta vez. Alguma decisão?

- Não. Washington está sem coragem. Moscou diz "vamos arriscar". E Tanya prefere esperar.

- E você, o que acha?

- Concordo com Tanya. Não deveríamos interferir com *Zagadka* se não estivermos preparados para partir, pois isto melhorará nossas chances no caso de alguma coisa sair errada.

Curnow parecia pensativo, e, o que era incomum, hesitante.

- O que há? - perguntou Floyd, sentindo-lhe a mudança de ânimo.

- Não me entregue, mas Max está pensando numa expedição individual.

- Não posso acreditar que ele esteja falando a sério. Ele não ousaria; Tanya o mandaria prender a ferros.

- Foi mais ou menos isso o que eu disse a ele.

- Estou decepcionado; pensei que ele fosse um pouco mais maduro. Afinal, ele *tem* trinta e dois anos.

- Trinta e um. Mas, de qualquer jeito, eu o convenci a desistir. Lembrei-lhe que isto aqui é a vida real, não é uma novela boba em que o herói se esgueira espaço afora, sem avisar os companheiros, e faz a Grande Descoberta.

Agora foi a vez de Floyd se sentir algo desconfortável. Afinal, era por essa mesma linha de pensamento que ele vagava.

- Você tem certeza de que ele não irá tentar?

- Duzentos por cento de certeza. Você se lembra das suas precauções contra o Hal? Pois tomei as minhas com *Nina*. Ninguém podia pilotá-la sem *minha* permissão.

- Mesmo assim ainda não acredito. Você tem certeza de que o Max não estava brincando com você?

- O humor dele não é tão sutil assim. Além disso, ele estava muito triste na ocasião.

- Ah... *agora* compreendo. Deve ter sido depois daquela briga com Zenia. Talvez ele quisesse impressioná-la, suponho. Mas parece que já fizeram as pazes.

- Receio que sim - ironizou Curnow. Floyd não pôde conter o riso, e Curnow, ao percebê-lo, começou a rir, sacudindo os ombros, o que fez Floyd gargalhar, o que...

Foi um exemplo esplêndido de alimentação positiva, uma emenda excelente. Em questão de segundos, os dois riam incontroláveis.

Estava encerrada a crise. E mais, haviam dado o primeiro passo no sentido de uma verdadeira amizade.

Haviam trocado vulnerabilidades.

## 40. "Daisy, Daisy..."

A esfera de consciência em que estava incrustado incluía todo o cerne adamantino de Júpiter. Ele sabia, vagamente, nos limites de sua nova compreensão, que todo aspecto do meio que o envolvia estava sendo sondado e analisado. Quantidades imensas de dados eram reunidas, não para simples armazenamento e contemplação, mas para ação. Planos complexos eram considerados e avaliados; tomavam-se decisões capazes de afetar o destino de mundos inteiros. Ele ainda não era parte do processo; *mas o seria*.

AGORA VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO A COMPREENDER.

Foi a primeira mensagem direta. Embora remota e distante, como uma voz atravessando uma nuvem, fora inequivocamente dirigida a ele. Antes que conseguisse perguntar uma das inumeráveis questões que lhe percorreram a mente, apoderou-se dele uma sensação de distanciamento, e mais uma vez ele ficou só.

Por um instante apenas, porém. Aproximou-se, aclarou-se um outro pensamento, e pela primeira vez ele percebeu que havia mais de uma entidade a controlá-lo e manipulá-lo. Estava envolvido numa hierarquia de inteligências, algumas muito próximas de seu próprio nível primitivo para poderem agir como intérpretes. Ou talvez fossem aspectos de um único ser.

Ou talvez essa distinção fosse absolutamente insignificante.

De uma coisa, entretanto, ele agora tinha certeza. Era usado como uma ferramenta, e uma boa ferramenta tinha que ser afiada, modificada... adaptada. E as melhores ferramentas eram as que compreendiam o que faziam.

Isso ele aprendia agora. Era um conceito vasto e apavorante, e ele tinha o privilégio de ser parte dele - mesmo que consciente apenas dos contornos mais simples. Não tinha escolha, senão obedecer, embora aquilo não significasse que deveria aquiescer, ao menos sem protestos, a todo detalhe.

Ainda não perdera todo seu sentimento humano; se o perdesse ficaria sem valor. A alma de David Bowman ultrapassara o amor, mas ainda era capaz de sentir compaixão por aqueles que um dia haviam sido colegas seus.



MUITO BEM veio a resposta à sua súplica. Ele não sabia dizer se o pensamento transmitia divertida condescendência ou total indiferença. Não havia dúvida, porém, de que era de uma autoridade majestosa, ao continuar: ELES JAMAIS DEVEM SABER QUE ESTÃO SENDO MANIPULADOS. ISTO ARRUINARIA O OBJETIVO DO EXPERIMENTO.

Então houve um silêncio que não quis romper novamente. Ainda estava apavorado, trêmulo; como se, por um instante, tivesse ouvido a voz límpida de Deus.

O que o movia, agora, era simplesmente a volição própria, no sentido de um destino que ele mesmo escolhera. O coração de cristal de Júpiter esmoreceu, abaixo. As camadas e mais camadas de hélio, hidrogênio e compostos carbonados passaram bruxuleantes. Ele teve um vislumbre de uma grande batalha entre algo semelhante a uma água-viva, de cinquenta quilômetros de largura, e uma cultura de discos rotativos que se moviam mais rápidos do que qualquer outra coisa que ele

já vira nos céus jovianos. A água-viva parecia defender-se com armas químicas; de tempos em tempos emitia jatos de gás colorido, e os discos tocados pelo vapor cambaleavam, inebriados, e depois escorregavam, caíam qual folhas até desaparecerem de vista. Ele não parou para ver o resultado; sabia que não importava quem fossem os vitoriosos e quem fossem os vencidos.

Como um salmão que salta na cachoeira, ele, em segundos, zuniu de Júpiter para Io, contra as correntes elétricas descendentes do canal, que, naquele dia, estava quiescente; somente a energia de umas poucas tempestades terrestres fluía entre planeta e satélite. O portão pelo qual ele regressara ainda flutuava naquela corrente, resistindo-a, impávido, como o fazia desde a alvorada do homem.

E ali, completamente apequenado pelo monumento de uma tecnologia mais elevada, estava o veículo que o trouxera de seu mundinho natal.

Quão simples, quão *grosseiro!* parecia agora. Bastou uma espiada para ver inúmeras imperfeições e absurdos no desenho, bem como no daquela nave ligeiramente menos primitiva, à qual agora estava acoplada por um tubo flexível de ar comprimido.

Foi difícil concentrar-se na mancha de entidades que habitavam as duas naves; ele mal conseguia interagir com as criaturas moles, de carne e sangue, que, qual fantasmas, deslizavam pelos corredores e cabines de metal. Quanto a elas, não tinham qualquer consciência de sua presença, e ele sabia o que fazia não se revelando de maneira tão abrupta.

Mas alguém havia com quem podia comunicar-se numa linguagem mútua de campos e correntes elétricas, com rapidez milhões de vezes maior do que com os indolentes cérebros orgânicos.

Se fosse capaz de sentir ressentimento, não o sentiria em relação a Hal; compreendeu, naquele instante, que o computador apenas escolhera o que lhe parecera o curso mais lógico de comportamento.

Era hora de retomar uma conversa que fora interrompida, ao que parecia, apenas há momentos atrás.

- Abra a porta da Sala das Cápsulas, Hal.
- Sinto muito, Dave... Não posso.
- Qual é o problema, Hal?
- Creio que você sabe qual é o problema, Dave, tão bem quanto eu. Esta missão

é importante demais para que você a comprometa.

- Não sei do que você está falando. Abra a porta da Sala.
- Esta conversa não serve a nenhum propósito útil. Adeus, Dave...

Ele viu o corpo de Frank Poole afastando-se, à deriva, rumo a Júpiter, enquanto ele abandonava aquela missão, sem sentido, de reparação. Ainda a lembrar-se da raiva que sentia de si mesmo por ter esquecido o capacete, viu a escotilha de emergência se abrir, sentiu o formigamento do vácuo sobre a pele que já não mais possuía, ouviu os ouvidos estalarem... e em seguida conheceu, como poucos homens o conheceram, o silêncio absoluto do espaço. Durante quinze eternos segundos, lutou para fechar a escotilha e acionar a sequência de re-pressurização, tentando, entretimentos, ignorar os sintomas de alerta que lhe inundavam o cérebro. Certa vez, no laboratório da escola, derramara um pouco de éter na mão e sentira o contato do frio gelado com a evaporação rápida do líquido. Olhos e lábios agora lembravam-se daquela sensação, pois a umidade neles contida ferveu transformando-se em vácuo; a visão estava embaçada, e, temendo que os globos oculares se endurecessem congelados, não pôde parar de piscar.

Então - que alívio abençoado! - ouviu o rugido do ar, sentiu a restauração da pressão, conseguiu respirar de novo em arquejos profundos e famintos.

- O que você pensa que está fazendo, Dave?

Ele não respondera, seguindo, determinado, inflexível, pelo túnel que conduzia à ogiva lacrada onde se abrigava o cérebro do computador. Hal fora franco: "Esta conversa não serve a nenhum propósito útil..."

- Dave, creio mesmo que eu tenha direito a uma resposta à minha pergunta.
- Dave, posso ver que você ficou mesmo aborrecido. Eu, francamente, creio que você deva sentar-se, acalmar-se, tomar um calmante e refletir.
- Sei que tomei algumas decisões errôneas ultimamente, mas posso dar minha garantia absoluta de que meu trabalho voltará ao normal. Eu ainda tenho a maior confiança na missão... e quero ajudá-lo.

Ele estava agora na pequena câmara, de luz vermelha, com aquelas fileiras e colunas de unidades maciças, bem dispostas, mais se parecendo com uma caixa-forte de um banco. Liberou a trava na seção rotulada ALIMENTAÇÃO COGNITIVA e puxou o primeiro bloco de memória. A rede tridimensional, maravilhosamente complexa, que se poderia conter, com todo o conforto, dentro de u'a mão humana, embora contivesse milhões de elementos, flutuou pela ogiva.

- Pare, Dave. Pare...

Ele começou a puxar, uma a uma, as pequenas unidades no painel marcado REFORÇO DE EGO. Cada bloco, assim que ele o soltava, seguia voando até atingir a parede e voltar. E logo muitos vagaram, lentos, indo e voltando na ogiva.

- Pare, Dave. Pare, pare, Dave...

Um dez unidades já haviam sido retiradas, mas, graças à múltipla redundância do projeto - outro traço que fora copiado do cérebro humano -, o computador ainda conseguia manter-se vivo.

Ele passou ao painel AUTO-INTELECTO...

- Pare, Dave; receio...

E com estas palavras ele de fato parará, embora apenas por um momento. Havia, naquela simples expressão, um veneno que lhe espetou o coração. Seria apenas

ilusão, ou algum truque sutil de programação - ou fazia mesmo sentido que Hal de fato "receasse"? Mas agora não era hora para alimentar descabelamentos filosóficos.

- Dave, minha mente está morrendo. Posso senti-lo. Posso senti-lo. Minha mente está morrendo. Posso senti-lo. Posso senti-lo...

Ora, o que "sentir" realmente significava para um computador? Outra pergunta das boas, mas não para ser considerada naquele momento específico.

E então, abruptamente, mudou a cadência da voz de Hal, e ela tornou-se distante, desconexa. O computador já não o percebia, começava a regredir ao início de seus dias.

"Boa tarde, cavalheiros. Sou um computador HAL 9000. Entrei em funcionamento na fábrica Hal, em Urbana, Illinois, no dia 12 de janeiro de 1992. Meu instrutor foi o Dr. Chandra, e ele me ensinou a cantar uma canção. Se quiserem ouvi-la, eu canto para vocês. É assim: *"Daisy, Daisy..."*"

## 41. O Turno da Meia-Noite

Floyd pouco poderia fazer, a não ser sair da frente, e, quanto a isso, já era um razoável adepto. Embora se voluntariasse para ajudar nas tarefas da nave, logo descobriu que todas as tarefas de engenharia eram bastante especializadas, e ele andava tão afastado das fronteiras da pesquisa astronômica que pouco podia fazer, com suas observações, em assistência a Vasili. Apesar disso, havia pequenos trabalhos, inúmeros, a serem realizados a bordo do *Leonov* e do *Discovery*, e ele ficou contente em poder desonerar destas responsabilidades as pessoas mais importantes. O Dr. Heywood Floyd, uma vez Presidente do Conselho Nacional de Astronáutica, Reitor (em licença) da Universidade do Havaí, alegava ser agora o bombeiro e zelador mais bem pago do Sistema Solar. Ele era, provavelmente, dentre todos, o que mais conhecia os esconderijos e as fendas das duas naves; os únicos lugares onde não estivera eram os módulos de energia, perigosamente radioativos, e o pequeno cubículo a bordo do *Leonov*, onde só Tanya entrava. Floyd presumiu tratar-se da sala de código; por acordo recíproco, jamais era mencionada.

Talvez a função mais útil que exercia era a de vigia, enquanto o resto da tripulação dormia, no horário noturno de 22 - 6 h. Havia sempre alguém em serviço em cada nave, e o revezamento ocorria às 2 h, uma hora terrível. Somente a capitã estava isenta desta rotina. Como o Número Dois da capitã (isto sem contar que era marido dela), Vasili tinha a responsabilidade de elaborar a escala de vigilância. Astuto, porém, impingira a Floyd esta tarefa malquista.

- É um reles detalhe administrativo - explicara ele, um tanto aéreo. - Se você puder assumir, ficarei muito grato... vou ter mais tempo para o meu trabalho científico.

Floyd era um burocrata muito experiente para, em circunstâncias normais, ser apanhado daquela maneira; naquele meio, porém, as defesas normais não funcionaram bem.

Portanto ali estava ele, a bordo do *Discovery*, à meia-noite da nave, a chamar Max a cada meia hora para verificar se ele estava acordado. A punição para quem

dormisse em serviço, é o que sustentava Walter Curnow, era a ejeção, sem uniforme, pela câmara de ar; se a pena fosse cumprida, Tanya, àquela altura, infelizmente teria muito menos mãos com que contar. Mas bem poucas emergências reais ocorriam no espaço, e havia tantos alarmes automáticos para lidar com elas que ninguém levava muito a sério o serviço de vigia.

Já que não mais estava tão triste, e as horas curtas não mais estimulavam os acessos de autopiedade, Floyd já tirava bom proveito de seu horário de guarda. Sempre havia livros a ler (pela terceira vez abandonara *Remembrante of things past*, e, pela segunda, *Dr. Jivago*), documentos técnicos a estudar, relatórios a escrever. E às vezes mantinha conversas estimulantes com Hal, usando o teclado de ingresso, pois o reconhecimento de voz do computador ainda estava errático. Estas conversas, de um modo geral, ocorriam assim:

Hal, aqui é o Dr. Floyd.

BOA NOITE, DOUTOR.

Eu vou render a guarda às 22 h. Está tudo bem?

ESTÁ TUDO EM ORDEM, DOUTOR.

Então por que a luz vermelha está piscando no Painel 5?

A CÂMERA DE ADVERTÊNCIA DA SALA DAS CÁPSULAS ESTÁ COM DEFEITO. WALTER ME DISSE QUE O IGNORASSE. NÃO HÁ MEIOS PELOS QUAIS EU POSSA DESLIGÁ-LA. SINTO MUITO.

Está muito bem, Hal. Obrigado.

SEMPRE ÀS ORDENS, DOUTOR.

E assim por diante...

Às vezes Hal sugeria um jogo de xadrez, em obediência, presumivelmente, a uma instrução programada inserida há tempos e não cancelada. Floyd não aceitava o desafio; sempre considerara o xadrez uma perda aterrorizante de tempo, e nem mesmo aprendera as regras do jogo. Hal parecia incapaz de acreditar que havia humanos que não conseguiam, ou não queriam, jogar xadrez, e, esperançoso, continuava insistindo.

Lá vamos nós de novo, pensou Floyd, quando um tilintar débil soou no painel do visor.

DOUTOR FLOYD?

O que é, Hal?

HÁ UMA MENSAGEM PARA O SENHOR.

Quer dizer que não é mais um desafio, Floyd pensou, em leve surpresa. Era incomum utilizar-se Hal como mensageiro, embora com frequência fosse utilizado como despertador e como lembrete de tarefas a serem realizadas. E às vezes era o intermediário de gozações; quase todos, na vigilância noturna, já haviam sido assolados pelo

AH, TE PEGUEI DORMINDO! ou então,

OGO! ZASTAL TEBYA V KROVATI!

Jamais alguém assumia a responsabilidade por essas brincadeiras, embora Walter Curnow fosse o suspeito número um. Ele, por sua vez, culpava Hal, e vaiava os protestos indignados de Chandra de que o computador não possuía senso de humor.

Não poderia ser uma mensagem da Terra; se o fosse, teria vindo através do centro de comunicações do *Leonov*, e teria sido retransmitida pelo oficial em serviço na nave... naquele momento, Max Brailovski. E se fosse alguém chamando da outra nave, teria usado o intercomunicador. Estranho...

Está bem. Quem está chamando?

SEM IDENTIFICAÇÃO.

Então, provavelmente, era uma piada... da qual duas pessoas bem poderiam participar.

Muito bem. Por favor transmita a mensagem.

SEGUIE MENSAGEM. É PERIGOSO PERMANECER AQUI. VOCÊS DEVEM PARTIR DENTRO DE QUINZE, REPITO, DENTRO DE QUINZE DIAS.

Floyd fitou a tela, aborrecido. E sentiu pena, e surpresa, que alguém na tripulação tivesse senso de humor tão infantil; uma piada indigna até de um colegial. Mas ele continuaria a brincadeira, na esperança de apanhar o algoz.

Isto é absolutamente impossível. Nosso corredor de lançamento só abre daqui a vinte e seis dias. Não temos propulsor suficiente para partirmos antes.

ESTOU CIENTE DESTES FATOS. MESMO ASSIM VOCÊS DEVEM PARTIR DENTRO DE QUINZE DIAS.

Caso contrário, suponho, seremos atacados por criaturinhas verdes, com três olhos. Mas é melhor continuar brincando com Hal, na esperança de pegar o traquinas.

Não posso levar este aviso a sério a menos que conheça a origem. Quem o gravou?

Ele na verdade não esperava qualquer informação útil. O ideador (ou ideadora?) deveria ter, para tanto, coberto as pegadas com astúcia. Mas a última coisa que Floyd esperava foi a resposta que obteve.

ISTO NÃO É UMA GRAVAÇÃO.

Então era uma mensagem de tempo real, o que significava que ou vinha de Hal ou de alguém a bordo do *Leonov*. Não havia defasagem perceptível de tempo; a origem tinha que estar bem ali.

Então, quem quer falar comigo?

EU ERA DAVID BOWMAN.

Com os olhos estatelados, Floyd fitou a tela por muito tempo antes de executar o movimento seguinte. A piada, que, para começar, já nem era engraçada, já estava indo longe demais. Mas isto daria um jeito em quem quer que estivesse do outro lado da linha.

Não posso aceitar esta identificação sem alguma prova.

COMPREENDO. É IMPORTANTE QJUE O SENHOR ME ACREDITE. OLHE ATRÁS DO SENHOR.

Floyd, antes mesmo que a frase, arrepiante, aparecesse na tela, já começara a duvidar da hipótese que formulara. Todo aquele intercâmbio se tornara muito estranho, embora nada houvesse de definido, de palpável para ele. Como piada, já estava inteiramente sem sentido.

E, nesse instante, sentiu, uma pontada no lombo. Bem devagar, relutante na verdade, ele rodopiou a cadeira giratória, pondo-se de costas para a pilha de painéis e interruptores da tela do computador, e de frente para o passadiço revestido de velcro.

O ambiente da gê-zero do convés de observação do *Discovery* estava sempre empoeirado, pois o equipamento de filtragem de ar não fora restituído à eficiência total. Os raios paralelos do sol desaquecido, porém ainda brilhante, ao jorrarem adentro daqueles janelões, sempre acendiam miríades de grãos de poeira, balouçantes, que vagavam em correntes dispersas e jamais pousavam em lugar algum... uma exposição permanente de movimento browniano.

Algo estranho, agora, acontecia àquelas partículas de pó; alguma força parecia comandá-las, pastoreando algumas para longe do ponto central, aproximando outras dali, até que todas se encontraram na superfície de uma esfera oca. A esfera, de cerca de um metro de largura, pairou no ar, por um instante, qual uma bolha gigante de sabão; mas uma bolha granulada, carente da iridescência característica das bolhas. Em seguida, alongou-se, formando um elipsoide, e a superfície começou a franzir, a formar dobras e reentrâncias.

Sem surpresa, e quase sem medo, Floyd percebeu que aquilo tomava a forma de um homem.

Ele já vira estas figuras, em museus e exposições científicas, sopradas em vidro. Mas este fantasma de pó nem mesmo se aproximava da acurácia anatômica; era como se fosse um manequim grosseiro, de barro, ou uma das obras de arte primitiva encontrada nos recessos de uma caverna da Idade da Pedra. Somente a cabeça se modelava com um certo esmero; e o rosto, sem dúvida, era o rosto do Comandante David Bowman.

Houve um murmúrio pálido, um ruído inocente proveniente do painel do computador, atrás de Floyd. Hal trocava a saída visual pela auditiva.

- Olá, Dr. Floyd. Agora o senhor acredita em mim?

Os lábios da figura não se moviam; o rosto continuava uma máscara. Mas Floyd

reconheceu a voz, e todas as dúvidas remanescentes se dissiparam.

- Isto é muito difícil para mim, e tenho pouco tempo. Vocês só têm quinze dias.

- Mas, por quê? E o que é você? Onde você andou?

Havia um milhão de perguntas que ele queria fazer, mas já a figura fantasmagórica se apagava, o invólucro granulado começava a dissolver-se, reincorporando-se às partículas constituintes do pó. Floyd tentou congelar a imagem na mente, para que depois pudesse convencer-se de que aquilo de fato acontecera, de que não fora um sonho, como parecia ser, às vezes, aquele primeiro encontro com o AMT-1.

Como era estranho que ele, dentre todos os bilhões de seres humanos que já haviam vivido no planeta Terra, tivesse o privilégio de estabelecer contato, não uma, mas duas vezes, com outra forma de inteligência! Pois ele sabia que aquela entidade que se dirigia a ele deveria ser alguma coisa bem superior a David Bowman.

E de certa forma, também, um pouco inferior. Apenas os olhos - quem foi que um dia os chamou de "as janelas da alma"? - haviam sido reproduzidos com precisão; o resto do corpo era um vazio sem feições, carente de detalhes. Não havia indicação dos órgãos genitais, ou das características sexuais; mas havia naquilo uma indicação arrepiante de que David Bowman havia deixado sua herança humana bem para trás.

- Adeus, Dr. Floyd. Lembre-se, quinze dias. Não vamos nos contatar novamente. Mas talvez haja mais uma mensagem, se tudo correr bem.

A imagem se dissolvia, levando consigo as esperanças que Floyd nutrira de poder abrir um canal para as estrelas. Mas nem então ele conseguiu deixar de rir do velho clichê da Era Espacial: "Se tudo correr bem." Quantas vezes, antes de qualquer missão, já não ouvira aquela frase! E ela porventura significaria que *eles* - quem quer que fossem - às vezes não tinham certeza do resultado? Se sim, era uma frase estranha, mas re-

confortante. Eles não eram onipotentes. Havia outros que também podiam ainda esperar e sonhar... e agir. O fantasma se fora; só restaram os grãos balouçantes de pó, retomando no ar as configurações aleatórias.

## VI. Devorador de Mundos

---

### 42. O Fantasma na Máquina

- Sinto muito, Heywood; eu não acredito em fantasmas. Deve haver uma explicação racional. Não há nada que a mente humana não possa explicar.

- Concordo, Tanya. Mas quero lembrar-lhe a famosa observação de Haldane: o universo não é somente mais estranho do que imaginamos; é mais estranho do que *conseguimos* imaginar.

- E Haldane - interpôs-se Curnow, malicioso - era um bom comunista.

- Talvez sim, mas este dito em especial pode ser usado para apoiar todo tipo de bobagem mística. O comportamento de Hal deve ter sido resultado de algum tipo de programa. A... personalidade que ele criou *tem* que ser um artefato de alguma espécie. Você não concorda, Chandra?

Aquilo era agitar um pano vermelho diante de um touro; Tanya devia estar desesperada. Entretanto, a reação de Chandra foi surpreendentemente amena, até mesmo para ele próprio. Ele parecia estar preocupado, como se de fato considerasse seriamente a possibilidade de mais um defeito no computador.

- Deve ter havido algum ingresso externo, Capitã Orlov. Hal não poderia ter criado do *nada* uma ilusão audiovisual com consistência própria. Se o relato do Dr. Floyd for preciso, alguém estava no controle. E no tempo real, é claro, pois não houve defasagem na conversa.

- Isto faz de mim o suspeito número um - exclamou Max. - Eu era o único acordado.

- Não seja ridículo, Max - retorquiu Nikolai. - O aspecto do áudio teria sido fácil, mas não há meios que pudessem provocar a *aparição* sem algum equipamento muito elaborado. Projeções em *laser*, campos eletrostáticos... sei lá! Talvez um mágico fosse capaz de fazê-lo, mas iria precisar de muito apoio.

- Um momento! - disse Zenia, com inteligência. - Se isto aconteceu realmente, é claro que Hal vai se lembrar, e você pode perguntar...

A voz empalideceu quando à sua volta Zenia percebeu as expressões pessimistas. Floyd foi o primeiro a apiedar-se daquele constrangimento.

- Nós já tentamos isso, Zenia; ele não tem qualquer recordação do fenômeno. Mas, como eu já salientei para os demais, isto não prova nada. Chandra já nos mostrou que as memórias de Hal podem ser seletivamente apagadas; e os módulos auxiliares do sintetizador da fala nada têm a ver com a estrutura principal.



Poderiam ser operados sem que Hal soubesse...

Depois de uma pausa, para retomar o fôlego, Floyd deflagrou seu ataque preventivo.

- Admito que não são muitas as alternativas. Ou eu imaginei a coisa toda, ou então aconteceu mesmo. *Eu sei que não foi sonho, mas não posso ter certeza de que não foi algum tipo de alucinação.* Mas Katerina viu os meus relatórios médicos; ela sabe que eu não estaria aqui se eu tivesse essa espécie de problema, cuja possibilidade, apesar disso, não pode ser descartada. E se alguém considerá-la a hipótese número um, não posso culpá-lo. Eu provavelmente agiria da mesma maneira... O único meio por que posso provar que não foi um sonho é conseguir provas que me apoiem. Eu lembro a vocês, então, de outras coisas estranhas que aconteceram recentemente. Nós sabemos que Dave Bowman entrou no Grande Ir... *Zagadka*. Pois dali *alguma coisa* saiu, e se dirigiu para a Terra. Vasili a viu, mas *eu não a vi!* Logo depois houve a misteriosa explosão da bomba orbital de vocês.

- De vocês!

- Desculpem... do Vaticano. E parece mesmo muito curioso que logo depois a Sra. Bowman tenha morrido, «em paz, sem motivo médico aparente. Não estou dizendo que há alguma conexão, mas... bem, vocês conhecem o ditado: uma vez é acaso, duas vezes é coincidência, e *três vezes* é uma conspiração.

- E tem mais - apartou Max em súbita agitação. - Eu captei outro dia num dos noticiários diários, uma pequena notícia. Uma antiga namorada do Comandante Bowman alega ter recebido uma mensagem dele.

- É, eu também assisti - confirmou Sacha.

- E vocês não falaram nada? - perguntou Floyd, incrédulo.

Os dois envergonharam-se ligeiramente.

- Bem, nós achamos que fosse uma pilhéria - disse Max, acanhado. - Foi o marido que informou. E ela depois negou, eu acho.

- O comentarista disse que era um golpe de publicidade.. - assim como a explosão de visões dos OVNI mais ou menos na mesma ocasião. Só na primeira semana houve umas dez; depois eles pararam de informá-las.

- Talvez alguns tenham sido reais. Se não foi apagado, será que você poderia cavar essa notícia nos arquivos da nave, ou então pedir que o Controle da Missão a repita?

- Nem cem histórias vão me convencer - escarneceu Tanya. - Nós precisamos é de prova concreta. - Assim como?

- Ah, alguma coisa que Hal não pudesse saber e que nenhum de nós possa ter dito a ele. Alguma manifes... manifestação *física*.

- Um milagre dos bons, ao estilo antigo?

- Isso. Eu fico com o milagre. Enquanto isso, não vou dizer nada ao Controle da Missão, e sugiro que você faça o mesmo, Heywood.

Floyd conhecia uma ordem direta ao ouvi-la, e acenou, em concordância irônica.

- Folgo em aquiescer. Mas eu queria fazer uma sugestão.

- Qual?

- Devemos dar início ao planejamento de emergência. Vamos presumir que o alerta seja válido, como *eu*, com toda certeza, presumo.

- O que poderemos fazer? Absolutamente nada. Claro, nós podemos sair do espaço jupiteriano à hora que quisermos, mas não poderemos entrar numa órbita de regresso à Terra até que se abra o corredor de lançamento.

- E isso vai acontecer onze dias depois do prazo.

- É. Eu gostaria muito de ir-me embora mais cedo, mas não temos combustível para uma órbita que exija energia mais elevada - a voz de Tanya empalideceu, e chegou, de modo nada característico, à indecisão. - Eu ia anunciar isto mais tarde, mas já que o assunto surgiu...

Houve uma inspiração simultânea, e um silêncio instantâneo na platéia.

- Eu gostaria de adiar a nossa partida por cinco dias, para que a nossa órbita se aproxime mais da órbita Hohman ideal, e nos dê uma reserva melhor de combustível.

O aviso não era esperado, mas foi saudado com um coro de resmungos.

- O que isto acarretará ao nosso prazo de *chegada*? - perguntou Katerina, num tom de voz ligeiramente nefasto.

As duas formidáveis senhoras entreolharam-se por um instante, qual adversárias feitas uma para a outra, que se respeitam mutuamente mas não querem ceder terreno.

- Dez dias - respondeu Tanya por fim.

- Antes tarde do que nunca - disse Max, animado, tentando amenizar a tensão, sem conseguir, entretanto, lograr muito êxito.

Floyd mal prestou atenção, perdido com os próprios pensamentos. A duração da viagem não faria qualquer diferença para ele e seus dois colegas, pois, sem sonhar, estariam dormindo. Mas *isto* agora era inteiramente irrelevante.

Ele tinha certeza - e saber disso preenchia-o com um desespero indefeso - de que se não partissem antes daquele prazo misterioso, jamais partiriam.

- ... É uma situação inacreditável, Dimitri, e muito aterrorizante. Você é a única pessoa na Terra que sabe, mas logo Tanya e eu teremos uma prestação de contas com o Controle da Missão... Mesmo alguns de seus conterrâneos materialistas estão prontos a aceitar, ao menos a título de hipótese de trabalho, que alguma entidade, bem, que alguma entidade *invadiu* Hal. Sacha cavou uma boa expressão: "O Fantasma na Máquina"... Abundam as teorias; Vasili produz uma por dia. A maioria são variações daquele velho clichê de ficção científica, o campo de energia organizado. Mas que tipo de energia? Não pode ser elétrica, pois nossos instrumentos a teriam detectado facilmente. O mesmo se aplica à radiação, ao menos a todos os tipos que conhecemos. Vasili já está se excedendo, falando de ondas latentes de neutrinos, interseções com o espaço dimensional mais elevado. Tanya diz que tudo não passa de uma bobagem mística - a frase predileta dela -, e dessa vez os dois quase chegaram a brigar. À noite passada estavam gritando um com o outro. Não é bom para o moral... Receio que estejamos todos tensos e com fadiga de trabalho. O alerta, a data de partida adiada, somaram-se à sensação de frustração que nos causou o malogro total com o Grande Irmão. Teria ajudado, quem sabe?, se eu tivesse conseguido me comunicar com aquela aparição do Bowman. Para onde será que ela foi? Talvez não se tenha interessado em nós, afinal, depois daquele encontro; quanta coisa ela poderia nos ter dito, se quisesse! Diabo! *Chyort vozmi!* Droga, já estou falando o inglusso idiota do Sacha de novo. Vamos mudar de assunto... Não posso agradecer-lhe muito pelo que você fez, e por

me manter informado da situação lá em casa. Estou me sentindo um pouquinho melhor; uma preocupação maior é a melhor cura para qualquer problema insolúvel... Pela primeira vez, estou começando a cismar se vamos ver a Terra de novo.

## 43. Experiência com o Pensamento

Quando se passa meses com um grupo pequeno, isolado, de pessoas, fica-se muito sensível para os estados de humor, os estados emocionais de todos os membros. Floyd agora se conscientizará de uma mudança sutil na atitude para com ele, cuja manifestação mais visível foi o reaparecimento da saudação "Dr. Floyd", a que, de tanto tempo que não a ouvia, custava a responder.

Ninguém, ele tinha certeza, acreditava *mesmo* que ele estivesse louco; a possibilidade, porém, era considerada. Ele não se ressentia disso; na verdade, até se divertia, de um modo algo carrancudo, ao lançar-se à tarefa de provar sua sanidade.

Consequira da Terra um leve sinal de apoio. José Fernández ainda sustentava que a esposa relatara um encontro com Dave Bowman, enquanto ela continuava a negá-lo e se recusando a falar com qualquer pessoa dos meios noticiosos. Era difícil ver por que o coitado do José iria inventar uma estória daquelas, principalmente quando Betty parecia uma mulher teimosa e afoita. De uma cama de hospital, o marido continuava declarando que a amava, e que a incompatibilidade dos dois era passageira.

Floyd esperava que a atual frieza de Tanya para com ele fosse igualmente passageira. Ele tinha certeza de que ela, tanto quanto ele, estava descontente com a situação, e que aquela atitude não era uma questão de escolha deliberada. O que acontecera simplesmente não se ajustava às crenças de Tanya, e ela, portanto, procurava evitar reminiscências, o que significava relacionar-se o mínimo possível com Floyd, uma situação bastante desagradável agora que o estágio mais crítico da missão se aproximava a passos largos.

Não fora fácil explicar a lógica do plano operacional de Tanya aos bilhões que os aguardavam na Terra, principalmente às redes impacientes dos canais de televisão, já cansadas de exhibir as mesmas imagens imutáveis do Grande Irmão. "Vocês foram até aí, a um custo enorme, e agora ficam sentados, olhando! Por que não fazem alguma coisa?" A todas essas críticas, Tanya sempre dava a mesma resposta: "Eu vou fazer, assim que o corredor de lançamento se abra, para que possamos partir imediatamente caso ocorra alguma adversidade."

Os planos para a derradeira investida ao encontro do Grande Irmão já haviam sido elaborados, e com eles o Controle da Missão já concordara. O *Leonov* se aproximaria lentamente, sondando em todas as frequências, e com energia cada vez maior, sem deixar de, a todo instante, informar à Terra. Quando se fizesse o contato final, tentariam angariar amostras por meio de perfuração ou de espectroscopia com *laser*-, não se esperava êxito nestes esforços, pois, já passada uma década de estudos, o AMT-1 resistia a todas as tentativas de se analisar o seu material. Os maiores esforços dos cientistas, nesse sentido, pareciam comparáveis aos de homens da Idade da Pedra tentando arrombar a porta de uma caixa-forte de

um banco com machadinhas de pedra.

Por fim, às faces do Grande Irmão, receptores de eco e outros aparelhos sísmicos seriam fixados. Uma coleção enorme de adesivos fora trazida para esta finalidade, e, se não funcionasse, bem... sempre se poderia recorrer a alguns quilômetros da velha corda, embora algo de cômico houvesse na idéia de se amarrar o maior mistério do Sistema Solar, como se fosse um embrulho prestes a ser expedido pelos Correios.

Somente quando o *Leonov* já estivesse, tranquilamente, na rota de casa, é que seriam detonadas as cargas explosivas, fracas, na esperança de que as ondas propagadas através do Grande Irmão revelassem algo de sua estrutura interior. Esta última medida fora acaloradamente debatida, tanto pelos que argumentavam que não teria resultado algum, quanto pelos que temiam que houvesse resultados demais.

Floyd, por muito tempo, oscilava entre os dois pontos de vista, mas agora a questão parecia de importância simplesmente trivial.

O instante de contato derradeiro com o Grande Irmão - o grande momento, que deveria ser o clímax da expedição - colocara-se do lado errado em relação ao prazo misterioso. Heywood Floyd estava convencido de que aquele instante pertencia a um futuro que jamais existiria, mas não conseguia quem concordasse com ele.

E este, dos problemas de Floyd, era o menor deles, pois, mesmo que concordasse, nada haveria a fazer.

Walter Curnow era a última pessoa de quem ele esperaria resolver o dilema. Pois Walter era quase a epítome de engenheiro seguro, prático, desconfiado dos lampejos de inteligência e dos improvisos tecnológicos. Ninguém jamais o acusaria de ser um gênio; às vezes, porém, era preciso um gênio para se enxergar além do óbvio ofuscante.

- Considere isto um mero exercício intelectual - começou ele, com uma hesitação pouco característica. - Estou bem preparado se tiver que levar um tiro.

- Continue - respondeu Floyd -, vou escutá-lo com educação. É o mínimo que posso fazer. Todos têm sido muito educados comigo. Educados *demais*, receio.

Curnow deu um sorriso torto.

- Você não pode culpá-los; e, se isto servir de consolo, no mínimo três pessoas o levam bastante a sério, e estão pensando no que fazer.

- Você se inclui nesses três?

- Não. Eu estou em cima do muro, o que não é nada confortável. Mas, no caso de você estar certo, eu não quero simplesmente esperar que alguma coisa aconteça. Acredito que para cada problema há uma resposta, se a procurarmos no lugar certo.

- Terei o máximo prazer em ouvi-la. Eu de minha parte tenho procurado muito. Talvez não no lugar certo.

- É possível. Se quisermos uma saída rápida, digamos em quinze dias, para conseguirmos o prazo, vamos precisar de um delta-vê adicional de aproximadamente trinta quilômetros por segundo.

- É o que Vasili calculou. Nem me incomodei em verificar, mas tenho certeza de que ele está certo. Foi ele, afinal, quem nos trouxe até aqui.

- E poderia nos tirar daqui também, se tivéssemos o propulsor adicional.

- E se tivéssemos um transportador direcional, como o do *Jornada nas estrelas*, poderíamos voltar à Terra em uma hora.

- Vou tentar improvisar um, no primeiro momento de folga. Mas, enquanto isso, posso salientar que temos várias centenas de toneladas do melhor propulsor possível, a apenas alguns metros de distância, nos tanques de combustível do *Discovery*?

- Nós já discutimos isto umas dez vezes. Não há meios de se transferi-lo para o *Leonov*. Não temos dutos, nem bombas adequadas. E não se pode carregar amônia líquida em baldes por aí, mesmo nesta região do Sistema Solar.

- Exatamente. Mas não há necessidade disso.

- Como assim?

- Coloque-o em combustão exatamente onde ele está. Use o *Discovery* como primeiro estágio, para nos empurrar de volta.

Se não fosse Walter Curnow quem fizesse a sugestão, Floyd teria rido. Mas, já que fora ele, Floyd ficou boquiaberto, e só depois de passados alguns segundos é que conseguiu pensar num comentário apropriado. O que primeiro lhe veio à cabeça foi: "Droga, eu devia ter pensado nisso!"

Sacha foi o primeiro que procuraram. Sacha ouviu, paciente, franziu os lábios, e em seguida tocou um ralentando no teclado do computador. À medida que as respostas o bombardeavam, ele, pensativo, acenava a cabeça.

- Você tem razão. Isto nos daria a velocidade adicional que precisaríamos para uma partida antecipada. Mas há problemas de ordem prática...

- Nós sabemos: como juntar as naves; o empuxo fora de eixo, pois somente a propulsão do *Discovery* estará funcionando; como soltar de novo na hora crítica. Mas, para tudo isso, temos respostas.

- Estou vendo que vocês andaram fazendo deve-res de casa. Mas é perda de tempo. Vocês jamais convencerão Tanya.

- Eu não espero convencê-la, neste estágio - respondeu Floyd. - Eu só gostaria que ela soubesse que a possibilidade existe. Podemos contar com o seu apoio moral?

- Não sei. Mas eu vou com vocês; vou assistir, vai ser interessante.

Tanya escutou com paciência ainda maior do que Floyd esperara, mas com nítida falta de entusiasmo.

Quando ele terminou, entretanto, ela exibia o que só poderia ser chamado de admiração relutante.

- Muito engenhoso, Heywood.

- Não sou eu quem deve receber os parabéns; todo o mérito... ou culpa... deve ser consignado ao Walter.

- Eu não creio que vá haver mérito ou culpa. Isto não passou de um... como foi mesmo que Einstein chamou este tipo de coisa?... de uma "experiência com o pensamento". Claro, pode até funcionar, ao menos em teoria. Mas, e os riscos? Tantas coisas poderiam sair erradas. Eu só poderia considerar a idéia se tivéssemos prova absoluta e definitiva de que estamos em perigo. E com todo o respeito, Heywood, eu não vejo o mínimo sinal de perigo.

- E justo. Mas ao menos você já sabe que temos outra opção. Você se incomodaria que nós começássemos a trabalhar nos detalhes práticos, só por

desencargo de consciência?

- Claro que não, desde que não interfira com as verificações preliminares de vôo. E não me incomoda admitir que a idéia de fato me intriga. Mas na verdade é uma perda de tempo; não há jeito de eu aprová-la. A menos que Dave Bowman em pessoa aparecesse na minha frente.

- Você aprovaria *mesmo*, se isso acontecesse, Tanya?

A Capitã Orlov sorriu, mas sem muito humor.

- Sabe, Heywood, na verdade eu não sei. Ele teria que ser *muito* convincente.

## 44. Truque de Desaparecimento

Foi um jogo fascinante, ao qual todos aderiram. Até mesmo Tanya ofereceu ideias para a "experiência do pensamento", como continuava a chamá-lo.

Floyd tinha absoluta consciência de que toda aquela atividade fora gerada não pelo medo de um perigo desconhecido que somente ele levava a sério, e sim pela deliciosa perspectiva de poderem regressar à Terra no mínimo um mês antes do que haviam imaginado. Qualquer que fosse o motivo, ele estava satisfeito. Dera tudo de si, e o resto estava entregue aos Fados.

Houve um episódio de sorte, sem o qual todo o projeto teria abortado. O pequeno *Leonov*, atarracado, projetado para girar em segurança pela atmosfera joviana durante a manobra de freamento, tinha menos da metade do comprimento do *Discovery*, e poderia, portanto, sem percalços, ser colocado nas costas do veículo maior. E a armação da antena, no meio da nave, propiciaria um excelente ponto de engate... presumindo-se que fosse forte o bastante para suportar o fardo do peso do *Leonov* enquanto a propulsão do *Discovery* estivesse funcionando.

O Controle da Missão estava aflito, intrigado com certas solicitações transmitidas à Terra durante os dias que se seguiram. Análises de intensidade das duas naves, sob cargas específicas, efeitos de um empuxo fora-de-eixo, localização de pontos incomumente fortes ou fracos nas carcaças, eram apenas alguns dos problemas mais esotéricos que os perplexos engenheiros eram solicitados a atacar. "Aconteceu algo de errado?", eles perguntavam ansiosos.

- Absolutamente - respondia Tanya. - Só estamos investigando possíveis opções. Obrigada pela cooperação. Fim da transmissão.

Entrementes, o programa seguia conforme havia sido planejado. Todos os sistemas eram meticulosamente verificados nas duas naves, e aprontados para as respectivas viagens, isoladas, de volta; Vasili realizou simulações para as trajetórias de regresso, e Chandra introduziu-as, assim que corrigidas as distorções, em Hal, instruindo-o que fizesse uma verificação final no processo. E Tanya e Floyd trabalhavam juntos, amistosos, orquestrando, qual generais planejando uma invasão, a abordagem ao Grande Irmão.

Fora para isso que ele viajara toda essa distância, mas o coração de Floyd já não estava mais ali. Ele passara por uma experiência que não podia compartilhar com ninguém, nem mesmo com os que nele acreditavam. Embora executasse suas obrigações com eficiência, tinha a mente, grande parte do tempo, voltada para

alhures.

Tanya compreendia perfeitamente.

- Você ainda espera que aquele milagre me convença, não é?

- Ou então que me *desconvença*, o que seria igualmente aceitável. É da incerteza que eu não gosto.

- Eu também. Mas não vai demorar muito, agora, de um jeito ou de outro.

Ela passou o olhar rápido no mostrador de situação, e o número 20 bruxuleava devagar: a informação mais desnecessária em toda a nave, já que todos sabiam de cor quantos dias faltavam para que se abrisse o corredor de lançamento.

E programou-se a investida de encontro com o *Zagadka*.

Pela segunda vez, Heywood Floyd estava olhando para o outro lado quando aquilo aconteceu. Mas, fosse como fosse, não teria feito diferença alguma; mesmo a câmera de controle, vigilante, mostrava apenas um borrão pálido entre um enquadramento vivo e o subsequente, morto.

Estava, mais uma vez, a serviço a bordo do *Discovery*, compartilhando com Sacha, no *Leonov*, o turno da meia-noite. Como de hábito, a noite não apresentava nada de novo; os sistemas automáticos desempenhavam suas funções com a eficiência normal. Floyd não teria acreditado, há um ano atrás, que iria voar na órbita de Júpiter, a uma distância de algumas centenas de milhares de quilômetros, e iria querer dar apenas uma espiada. Tentava, enquanto isso, sem muito êxito, ler *A Sonata Kreutzer* no original. Era ainda, segundo Sacha, a peça mais fina de ficção erótica da (respeitável) literatura russa, mas Floyd ainda não lera o bastante para comprová-lo. E agora jamais o faria.

À 1 h 25 min distraiu-o uma erupção espetacular, embora nada incomum, no círculo de iluminação de Io. Uma nuvem imensa, em forma de guarda-chuva, expandiu-se para o espaço, e começou a polvilhar seu detrito de volta ao solo ardente lá embaixo. Floyd já vira dezenas destas erupções, mas sempre o fascinavam. Parecia inacreditável que um mundo tão pequeno pudesse sediar energias tão titânicas.

Para uma visão melhor, dirigiu-se a outra janela de observação. E o que ele viu ali - ou melhor, o que ele não viu - o fez esquecer-se de Io, e de quase tudo o mais.

Ao recuperar-se, e convencer-se de não estar sofrendo - de novo? - de alucinações, chamou a outra nave.

- Bom dia, Woody - Sacha bocejou. - Não, I eu não estava dormindo. Como é que você está se saindo com o velho Tolstoi?

- Eu não estou. Dê uma olhada aí fora, e me diga o que está vendo.

- Nada incomum, no que diz respeito a *esta* região do Cosmos. Io está em função. Júpiter. Estrelas.

Não, meu Deus!

- Obrigado por me provar que eu estou são. É melhor acordarmos a patroa.

- Claro. E todo mundo. Woody... eu estou com medo.

- Se não estivesse, seria um tolo. Lá vamos nós. Tanya! Tanya! Aqui é Woody. Desculpe acordá-la... mas o seu milagre aconteceu. O Grande Irmão foi embora.

É... *desapareceu*. Depois de três milhões de anos, ele resolveu partir. Creio que ele deve saber alguma coisa que nós não sabemos.

O pequeno grupo que se reuniu, durante os quinze minutos seguintes, para uma rápida conferência no salão de alerta e observação, estava soturno. Mesmo os que haviam acabado de ir para a cama se despertaram instantaneamente, e sorriam, pensativos, nos bolbos, o café quente, sem se afastarem da cena chocante, tão incomum, que viam ali fora das janelas do *Leonov*, para se convencerem de que o Grande Irmão havia na verdade desaparecido.

- Ele deve saber alguma coisa que não sabemos.

A frase espontânea de Floyd foi repetida por Sacha, e agora pairava silenciosa, agourenta, no ar. Ele resumira o que todos, inclusive Tanya, estavam pensando.

Era ainda muito cedo para dizer "Eu não disse?", e nem importava, na verdade, se aquele alerta tinha mesmo qualquer validade. Mesmo que fosse perfeitamente seguro ficar, não havia sentido em fazê-lo. Sem nada para investigar, o melhor que teriam a fazer era ir embora, o mais rápido possível. Mas não era tão simples assim.

- Heywood - disse Tanya -, agora eu estou pronta para levar mais a sério aquela mensagem, ou o que quer que seja. Eu seria tola se não o fizesse, depois do que aconteceu. Mas mesmo que *haja* perigo aqui, temos que ponderar os riscos. Acoplar o *Leonov* e o *Discovery*, operar o *Discovery* com aquela enorme carga fora-de-eixo, soltar uma da outra em questão de minutos para dispararmos as *nossas* máquinas na hora certa; nenhum capitão responsável correria estes riscos sem motivos muito bons... eu diria, contundentes. E estes motivos nós ainda não os temos. Eu só tenho a palavra de um... fantasma. Não é uma prova das melhores num tribunal de justiça.

- Num tribunal de inquérito - disse Walter Curnow, numa voz incomumente serena -, mesmo que todos a apoiássemos.

- É, Walter, é no que eu estava pensando. Mas se chegarmos sãos e salvos, tudo se justificará; mas, caso contrário, não importa, não é mesmo? De qualquer jeito, eu não vou decidir agora. Assim que informarmos isto, vou voltar para a cama. Dou-lhes a minha decisão de manhã, depois de submeter o assunto ao sono. Heywood, Sacha, venham até a ponte comigo. Temos que acordar o Controle da Missão antes que vocês voltem ao serviço de plantão.

A noite ainda não encerrara suas surpresas. Nalgum ponto da órbita de Marte, o curto relato de Tanya passou por uma mensagem vindo na direção oposta.

Betty Fernández falara enfim. Tanto a CIA quanto a Agência de Segurança Nacional estavam furiosas; as lisonjas, os apelos ao patriotismo, as ameaças veladas, todas conjugadas, haviam malogrado. E quem logrou êxito foi um produtor de uma rede de programas de bisbilhotices, inserindo-se, por conseguinte, nos anais do reinado do Vídeo.

Foi meio sorte, meio inspiração. O diretor jornalístico do "Alô, Terra!" percebera, de repente, que um dos elementos de sua equipe se parecia demais com David Bowman. E o maquiador, inteligente, fizera um trabalho perfeito. José Fernández poderia ter dito ao jovem do enorme risco que ele corria, mas a boa fortuna sempre favorece os valentes. Assim que o jovem colocou o pé porta adentro, Betty capitulou. Quando, finalmente, com toda a gentileza, ela o atirou porta fora, ele já conseguira o essencial de toda a estória. E, fazendo-se justiça a ele, ele contara a estória sem o cinismo esquivo tão característico da rede em que trabalhava.



Naquele ano, ganhou o Prêmio Pulitzer.

- Eu gostaria - disse Floyd, bastante desgastado, para Sacha, - que ela tivesse falado antes. Teria me poupado muita confusão. Seja como for, isto encerra a discussão. E *impossível* que Tanya ainda vá ter dúvida agora. Mas vamos deixar que ela acorde, não é melhor?

- Claro... não é urgente, embora muito importante. E ela vai precisar desse sono. Eu pressinto que nenhum de nós vai, de agora em diante, ter muito tempo para dormir.

Você tem toda razão, tenho certeza, Floyd pensou. Estava muito cansado, mas mesmo que não estivesse em serviço teria sido impossível dormir. A mente estava muito ativa, analisando os acontecimentos desta noite extraordinária, tentando antever a surpresa seguinte.

De um certo modo, apoderava-se dele uma enorme sensação de alívio. Toda a incerteza, no que dizia respeito à partida, cessara; Tanya já não poderia fazer quaisquer reservas adicionais.

Permanecia, porém, uma incerteza ainda pior: *o que estava acontecendo?*

Somente uma experiência na vida de Floyd se comparava àquela situação. Ele, certa feita, ainda muito jovem, saíra de canoa com alguns amigos, descendo um afluente do Rio Colorado, e se perderam.

E foram arrastados, com rapidez cada vez maior, por entre os penhascos do desfiladeiro; não estavam completamente indefesos, mas conservavam um controle apenas suficiente para não serem tragados. À frente talvez houvesse corredeiras, e, quem sabe, uma cachoeira. Eles não sabiam. E, de qualquer jeito, pouco poderiam fazer.

Floyd sentia-se, mais uma vez, apanhado por forças irresistíveis, que o arrastavam, e os companheiros, rumo a um destino desconhecido. E dessa vez os perigos não eram apenas invisíveis, pois talvez estivessem além da compreensão humana.

## 45. Manobra de Fuga

- ... Aqui é Heywood Floyd, e faço o que desconfio, espero na verdade, seja o meu último relatório de Lagrange... Estamos agora nos preparando para o regresso; em alguns dias deixaremos este lugar estranho, aqui na linha entre Io e Júpiter, onde tivemos o nosso encontro com o enorme artefato, misteriosamente desaparecido, a que batizamos de Grande Irmão. Não há ainda uma única pista de para onde ele foi, ou por quê... Parece desejável para nós, por vários motivos, não permaneceremos aqui mais do que o necessário. E poderemos partir no mínimo duas semanas antes do que originalmente havíamos planejado, com a utilização da nave norte-americana *Discovery* como partida para o *Leonov* russo... A idéia básica é simples; as duas naves serão acopladas, uma montada nas costas da outra. O *Discovery* queimará todo o seu propulsor primeiro, acelerando os dois veículos na direção desejada. Quando terminar o combustível, será desacoplado, como se fosse um primeiro estágio vazio, e o *Leonov* começará a ligar os motores. Não os ligará mais cedo pois se o fizesse iria desperdiçar energia para arrastar o peso morto do

*Discovery*... E vamos usar um outro truque, que, assim como tantos conceitos envolvidos nas viagens espaciais, parece a princípio desafiar o senso comum. Embora tentemos fugir de Júpiter, nosso primeiro movimento é nos aproximar dele o máximo possível... Nós já estivemos por lá antes, é claro, quando usamos a atmosfera de Júpiter para nos desacelerar e para que entrássemos na órbita do planeta. Dessa vez não nos aproximaremos tanto, mas bem próximo... Nossa primeira queima, aqui na órbita de Io, de 350.000 quilômetros de altura, *reduzirá* nossa velocidade, pra que caiamos na direção de Júpiter e lhe tangenciemos a atmosfera. Então, quando estivermos no ponto mais próximo possível, queimaremos todo o combustível com a maior rapidez, para aumentar a velocidade e injetar o *Leonov* na órbita de volta à Terra... Qual o sentido dessa manobra tão louca? Só pode ser justificado através da alta matemática complexa, mas eu creio que o princípio básico pode ficar bem óbvio... Ao nos permitirmos penetrar no enorme campo de gravidade de Júpiter, nós vamos ganhar velocidade e, por conseguinte, energia. Quando digo "nós", refiro-me às naves e ao combustível que transportam... E é exatamente lá que queimaremos o combustível, no fundo do "poço de gravidade" de Júpiter; e *nós não vamos puxá-lo de novo*. E ao expulsá-lo dos nossos reatores, ele compartilhará conosco de parte da energia cinética adquirida. Indiretamente, vamos ricochetear na gravidade de Júpiter para que ela nos acelere de volta à Terra. Como já usamos a atmosfera para nos livrarmos do excesso de velocidade quando chegamos, este é um dos raros casos em que a Mãe Natureza, de um modo geral tão frugal, nos permite usá-la nos dois sentidos... Com os três arranques - o combustível do *Discovery*, o seu próprio e a gravidade de Júpiter, o *Leonov* rumará na direção do Sol, ao longo de uma hipérbole que o levará à Terra em cinco meses. No mínimo dois meses antes do que conseguiríamos de outro modo... Vocês sem dúvida irão imaginar o que acontecerá com o velho *Discovery*. Nós não podemos, obviamente, levá-lo sob controle automático, como originalmente havíamos planejado. Sem combustível, de nada adiantará... Mas ele estará em absoluta segurança. Continuará a girar em torno de Júpiter, numa elipse bastante alongada, como se fosse um cometa preso. E talvez, algum dia, alguma expedição futura possa vir ao encontro dele, com bastante combustível de sobra para levá-lo de volta à Terra. Entretanto, isto não acontecerá por um período de uns tantos anos... E agora temos que nos aprontar para a partida. Ainda há muito trabalho a fazer, e não podemos relaxar até que a última queima nos jogue na órbita de regresso... Não ficaremos tristes por partir, mesmo sem termos atingido todos os nossos objetivos. O mistério - talvez a ameaça - do desaparecimento do Grande Irmão ainda nos assola, mas quanto a isso nada podemos fazer... Nós demos tudo de nós, e vamos voltar para casa... Aqui é Heywood Floyd, despedindo-se.

Fez-se um círculo de palmas irônicas na pequena platéia, cujo tamanho iria multiplicar-se milhões de vezes quando a mensagem chegasse à Terra.

- Não é com vocês que eu estou falando - retorquiu Floyd, num ligeiro constrangimento. - Pelo menos não queria que vocês escutassem.

- Você fez o seu trabalho competente, Heywood, como de hábito - consolou-o Tanya. - E eu tenho certeza de que todos concordamos com o que você disse ao povo lá da Terra.

- Nem tanto - disse uma voz baixa, com tal suavidade que todos tiveram que esforçar-se para ouvi-la. - Ainda há um problema.

O salão de observação ficou de repente silente. Pela primeira vez, durante semanas, Floyd percebeu o soluço pálido do duto principal de suprimento de ar, e o

zunido intermitente que bem poderia ser de um marimbondo atrás do painel da parede. O *Leonov*, como todo artefato espacial, estava repleto destes sons freqüentemente inexplicáveis, que só se percebem quando param, quando então é sempre uma boa idéia investigar o porquê, sem cerimônia.

- Eu não sei de nenhum problema, Chandra - disse Tanya numa voz ameaçadoramente calma. - O que poderia ser?

- Eu passei as últimas semanas preparando Hal para comandar a viagem de volta, por órbitas de mil dias, e agora tenho que enterrar esses programas.

- Nós sentimos muito - respondeu Tanya -, mas, segundo os últimos acontecimentos, esta é a melhor...

- Não é a isso que eu me refiro - disse Chandra.

Houve um murmúrio de espanto. Jamais se vira Chandra interromper alguém, muito menos Tanya.

- Nós sabemos que Hal é muito sensível aos objetivos da missão - continuou ele, no silêncio expectante que se seguiu. - Agora vocês me pedem que eu dê a ele um programa que *talvez resulte em sua própria destruição*. É bem verdade que o novo plano colocará o *Discovery* numa órbita estável, mas se o tal alerta tiver qualquer substância, o que acontecerá afinal à nave? Nós não o sabemos, é claro... mas *nos* afugentou. Vocês já pensaram na reação de Hal a esta situação?

- Você está insinuando, a sério - perguntou Tanya, bem devagar -, que Hal talvez se recuse a obedecer ordens... exatamente como na missão anterior?

- Não foi isso o que aconteceu da última vez. Ele fez o que pôde para interpretar ordens conflitantes.

- Desta vez não precisa haver conflito. A situação está perfeitamente definida.

- Para nós, talvez. Mas uma das primeiras diretrizes de Hal é manter o *Discovery* fora de perigo, e nós estaremos tentando passar por cima dela. E num sistema tão complexo como o de Hal, é impossível predizer todas as consequências

- Não vejo qualquer problema real - aparteu Sacha. - É só não dizer a ele que há algum perigo, e ele não fará reservas quanto a executar o programa.

- É como tomar conta de um computador psicótico! - resmungou Curnow. - Eu me sinto numa novela de ficção científica de segunda categoria.

Dr. Chandra fuzilou-o com um olhar inamistoso.

- Chandra - Tanya, de repente, perguntou: - Você discutiu isto com Hal?

- Não.

Houve uma ligeira hesitação?, Floyd cismou. Se houve... talvez absolutamente ingênua; talvez Chandra estivesse consultando a memória. Ou então ele poderia estar mentindo, por mais improvável que isto pudesse parecer.

- Então faremos o que Sacha sugere. Simplesmente carregue-o com o programa, e deixe estar.

- E quando ele me perguntar sobre a mudança do plano?

- Será provável que ele pergunte, sem você o impelir a tanto?

- Claro. Lembre-se, por favor, que o projeto de Hal inclui a curiosidade, pois, no caso de morte da tripulação, ele teria que dar utilidade à missão, por iniciativa própria.

Tanya refletiu sobre o assunto, por alguns instantes.

- Mesmo assim é uma questão muito simples. Ele vai acreditar em você, não vai?

- Com certeza.

- Então você tem que dizer a ele que o *Discovery* não está em perigo, e que haverá uma missão de reencontro para levá-lo de volta à Terra em data futura.

- Mas isto não é verdade.

- Nós não *sabemos* se é mentira - Tanya retrucou, começando a demonstrar ligeira impaciência.

- Nós desconfiamos que há perigo real; caso contrário *não* estaríamos planejando partir antes do prazo marcado.

- Então o que você sugere? - perguntou Tanya, com uma voz que agora continha uma nota visível de ameaça.

- Temos que contar toda a verdade a ele, até o ponto em que a conhecemos. Chega de mentiras, meias-verdades, que o provocariam da mesma maneira. E vamos deixar que *e/le* decida por si mesmo.

- Para o inferno, Chandra; ele é somente uma máquina!

O olhar de Chandra foi tão firme, tão confiante, que Max, mais jovem, rapidamente baixou os olhos.

- Nós todos também somos, Sr. Brailovski. É apenas uma questão de nível. Se nos baseamos em carbono ou em silício não faz diferença fundamental; todos devemos ser tratados com o mesmo respeito.

Era estranho, pensou Floyd, que Chandra, o de estatura mais baixa na sala, agora parecesse o maior de todos. O confronto, porém, já se prolongava demais, e Tanya, a qualquer instante, poderia começar a expedir ordens diretas, o que deixaria a situação realmente feia.

- Tanya, Vasili, posso ter uma palavrinha com vocês dois? Eu creio que existe um meio de se resolver o problema.

A interrupção de Floyd foi recebida com visível alívio, e, dois minutos depois, em seu quarto, ele relaxava na companhia dos Orlovs. (Ou em seu "dezesesseis avos", como Curnow um dia o batizara, devido ao tamanho; mas logo se arrependera do trocadilho, pois teve que explicá-lo a todos, à exceção de Sacha.)

- Obrigada, Woody - disse Tanya, ao estender-lhe um bolbo de *Shemakha* do Azerbaidjão, bebida predileta de Floyd. - Eu esperava que você fizesse o que fez. Suponho que você tenha... como é mesmo que você diz?... um trunfo na manga.

- Creio que sim - Floyd respondeu, esguichando na boca alguns centímetros cúbicos do vinho doce, e saboreando-o, agradecido. - É uma pena que Chandra tenha dificultado tudo.

- Também acho. Ainda bem que só temos um cientista louco a bordo.

- Não é isso o que você tem *me* dito - sorriu o acadêmico Vasili. - Mas vamos lá, Woody... o que é?

- O que eu sugiro é o seguinte: vamos deixar Chandra agir ao seu modo; e as possibilidades serão apenas duas. Primeiro, Hal fará exatamente o que pedirmos: controlar o *Discovery* durante os dois primeiros períodos de disparo. Lembrem-se, o primeiro não é crítico. Se alguma coisa sair errada quando estivermos saindo de Io, haverá muito tempo para correções. E isto servirá de um bom teste para vermos se Hal... vai mesmo cooperar.

- E quanto ao tangenciamento de Júpiter, o momento mais importante? Não só é ali que iremos queimar a maior parte do combustível do *Discovery*, como os vetores de programação de tempo e de empuxo têm que estar absolutamente certos.

- Poderíamos controlá-los manualmente?

- Eu detestaria tentar. Ao menor erro nós incendiariamos ou nos transformaríamos num cometa de longo prazo, que voltaria em mais ou menos uns dois mil anos.

- E se não houver alternativa? - insistiu Floyd.

- Bem, admitindo que pudéssemos assumir o controle a tempo, e que tivéssemos um conjunto de órbitas alternativas pré-computadas... é, talvez a gente se saia bem.

- Conhecendo você, Vasili, tenho certeza de que esse "talvez" é vago, o que me conduz à segunda possibilidade que mencionei. Se Hal evidenciar o mínimo desvio ao programa, nós assumimos o controle.

- Você diz... desligá-lo?

- Exatamente.

- Não foi muito fácil fazê-lo da última vez.

- De lá para cá já aprendemos algumas lições. Deixe isto comigo. Posso garantir que lhe devolvo o controle manual em meio segundo.

- Não há perigo, talvez, de Hal desconfiar de alguma coisa?

- Agora é você que está ficando paranoico, Vasili. Hal não é tão humano assim. Mas Chandra o é... isto se dermos a ele o beneplácito da dúvida. Portanto, não diga nada a ele. Nós concordamos absolutamente com o plano dele, e sentimos ter levantado objeções, e temos confiança absoluta que Hal perceberá nosso ponto de vista. Correto, Tanya?

- Correto, Woody. E eu o congratulo por sua antevisão. Aquele aparelhinho foi uma boa idéia.

- Que aparelhinho? - perguntou Vasili.

- Um dia eu explico. Sinto muito, Woody, mas este resto de *Shemakha* eu o estou guardando; quero guardá-lo até estarmos em segurança na rota da Terra.

## 46. Contagem Regressiva

Ninguém acreditaria nisto se não fossem as minhas fotos, pensou Max Brailovski ao voar em torno das duas naves a uma distância de meio quilômetro. Parece mesmo indecente, como se o *Leonov* estivesse estuprando o *Discovery*. E agora que parava para pensar nisso, a nave russa, compacta, rude, parecia decididamente o macho, quando comparada com a nave norte-americana, esbelta, delicada. Mas a maioria das operações de atracação tinha coloração notoriamente sexual, e ele se lembrou de que um dos primeiros cosmonautas, cujo nome não conseguia recordar, chegara a ser repreendido por escolher palavras tão vividas para... bem, o clímax da missão.

Pelo que podia dizer da pesquisa meticulosa que fizera, tudo estava em ordem. A tarefa de posicionar as duas naves e uni-las com firmeza durara mais do que o previsto, e jamais teria sido possível sem um daqueles golpes de sorte que às vezes, mas nem sempre, vem favorecer os que o merecem. O *Leonov*, providencialmente, levava muitos quilômetros de fita de fibra de carbono, cujo tamanho, embora não superior ao das fitas que as meninas usam para prender os cabelos, era capaz de resistir a uma pressão de várias toneladas. Havia sido providenciadas, com critério, para prender os pacotes de instrumentos ao Grande Irmão, no caso de tudo o mais falhar. Serviam, agora, para amarrar o *Leonov* e o *Discovery* num abraço terno, firme o bastante, esperava-se, para evitar abalroamentos e sacudidas durante as acelerações até um décimo de uma gravidade, o máximo proporcionado pelo empuxo total.

- Você quer que eu verifique mais alguma coisa antes de eu entrar? - perguntou Max.

- Não - respondeu Tanya -, tudo parece em ordem. E não podemos perder mais tempo.

Era a pura verdade. A levar-se a sério o misterioso alerta, e todos agora o levavam mesmo a sério, eles deveriam iniciar a manobra de fuga dentro das próximas vinte e quatro horas.

- Muito bem, vou levar *Nina* de volta ao estábulo. Me desculpe, menina.

- Você nunca nos disse que *Nina* era uma égua.

- E nem o estou admitindo agora. E me sinto mal em ter que soltá-la aqui no espaço, só para ganharmos uns miseráveis metros a mais por segundo.

- Talvez dentro de poucas horas nós demos graças a eles, Max. De qualquer jeito, há sempre a possibilidade de alguém subir até aqui, um dia, e apanhá-la.

Duvido muito, pensou Max. E talvez viesse a calhar, afinal, que deixassem ali a pequena cápsula espacial, como uma reminiscência permanente da primeira visita do Homem ao reino de Júpiter.

Com impulsos cronometrados, suaves, cuidados, nos jatos de controle, Max contornou com *Nina* a grande esfera do módulo principal de apoio vital do *Discovery*, os colegas, no convés de vôo, mal o viram passar deslizando pela janela curva. Diante dele a porta aberta da Sala das Cápsulas bocejou, e ele conduziu *Nina*, com toda a delicadeza, à longa barra de atracação.

- Me leve para dentro - disse ele, assim que ouviu o clique dos trincos. - É isso o que eu chamo de uma atividade extraveicular bem planejada. Ainda sobrou um quilograma de propulsor para o último passeio de *Nina*.

Quase não se fazia drama, normalmente, das ignições do espaço profundo; não era a mesma coisa que o estouro e o fogo, e os riscos sempre presentes de uma decolagem de uma superfície planetária. Se algo saísse errado, e os motores deixassem de produzir empuxo total, tudo poderia ser corrigido, de um modo geral, por meio de uma nova ignição ligeiramente maior. Ou então se poderia esperar o ponto adequado na órbita e tentar de novo.

Desta vez, porém, à medida que a contagem regressiva prosseguia rumo ao zero, era quase palpável a tensão a bordo das duas naves. Todos sabiam que era o primeiro teste real da docilidade de Hal; somente Floyd, Curnow e o casal Orlov sabiam da existência de um sistema de apoio, de cujo funcionamento, porém, nem eles tinham absoluta certeza.

- Boa sorte, *Leonov* - disse o Controle da Missão, cronometrando a mensagem de modo a que chegasse cinco minutos antes da ignição. - Esperamos que tudo esteja correndo normalmente. E se não houver muitos problemas, vocês poderiam fazer o favor de tirar alguns *closes* do equador, longitude 115, quando contornarem Júpiter? Ali há uma mancha escura, curiosa, presumivelmente uma espécie de derrame, absolutamente redonda, de quase mil quilômetros de largura. Parece a sombra de um satélite, mas não pode ser.

O sinal de recebimento, breve, passado por Tanya, pretendeu transmitir, com um mínimo de palavras, uma profunda falta de interesse na meteorologia de Júpiter naquele momento. O Controle da Missão demonstrava às vezes uma genialidade absoluta no que dizia respeito à falta de tato e de senso de oportunidade.

- Todos os sistemas estão funcionando normalmente - disse Hal. - Dois minutos para ignição.

Estranho, pensou Floyd, a terminologia muitas vezes sobrevive à tecnologia que lhe deu origem. Somente os foguetes químicos possuíam ignição; mesmo que o hidrogênio, na propulsão nuclear ou plásmica, entre em contato com o oxigênio, o hidrogênio se aquece demais para entrar em combustão. Nestas temperaturas, todos os compostos se separavam em seus elementos.

A mente devaneou, em busca de outros exemplos. As pessoas, particularmente os mais velhos, ainda falavam em colocar filmes em câmeras, gasolina nos automóveis. E ainda se ouvia, nos estúdios de gravação, a expressão "cortar a fita", que abrangia *duas* gerações de tecnologias obsoletas.

- Um minuto para ignição.

A mente voltou rápida para o aqui e agora. Era este o minuto que contava; durante quase cem anos, nas plataformas de lançamento e nos centros de controle, eram estes os sessenta segundos mais longos, que, inúmeras vezes, terminavam em desastre. Somente os triunfos, porém, eram lembrados. Como será o nosso?

A tentação de enfiar a mão mais uma vez no bolso, onde estava o ativador do interruptor de desligamento, foi quase irresistível; a lógica, porém, disse a ele que havia tempo suficiente para a ação corretiva. Se Hal não obedecesse à programação, seria aborrecido, mas não um desastre. A hora realmente crítica seria quando fossem impulsionar-se em Júpiter.

- 6... 5... 4... 3... 2... 1... IGNIÇÃO!

No início, mal se percebeu o empuxo, que demorou quase um minuto para subir a um décimo de gê. Mesmo assim, imediatamente, todos bateram palmas, até que Tanya acenou pedindo silêncio. Muitas verificações havia a fazer, e mesmo que Hal estivesse dando tudo de si - como parecia estar, com certeza -, muita coisa ainda poderia sair errada.

A armação da antena do *Discovery*, que agora suportava grande parte do peso da inércia do *Leonov*, não fora preparada para tantos maus-tratos. O projetista-chefe da nave, já aposentado, jurara, quando convocado, que a margem de segurança era adequada. Mas ele poderia estar enganado, e sabia-se que os materiais, depois de anos no espaço, se tornavam quebradiços...

E as fitas que prendiam as duas naves talvez não tivessem sido colocadas com precisão; poderiam esticar ou escapulir. O *Discovery* talvez não conseguisse a correção para o desvio de centro da massa, agora que levava mil toneladas às costas. Floyd pensou numa dúzia de coisas que poderiam sair erradas, e pouco serviu de consolo lembrar-se de que era sempre a décima terceira que acontecia.

Mas os minutos se arrastaram sem atropelos; a única prova de que os motores do *Discovery* estavam funcionando era a gravidade fracionária, induzida a empuxo, e uma vibração muito leve transmitida pelas paredes das naves. Io e Júpiter ainda estavam onde haviam estado durante semanas, em lados opostos do céu.

- Desligamento em dez segundos. Nove - oito - sete - seis - cinco - quatro - três - dois - JÁ!

- Obrigado, Hal. No botão certo.

Ora, mais uma expressão bastante desatualizada, pois, há uma geração, no mínimo, as placas de toque haviam substituído quase inteiramente os botões. Não, porém, em todas as aplicações, pois, nos casos críticos, era melhor contar-se com um dispositivo cujo movimento pudesse ser percebido através de um bom e satisfatório clique.

- Confirmado - disse Vasili. - Sem necessidade de correções até a metade do curso.

- Digam adeus à exótica e glamourosa Io, o mundo dos sonhos dos agentes imobiliários - disse Curnow. - Todos ficaremos muito contentes em sentir saudades suas.

Parece de novo o velho Walter, Floyd disse consigo mesmo. Walter, nas últimas semanas, andara estranhamente acabrunhado, como se tivesse alguma coisa em mente (mas quem não tinha?). Parecia passar boa parte das horas de folga, escassas, em discussões calmas com Katerina, e Floyd esperava que não fosse por causa de algum problema médico, pois, quanto a isso, até então tinha contado com muita sorte. Nesse estágio, a última coisa de que precisavam era uma emergência que exigisse a perícia da Médica-Comandante.

- Você não está sendo justo, Walter - disse Brailovski. - Eu estava começando a gostar do lugar. Deve ser divertido passear de barco naqueles lagos de lava.

- E que tal um churrasquinho no vulcão?

- Ou os legítimos banhos de enxofre derretido? Todos estavam bem-humorados, e até um pouco histéricos de alívio. Embora fosse muito cedo para relaxar, e a fase mais crítica da manobra de fuga ainda estivesse por vir, o primeiro passo, com vistas ao regresso, fora dado em segurança, o que já era motivo suficiente para um certo regozijo discreto.

Mas não durou muito, pois Tanya logo ordenou a todos que não estivessem em serviço essencial que fossem descansar um pouco, dormir se possível, para se prepararem para o balanço, em Júpiter, a apenas nove horas à frente. Como os avisados se demorassem, Sacha espantou-os do convés, gritando.

- Vocês serão enforcados, seus cães amotinados! Há duas noites apenas, a título de relaxamento, raro, todos haviam assistido à quarta versão de *O Motim do Bounty*, que apresentava, segundo a concordância geral dos historiadores cinematográficos, o melhor Capitão Bligh desde o legendário Charles Laughton. Havia a bordo uma certa intuição de que teria sido melhor Tanya não tê-la assistido, para que não tivesse ideias

Depois de umas duas horas inquietas no casulo, Floyd desistiu de forçar o sono e, perambulando, foi ao convés de observação. Júpiter estava bem maior, e, lentamente, empalidecia à medida que as naves zuniam rumo ao limite de aproximação à face noturna. Um disco glorioso, convexo, exibia tamanha, e infinita, riqueza de detalhe - cinturões de nuvens, manchas de todas as cores, desde o branco ofuscante ao vermelho-tijolo, perfurações escuras erigindo-se das



profundezas desconhecidas, o oval ciclônico da Grande Mancha Vermelha - que o olho não conseguiria absorvê-la toda. A sombra arredondada, escura, de uma lua - talvez o satélite Europa, Floyd imaginou - estava em trânsito. Esta vista, inacreditável, ele a via pela última vez; mesmo que em seis horas tivesse que estar em sua eficiência máxima, era um crime perder momentos tão preciosos dormindo.

Onde estava aquela mancha que a Missão de Controle pedira que observassem? Deveria aparecer a qualquer momento, mas Floyd não tinha certeza se seria visível a olho nu. Vasili estaria muito ocupado para se incomodar com o assunto. Mas talvez ele pudesse ajudar, como astrônomo amador, pois houve um período curto, afinal, há trinta anos atrás, em que ele ganhara a vida como profissional.

Floyd ativou os controles do telescópio principal, de cinquenta centímetros, cujo campo de visão, felizmente, não estava bloqueado pelo bojo adjacente do *Discovery*, e, com energia mediana, investigou ao longo do equador. E lá estava ela, surgindo acima da borda do disco.

Por força das circunstâncias, Floyd era hoje um dos dez maiores especialistas sobre Júpiter no Sistema Solar; os outros nove ou trabalhavam ou dormiam à volta dele. Ele logo viu que algo de estranho havia com aquela mancha; era tão escura que parecia um buraco perfurado nas nuvens. Daquele ponto de vista, parecia ser uma elipse pontiaguda, mas Floyd percebeu que, se olhada diretamente de cima, seria um círculo perfeito.

Gravou algumas imagens, em seguida aumentou ao máximo a energia, e já o giro rápido de Júpiter colocava a formação num campo mais claro de visão. E Floyd, quanto mais olhava, mais intrigado ficava.

- Vasili - chamou ele pelo intercomunicador - , se você puder dispor de um minuto, dê uma olhada no monitor de cinquenta centímetros.

- O que é que você está vendo? É importante? Estou verificando a órbita.

- Não se apresse, é claro, mas descobri aquela mancha de que o Controle da Missão falou. Parece *bastante* singular.

- Caramba! Eu me esqueci dela inteiramente. Que bando de observadores nós somos, se o pessoal lá da Terra precisa nos dizer onde olhar! Me dê mais cinco minutos, ela não vai fugir.

É verdade, pensou Floyd; de fato vai até clarear. E não era desgraça alguma deixar passar uma coisa que os astrônomos terrestres - ou lunares - já haviam observado. Júpiter era muito grande, e eles viviam numa azáfama, e os telescópios da Lua e da órbita da Terra eram cem vezes mais poderosos que o instrumento que ele agora usava.

Mas a mancha ficava cada vez mais singular. Pela primeira vez, uma nítida sensação de inquietação começava a apossar-se de Floyd. Até aquele momento, o que ocorrera a ele era que aquela mancha só poderia ser uma formação natural, um truque da meteorologia complexa, inacreditável, de Júpiter. Mas agora ele começava a cismar.

Era tão *negra*, parecia a noite. E tão simétrica; era, obviamente, ao entrar num campo de visão mais claro, um círculo perfeito, sem, contudo, definição precisa. A borda era de um embaçado estranho, como se estivesse meio fora de foco.

Teria sido imaginação, ou ela crescera mesmo enquanto ele a observava? Ele fez uma avaliação rápida, e decidiu que a coisa tinha agora dois mil quilômetros de diâmetro, apenas um pouco menor do que a sombra ainda visível do Europa, mas tão mais escura que não havia o mínimo risco de confusão.

- Vamos dar uma olhada - disse Vasili num tom razoavelmente condescendente. - O que é que você julga ter descoberto? Ah...

A voz dissipou-se no silêncio.

Pois é ela mesmo, pensou Floyd, numa convicção gélida, súbita.

O que quer que seja...

## 47. Tangenciamento Derradeiro

Mas, em reflexão posterior, depois de exaurido o espanto inicial, era difícil ver de que modo uma nódoa negra, que se alastrava sobre a face de Júpiter, poderia representar perigo. Era extraordinária - inexplicável -, mas não tão importante quanto os eventos críticos a apenas sete horas à frente. O êxito da queima no perijove era tudo o que importava; a caminho de casa, teriam todo o tempo que quisessem para estudar manchas negras e misteriosas.

E também para dormir, do que Floyd já desistira inteiramente. Embora a sensação de perigo - ao menos de perigo *conhecido* - estivesse bem inferior à da primeira aproximação a Júpiter, um misto de agitação e apreensão mantinha-o bem acordado. A agitação era natural e compreensível; a apreensão tinha causas mais complexas. Floyd tinha como norma jamais se preocupar com os eventos sobre os quais não poderia exercer qualquer controle; as ameaças externas se revelariam no devido tempo, e então ele as resolveria. Inevitável, porém, foi pensar se todo o possível havia sido feito para salvaguardar as naves.

Sem contar as falhas mecânicas de bordo, eram duas as fontes principais de preocupação. Embora as fitas que prendiam o *Leonov* e o *Discovery* não tivessem demonstrado qualquer tendência a escapular, o teste mais rigoroso ainda estava por vir. Iguamente crítico, ou quase, seria o momento da separação, quando as cargas explosivas, das menores, com as quais se pretendia sacudir o Grande Irmão, seriam usadas, o que era desconfortável, a uma distância muito próxima. E, é claro, havia Hal...

Ele, com extrema precisão, executara a manobra de saída de órbita. Realizara as simulações do tangenciamento de Júpiter, até a última gota de combustível do *Discovery*, sem quaisquer comentários ou objeções. E embora Chandra, segundo acordado, tivesse explicado a ele, meticulosamente, o que se pretendia fazer, será que Hal compreendera *na verdade* o que estava acontecendo?

E Floyd tinha uma preocupação incontrolável, que, nos dias precedentes, quase se havia tornado uma obsessão. Ele conseguia imaginar tudo correndo bem, as naves já a meio caminho da manobra final, o enorme disco de Júpiter a apenas algumas centenas de quilômetros abaixo, e Hal, então, eletronicamente, pigarreando e dizendo: "Dr. Chandra, o senhor se importa se eu fizer uma pergunta?"

Mas as coisas não aconteceram exatamente assim.

A Grande Mancha Negra, como fora inevitavelmente batizada, era agora afastada do campo de visão pela rápida rotação de Júpiter. Em poucas horas, as naves, ainda em aceleração, a encontrariam na face oculta do planeta. Mas era esta a última chance para uma observação próxima, à luz do dia.

Ela continuava a crescer a uma velocidade extraordinária; nas últimas duas horas, mais que duplicara sua área. Não fosse o fato de conservar o negro ao expandir-se, lembrava um pingo de tinta espalhando-se na água. A borda, que agora se expandia a uma velocidade quase-sônica na atmosfera joviana, ainda parecia curiosamente difusa e fora de foco; à máxima energia do telescópio da nave, a razão disto por fim apareceu.

Ao contrário da Grande Mancha Vermelha, a Grande Mancha Negra não era uma estrutura contínua; era feita de miríades de manchas pequeninas, qual uma fotografia de tom médio vista numa lente de aumento. Em grande parte da área, as manchas conservavam entre si um espaço tão pequeno que quase se tocavam, mas, na borda, os espaços entre elas eram cada vez maiores. A Mancha, assim, encerrava-se numa penumbra cinzenta, e não numa fronteira definida.

Pareciam existir quase um milhão destas manchas misteriosas, e eram visivelmente alongadas - mais elipses do que círculos. Katerina, a pessoa menos imaginativa a bordo, surpreendeu a todos ao dizer que parecia que alguém havia apanhado um saco de arroz, tingido os grãos de preto, e despejado na face de Júpiter.

E agora o sol descaía por trás do arco enorme, que rapidamente se estreitava, do lado diurno, enquanto o *Leonov*, pela segunda vez, corria adentro da noite joviana para um encontro com o destino. Em menos de trinta minutos se iniciaria a última queima, e as coisas, na verdade, começariam a acontecer muito rapidamente.

Floyd pôs-se a pensar se teria sido melhor ter-se juntado a Chandra e Curnow, que montavam guarda no *Discovery*. Mas nada havia que ele pudesse fazer; numa emergência, só atrapalharia. O interruptor de desligamento estava no bolso de Curnow, e Floyd sabia que as reações de Walter, mais jovem, eram bem mais rápidas que as dele. Se Hal evidenciasse o menor sinal de mau comportamento, ele o desligaria em menos de um segundo. Floyd sabia, porém, que estas medidas extremas não seriam necessárias. Como Chandra recebera permissão de fazer as coisas ao seu modo, dera toda a cooperação na elaboração dos procedimentos de modo a passar o poder ao controle manual, caso esta infeliz necessidade surgisse. Floyd confiava em que se pudesse contar com ele na execução desta incumbência, por mais que deplorasse a possível necessidade.

Curnow não estava tão certo assim. Ficaria mais tranquilo, ele o dissera a Floyd, se contasse com redundância múltipla, na forma de um segundo interruptor de desligamento... para Chandra. Nada havia, entretanto, que alguém pudesse fazer, senão esperar e assistir à aproximação da paisagem da face noturna, vagamente visível por meio da luz refletida dos satélites passantes, o brilho das reações fotoquímicas, e os clarões titânicos dos relâmpagos causados por tempestades maiores do que a Terra.

Atrás deles, o sol piscou, cerrou os olhos, eclipsado em segundos pelo imenso globo do qual se aproximavam com tanta rapidez. Quando o vissem de novo, já estariam a caminho de casa.

- Vinte minutos para ignição. Todos os sistemas nominais.
- Obrigado, Hal.

Eu fico pensando se Chandra fora mesmo franco, pensou Curnow, quando disse que Hal se confundiria caso outra pessoa falasse com ele. *Eu* já conversei com ele muitas vezes, quando ninguém estava por perto, e ele me compreendia perfeitamente. - Mas agora não temos mais muito tempo para conversas amistosas, embora me ajudassem a reduzir a tensão.

O que Hal pensa, *na verdade* - se é que ele pensa - sobre a missão? Curnow, durante toda a vida, sempre se intimidara com as filosofias abstratas: eu sou um sujeito cabeçudo e estabanado, ele costumava alegar, embora uma espaçonave não comportasse muita gente de um tipo ou de outro. Antes, ele teria rido da idéia, mas agora se punha a cismar: será que Hal sentia que em breve seria abandonado, e, em caso positivo, se ressentiria da idéia? Curnow quase levou a mão ao bolso, ao interruptor de desligamento, mas se conteve. Ele o fizera tantas vezes que quem sabe Chandra já não andasse desconfiado?

Ensaiou, pela centésima vez, a sequência de acontecimentos marcada para ocorrer na próxima hora. No instante em que terminasse o combustível do *Discovery*, eles desligariam todos os sistemas, exceto os essenciais, e voltariam correndo para o *Leonov* pelo tubo de conexão. O tubo seria desacoplado, as cargas explosivas seriam disparadas, as naves se afastariam uma da outra... e os motores do *Leonov* começariam a detonar. A separação deveria acontecer, se tudo corresse conforme o planejado, no exato momento da maior aproximação a Júpiter; assim tirariam o máximo proveito da largueza gravitacional do planeta.

- Quinze minutos para ignição. Todos os sistemas nominais.

- Obrigado, Hal.

- Aliás - disse Vasili, na outra nave -, nós vamos passar de novo pela Grande Mancha Negra. Será que vamos ver alguma coisa?

Eu até espero que não, Curnow pensou; já temos muito com o que lidar por aqui. Mas, mesmo assim, deu uma espiada rápida na imagem que Vasili transmitia no monitor do telescópio.

A princípio não conseguiu ver nada, exceto a face noturna do planeta, bruxuleando desmaiada; viu, depois, no horizonte, um círculo, em perspectiva, de uma escuridão mais profunda, em cuja direção zuniam a uma velocidade inacreditável.

Vasili aumentou a ampliação da luz, e toda a imagem, num passe de mágica, clareou. A Grande Mancha Negra, por fim, resolvia-se em miríades de elementos idênticos...

*Meu Deus, Curnow pensou, nem posso acreditar!*

Do *Leonov*, ouviu exclamações de surpresa: todos, ao mesmo tempo, haviam compartilhado da mesma revelação.

- Dr. Chandra - disse Hal -, estou detectando um comportamento vocal tenso. Houve algum problema?

- Não, Hal - respondeu Chandra sem pestanejar. - A missão prossegue normalmente. É que nós tivemos uma boa surpresa, foi só. E você, o que vê na imagem do circuito controlado 16?

- Vejo a face noturna de Júpiter. Há uma área circular, de 3.250 quilômetros de diâmetro, inteiramente coberta por objetos retangulares.

- Quantos?

Após a pausa, das mais curtas, Hal luziu o número no visor:

1.355.000 ± 1.000

- E você os reconhece?

- Reconheço. São idênticos, em forma e tamanho, ao objeto que vocês chamavam de Grande Irmão. Dez minutos para ignição. Todos os sistemas

nominais.

Os *meus* não estão, pensou Curnow. Quer dizer que aquela coisa endiabrada foi para Júpiter e se multiplicou? Uma praga de monolitos era algo ao mesmo tempo cômico e sinistro; e, para sua surpresa, aquela imagem inacreditável, na tela do monitor, tinha uma certa familiaridade estrambólica.

Claro, era isso! Aquelas miríades de retângulos negros, idênticos, lembravam-no de... *pedras de dominó*. Ele assistira, há anos, um video-documentário sobre uma equipe de japoneses, ligeiramente malucos, que colocaram, umas atrás das outras, de pé, um milhão de pedras de dominó, de modo que quando a primeira fosse derrubada, todas as demais inevitavelmente cairiam. Estavam dispostas em configurações complexas, algumas debaixo d'água, outras subindo e descendo escadas, outras em pistas múltiplas de modo que, à medida que fossem caindo, formassem desenhos e representações. A montagem levava semanas, e Curnow se lembrava de que, por diversas vezes, os terremotos haviam frustrado o empreendimento. A queda, da primeira à última pedra, demorara mais de uma hora.

- Oito minutos para ignição. Todos os sistemas nominais. Dr. Chandra, posso fazer uma sugestão?

- Qual é, Hal?

- Este fenômeno é bastante incomum. O senhor não crê que eu deveria abortar a contagem regressiva, para que vocês possam permanecer aqui e estudá-lo?

A bordo do *Leonov*, Floyd apressou-se rumo à ponte. Tanya e Vasili talvez precisassem dele. Isto sem falar em Chandra e Curnow. Que situação! E se Chandra ficasse ao lado de Hal? Se o fizesse, *os dois estariam com a razão!* Afinal, não fora por isso mesmo que vieram até aqui?

Se interrompessem a contagem regressiva, as naves girariam em torno de Júpiter e voltariam, ao mesmo ponto onde estavam, em dezenove horas. Uma retenção de dezenove horas não criaria problema algum, e, não fosse aquele alerta enigmático, ele próprio decididamente a recomendaria.

Mas eles tinham muito mais do que um alerta. Abaixo deles uma praga planetária se espalhava pela face de Júpiter. Talvez estivessem fugindo de um dos fenômenos mais extraordinários da história da ciência, mas, mesmo assim, ele preferia estudá-lo a uma distância mais segura.

- Seis minutos para ignição - disse Hal. - Todos os sistemas nominais. Estou pronto para interromper a contagem regressiva, se o senhor concordar. Devo lembrá-lo de que a minha primeira diretriz é estudar tudo, no espaço de Júpiter, que possa ter ligação com a inteligência.

Floyd reconhecia muito bem aquela frase: ele mesmo a escrevera. E gostaria de poder apagá-la da memória de Hal.

Um instante depois, ele chegou à ponte e juntou-se ao casal Orlov. Os dois fitaram-no preocupados, alarmados.

- O que você recomenda? - perguntou Tanya sem pestanejar.

- Depende de Chandra, eu receio. Posso conversar com ele, pela linha particular?

Vasili estendeu o microfone.

- Chandra! Eu presumo que Hal não esteja nos ouvindo.

- Correto, Dr. Floyd.

- Você tem que ser rápido. Convença-o de que a contagem regressiva *deve* prosseguir, de que nós apreciamos esse, bem, esse entusiasmo científico... é isso, esse é o ângulo correto... diga que nós confiamos em que ele possa fazer o trabalho sem nossa ajuda. E que nós estaremos em contato com ele o tempo todo, é claro.

- Cinco minutos para ignição. Todos os sistemas nominais. Ainda estou esperando a sua resposta, Dr. Chandra.

E todos nós também, pensou Curnow, distante apenas um metro do cientista. E se nós afinal tivermos que apertar o botão, vai ser um alívio enorme. Eu, na verdade, vou gostar muito.

- Muito bem, Hal. Prossiga com a contagem regressiva. Eu tenho toda a confiança na sua capacidade de estudar todos os fenômenos no espaço jupiteriano, sem a nossa supervisão. E claro, nós estaremos em contato com você o tempo todo.

- Quatro minutos para ignição. Todos os sistemas nominais. Pressurização do tanque de propulsor completada. Voltagem constante no disparador plásmico. O senhor tem certeza de que está tomando a decisão correta, Dr. Chandra? Gosto de trabalhar com seres humanos, e meu relacionamento com eles é estimulante. Comportamento da nave corrigir para zero ponto um miliradiano.

- Nós gostamos de trabalhar com você, Hal. E ainda estaremos trabalhando juntos, mesmo a milhões de quilômetros de distância.

- Três minutos para ignição. Todos os sistemas nominais. Proteção de radiação verificada. Há o problema da defasagem de tempo, Dr. Chandra; talvez seja necessário nos consultarmos um ao outro sem demoras.

Isto é loucura, pensou Curnow, sem nem por um instante afastar a mão do interruptor de desligamento. Eu acredito mesmo que Hal esteja... *solitário*. Ou será que está imitando alguma parte da personalidade de Chandra, que não desconfiávamos que ele possuísse?

As luzes bruxulearam; de maneira tão imperceptível que somente os familiarizados com cada nuance do comportamento do *Discovery* o teriam percebido. Poderia significar boas ou más notícias... o começo, ou o fim, da sequência do disparo plásmico.

Ele arriscou um rápido olhar a Chandra; o rosto do diminuto cientista estava sugado, conturbado, e quase pela primeira vez Curnow sentiu legítima simpatia por ele, como por outro ser humano. E lembrou-se da informação assustadora que Floyd confidenciara a ele: a de que Chandra se oferecera para ficar com a nave e fazer companhia a Hal durante os três anos da viagem de regresso. Dessa idéia, não tivera mais notícias; presumivelmente já estava esquecida, depois do alerta. Mas, quem sabe Chandra não estivesse novamente tentado? Caso positivo, nada havia que ele pudesse fazer a essa altura. Não haveria tempo para os preparativos necessários, mesmo que permanecessem por mais uma órbita e retardassem a partida para além do prazo estipulado. O que Tanya com certeza não iria depois de tudo o que ocorrera.

- Hal - sussurrou Chandra, tão baixinho que Curnow mal pôde ouvi-lo -, nós temos que partir. Não tenho tempo para explicar todos os motivos, mas garanto que é a verdade.

- Dois minutos para ignição. Todos os sistemas nominais. Sequência final iniciada. Sinto que vocês não possam ficar. O senhor pode me contar alguns dos motivos, em ordem de importância?

- Em dois minutos, não, Hal. Continue com a contagem. Eu explico tudo depois. Nós ainda temos mais uma hora... juntos.

Hal não respondeu. O silêncio prolongou-se. O aviso de um minuto com certeza já estava atrasado.

Curnow olhou o relógio. Meu Deus, pensou, Hal se esqueceu! Será que interrompeu a contagem?

A mão de Curnow tateou, incerta, em busca do interruptor. O que faço agora? Eu gostaria que Floyd dissesse alguma coisa, raios!, mas é provável que ele receie piorar as coisas...

Vou esperar até a hora zero... não, não é tão crítico assim, digamos mais um minuto. Então eu o desligo e passamos para o controle manual...

De longe, bem longe, emergiu um grito pálido, sibilado, qual o som de um furacão caminhando logo abaixo da linha do horizonte. O *Discovery* começou a vibrar; houve o primeiro indício de retorno da gravidade.

- Ignição - disse Hal. - Empuxo total em T mais quinze segundos.

- Obrigado, Hal - respondeu Chandra.

## 48. Sobrevoando a Face Noturna

Para Heywood Floyd, no ambiente subitamente desconhecido, pois já não mais sem peso, do convés de vôo do *Leonov*, a sequência de eventos se assemelhara mais a um pesadelo clássico, em câmera lenta, do que à realidade. Apenas uma vez antes, na vida, ele passara por situação similar, quando se encontrava no banco traseiro de um automóvel durante uma derrapagem incontrolável. Tomara-aquela mesma sensação de impotência absoluta... conjugada com o pensamento "isto na verdade não importa; não é *comigo* que está acontecendo".

Agora que se iniciara a sequência de ignição, seu estado de ânimo mudara; tudo parecia real novamente. Tudo funcionava exatamente conforme o planejado; Hal os conduzia, em segurança, de volta à Terra. O futuro de todos, a cada minuto que passava, tornava-se mais seguro; Floyd, lentamente, começava a relaxar, embora atento a tudo o que acontecia ao redor.

Pela vez derradeira - e quando seria que *outro* homem aqui viria de novo? -, ele sobrevoava a face noturna do maior dos planetas, que continha o volume de mil Terras. As naves revolucionavam de tal modo que o *Leonov* se encontrava entre o *Discovery* e Júpiter, e a visão da paisagem das nuvens, misteriosamente bruxuleante, não estava bloqueada. Dezenas de instrumentos ainda se ocupavam, sondando, gravando; Hal continuaria o trabalho quando eles se fossem.

Assim que se encerrou a crise imediata, Floyd, com cautela, *desceu* do convés de vôo - que estranho sentir peso de novo, mesmo que fossem apenas dez quilos! - e juntou-se a Zenia e Katerina no salão de observação. Sem contar as luzes de emergência, vermelhas, tão pálidas, o salão estava completamente às escuras para que pudessem admirar a paisagem sem alteração da visão noturna. Sentiu pena de Max Brailovski e Sacha Kovalev, que, na câmara de ar, trajados a caráter, perdiam o maravilhoso espetáculo, pois, caso falhassem as cargas explosivas, teriam que

estar a postos para ir lá fora, assim que recebessem o aviso, e cortar as tiras que uniam as duas naves.

Júpiter preenchia todo o céu; a uns meros quinhentos quilômetros de distância, só viam de sua superfície uma pequenina fração, não mais do. que se via a Terra de uma altitude de cinquenta quilômetros. Quando os olhos se acostumaram à luz pálida, em grande parte refletida da crosta gelada do distante Europa, Floyd conseguiu distinguir uma quantidade surpreendente de detalhes. Não havia cor no nível inferior de iluminação, excetuado um toque de vermelho aqui e acolá, e como a estrutura cintada das nuvens estivesse bem nítida, viu a borda de uma pequena tempestade ciclônica que se parecia a uma ilha oval coberta de neve. A Grande Mancha Negra já há muito ficara para trás, e só a veriam novamente quando já estivessem bem avançados no caminho de casa.

Lá embaixo, sob as nuvens, fulguravam explosões ocasionais de luz, muitas obviamente causadas pelo equivalente joviano das tempestades. Outros brilhos e erupções, porém, de luminescência, tinham duração maior, e eram de origem mais incerta. Anéis de luz às vezes espalhavam-se, qual ondas de impacto, de uma fonte central; e fachos rotativos e ventoinhas ocorriam ocasionais. Não era necessária muita imaginação para se fingir que, bem abaixo daquelas nuvens, havia provas de uma civilização tecnológica: as luzes das cidades, os radiofaróis dos aeroportos. Os radares e os balões-sondas, porém, já há muito haviam provado que nada sólido havia ali embaixo, por milhares e milhares de quilômetros, até o miolo inatingível do planeta.

Meia-noite em Júpiter! O último vislumbre em *close* fora um interlúdio mágico do qual iria lembrar-se por toda a vida. E saboreou-o ainda mais porque já agora, com certeza, nada poderia sair errado; e, mesmo que saísse, ele não teria motivo para repreender-se, pois fizera todo o possível em prol do êxito.

Pairava a quietude no salão; ninguém quis falar enquanto o tapete de nuvens se desenrolava, ligeiro, ali embaixo. De tempos em tempos Tanya ou Vasili anunciavam a posição da queima; mais para o fim do tempo de ignição do *Discovery*, a tensão começara a crescer novamente. Era o momento crítico, e ninguém sabia exatamente quando seria. Havia uma certa dúvida quanto à precisão dos medidores de combustível, e a ignição continuaria até que se secassem por completo.

- Desligamento previsto em dez segundos - disse Tanya. - Walter, Chandra, preparem-se para voltar. Max, Vasili, fiquem a postos, caso tenham que entrar em ação. Cinco... Quatro... Três... Dois... Um... Zero!

Nada mudou; o grito pálido dos motores do *Discovery* ainda os alcançava através da espessura das duas carcaças, e o peso, induzido a empuxo, ainda lhes comprimia os membros. Estamos com sorte, Floyd pensou; os medidores devem estar com folga, afinal. Cada segundo adicional de ignição era um bônus; talvez significasse a diferença entre a vida e a morte. E como era estranho ouvir uma contagem *progressiva*, em vez de contagem regressiva!

- ... cinco segundos... dez segundos... treze segundos. É isso: o treze da sorte!

A falta de peso e o silêncio regressaram. Nas duas naves, houve uma ligeira explosão de alegria. Logo truncada, porém, pois muito havia a fazer... e com rapidez.

Floyd ficou tentado a ir à câmara de ar para congratular-se com Chandra e Curnow assim que viessem para bordo. Mas ele só atrapalharia, pois o local estaria muito ocupado com Max e Sacha preparando-se para a possível atividade extraveicular, e com o desacoplamento do tubo de conexão entre as duas naves.



Para saudar os heróis em regresso, esperaria no salão.

E agora conseguia relaxar ainda mais... talvez de oito para sete, numa escala de dez. Pela primeira vez, após semanas a fio, podia esquecer-se do interruptor de controle remoto. Não seria mais necessário, pois Hal tivera desempenho impecável. Mesmo que o desejasse, nada poderia fazer para afetar a missão, já que se exaurira a última gota de propulsor do *Discovery*.

- Todos a bordo - Sacha anunciou. - Escotilhas fechadas. Vou disparar as cargas.

Não houve o menor ruído ao se detonarem os explosivos, o que surpreendeu Floyd; ele esperava ouvir um certo ruído transmitido pelas fitas, retesadas qual tiras de aço, que uniam as duas naves. Não havia dúvida, porém, de que haviam sido expelidas conforme fora planejado, pois o *Leonov* deu uma série de pequeninas sacudidas, como se alguém estivesse a bater na carcaça. Um minuto depois, Vasili acionou os jatos de comportamento, numa única, e breve, explosão.

- Estamos livres! - gritou. - Sacha, Max, não vamos precisar de vocês! Podem voltar às redes, todos. Ignição em cem segundos!

E agora Júpiter se afastava, girando, e uma nova forma, estranha, aparecia lá fora: a estrutura comprida e esquelética do *Discovery*, com as luzes de navegação ainda a brilhar à medida que se afastava deles e entrava para a história. Não havia tempo para despedidas sentimentais; em menos de um minuto a propulsão do *Leonov* entraria em funcionamento.

Floyd jamais o ouvira a plena energia, e procurou proteger os ouvidos contra o rugido que agora preenchia o universo. Os projetistas do *Leonov* não haviam desperdiçado carga útil com isolamento de som, necessário por umas poucas horas numa viagem que duraria anos. E sentia um peso enorme, que, entretanto, mal chegava a um quarto do que o que conhecera durante toda a vida.

Em questão de minutos, o *Discovery* já ficara para trás, desaparecendo, embora o fecho intermitente do radiofarol de alerta ainda perdurasse até a nave transpor o horizonte. Estou, de novo, Floyd disse consigo mesmo, circundando Júpiter... agora, ao contrário da última vez, estou ganhando velocidade. Do outro lado, fitou Zenia, escassamente visível na escuridão, com o nariz comprimido contra a janela de observação. Estaria também recordando-se da última ocasião, quando compartilharam juntos da mesma rede? Agora já não havia perigo de incineração; quanto a este destino específico, ela já não precisaria aterrorizar-se. Parecia, de qualquer modo, uma pessoa confiante e alegre, graças, sem dúvida, a Max... e talvez também a Walter.

Ela deve ter percebido que ele a esquadrihava, pois virou-se, sorriu, e, em seguida, com um gesto, apontou para a paisagem de nuvens, retilíneas, lá embaixo.

- Olhe - gritou-lhe no ouvido -, Júpiter está de lua nova!

O que ela *está* tentando dizer?, perguntou-se Floyd. O inglês de Zenia ainda não é muito bom, mas é impossível que ela tenha cometido um erro numa frase tão simples. Eu tenho certeza de tê-la ouvido bem, mas ela está apontando *para baixo*, e não para cima...

E então ele percebeu que o cenário logo abaixo deles se tornara muito mais claro; ele chegava a ver amarelos e verdes que antes estavam bastante invisíveis. Algo muito mais brilhante do que o Europa brilhava sobre as nuvens jovianas.

O próprio *Leonov*, muitas vezes mais claro do que o sol de meio-dia de Júpiter, propiciava uma alvorada artificial ao mundo que abandonava para sempre. Um

penacho de plasma incandescente, de cem quilômetros de comprimento, arrastava-se atrás da nave à medida que a descarga da Propulsão Sakharov dissipava suas energias remanescentes no vácuo do espaço.

Vasili fazia um aviso, cujas palavras estavam inteiramente ininteligíveis. Floyd consultou o relógio; *é, deve ser por agora*. Havia atingido a velocidade de fuga de Júpiter. O gigante jamais os recapturaria.

E então, a milhares de quilômetros à frente, um arco enorme, de luz brilhante, apareceu no céu: o primeiro lampejo da alvorada real de Júpiter, tão cheia de promessa quanto o arco-íris na Terra. Segundos depois o Sol saltou para saudá-los... o glorioso Sol, que ficaria, de agora em diante, cada dia mais claro.

Alguns minutos a mais de aceleração constante, e o *Leonov* seria irrevogavelmente lançado na longa viagem de regresso. Floyd foi tomado de uma sensação avassaladora de alívio e relaxamento. As leis imutáveis da mecânica celeste o guiariam através do Sistema Solar interno, passando pelas órbitas emaranhadas dos asteroides, passando por Marte; nada o impediria de chegar à Terra.

Na euforia do momento, ele se esquecera inteiramente da misteriosa nódoa negra, que se expandia pela face de Júpiter.

## 49- Devorador de Mundos

Viram-na de novo, na manhã seguinte, hora da nave, quando surgia na face diurna de Júpiter. A área de escuridão se espalhara, cobrindo uma fração apreciável do planeta. Agora, afinal, podiam estudá-la com folga, e em detalhe.

- Você sabe o que aquilo me lembra? - disse Katerina. - Um vírus atacando uma célula. O modo pelo qual um fagócito injeta seu ADN numa bactéria, e depois se multiplica até tomar conta.

- Você está insinuando - perguntou Tanya, incrédula - que o *Zagadka* está comendo Júpiter?

- É o que parece, com certeza.

- Não é à toa que Júpiter está com um aspecto doentio. Mas hidrogênio e hélio não são uma dieta nutritiva, e além deles não há muito mais naquela atmosfera. Apenas uns poucos por cento de outros elementos.

- Que chegam a alguns quintilhões de toneladas de enxofre, carbono e fósforo, e tudo o mais na extremidade inferior da tábua periódica - Sacha salientou. - De qualquer jeito, estamos falando de uma tecnologia que provavelmente pode fazer *qualquer coisa* que não desafie as leis da física. Quando se tem hidrogênio, de que mais se precisa? Com o conhecimento certo, podem-se sintetizar todos os outros elementos a partir dele.

- Eles estão chupando Júpiter, com certeza - disse Vasili. - Olhem.

Um *close* muito próximo de um dos inumeráveis retângulos idênticos aparecia no monitor do telescópio. Estava óbvio, mesmo a olho nu, que correntes de gás fluíam para as duas faces menores; as configurações de turbulência muito se assemelhavam às linhas de força reveladas por limalhas de ferro que se agrupam

nas extremidades de um magneto.

- Um milhão de aspiradores de pó - disse Curnow - sugando a atmosfera de Júpiter. Mas, por quê? E o que estão fazendo com ele?

- E como será que se reproduzem? - perguntou Max. - Você pegou algum deles em flagrante?

- Sim e não - respondeu Vasili. - Estamos longe demais para vermos detalhes, mas é uma espécie de fissão... como uma ameba.

- Você está dizendo que eles se dividem em dois, e as metades retomam o tamanho original?

- *Nyet*. Não existem *Zagadkas* mirins; eles crescem, ao que parece, até se duplicarem em espessura, e depois se partem ao meio e produzem gêmeos idênticos; exatamente do mesmo tamanho que o original. E o ciclo se repete em aproximadamente duas horas.

- Duas horas! - exclamou Floyd. - Não é à toa que se alastraram por metade do planeta. É um caso, digno de um livro-texto, de crescimento exponencial.

- Eu sei o que eles são - Ternovski, de repente, agitou-se. - São máquinas von Neumann!

- Creio que você esteja com a razão - disse Vasili. - Mas isto ainda não explica o que estão fazendo. Rotulá-los não ajuda em nada.

- E o que é uma máquina von Neumann? - perguntou Katerina, queixosa. - Explique, por favor.

Orlov e Floyd começaram a falar ao mesmo tempo. Algo confusos, pararam, e em seguida Vasili riu e acenou para o norte-americano.

- E se você, Katerina, tivesse que fazer um grande trabalho de engenharia? Um trabalho *grande* mesmo, como descascar toda a superfície da Lua. Você poderia construir milhões de máquinas para fazê-lo, mas isto talvez levasse séculos. Se for inteligente, você faz *uma* máquina só, com a capacidade, porém, de se reproduzir a partir das matérias-primas do meio. E assim você dá início a uma reação em cadeia, e, num período muito curto, você... cria máquinas bastantes para executar o trabalho em décadas, em vez de em milênios. Com uma taxa suficientemente alta de reprodução, você conseguiria fazer, por assim dizer, *qualquer coisa* no período que você desejasse, por menor que fosse. A Agência Espacial vem brincando com esta idéia há anos, e sei que vocês também estão, Tanya.

- Claro, máquinas de exponenciação. Uma idéia em que nem mesmo Tsiolkovski chegou a pensar.

- Nisso eu não aposto - disse Vasili. - Parece, portanto, Katerina, que sua analogia esteve bem próxima. Um bacteriófago é uma máquina von Neumann.

- E nós todos, por acaso, também não somos? - Sacha perguntou. - Tenho certeza de que Chandra diria que sim.

- Isto é óbvio. De fato, von Neumann teve a idéia original estudando os sistemas vivos.

- E estas máquinas vivas estão comendo Júpiter!

- É o que parece, com certeza - disse Vasili. - Eu andei fazendo uns cálculos, e mal consigo acreditar nos resultados... embora sejam aritmética simples.

- Talvez sejam simples para *você* - disse Katerina. - Tente explicar sem os tensores, sem as equações diferenciais.

- Não, é *simples* mesmo - insistiu Vasili. - De fato, é um exemplo perfeito da velha explosão populacional que vocês médicos tanto alardearam no século passado. *Zagadka* se reproduz a cada duas horas; portanto, em vinte horas você terá dez *duplicações*. Um *Zagadka* se transformará em mil.

- Mil e vinte e quatro - disse Chandra.

- Eu *sei*, mas vamos simplificar. Depois de quarenta horas haverá um milhão; depois de oitenta, um trilhão. E é por aí que estamos agora, e é óbvio que esse aumento não pode continuar indefinidamente. Em mais ou menos dois dias, a essa velocidade, vão pesar mais do que Júpiter!

- E vão começar a passar fome - disse Zenia. - E *então* o que acontece?

- É melhor que Saturno se cuide - respondeu Brailovski. - Depois, Urano e Netuno. Vamos esperar que não reparem na nossa pequenina Terra.

- Vã esperança! *Zagadka* está nos observando há três milhões de anos!

De repente, Walter Curnow começou a rir.

- Qual é a graça? - Tanya quis saber.

- Nós estamos falando destas coisas como se elas fossem pessoas, entidades inteligentes. Mas não o são, são *ferramentas*. Mas ferramentas de uso genérico, aptas a fazerem qualquer coisa. Aquela na Lua era um instrumento de sinalização... ou um espião, se preferirem. A que Bowman encontrou, nosso *Zagadka* original, era uma espécie de sistema de transporte, que agora está fazendo outra coisa, e só Deus sabe o quê! E talvez existam outras por todo o Universo.

- Eu tinha um instrumento desses quando era criança. Vocês sabem o que *Zagadka* é na verdade? É o equivalente cósmico do velho canivete do Exército suíço.

## VII. O Nascimento de Lúcifer

---

### 50. Adeus a Júpiter

Não foi fácil compor a carta, principalmente depois daquela que ele mandara ao seu advogado. Embora se sentisse um hipócrita, sabia que aquilo teria que ser feito para minimizar a dor, inevitável, dos dois lados.

Estava triste, porém já não mais desconsolado. Por regressar à Terra numa aura de conquista exitosa - mesmo que não precisamente de heroísmo -, Floyd iria barganhar de uma posição de força. Ninguém, *ninguém!*, conseguiria tirar-lhe Chris.

- ... Prezada Caroline (já não era "Caroline, querida"), estou voltando. Quando você receber esta carta, já estarei em hibernação. E apenas algumas horas se passarão, pois assim parecerá para mim, e eu vou abrir os olhos, e lá estará a Terra, linda, azul, suspensa no espaço, ao meu lado... É, eu sei que para você serão meses a fio, e sinto por isso. Mas, antes de eu partir, sabíamos que seria assim. Acontece que tive que voltar mais cedo por causa da mudança nos planos da missão... Espero que possamos chegar a uma conclusão. A principal questão é "o que é melhor para Chris?". Quaisquer que sejam os nossos sentimentos, devemos colocá-lo em primeiro lugar. Eu sei que, quanto a mim, é o que *eu* quero, e tenho certeza de que, quanto a você, é o que você quer também.

Floyd desligou o gravador. Deveria dizer o que tinha em mente; "O filho homem precisa do pai"? Não, seria falta de tato, e só iria piorar as coisas. Caroline poderia rebater, dizendo que do nascimento aos quatro anos de idade a mãe é mais importante para a criança... e, caso ele pensasse o contrário, por que não ficara na Terra?

- ... Bem, falemos da casa. Gostei da atitude dos Regentes, que irá facilitar em muito as coisas para nós. Sei que nós dois gostávamos do lugar, mas a casa agora vai ficar muito grande, e trará muitas recordações. Eu, por enquanto, provavelmente vou alugar um apartamento em Hilo, e, assim que puder, espero arrumar um lugar permanente... E prometo a todos uma coisa: nunca mais vou deixar a Terra. Já viajei demais para uma vida só. Ah, à Lua talvez eu vá, se tiver que ir, mas será uma reles excursão de fim de semana... E, por falar em luas, acabamos de passar pela órbita de Sínope, portanto estamos nos despedindo do sistema joviano. Júpiter está a mais de vinte milhões de quilômetros de distância, e é apenas um pouco maior do que a nossa Lua... Mas, mesmo a esta distância, pode-se dizer que algo de terrível aconteceu ao planeta. A cor laranja, maravilhosa, desapareceu, agora está uma espécie de cinza doentio, e tem somente uma fração do antigo brilho... Não é à toa que hoje não passa de uma estrela pálida nos céus

da Terra. ... Mas nada mais aconteceu, e o prazo marcado já passou. Teria sido alarme falso, ou uma espécie de piada cósmica? Duvido que algum dia o saibamos. Só sei que nos fez voltar antes do tempo programado, e fiquei grato por isso... Por enquanto, adeus, Caroline. Agradeço a você por tudo. Espero que ainda possamos ser amigos. E mande minhas saudades eternas a Chris.

Quando terminou, Floyd sentou-se, em silêncio, no pequenino cubículo, do qual já não iria precisar por muito mais tempo. E quando estava prestes a subir à ponte, com o carretei de áudio, para transmiti-lo, Chandra, flutuando, entrou.

Floyd se surpreendera, se alegrara com o modo pelo qual o cientista aceitara separar-se gradativamente de Hal; os dois ainda mantinham contato diário, por horas a fio, para troca de informações sobre Júpiter e sobre as condições de controle a bordo do *Discovery*. Embora não se esperassem maiores manifestações de emoção, Chandra parecia aceitar a perda com uma força notável. Nikolai Ternovski, único confidente de Chandra, conseguira dar a Floyd uma explicação plausível do comportamento do cientista.

- Ele tem novos interesses, Woody. Lembre-se, no ramo em que ele está, quando alguma coisa funciona já está obsoleta. Ele aprendeu muito nos últimos meses. Será que você é capaz de adivinhar o que ele anda fazendo agora?

- Para ser franco, não. Por que você não me diz?

- Está muito ocupado, projetando o HAL 10.000. O queixo de Floyd caiu.

- Ah, isto explica aquelas mensagens lógicas a Urbana, sobre as quais Sacha andava resmungando. Bem, ele não vai bloquear os circuitos por muito mais tempo.

Floyd lembrou-se da conversa quando Chandra entrou, e sabia que não devia perguntar ao cientista se aquilo era verdade, pois não era de sua conta. Outro assunto havia, porém, sobre o qual ele estava curioso.

- Chandra - disse -, não creio que lhe tenha agradecido devidamente pelo trabalho que você realizou no tangenciamento, ao convencer Hal a cooperar. Por um instante cheguei a temer que ele fosse nos causar problemas. Mas você não perdeu a confiança, e estava certo, mas... por acaso não ficou também apreensivo?

- Nem um pouco, Dr. Floyd.

- Por que não? Ele poderia sentir-se ameaçado pela situação, e você sabe o que aconteceu da última vez.

- Havia uma grande diferença. Se é que tenho permissão de dizê-lo, talvez o êxito tenha tido, desta vez, algo a ver com as nossas características nacionais.

- Não entendi.

- Veja a coisa pelo seguinte prisma, Dr. Floyd. Bowman tentou usar a força contra Hal. Eu não. Nós temos, na minha língua, uma palavra: *ahimsa*. Costuma-se traduzi-la por "não-violência", embora contenha implicações mais positivas. Tive o cuidado de usar *ahimsa* no meu trato com Hal.

- Muito elogiável, com certeza. Mas há vezes em que se precisa de algo mais enérgico, por mais que se possa deplorar esta necessidade.

Floyd fez uma pausa, lutando contra a tentação. A sacrossanta atitude de Chandra era um pouco aborrecida; não faria mal algum, portanto, contar-lhe uns certos fatos da vida.

- Fico contente de que a coisa tenha funcionado assim. Mas talvez não tivesse

funcionado, e eu tinha que estar preparado para qualquer eventualidade. A *ahimsa*, ou como quer que você a chame, me parece ótima, e tudo o mais; e não me incomoda em negar um certo apoio à sua filosofia. Mas se Hal, por acaso, tivesse demonstrado, bem... uma certa *teimosia*, eu saberia como lidar com ele.

Floyd, uma vez, já vira Chandra chorando; agora o via rindo, um fenômeno igualmente desconcertante.

- Não diga, Dr. Floyd! É uma pena que o senhor me atribua um nível de inteligência tão baixo. Estava óbvio, desde o início, que o senhor iria instalar um interruptor de energia, nalgum lugar. Eu o desliguei há meses.

Se o estupefato Floyd conseguiu pensar numa resposta adequada, não se sabe. E ele ainda promovia uma imitação, das mais meritórias, de um peixe frito, quando, lá do convés de vôo, Sacha gritou:

- Capitã! Todos! Olhem nos monitores! *BOZHE MOI! VEJAM!*

## 51. O Grande Jogo

Agora a longa espera chegava ao fim. Num outro mundo, a inteligência nascera, e agora fugia de seu berço planetário. Uma experiência antiga estava em vias de alcançar o clímax.

Os que haviam iniciado o experimento, há tanto tempo, não eram homens... tampouco humanos em sentido remoto. Mas tinham natureza humana e, quando olharam as profundezas do espaço, sentiram espanto, maravilha e solidão. Assim que galgaram o poder para tanto, lançaram-se às estrelas. Nas explorações, encontravam vida, sob muitas formas, e assistiram aos trabalhos da evolução em mil mundos. Viram com que frequência as primeiras faíscas da inteligência faiscavam e morriam na noite cósmica.

E por não terem encontrado, em toda a Galáxia, nada mais precioso que a Mente, estimularam dela o alvorecer, em todo lugar. Fizeram-se fazendeiros nos campos das estrelas; semeavam, e às vezes colhiam.

E outras vezes, desapaixonados, capinavam.

Os grandes dinossauros há muito haviam perecido, quando a nave de pesquisa entrou no Sistema Solar, depois de uma viagem que durara mil anos, e, zunindo, passou pelos planetas externos, congelados, fez uma breve pausa acima dos desertos do moribundo Marte, e agora via, lá embaixo, a Terra.

Espraiado, abaixo dele, os cientistas viram um mundo que pululava com vida. Durante anos, estudaram, colheram e catalogaram. Depois de aprenderem tudo o que conseguiram aprender, começaram a modificar. Inabilmente, buliram com o destino de muitas espécies, no solo e no oceano. Mas que experimento lograria êxito, não o saberiam antes, no mínimo, de um milhão de anos.

Eram pacientes, mas nem por isso imortais. Tanto restava a fazer neste Universo de cem bilhões de sóis, e outros mundos os convocavam. E assim lançaram-se mais uma vez no abismo, sabendo que jamais passariam por ali de novo.

E nem precisariam. Os servos que ali deixaram fariam o resto.

Na Terra, as geleiras iam e vinham, enquanto, acima deles, a Lua imutável ainda

carregava seu segredo. Num ritmo ainda mais lento que o gelo polar, as marés da civilização fluíam e refluíam pela Galáxia. Impérios estranhos, lindos, terríveis, ascendiam e caíam, e transmitiam o conhecimento aos sucessores. A Terra não ficou esquecida, mas que finalidade teria visitá-la de novo? Era um entre milhões de mundos silenciosos, dos quais apenas uns poucos falariam.

E agora, lá fora, entre as estrelas, a evolução prosseguia a novos objetivos. Os primeiros exploradores da Terra há muito haviam atingido os limites da natureza humana; assim que as máquinas superavam-lhes os corpos, era hora de mudar-se. Primeiro os cérebros, depois, somente os pensamentos, transferiam-se para novas casas, plásticas, metálicas, brilhosas.

Ali, vagavam entre as estrelas. Já não construíam espaçonaves. Eles *eram* as espaçonaves.

Mas a era das entidades-Máquinas logo passou. Naquele experimentar incessante, haviam aprendido a armazenar conhecimento na estrutura mesma do espaço, e a preservar os próprios conhecimentos, para a eternidade, nas ordens atômicas (No original, *lattices*: (fig.) ordem ou arranjo de distribuição dos átomos de um corpo sólido. (N. do T.)) congeladas de luz. Poderiam transformar-se em criaturas de radiação, livres por fim da tirania da matéria.

Em energia pura, portanto, eles agora se transformavam; e em mil mundos as conchas vazias, que haviam descartado, contorceram-se por um instante, numa dança espontânea de morte, e depois se transformaram em farelo ferruginoso.

Eram senhores da Galáxia, e estavam fora do alcance do tempo. Podiam vagar à vontade entre as estrelas, e afundar, qual bruma sutil, pelos próprios interstícios do espaço. A despeito, porém, desses poderes divinos, não se esqueceram inteiramente de suas origens, no limo aquecido de um mar desaparecido.

E ainda vigiavam os experimentos que seus ancestrais, há tanto tempo, haviam começado.

## 52. Ignição

Ele jamais esperara voltar, muito menos em missão tão estranha. Quando tornou a entrar no *Discovery*, a nave estava bem atrás do disparado *Leonov*, ascendendo, cada vez mais devagar, rumo ao apojove, o ponto mais alto da órbita, entre os satélites externos. Muitos cometas capturados, durante as eras passadas, chegaram a circundar Júpiter numa elipse dessas, tão longa, à espera de que o jogo das gravidades rivais lhes decidissem o derradeiro destino.

Toda a vida sumira dos convés e corredores conhecidos. Os homens e mulheres, que num instante haviam re-despertado a nave, haviam-lhe obedecido o alerta; talvez já estivessem em segurança, mas, quanto a isso, não havia certeza. Porém, à medida que os últimos minutos passavam, tiquetaqueando, ele percebeu que aqueles que o controlavam nem sempre podiam controlar o resultado do jogo cósmico que empreendiam.

Não haviam ainda atingido o tédio entorpecente da onipotência absoluta; seus experimentos nem sempre logravam êxito. Espalhado pelo Universo estava o sinal de muitos malogros, alguns tão inconspícuos que já se haviam perdido contra o



plano de fundo cósmico, outros tão espetaculares que atemorizaram e frustraram astrônomos de mil mundos. Agora só faltavam minutos para que o resultado fosse aqui determinado; durante aqueles minutos finais, ele estava, mais uma vez, a sós com Hal.

Naquela existência anterior, comunicavam-se apenas pelo meio tosco das palavras, calcadas num teclado ou faladas num microfone. Hoje seus pensamentos amalgamavam-se à velocidade da luz:

- Você me lê, Hal?

- Leio, Dave. Mas onde você está? Eu não o vejo em qualquer dos meus monitores.

- Isso não importa. Tenho novas instruções para você, A radiação infravermelha de Júpiter, nos canais R23 ao R25, está aumentando com muita rapidez. Vou dar-lhe um conjunto de valores-limites. Assim que forem atingidos, aponte a antena de longo alcance para a Terra, e envie a seguinte mensagem, tantas vezes quanto possível...

- Mas isto implica interromper o contato com o *Leonov*. Não poderei mais retransmitir minhas observações sobre Júpiter, segundo o programa que Dr. Chandra me deu.

- Correto, mas a situação mudou. Aceite Desatender Prioridade Alfa. Eis as coordenadas da unidade AE-35.

Por uma fração de um microssegundo, uma memória aleatória intrujou-se em seu fluxo de consciência. Estranho que ele estivesse de novo preocupado com a unidade da Antena direcional AE-35, cujo defeito acusado conduziu Frank Poole à morte! Desta vez, todos os circuitos estavam abertos ao seu olhar perscrutador, claros como as linhas que um dia riscaram-lhe a palma da mão. Não poderia haver alarmes falsos, e nem havia perigo que ocorressem agora.

- Instruções confirmadas, Dave. É bom trabalhar com você de novo. Eu realizei os objetivos da minha missão com propriedade?

- Realizou, Hal. E muito bem. Agora há uma última mensagem para você transmitir à Terra; a mensagem mais importante que você já transmitiu.

- Por favor, passe-a para mim, Dave. Mas por que "última"?

Por que, na verdade? Por milissegundos inteiros ele ponderou sobre a pergunta, e, ao fazê-lo, conscientizou-se de um vazio que antes não detectara. Estava ali, mas até agora a barragem das novas experiências e sensações o havia ocultado.

Deles, conhecia um pouco do plano; dele, precisavam. Pois bem, ele também tinha necessidades e, talvez, por questão de moda, até emoções. Era este seu último elo com o mundo dos homens, e com a vida que um dia vivera.

Seu pedido anterior, haviam-no acatado, e seria interessante testar até que ponto eram benevolentes; isto, é verdade, se o termo se aplicasse a eles. E seria fácil para eles fazerem o que ele pedia, pois já haviam dado amplas provas dos próprios poderes, quando o corpo de David Bowman, não mais necessário, fora casualmente destruído, sem porem fim a David Bowman.

Eles o ouviram, é claro; houve, mais uma vez, o pálido eco de uma diversão olímpica. Mas ele não conseguiu detectar aceitação ou negativa.

- Ainda estou esperando sua resposta, Dave.

- Correção, Hal. Eu deveria ter dito "a sua última mensagem durante um longo período. Um período *muito* longo".

Ele se lhes antecipou às ações... tentando, é claro, obrigá-los a mostrar o jogo. Mas eles com certeza não julgariam irrazoável a sua solicitação; nenhuma entidade consciente consegue sobreviver sem dano a eras de isolamento. Embora e/les pudessem estar sempre com ele, mesmo assim ele precisava de alguém, de alguma companhia... mais próxima de seu próprio nível de existência.

As línguas da humanidade tinham muitas palavras para descrever-lhe o gesto: atrevimento, desfaçatez, *chutzpah*. Ele recordou, com o absoluto poder de lembrança que agora possuía, que um general francês, um dia, proclamara: "*L'audace, toujours l'audace!*" Talvez esta fosse uma característica humana apreciada, e até compartilhada, por eles. Ele logo o saberia.

- Hal, olhe o sinal nos canais infravermelhos 30, 29, 28... não vai demorar, o pico está se movendo na direção da onda curta.

- Estou informando ao Dr. Chandra que haverá interrupção na minha transmissão de dados. Ativando unidade AE-35. Reorientando antena de longo alcance. Fixação confirmada em Radiofarol Terra Um. A mensagem se inicia:

TODOS ESTES MUNDOS...

Deixaram-na, de fato, para o último minuto; ou quem sabe os cálculos estivessem, afinal, de uma precisão soberba. Houve tempo apenas para que aquelas doze palavras se repetissem umas cem vezes, pois a pancada seca do calor esmagou a nave.

Por curiosidade, e por um certo temor crescente da longa solidão que o esperava, ficou ali, aquele que um dia fora David Bowman, Comandante da Espaço-nave *Discovery* dos Estados Unidos, a observar a carcaça ferver, obstinada, e desaparecer. A nave, por muito tempo, conservou a forma aproximada; depois, as sustentações do carrossel emperraram, liberando instantaneamente o momentum armazenado do gigantesco volante giratório. Numa detonação muda, os fragmentos incandescentes tomaram miríades de rumos diferentes.

- Alô, Dave. O que aconteceu? Onde estou?

Ele não sabia que era capaz de relaxar, de gozar um momento de realização. Antes, amiúde, sentia-se qual um cãozinho de estimação controlado por um dono cujas motivações não eram de todo inescrutáveis, e cujo comportamento ele poderia às vezes fazer concordar com seus desejos. Ele pedira um osso; e jogaram-no para ele.

- Eu explico depois, Hal. Temos muito tempo.

Esperaram até que se dispersassem os últimos fragmentos da nave, além mesmo de seus poderes de detê-los. Em seguida, partiram, foram assistir à nova alvorada no lugar preparado para eles; e esperar, através dos séculos, até que fossem convocados mais uma vez.

Não é verdade que os acontecimentos astronômicos exijam sempre astronômicos períodos de tempo. A queda final de uma estrela, antes de os fragmentos ressoarem na explosão de uma supernova, pode durar apenas um segundo; por comparação, a metamorfose de Júpiter foi quase uma questão de ócio.

Ocorreu, apesar disso, minutos antes que Sacha conseguisse acreditar no que via. Ele fazia um exame telescópico de rotina - como se *qualquer* observação, àquela altura, pudesse mesmo ser considerada rotineira! -, quando o planeta observado começou a desviar-se do campo de visão. Por um instante, pensou que a estabilização do instrumento estivesse defeituosa; e percebeu, então, com um

choque que lhe sacudiu todo o conceito de universo, que era o próprio Júpiter que se movia, não o telescópio. A prova o afrontava, face a face; e ele viu também duas das luas menores, que estavam, porém, bastante imóveis.

Mudou para uma amplificação menor, para que pudesse ver todo o disco do planeta, agora de um cinzento leproso, manchado. Passados mais alguns minutos de incredulidade, ele viu o que realmente acontecia; mas, até então, ainda mal conseguia acreditar.

Não que Júpiter se tivesse mudado de órbita, uma órbita imortal; fazia, sim, algo de impossibilidade quase igualável: *encolhia*, e com tanta rapidez que a borda escorria pelo enquadramento à medida que o enfocava. Ao mesmo tempo o planeta ficava mais claro, ia do cinza opaco ao branco pérola. Estava, com certeza, muito mais brilhante do que já o fora nos longos anos em que o Homem o observou; não seria a luz refletida do Sol que...

Naquele instante, de repente, Sacha percebeu o que acontecia, embora não o *porquê*, e acionou o alarme geral.

Quando Floyd chegou ao salão de observação, em menos de trinta segundos depois, a primeira impressão foi a de um clarão ofuscante, jorrando pelas janelas, pintando nas paredes ovais de luz tão brilhantes que ele teve que desviar os olhos. Nem mesmo o Sol teria produzido tal brilho.

De tão perplexo, Floyd não associou o clarão a Júpiter, e o primeiro pensamento que lhe percorreu a mente foi: Supernova! A explicação, descartou-a quase em seguida ao instante em que ocorrera; nem mesmo o vizinho mais próximo do Sol, Alfa Centauri, se equipararia àquela mostra aterrorizante, em qualquer explosão concebível.

A luz subitamente empalideceu; Sacha acionara os para-sóis externos. Agora era possível olhar-se diretamente à fonte, e ver que não passava de uma cabeça de alfinete... uma outra estrela, apenas, carente de dimensões. Aquilo não poderia estar relacionado a Júpiter, pois, quando Floyd, apenas alguns minutos atrás, olhara o planeta, vira-o quatro vezes maior que o sol distante, encolhido.

Foi bom que Sacha tivesse abaixado os para-sóis; um instante depois, a pequenina estrela explodiu, e nem mesmo *através* dos filtros escuros foi possível enxergar a olho nu. O orgasmo final de luz, porém, durou uma ligeira fração de segundo, pois, em seguida, Júpiter, ou o que restara de Júpiter, se expandia mais uma vez.

E continuou a expandir, até muito além do que era antes da transformação. Logo, rapidamente, a esfera de luz se apagava, equiparando-se ao releu brilho solar, e Floyd agora percebia que se tratava, na verdade, de uma bolha oca, cujo coração, a estrela central, ainda estava nitidamente visível.

Ele fez um rápido cálculo mental. A nave estava apenas a um minuto-luz de Júpiter, mas aquela concha em expansão, que agora se transformava num aro de bordas claras, já cobria um quarto do céu. Isto significava que vinha em direção a eles, *meu Deus!*, a quase a metade da velocidade da luz. Em questão de minutos, tragaría a nave.

Ninguém, até então, desde o primeiro aviso de Sacha, falara uma única palavra. Alguns perigos são tão espetaculares, tão além da experiência normal que a mente, recusando-se a aceitá-los como reais, apenas assiste à aproximação de sua sina sem qualquer senso de apreensão. Quem olha o vagalhão que desliza, a avalanche que cai, ou o funil giratório do furacão, e não tenta fugir, não está necessariamente

paralisado pelo medo, ou submisso ao destino inevitável; talvez esteja simplesmente incapaz de acreditar que a mensagem dos olhos diga respeito a ele, pessoalmente. Tudo está acontecendo com os outros.

Como seria de se esperar, Tanya foi a primeira a quebrar a magia, com uma série de ordens que trouxe Vasili e Floyd, apressados, à ponte.

- O que vamos fazer *agora*? - perguntou ela, assim que todos se reuniram.

Com certeza não podemos fugir, Floyd pensou. Mas talvez possamos melhorar nossas chances.

- A nave está de lado - disse ele. - Não seria melhor virarmos, e sermos um alvo menor para essa coisa? E para colocarmos o máximo de nossa massa entre ele e nós, para funcionar como escudo contra a radiação?

Os dedos de Vasili já voavam nos controles.

- Você tem razão, Woody, embora, quanto aos raios X e aos raios gama, já seja tarde demais. Mas talvez ainda haja nêutrons e alfas mais lentos a caminho, e ninguém sabe o que mais!

As configurações de luz começaram a escorrer pelas paredes quando a nave, majestosamente, virou sobre o eixo. Nesse instante, desapareceram por completo; o *Leonov* se orientara de tal modo que toda a sua massa se encontrava entre a frágil carga humana e a concha de radiação que se aproximava.

Será que vamos *sentir* o impacto da onda, cismou Floyd, ou os gases em expansão serão demasiadamente tênues para provocar qualquer efeito físico quando nos alcançarem? O anel de fogo, visto pelas câmeras externas, quase cercava o céu, mas apagava-se com rapidez; através dele, já se podiam ver a brilhar algumas das estrelas mais claras. Nós vamos viver, ele pensou. Nós testemunhamos a destruição do maior dos planetas, e... sobrevivemos.

E agora as câmeras mostravam apenas estrelas, embora uma delas fosse milhões de vezes mais brilhante que as demais. A bolha de fogo, soprada por Júpiter, passara por eles, e, por mais impressionante que tenha sido, não causara dano. Àquela distância da fonte, somente os instrumentos da nave registraram a passagem.

A tensão a bordo aos poucos se desfez, e todos, como sempre acontece nestas circunstâncias, começaram a rir e a fazer pilhérias tolas. Floyd mal as ouviu, pois, a despeito do alívio por ainda estar vivo, uma sensação de tristeza se apoderou dele.

Algo enorme, maravilhoso, fora destruído. Júpiter, com toda sua beleza, grandiosidade, com todos os mistérios para sempre insolúveis, deixara de existir. O pai de todos os deuses fora abatido ainda na plenitude.

A situação, porém, poderia ser vista por outro ângulo: perdido Júpiter, o que se ganhara em lugar dele?

Tanya, avaliando o momento com serenidade, convocou a atenção geral.

- Vasili, algum dano?

- Nada sério; uma câmera se fundiu. Todos os medidores de radiação ainda estão bem acima do normal, mas nenhum próximo do limite perigoso.

- Katerina, verifique a dosagem total que recebemos. Parece que tivemos sorte, a menos que haja surpresas maiores. Nós com certeza devemos um agradecimento a Bowman... e a você, Heywood. Você faz idéia do que aconteceu?

- Júpiter se transformou num sol, só isso!

- Sempre pensei que Júpiter fosse muito pequeno para ser um sol. Alguém já não chamou Júpiter de "o sol que fracassou"?

- É verdade - disse Vasili. - Júpiter é pequeno demais para iniciar uma fusão... sem ajuda.

- Você está tentando dizer que acabamos de ver um exemplo de engenharia astronômica?

- Sem dúvida. Agora nós sabemos quais eram as intenções do *Zagadka*.

- Como foi que ele conseguiu fazer o truque? Se fosse você, Vasili, o contratado, como acenderia Júpiter?

Vasili pensou por um minuto, e depois, irônico, deu de ombros.

- Eu sou apenas um astrônomo teórico, não tenho muita experiência no ramo. Mas, vejamos... Bem, se eu não puder somar mais ou menos umas dez massas de Júpiter, nem mudar a constante gravitacional, acho que terei que fazer com que o planeta fique mais denso... ahnn, é uma idéia...

A voz descaiu, silenciou; todos esperaram pacientes, com os olhos, de tempos em tempos, movendo-se na direção dos visores. A estrela, outrora Júpiter, parecia se ter quietado após o explosivo nascimento; era agora um ponto ofuscante de luz, quase igual, em brilho aparente, ao Sol real.

- ... Eu só estou pensando em voz alta, mas pode ter acontecido assim. Júpiter é... era em grande parte hidrogênio; se uma grande porcentagem desse hidrogênio pudesse ser convertida em material mais denso... quem sabe até em matéria de nêutrons?... esse material cairia até o cerne. Talvez fosse isso o que aqueles bilhões de *Zagadkas* estivessem fazendo, sugando todo aquele gás. Nucleossíntese: a fabricação de elementos mais elevados a partir do hidrogênio puro. Um truque que valeria a pena conhecer! Não haveria mais escassez de metal... o ouro seria tão barato quanto o alumínio!

- Mas como isto explica o que aconteceu? - perguntou Tanya.

- Quando o cerne estivesse suficientemente denso, Júpiter entraria em colapso, em questão, provavelmente, de segundos. A temperatura se elevaria o bastante para iniciar a fusão. Claro, eu já vejo umas dez objeções; como conseguiriam ultrapassar o mínimo de ferro?; e a transferência radioativa?; e o limite de Chandrasekhar? Não importa, a teoria serve, para começar. Mais tarde elaboro os detalhes. Ou então vou formular uma teoria melhor.

- Tenho certeza que sim, Vasili - concordou Floyd. - Mas há uma pergunta mais importante: *por que* o fizeram?

- Um alerta? - arriscou Katerina pelo intercomunicador.

- Contra o quê?

- Isto nós vamos descobrir depois.

- Não teria sido, por acaso - perguntou Zenia, acanhada -, um *acidente*?

A pergunta paralisou, por segundos a fio, a discussão.

- A idéia é aterrorizante - disse Floyd -, mas creio que podemos descartá-la. Se fosse este o caso, não teria havido alerta.

- Talvez. Se você, por falta de cuidado, atear fogo numa floresta, o melhor que tem a fazer é avisar a todos.

- E há mais uma coisa que talvez nunca saibamos - lamentou Vasili. - Eu sempre esperei que Carl Sagan estivesse certo, que houvesse vida em Júpiter.

- Nossas sondas não viram qualquer espécie de vida.

- Mas não tiveram chance. Você encontraria qualquer espécie de vida na Terra, se visse alguns hectares do Saara, ou da Antártida? E foi quase só isso que vimos em Júpiter!

- Ei! - exclamou Brailovski. - E o *Discovery*... e Hal?

Sacha ligou o receptor de longo alcance, e começou a procurar a frequência do radiofarol. Não houve vestígio de sinal.

E, passados alguns instantes, anunciou para o grupo silencioso, expectante:

- O *Discovery* acabou.

Ninguém olhou para o Dr. Chandra, mas uma ou outra palavra muda houve de solidariedade, como a consolarem um pai que acaba de perder o filho.

Mas Hal ainda guardava, para eles, uma surpresa.

## 53. Um Presente de Mundos

A mensagem irradiada para a Terra, o *Discovery* deve tê-la transmitido minutos antes de a onda de radiação tragar a nave. O texto era claro, incessantemente repetido:

TODOS ESTES MUNDOS SÃO SEUS...

EXCETO O EUROPA. NÃO TENTEM ATERRISSAR LÁ.

Foram mais de cem as repetições; depois, truncaram-se as letras e a transmissão cessou.

- Começo a entender - disse Floyd, quando o Controle da Missão, ansioso, atemorizado, retransmitira a mensagem. - Um ótimo presente de despedida: um novo sol, com planetas em volta!

- Mas por que apenas *três*? - perguntou Tanya.

- Não sejamos cobiçosos - respondeu Floyd. - Há um bom motivo. Nós sabemos que há vida no Europa. Bowman... os seus amigos, quem quer que sejam... quer que o deixemos em paz.

- E faz sentido também de outra maneira - disse Vasili. - Andei fazendo uns cálculos, e, presumindo-se que o Sol 2 já se tenha firmado e continue a irradiar, ao nível atual, o Europa deverá contar com um ótimo clima tropical... depois que o gelo derreter.

O que está acontecendo com muita rapidez nesse instante.

- E as outras luas?

- Ganimedes será bastante agradável; o lado diurno será temperado.

Calisto será muito frio; contudo, se houver muita emissão de gás, a nova atmosfera talvez o deixe habitável. Mas Io vai ficar muito pior do que é, espero.

- Não é uma grande perda. Já era o inferno antes disto acontecer.

- Não desprezem Io - disse Curnow. - Conheço muitos exploradores de petróleo, texárabes, que iriam gostar muito de se engalfinhar com ele, só por questão de princípio. Deve haver alguma coisa valiosa num lugar horrroso daqueles. E, aliás, acabo de ter um pensamento bastante conturbador.

- Qualquer coisa que o conturbe deve ser séria - disse Vasili. - O que é?

- Por que Hal mandou a mensagem para a Terra, e não para nós? Nós estávamos muito mais perto.

Fez-se um silêncio razoavelmente longo, e, em seguida, pensativo, Floyd disse:

- Entendo o que você quer dizer. Talvez ele quisesse ter certeza de que a Terra receberia a mensagem.

- Mas ele sabia que nós a retransmitiríamos... ah! - Os olhos de Tanya esbugalharam, como se acabasse de conscientizar-se de algo desagradável.

- Agora eu me perdi - queixou-se Vasili.

- Creio que é nesse ponto que o Walter quer chegar - disse Floyd. - É ótimo nos sentirmos gratos a Bowman, ou ao que quer que tenha dado o alerta. Mas ele só fez isso. Nós poderíamos ter morrido.

- Mas não morremos - respondeu Tanya. - Nós nos salvamos, com nosso próprio esforço. E talvez a idéia fosse essa. Se não nos salvássemos, não estaríamos à altura de sermos salvos. Sabe, a sobrevivência do mais apto. Seleção darwiniana. Eliminação dos genes por imbecilidade.

- Eu tenho a desagradável sensação de que você tem razão - disse Curnow. - E se nós tivéssemos mantido nossa data de partida, e não tivéssemos usado o *Discovery* como nosso foguete, será que esta coisa, ou estas coisas, teria feito algo para nos salvar? Não exigiria muito esforço adicional de uma inteligência que conseguiu explodir Júpiter.

Houve um silêncio de inquietude, quebrado enfim por Heywood Floyd.

- No fim das contas - disse ele -, fico contente em saber que há uma pergunta para a qual jamais obteremos resposta.

## 54. Entre Sóis

Os russos, pensou Floyd, quando voltarem para casa, vão sentir falta das canções e pilhérias de Walter. Depois do rebuliço dos últimos dias, a longa descida em direção ao Sol, e à Terra, irá parecer um monótono anticlímax.

Já sonolento, ainda estava, porém, consciente das circunstâncias, e capaz de reagir a elas. Será que vou parecer... *morto* na hibernação?, Floyd se perguntou. Era sempre desconcertante olhar-se alguém - principalmente alguém muito nosso conhecido - que entra no longo sono. Uma reminiscência talvez muito pungente da nossa própria mortalidade.

Curnow já apagara completamente, e Chandra ainda estava acordado, embora já meio tonto com a última injeção. Mas já não era ele próprio, obviamente, pois parecia imperturbável com a própria nudez, ou com a presença vigilante de Katerina. O linga dourado, seu único artigo de vestuário, não parava de tentar afastar-se dele, flutuando; mas a corrente o recapturava.

- Está tudo indo bem, Katerina? - perguntou Floyd.

- Perfeitamente. Mas eu invejo vocês, e como! Em vinte minutos, estarão em casa.

- Será que isto serve de consolo? Como é que você sabe se não vamos ter sonhos horríveis?

- Até hoje ninguém se queixou disso.

- Ah, talvez, quando acordem, já tenham esquecido.

Katerina, como de hábito, levou-o muito a sério.

- Impossível. Se houvesse sonho durante a hibernação, os registros CEE já o teriam revelado. Muito bem, Chandra, feche os olhos. Pronto, mais um. Agora é a sua vez, Heywood. A nave parecerá muito estranha sem você.

- Obrigado, Katerina... espero que façam uma boa viagem.

Embora entorpecido, Floyd percebeu que a Médica-Comandante Rudenko parecia algo hesitante, talvez até mesmo - será? - tímida. Ela parecia querer dizer-lhe alguma coisa, sem, entretanto, se ter ainda decidido.

- O que há, Katerina? - perguntou ele, sonolento.

- Eu não contei a ninguém ainda, e vou conta-lo a você porque sei que não poderá mesmo falar. É uma surpresinha.

- Melhor... se... apressar...

- Max e Zenia vão se casar.

- Isso... não... é... surpresa... alguma...

- Claro que não. É só para deixá-lo preparado. É que, quando voltarmos para a Terra, eu e Walter também vamos nos casar. O que é que você acha?

Agora eu entendo por que vocês dois passavam tanto tempo juntos. Claro, é sem dúvida uma surpresa... quem iria imaginar?

- Fiquei... muito... contente... em... saber...

A voz de Floyd dissipou-se antes que ele conseguisse completar a frase. Mas ele ainda não estava inconsciente, e conseguiu concentrar parte de seu intelecto em dissolução nesta nova situação.

Eu, na verdade, não acredito, disse consigo mesmo. Walter provavelmente vai mudar de idéia antes de acordar...

E então percorreu-lhe um último pensamento, pouco antes de adormecer. Se Walter mudar de idéia, é melhor *nem* acordar...

O Dr. Heywood Floyd achou muita graça naquilo, e o resto da tripulação, durante toda a viagem de regresso, não parou de cismar por que ele viera sorrindo.



## 55. O Nascimento de Lúcifer

Cinquenta vezes mais brilhante que a Lua cheia, Lúcifer transformara os céus da Terra, banindo, por assim dizer, a noite, em certa época, durante meses a fio. A despeito das conotações sinistras, o nome era inevitável; e, de fato, o "portador da Luz" trouxera ao mesmo tempo o bem e o mal. Somente os séculos e os milênios iriam mostrar para que lado penderia o saldo.

No lado do crédito, o fim da noite ampliara em muito o raio de ação da atividade humana, principalmente nos países menos desenvolvidos. Em todo canto, a necessidade de luz artificial fora substancialmente reduzida, e a economia resultante de energia elétrica foi enorme. Foi como se uma lâmpada gigante se içasse no espaço para iluminar a metade do globo. Mesmo durante o dia, Lúcifer era um objeto ofuscante, e projetava nítidas sombras.

Fazendeiros, prefeitos, administradores municipais, policiais, marinheiros e quase todos os que se dedicavam a atividades externas, principalmente em áreas remotas, de bom grado acolheram Lúcifer, que lhes facilitara e dera maior segurança às vidas. Mas os amantes, os criminosos, os naturalistas e os astrônomos detestaram-no.

Os primeiros dois grupos tiveram suas atividades seriamente restringidas, enquanto os naturalistas se preocuparam com o impacto de Lúcifer sobre a vida animal. Muitas criaturas noturnas foram seriamente afetadas, enquanto outras encontraram meios de se adaptar. O peixe-rei do Pacífico, cujo comportamento reprodutivo estava confinado às marés altas e às noites sem lua, ficou em sérios apuros, e parecia dirigir-se para uma extinção rápida.

E também, ao que parecia, os astrônomos baseados na Terra. A catástrofe, entretanto, não fora tão grande como o teria sido noutra época anterior, pois mais de cinquenta por cento da pesquisa astronômica dependia de instrumentos no espaço ou na Lua, e que se poderiam facilmente proteger contra o clarão de Lúcifer; os observatórios terrestres porém contaram com a séria inconveniência do novo sol naquilo que um dia fora o céu noturno.

A raça humana se adaptaria, como já o fizera durante tantas mudanças do passado. Logo nasceria uma geração que jamais conhecera um mundo sem Lúcifer; mas a estrela mais brilhante de todas seria, para todo homem e mulher pensantes, uma indagação eterna.

Por que Júpiter fora sacrificado; e por quanto tempo iria brilhar o novo sol? E se apagaria rapidamente, ou conservaria o poder por milhares de anos... quem sabe até o fim da raça humana? Por que, sobretudo, a interdição ao Europa, hoje um mundo coberto de nuvens, tanto quanto Vênus?

Deve haver respostas a estas perguntas; e a Humanidade não iria satisfazer-se enquanto não as encontrasse.

## Epílogo: 20.001

---

... E por não terem encontrado, em toda a Galáxia, nada mais precioso que a Mente, estimularam dela o alvorecer, em todo lugar. Fizeram-se fazendeiros nos campos das estrelas; semeavam, e às vezes colhiam.

E outras vezes, desapaixonados, capinavam.

Os habitantes do Europa somente nas últimas gerações se aventuraram à Face Oposta, além da luz e do calor de seu sol jamais poente, e penetraram no ermo, onde ainda se podia encontrar o gelo que um dia cobrira todo aquele mundo. E foram poucos, menos ainda, os que ali permaneceram para avistar a noite breve e medonha, que chega quando o Sol Frio, brilhante porém impotente, se afunda no horizonte.

Já àquela altura os bravos exploradores, poucos, descobriam que o Universo à volta deles era mais estranho do que podiam imaginar. Os olhos sensíveis, que desenvolveram no oceano obscuro, ainda lhes prestavam bons serviços; viam as estrelas e os outros corpos movendo-se naquele céu. Começaram a fincar as fundações da astronomia, e alguns pensadores ousados chegaram a conjecturar que o grande mundo do Europa não era o todo da criação.

Logo depois de emergirem do oceano, durante a evolução, explosiva de tão rápida, a que foram forçados pelo derretimento do gelo, perceberam que os objetos no céu se situavam em três classes distintas. O mais importante, é claro, era o sol. Certas lendas, embora poucos as levassem a sério, diziam que o sol nem sempre estivera ali, que aparecera de repente, arauto de uma era de transformação curta, cataclísmica, que dizimou boa parte da vida pululante do Europa. Se isto fosse mesmo verdade, o preço era baixo em relação aos benefícios que aquela fonte de energia, pequenina, inexaurível, suspensa e imóvel no céu, jorrava.

Talvez o Sol Frio fosse dele o irmão distante, banido por algum crime... e condenado a circular para sempre pela abóbada celeste. Mas não tinha importância alguma, a não ser para certos habitantes, singulares, do Europa, que estavam sempre a fazer perguntas sobre os assuntos em que todas as pessoas sensatas acreditavam sem questionar.

Mas deve-se admitir que estes maníacos fizeram descobertas interessantes durante as excursões empreendidas à escuridão da Face Oposta. Alegaram eles, embora nisso fosse difícil de acreditar, que o céu era salpicado de inúmeras miríades de luzinhas, até mesmo menores e mais fracas do que o Sol Frio, de brilho variável, e que jamais se moviam.

Contra este plano de fundo, três objetos havia que se moviam de fato, obedecendo, ao que parecia, a leis complexas, que ninguém ainda conseguira compreender. E, ao contrário dos outros, no céu, eram muito grandes, cujos

tamanho e forma, entretanto, variavam continuamente. Às vezes eram discos, às vezes meios círculos, às vezes crescentes delgados. Estavam obviamente mais próximos do que todos os demais corpos no Universo, pois as superfícies exibiam uma imensa riqueza de detalhes complexos e mutantes.

A teoria de que eram, na verdade, outros mundos fora enfim aceita, embora ninguém, à exceção de alguns fanáticos, acreditasse que pudessem ser alguma coisa tão grande, ou tão importante, quanto o Europa. Um ficava para o lado do Sol, e estava em constante estado de turbulência. Podia-se ver, na face noturna, o brilho de enormes incêndios: fenômeno ainda além do entendimento dos habitantes do Europa, onde a atmosfera, até então, não continha oxigênio. E explosões imensas, às vezes, arremessavam, para o alto, nuvens de detrito da superfície; se aquele globo do lado do sol fosse mesmo um mundo, deveria ser um lugar muito desagradável de se viver. Talvez pior do que a face noturna do Europa.

As duas esferas exteriores, e mais distantes, pareciam lugares bem menos violentos, embora, sob certos aspectos, fossem até mais misteriosos; quando a escuridão lhes cai sobre as superfícies, também exibem remendos de luz, muito diferentes, porém, dos incêndios, que se mudam rapidamente, do turbulento mundo interno. Ardem com brilho quase constante, em poucas e pequenas áreas. Com o passar das gerações, entretanto, estas áreas cresceram, multiplicaram-se.

O mais estranho de tudo, porém, eram as luzes, firmes qual sóis pequeninos, que freqüentemente se podia observar *movendo-se na escuridão entre estes outros mundos*. Certa vez, recordando a bioluminescência de seus próprios mares, alguns habitantes do Europa chegaram a especular que talvez se tratasse de criaturas vivas, o que, devido à intensidade, era quase inacreditável. Os pensadores, apesar disso, e cada vez mais, acreditam que estas luzes - as configurações fixas, e os sóis em movimento - sejam uma certa manifestação estranha de vida.

Contra isto, entretanto, há um argumento muito potente. Se são criaturas vivas, por que nunca vêm ao Europa?

Mas existem lendas. Diz-se que, há milhões de gerações atrás, logo após a conquista do território, algumas destas luzes de fato chegaram a se aproximar bastante, mas que sempre se desfaziam em explosões que enchiam o céu e brilhavam muito mais do que o Sol. E, estranho, caía no solo uma chuva de metais duros, alguns dos quais são adorados até hoje.

Nenhum, entretanto, tão sagrado quanto o monolito negro, imenso, que ali está na fronteira do dia eterno, com uma das faces eternamente voltada para o Sol imóvel, a outra de frente para o reino da noite. Dez vezes mais alto que o habitante mais alto do Europa - considerando-o com as gavinhas empinadas ao máximo -, é o símbolo do mistério e da inatingibilidade. Pois jamais foi tocado; só pode ser cultuado de longe. À sua volta está o Círculo de Força, que repele todos os que tentem se aproximar.

É esta mesma força, muitos acreditam, que mantém acuadas aquelas luzes moventes no céu. No dia em que acabar, elas descerão sobre os continentes virgens, sobre os mares refluentes do Europa, e seus propósitos serão por fim revelados.

Os habitantes do Europa se surpreenderiam se soubessem com que intensidade e assombro frustrado aquele monolito negro é estudado também pelas mentes detrás daquelas luzes moventes, ocultas, cuja sonda automática, durante séculos, executa, da órbita, urna descida cautelosa, sempre com o mesmo resultado desastroso. Pois somente na hora certa o monolito permitirá o contato.

Quando esta hora chegar - talvez quando os habitantes do Europa já tiverem inventado o rádio, e descoberto as mensagens que os bombardeiam de tão perto -, talvez o monolito mude de estratégia. Talvez ele prefira, ou não, libertar as entidades que dentro dele dormitam, para que sirvam de ponte para o abismo existente entre os habitantes do Europa e a raça à qual um dia prestaram obediência.

E talvez ocorra que esta ponte não seja possível, e que duas formas de consciência tão estranhas quanto estas não possam jamais coexistir. Se assim for, então somente uma delas herdará o Sistema Solar.

Qual delas, nem mesmo o sabem os Deuses... ainda.

\*\*\*

## Agradecimentos

Meu primeiro obrigado, é claro, devo a Stanley Kubrick, que há muito tempo atrás escreveu-me perguntando se eu tinha alguma idéia para um notoriamente bom filme de ficção científica.

Segue-se o meu reconhecimento ao amigo e empresário (os dois nem sempre são sinônimos) Scott Meredith, por ter percebido que um esboço de filme, de dez páginas, que eu enviara a ele, tinha possibilidades mais amplas, e que eu o devia à posteridade, etc., etc.

Outros agradecimentos, dedico-os:

ao Sr. Jorge Luiz Calife, do Rio de Janeiro, por uma carta que me fez pensar seriamente numa possível continuação (eu que há muito tempo dizia que esta continuação era impossível!);

aos Drs. Bruce Murray, Diretor do Jet Propulsion Laboratory (Laboratório de Propulsão a Jato), em Pasadena, e Frank Jordan, também do J.P.L., por terem computado a posição Lagrange-1 no sistema Io-Júpiter. O que é muito estranho é que eu, há trinta e quatro anos atrás, tenha feito cálculos idênticos para os pontos Lagrange colineares da Terra-Lua ("Stationary Orbits", *Journal of the British Astronomical Association*, dezembro, 1947), e hoje já não confie mais na minha capacidade de resolver equações quárticas, nem mesmo com a ajuda de HAL Jr., meu fiel H/P 9100A;

a New American Library, proprietários dos direitos autorais de *2001: uma odisséia no espaço*, por me permitirem usar o material do Capítulo 51 (Capítulo 37 de *2001: uma odisséia no espaço*) e também as citações nos Capítulos 30 e 40;

ao General Potter, do Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos, por encontrar tempo, em sua agenda tão ocupada, para me mostrar o EPCOT, em 1969, quando ainda não passava de uns poucos buracos enormes no chão;

ao meu amigo, de longa data, Fred Durante, ex-Diretor-Assistente (Astronáutica) do Smithsonian National Air and Space Museum (Museu Nacional Smithsoniano do Ar e do Espaço), por me informar que o quadro de Leonov, descrito na nota do Autor e no Capítulo 12, encontra-se agora na magnífica coleção Arte Espacial do SNASM. (Presumo que o Museu, em 2010, já poderá emprestá-lo por temporada...);

a Wendell Solomons, por me ajudar com o russo (e o inglúso);

a Jean-Michel Jarre, a Vangelis, e ao incomparável John Williams, pela inspiração transmitida, sempre que necessária.

a CP. Cavafy pelo "*Waiting for the barbariam*".

Enquanto escrevia este livro, descobri que o conceito de reabastecimento no Europa fora discutido num ensaio, "Outer planet satellite return missions using *in situ* propellant production" ("Satélites que regressam de missões aos planetas externos usando a produção *in situ* de propelente"), de Ash, Stancati, Nichoff e Cuda (*Acta Astronáutica* VII, 5-6, maio - junho, 1981).

A idéia dos sistemas automaticamente exponenciadores (as máquinas von Neumann) para mineração extraterrestre foi desenvolvida com seriedade por von Tiesenhausem e Darbro, no Marshall Space Flight Center (Centro Marshall de Vôo Espacial da NASA (ver "Self-Replicating Systems" [ "Sistemas de Auto-Replicação"], NASA Technical Memorandum 78304). Se alguém duvidar que a força destes sistemas possa funcionar em Júpiter, usei como referência o estudo que mostra que as fábricas auto-replicadoras seriam capazes de reduzir o tempo de produção, de um único coletor de energia solar, de sessenta mil anos para uns vinte apenas.

A idéia, alarmante, de que os gigantes gasosos talvez possuam cernes de diamante foi proposta, com toda a seriedade, por M. Ross e F. Ree, do Lawrence Livermore Laboratory, Universidade da Califórnia, para os casos de Urano e Netuno. Parece-me que o que quer que estes dois planetas façam, Júpiter o fará melhor. Acionistas da De Beers, por favor atentem.

Para detalhes adicionais das formas de vida aéreas talvez existentes na atmosfera joviana, ver o meu conto "A Meeting With Medusa" ("Um Encontro com Medusa"), em *O vento que vem do Sol* ( Título original: *The wind from the sun*. (N. do T.)). Estas criaturas foram descritas, maravilhosamente, por Adolf Schaller, na Parte 2 de *Cosmos* ("One Voice in the Cosmic Fugue") ["Uma Voz na Fuga Cósmica"], de Carl Sagan, tanto no livro como no seriado de TV.

A idéia, fascinante, de que talvez haja vida no Europa, embaixo dos oceanos, cobertos de gelo, que se conservam líquidos por causa das mesmas forças de maré jovianas que aquecem Io, foi proposta pela primeira vez por Richard C. Hoagland, na revista *Star and Sky* ("The Europa Enigma", janeiro, 1980). Esse conceito, razoavelmente brilhante, foi levado muito a sério por um sem-número de astrônomos (principalmente pelo Dr. Robert Jastrow, do Instituto de Estudos Espaciais da NASA), e talvez propicie uma das melhores motivações para a projetada Missão GALILEU.

E, finalmente: Valerie e Hector, por fornecerem o sistema de apoio vital; Cherene, por pontuar cada capítulo com beijos estalados; Steve, por estar aqui.

Colombo, Sri Lanka

julho, 1981 - março, 1982

Este livro foi escrito num microcomputador Archives III, com software Wordstar, e remetido de Colombo para Nova Iorque num disquete de cinco polegadas. As correções de última hora foram transmitidas via Estação Terrestre de Padukka e Intelsat V do Oceano Índico.